Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do esporte

Rio de Janeiro
2019

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do esporte

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj). Área de concentração: Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M585 Mostaro, Filipe Fernandes Ribeiro.
Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do esporte / Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro. – 2019.
296 f.

Orientador: Ronaldo George Helal.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação Social – Teses. 2. Futebol – Teses. 3. Imprensa – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do esporte

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Cultura de mídias, Imaginário e Cidade.

Aprovado em 25 de fevereiro de 2019

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Letícia Cantarela Matheus
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Freitas
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra
Faculdade de Comunicação – FACOM – UFJF

_____

Prof.ª Dra. Simoni Lahud Guedes
Departamento de Antropologia da UFF

Rio de Janeiro
2019

DEDICATÓRIA

Aos maiores técnicos da minha vida, Keila e Gê. Principalmente minha mãe, que assumiu o “cargo” sozinha com a breve partida de meu pai.

E ao técnico que permitiu que milhões de brasileiros jogassem o jogo que a elite nunca permitiu e possibilitou que milhares virassem doutores: Luís Inácio Lula da Silva.

AGRADECIMENTOS

Para jogar o jogo da tese precisamos de vários elementos que se completam e se auxiliam mutuamente. Sem eles o jogo não aconteceria. Jogar um jogo durante quatro anos é contar com várias pessoas que nos auxiliam de diferentes formas: fazendo o jogo fluir, dividindo uma bola decisiva, salvando um gol em cima da linha, voltando para marcar quando nos cansamos, cruzando a bola na medida para fazermos o gol, tabelando para sairmos de cara com o goleiro, dando bronca no momento em que estávamos "perdidos" em campo, indicando novas táticas, corrigindo estratégias e nos tranquilizando quando a pressão do jogo se torna grande. Diferentemente da ordem mencionada, cada um desses detalhes contribuíram para o "todo" aqui apresentado.

Primeiramente, agradeço aos maiores técnicos da minha vida: mãe e pai. Coube ao Gê, que lá de cima certamente manda um "meu cracão!" mentalmente ao ver como este jogo foi jogado, me apresentar à atmosfera do futebol. A mesma que me guiou até a academia e, consequentemente, ao melhor lugar do mundo: a sala de aula. Meu primeiro técnico, o "paizão" que, com mil afagos e incentivos, sempre me faz lembrar o caminho que devo seguir. Coube a Keila, além de construir este caminho juntamente com o Gê, acertar a rota com a sua partida. Nos conflitos crescemos, nos amamos cada vez mais e consegui toda a força para jogar esse jogo da vida. Sem você eu jamais conseguiria "os três pontos".

Fruto desses mesmos técnicos, a minha tabelinha certeira e impiedosa com os adversários foi meu irmão, Gustavo. Da paixão pelo esporte às reflexões críticas sobre a sociedade, também nos conflitos nos amamos mais e construímos nossa trajetória sempre um amparado pelo outro, apesar da atual distância.

Minha "auxiliar técnica" de vida é peça chave nesta tese. Do sonho de passar no processo seletivo até a última correção das tabelas, jornais e texto da tese, Milene foi o pilar que sustentou esses anos. Também nos conflitos nosso amor aumentou e vemos hoje a vida abrir todas as portas para a profissão que sonhamos. A "vela que leva longe", mais do que a analogia do auxiliar técnico, é a pessoa que me leva para onde sempre desejei. Ao mascote deste time, Simba, que acompanhou ao meu lado cada noite em claro deste jogo intenso.

Não seria possível entrar em campos sem esse "técnico" que, mais do que meu orientador, é meu grande amigo: Ronaldo Helal. Do carinho do primeiro contato em 2012 a uma amizade profunda que muito me orgulho, seu papel ultrapassou as funções do *frame* "orientação acadêmica". Você foi e é um paizão e tenho certeza que nossas tabelinhas renderão muitos gols de placa ao longo da nossa vida. Obrigado por tudo.

Também não seria possível jogar este jogo sem a contribuição decisiva dos membros desta banca. Técnicos que me inspiram em todos os campos. Ao padrinho Márcio, que me abriu as portas do mundo acadêmico na temática esportiva, só tenho a agradecer tudo que você fez por mim e me ajudou a chegar a este momento. Tenho sempre orgulho de ser considerado um "filho do Márcio Guerra" e esta é uma marca indelével da minha personalidade. À querida Letícia, inspiradora e incentivadora da minha trajetória, agradeço demais o carinho e a confiança durante todos esses anos. Você iluminou todos os caminhos que eu não conseguia enxergar. Ao querido Ricardo, ao meu lado desde a dissertação, contribuindo para que esse jogo fosse jogado e passando instruções decisivas para esta tese, agradeço pelo carinho e atenção durante esse percurso acadêmico. E à querida Simoni, que muito me honra em participar desta banca e que sempre foi uma referência acadêmica e se tornou uma referência pessoal e de combate ao momento difícil que nosso país atravessa.

Obrigado à Capes pela Bolsa de Doutorado e pela concessão da Bolsa para o Doutorado Sanduíche em Stanford e Leeds Beckett, que não pude assumir. Obrigado ao "Seep" Gumbrecht e ao Stephen Wagg, pelo carinho e pela generosa aceitação do meu período de estudos em Stanford e Leeds Beckett, respectivamente. Mesmo não tendo o prazer do convívio diário com vocês esta tese tem forte influência de suas pesquisas e pensamentos.

Obrigado ao PPGCOM da UERJ, minha segunda casa, e a todos os professores e funcionários que jogaram junto comigo. Vocês foram meu incentivo no momento em que estava "desligado" do jogo e auxiliaram em cada aula e seminário a formação deste "mapa tático". Em especial à Denise Siqueira e Marcelo Kischinhevsky pela absoluta confiança e carinho em todo este período que fui aluno e também professor da instituição. Vocês foram técnicos decisivos nesta trajetória.

A todos os colegas deste jogo intenso que é fazer uma tese e também uma dissertação com seus comentários e observações sempre pertinentes, que reposicionavam meu time em campo, tapando os buracos deixados pelo ímpeto do ataque. Em especial: Chico Brinati, irmão, padrinho e ao meu lado na "tabelinha" desde o mestrado até este jogo decisivo, obrigado meu irmão, você foi fundamental não só neste jogo, mas é fundamental no jogo da minha vida; Fausto Amaro, parceiro desde a elaboração do projeto para o mestrado até as discussões sobre esta tese. Aos colegas do LEME que nutrem a mesma paixão pela pesquisa em esporte, especialmente ao aluno e amigo: Mattheus Reis. Sua inteligência e veia jornalística sempre me cativaram e nossas longas conversas sempre foram fundamentais para nos posicionarmos e aguentarmos a pressão dos momentos complicados. Obrigado!

A todo(a)s o(a)s aluno(a)s, que são meu combustível vital para seguir acreditando em um mundo melhor e mais justo. Vocês me fazem acreditar que as narrativas jornalísticas poderão ser usadas em larga escala para reconstruir o país que estávamos construindo. As interações diárias com vocês reposicionaram meus pensamentos de modo vigorante.

Aos amigos e amigas da Caixa que sempre entenderam qual é o meu caminho e que não pouparam esforços para eu assumir a bolsa na Capes e ao retornar para a empresa, não perdesse o foco no "jogo da tese". Em especial ao Fran, entusiasta desta tese desde a entrevista no processo seletivo e que compartilhou comigo os momentos finais deste jogo. Nossa tabelinha foi crucial, amigo. À Mariana e à Carol, igualmente incentivadoras deste processo e que se empenharam para a concessão da Licença para o doutorado. Outros amigos desta grande família chamada Caixa também foram igualmente decisivos: Pedro, Gaspar, Verônica, Rodrigo, Marcos e Flávia. Obrigado, de coração. Espero um dia poder retribuir toda a dedicação de vocês, principalmente ao me acolherem com tanto carinho após o meu retorno à empresa.

Para chegar a este jogo, foi preciso um trajeto antropológico que inseriu em mim este *habitus* pesquisador. Minhas escolas me ensinaram muito mais do que a matéria, indicaram as interações possíveis neste mundo e a empatia como vetor principal de nossas ações. Obrigado ao Garibaldo e às minhas primeiras técnicas na pré-escola. Obrigado ao Santa Catarina pelo estímulo em me tornar professor. Assistir dos sete aos 17 anos as aulas de grandes técnicos e técnicas foi moldando meu gosto pelo magistério, ainda que eu não percebesse. À Facom, minha casa por cinco anos de Faculdade, quatro e meio como funcionário e seis meses como professor. Lugar que tive influências decisivas em minha formação. Obrigado ao GD e aos técnicos Zé, Marcinha e a todos os amigos e amigas que me mostraram o que é viver intensamente algo e defender aquilo com um amor e garra que só quem vive pode entender, mas nunca explicar.

À família que escolhi, especialmente: meu grande irmão Henrique, craque do meu time desde "moleque", e meu irmão carioca, Pedro, craque do meu time nesses últimos cinco intensos anos. Por muitas vezes, tive que abandonar outros jogos com vocês para jogar o da tese e vocês sempre compreenderam. À minha vó Celeste, que partiu no meio desta jornada, mas que deixa na minha memória seus olhinhos brilhando ao ouvir cuidadosamente o que o neto fazia no Rio de Janeiro e como estava jogando o jogo na "Cidade Maravilhosa". Ao tio Ricardo, torcedor incondicional do "meu time", presente em qualquer partida, na vitória ou na derrota. Aos amigo(a)s, primo(a)s e tio(a)s de coração que igualmente entenderam a intensidade do jogo e o meu W.O. em outras situações que comumente jamais estaria ausente.

RESUMO

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Os técnicos, os campos e as Copas**: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do futebol. 2019. 296 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.

Identificar qual o mundo projetado pelos jornais nacionais sobre os técnicos da seleção brasileira nas primeiras nove Copas do Mundo de futebol (1930 a 1970) foi o objetivo central desta tese. Compreender que as narrativas atuam construindo mundos (RICOEUR, 2010), convidando o interlocutor a jogar esse jogo narrativo tendo como principal alicerce o imaginário deste interlocutor foi a nossa ferramenta teórica principal. Nossa hipótese foi considerar que nos conflitos presentes na narrativa sobre a competição, o treinador seria o representante da elite nacional no ritual Copa do Mundo (GUEDES, 1998). Analisamos 2.351 reportagens em três jornais impressos, dentre as quais 577 mencionavam os técnicos da seleção. Nosso *corpus* compreendeu o dia da estreia da equipe até seu retorno ao Brasil. Foram exatos 200 dias de Copa do Mundo analisados, totalizando 600 edições de jornais, que nos indicaram o intenso jogo de interações entre campos (BOURDIEU, 2004a), que alterou o que se exigia deste treinador no *frame* (GOFFMAN, 2012) Copa do Mundo em cada conjuntura, modificando seu conceito (KOSELLECK,1992).

Palavras-chave: Narrativas. Imaginário. Futebol. Técnicos. Copas do Mundo.

ABSTRACT

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **The coachs, the fields and the World Cups**: press, narrative and the imagery of the cultural elite of football. 2019. 296 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.

Identifying the world projected by the national newspapers about the coaches of the Brazilian team in the first nine soccer World Cups (1930 to 1970) was the central objective of this thesis. Understanding that narratives act by building worlds (RICOEUR, 2010), inviting the interlocutor to play this narrative game having as its main foundation the imaginary of this interlocutor was our main theoretical tool. Our hypothesis was to consider that this world of newspapers sought in the conflicts present in the narrative about the competition, demarcate the imaginary of the national elite by inserting and demanding the habitus (BOURDIEU, 2007a) of this elite of the coach of the selection team, being his representative in the ritual of the World Cup (GUEDES, 1998). We analyzed 2,351 news in three newspapers, among which 577 mentioned the selection coaches. Our corpus comprised the day of the team's debut until its return to Brazil. There were exactly 200 days of World Cup analyzed, totaling 600 newspaper editions, which indicated the intense interaction between fields (BOURDIEU, 2004a), which changed what was required of this coach in the frame (GOFFMAN, 2012) World Cup at each conjuncture, modifying its concept (KOSELLECK, 1992).

Keywords: Narratives. Imaginary. Football. Coachs. World Cups.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Reportagens Copa de 1930 128
Tabela 2 - Avaliação Quantitativa Copa de 1930: 128
Tabela 3 - Avaliação Qualitativa Copa de 1930: 128
Tabela 4 - Categorizações Copa de 1930: 129
Tabela 5 - Reportagens Copa de 1934 140
Tabela 6 - Avaliação Quantitativa Copa de 1934 140
Tabela 7 - Avaliação Qualitativa Copa de 1934 140
Tabela 8 - Categorizações Copa de 1934: 141
Tabela 9 - Reportagens Copa de 1938 180
Tabela 10 - Avaliação Quantitativa Copa de 1938 180
Tabela 11 - Avaliação Qualitativa Copa de 1938: 181
Tabela 12 - Categorizações Copa de 1938: 181
Tabela 13 - Reportagens Copa de 1950: 197
Tabela 14 - Avaliação Quantitativa Copa de 1950: 197
Tabela 15 - Avaliação Qualitativa Copa de 1950: 198
Tabela 16 – Categorizações Copa de 1950: 198
Tabela 17 – Reportagens Copa de 1954: 208
Tabela 18 - Avaliação Quantitativa Copa de 1954: 208
Tabela 19 - Avaliação Qualitativa Copa de 1954: 209
Tabela 20 - Categorizações Copa de 1954: 209
Tabela 21 – Reportagens Copa de 1958: 228
Tabela 22 - Avaliação Quantitativa Copa de 1958: 229
Tabela 23 - Avaliação Qualitativa Copa de 1958: 229
Tabela 24 – Categorizações Copa de 1958: 229
Tabela 25 - Reportagens Copa de 1962: 239
Tabela 26 - Avaliação Quantitativa Copa de 1962: 239
Tabela 27 - Avaliação Qualitativa Copa de 1962: 239
Tabela 28 - Categorizações Copa de 1962: 239
Tabela 29 – Reportagens Copa de 1966: 249
Tabela 30 - Avaliação Quantitativa Copa de 1966: 249
Tabela 31 - Avaliação Qualitativa Copa de 1966: 249
Tabela 32 – Categorizações Copa de 1966: 249

Tabela 33 – Reportagens Copa de 1970: 266
Tabela 34 - Avaliação Quantitativa Copa de 1970: 266
Tabelas 35 - Avaliação Qualitativa Copa de 1970: 266
Tabela 36 – Categorizações Copa de 1970: 266
Tabela 37 – Capas dos Jornais 279
Tabela 38 – Porcentagem de menções dos técnicos em relação à seleção 279
Tabela 39 – menções Positivas 280
Tabela 40 – menções Negativas 280

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	**NOSSO MAPA TÁTICO**	32
1.1	**Campos, conflitos e produção de sentidos no esporte**	39
1.1.1	A figura do técnico em contextos comunicacionais	53
1.2	**O *ludens* Narrativo**	62
1.2.1	O "estádio" imaginário: o rumo da narrativa	76
1.3	**Jornalismo em campo e para os campos**	85
1.4	**Categorizações**	94
1.5	**A técnica do técnico**	101
2	**OS PRIMEIROS MOVIMENTOS - DOUTOR E DIPLOMATA**	116
2.1	**1930: O Doutor na Copa da Diplomacia**	119
2.2	**1934: O fracasso do amadorismo profissional**	129
3	**UM MOVIMENTO CHAVE: ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO**	142
3.1	**"Era uma vez o país do futebol..."**	145
3.2	**Nosso maior ritual: a narrativa das Copas**	149
3.3	**1938: Da "disciplina" a "arte" do Football Mulato: a antropofagia da tecnocracia**	163
4	**DISCIPLINA E ESTRATÉGIA**	182
4.1	**1950: De quase vereador a quase campeão do mundo**	188
4.2	**1954: A "guerra fria" do seu Zezé**	198
5	**A ERA DE OURO: "NÃO ATRAPALHEM NOSSO TALENTO"**	210
5.1	**1958: O "gordo" e os gênios**	210
5.2	**1962: A comissão do Bi de Garrincha: com Mané, sem Pelé e pouco Aimoré**	229
5.3	**1966: "Não podemos ser campeões a vida inteira"**	239
5.4	**1970: O técnico tri**	249
	PÓS JOGO – OS TÉCNICOS DENTRO DOS CAMPOS	267
	REFERÊNCIAS	281

INTRODUÇÃO

"Somos 200 milhões de técnicos." Esta frase é constantemente reproduzida pelos meios de comunicação às vésperas da Copa do Mundo e indica a conflituosa e agitada posição do treinador de futebol, em especial o da seleção brasileira. Convocação, escalações, esquemas e estilos de jogo permeiam o noticiário colocando a figura do treinador em evidência e creditando a ele o possível sucesso ou fracasso da equipe. Por se tratar de um dos pilares da formação da identidade nacional nos anos 1930, o futebol se enraizou de maneira robusta na sociedade brasileira tornando-se um mapa cultural de fácil trânsito comunicacional. Essa proximidade e familiaridade com o esporte sugere um conhecimento do público, que compreenderia "como ninguém" os "atalhos para a vitória". Deste modo, cada um teria sua opinião sobre esquemas, escalações e convocações dos jogadores, formando essa legião de "treinadores". Dentro dessa pluralidade e visões de mundo que se materializam nos hábitos e concepções do esporte moderno, selecionar os "representantes da nação" nas Copas do Mundo, bem como o "estilo de jogo" fica, simbolicamente, a cargo de uma pessoa: o treinador.

Expandindo a esfera esportiva, dominar o jogo é um desejo comum ao ser humano. No jogo de interações constantes na sociedade, decifrar os rumos dessas interações, as reações dos interlocutores e prever os movimentos, se torna uma tarefa quase mística. Nestes conflitos intermitentes, cada indivíduo e grupo social vai procurar estabelecer suas regras, definindo certo "controle" nas interações para direcioná-las a seu favor. Através das narrativas se criam mundos, onde esta tarefa mística será construída como possível de ser cumprida, com padrões para as interações, com posições definidas que vão ditar o que é certo e errado. O poder simbólico do futebol presente em suas narrativas consegue metaforizar esse papel de controlar o jogo com a personagem do "treinador". Em meio à pluralidade das opiniões dos 200 milhões de técnicos, a narrativa jornalística terá um papel determinante em "definir" os "modelos ideais" de determinados campos, simbolizados no técnico escolhido para "comandar a seleção" a cada Copa do Mundo. Exigir ações deste treinador e abordá-las de maneira positiva ou negativa, além de associar adjetivos que inferissem sentidos que atendem a um grupo social, serão ações constantes no jogo narrativo que conta a participação brasileira nesta competição.

Observando tal panorama, esta tese teve como objetivo pesquisar como as narrativas sobre os técnicos da seleção brasileira de futebol foram construídas nos periódicos nacionais ao longo das primeiras nove Copas do Mundo disputadas (1930 a 1970). Para investigar esse

objeto e o que o mundo dos jornais "fala" sobre essa personagem nesta arena de disputas que é a Copa do Mundo, analisamos 2.351 reportagens em três jornais impressos, dentre as quais 577 mencionavam os técnicos da seleção. Nosso *corpus* compreendeu o dia da estreia da equipe até o retorno ao Brasil. Em seguida classificamos as matérias como positiva (146), negativa (24) e neutra (407) e categorizamos as expressões atribuídas ao nosso objeto: doutor (12), senhor (3), delegado (1), técnico (76), comandante (2), diretor (3), nome de batismo (437), treinador (20), coach (1), selecionador (15), gordo (2), preparador (5). Foram exatos 200 dias de Copa do Mundo analisados, totalizando 600 edições de jornais, com 322 capas com o tema "seleção brasileira".

Para interpretarmos esses números, as nuances, conflitos, ressignificações e mudanças desta personagem no que consideramos um ritual nacional, a Copa do Mundo, testamos a seguinte hipótese: o treinador da seleção brasileira de futebol será o representante da elite nacional neste conflito que seria a narrativa sobre o país que a Copa do Mundo suscita. Ao analisar os conceitos socialmente construídos e as funções destinadas ao treinador no quadro social Copa do Mundo, entendemos a narrativa como um processo que expande o texto e dialoga com o contexto. Deste modo, para aprofundar a "leitura" dos números, expressões e abordagens negativas, positivas ou neutras, defendemos que a interação entre campos em cada conjuntura influenciou diretamente na concepção do papel do treinador apresentada pelos jornais, que atendeu ao "modelo ideal" pretendido pela elite. Assim como nosso objeto passou por interações e seguiu um processo narrativo nas primeiras quatro décadas de disputas da Copa do Mundo, também seguimos um percurso até a conclusão desta tese, que influenciou diretamente nas escolhas teóricas e metodológicas de como interpretar o fenômeno esportivo. Nesta introdução, apresentaremos como esse nosso trajeto foi se entrelaçando ao objeto, justificando sua escolha e caminhos percorridos ao longo deste jogo intenso que é fazer uma tese.

Escrever uma tese é um eterno devir. Leituras, releituras, acordos, desacordos, conflitos e sincronias fazem parte de um turbilhão de pensamentos e caminhos que poderemos seguir e que precisamos tomar decisões que influenciarão diretamente o nosso ponto de chegada. Nesta trajetória, passamos a analisar os nossos passos e perceber como chegamos a tais objetos, conceitos, autores, escolas e metodologias. Do gosto por História no Ensino Fundamental e Médio ao ler durante as férias o livro didático, antes mesmo das aulas começarem, só para adiantar o que aprenderia naquele ano até a influência decisiva do pai em colecionar antigos jornais e revistas que falavam sobre futebol, mais especificamente sobre o Flamengo. Estava ali um pequeno pesquisador, sem perceber, envolvido na atmosfera que a

materialidade daqueles recortes proporcionava, e também o despertar de uma paixão pelo investigar e comparar esses jornais antigos com o *Jornal do Brasil* diário trazido por meu pai (meu primeiro técnico). Nascia ali um hábito jornalístico e de pesquisador acadêmico. O gosto pelos meios de comunicação e pela compreensão humana através das peças de teatro preenchia por horas e horas a vida de adolescente. Veio a Faculdade de Comunicação e esta paixão encontrou uma profissão, um ofício, que juntava a interação humana com as paixões de menino: rádio, jornais e televisão. Além de tudo isso, poderia falar de futebol e sobre as pesquisas em jornais antigos como um "trabalho". O paraíso existia e era a Rádio da Faculdade de Comunicação da UFJF. Lá, um mestre, pai e padrinho continuou inspirando paixões e guiando caminhos para a profissão: Márcio Guerra, que muito me honra em participar desta banca e deste momento tão importante na minha vida. Com ele aprendi sobre rádio, jornalismo, televisão, vida e relação humana. Também por sua influência ingressei no meio acadêmico, em especial na temática esportiva. O primeiro congresso, o primeiro artigo, a primeira apresentação teve no trabalho deste grande técnico a maior inspiração. Ao seu lado realizei alguns sonhos como o de ser apresentador de televisão, o que aquele menino pesquisador e adorador de História achava ser o máximo da vida de uma pessoa. O tempo nos encarrega de mostrar como as coisas são muito mais complexas do que as certezas momentâneas nos apontam. Vieram os "poréns" da vida e o rumo se modificou. Mudança para o Rio de Janeiro para fazer uma Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo e o que seria um passo para a carreira de apresentador virou a porta de entrada para a profissão mais gratificante, apaixonante e importante que existe: ser professor.

Comecei a lecionar na Pós Graduação em Jornalismo Esportivo da PUC Minas e percebi que seria impossível largar a sala de aula. Veio o lançamento do primeiro livro: *Garrincha x Pelé: a influência da mídia na carreira de um jogador*. Fruto da monografia de conclusão da graduação em Jornalismo que resgatava as conversas deste pequeno pesquisador com seu pai sobre os maiores craques do futebol brasileiro e que foi guiada por Márcio Guerra. Pesquisar jornais deixava de ser uma brincadeira de menino e se tornava um ofício.

Até aquele momento era um devorador de informações sobre a Copa do Mundo. Decorava campeões, artilheiros e resultados de jogos como uma "Enciclopédia". O evento me fascinava. Era uma atmosfera que eu aguardava os quatro anos com a maior ansiedade do mundo para chegar. Este impulso passional pela competição me levou a escrever um romance, ainda não publicado, de um fictício personagem que acompanhou todas as Copas do Mundo existentes e, de forma fantástica, conseguiu as bolas de todas as finais. O "João da bola", além de misturar ficção e realidade, me fazia permanecer por horas com os olhos vidrados nos

antigos jornais da hemeroteca da Biblioteca Nacional, aumentando ainda mais a minha paixão por "descobrir novidades" sobre o evento. Até que as informações sobre as Copas não mais bastavam, precisava entender como o esporte poderia mexer com o ser humano de maneira tão profunda. Já havia chorado por conta do Flamengo, pela seleção e não conseguia compreender o motivo. Até que uma coincidência, dessas difíceis de explicar, mudou de vez a minha trajetória pessoal e profissional.

Estava em Ouro Preto, Minas Gerais, com o amigo Márcio Guerra para a apresentação de um trabalho, que falava sobre a influência do rádio no imaginário da Copa de 1950, no Intercom Sudeste em 2012. Ao chegarmos ao hotel, eis que desce da escada e cumprimenta o professor Márcio, o autor que eu tanto tinha lido nos últimos meses, apresentado e indicado pelo próprio Márcio: Ronaldo Helal. Brevemente nos falamos e relatei a minha vontade de fazer parte de seu grupo de pesquisas na Uerj. Não sabia que estava ganhando um grande paizão naquele momento, um técnico que me guiaria na minha dissertação e nesta tese, que abriria todas as portas do mundo para a minha carreira acadêmica, além de nascer uma amizade que muito me orgulho e que por muitas vezes é meu porto seguro no Rio de Janeiro.

Tentei o Mestrado na Uerj e fui aprovado. Comecei a receber uma série de informações através das aulas e leituras que modificaram minha compreensão da sociedade e do ser humano. A cada aula, novas indagações e rumos a seguir e aquele menino via que a História e a Comunicação tinham muito mais em comum do que ele pensava e durante muito tempo, erroneamente, as separou. A bagagem do entendimento da relação Mídia e Esporte fornecida pelo amigo e técnico Ronaldo Helal amarrou tudo aquilo que tinha lido, pesquisado e ouvido sobre o esporte, desde a minha infância até a defesa do Mestrado. O tema da dissertação focou no assunto Copa do Mundo e investigou a ideia de futebol-arte na imprensa nacional. Do nascimento mítico na Copa de 1938 até o impiedoso sete a um de 2014, pesquisar as notícias nos jornais se transformou novamente em livro, publicado em 2017 pela editora Prismas com o título: *Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da "nossa essência futebolística"*.

Foi no decorrer da dissertação que os treinadores surgiram como objeto desta tese. Notei um crescimento das reportagens sobre eles durante as Copas. Ao buscar algum trabalho que justificasse ou analisasse o papel deste ator social não encontrei. O crescimento das pesquisas sobre esporte no campo acadêmico focavam seus estudos sobre determinados atletas, seleções nacionais e eventos específicos[1]. Poucos trabalhos abordavam os treinadores

[1] Para uma compreensão da formação do campo acadêmico sobre esporte no Brasil ver Helal (2011).

de futebol de nossa seleção e estes poucos não apresentavam um panorama de períodos históricos extensos, indicando uma carência na compreensão deste objeto[2]. Logo, este virou o tema para nossa pesquisa doutoral que preenche uma lacuna nos estudos sobre mídia e esporte acerca de uma personagem importante na compreensão dos conflitos presentes no esporte moderno.

Para fundamentar e justificar essa pesquisa, ainda na fase do projeto para a seleção do doutorado, fui buscar um caminho teórico que dialogasse com aquilo que se aproximava das pesquisas do grupo de "Esporte e Cultura[3]" e do "Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte[4]" (LEME), ambos da UERJ e coordenados pelo professor Ronaldo Helal. Meu projeto se baseou na ideia de que nuances representacionais sobre os treinadores ocorreriam em função de alterações e associações que o campo esportivo sofreu e realizou ao longo dos anos. O treinador amador de 1930, Píndaro de Carvalho, teria outro significado se comparado ao "garoto propaganda" Tite em 2018, por exemplo. Assim, dentro dos estudos que pretendem compreender a relação mídia e esporte, buscamos sinalizar no projeto que analisaríamos as narrativas dos treinadores da seleção brasileira no espaço-temporal Copa do Mundo. A construção das notícias durante este período seria, conforme Helal (2001, p.151) destacou: "um excelente momento para se refletir sobre o significado do futebol no Brasil, já que, nesta época, as manifestações deste esporte tornam-se muito mais intensas e dramáticas". Buscando suprir a falta de estudos sobre a personagem "treinador" articulamos algumas perguntas que seriam o "pontapé inicial" de nossa pesquisa: como os "comandantes" da seleção brasileira são narrados nos jornais? Quais as nomenclaturas usadas para defini-los? Quais características que marcam a identidade nacional aparecem quando falamos dos técnicos?

Defendíamos que o espaço destinado ao treinador da seleção nacional cresceu de forma acentuada durante as competições por ser, dentro de toda a coletividade proporcionada

---

[2] Até 2015, quando começamos a apresentar os dados sobre essa pesquisa no grupo de pesquisa Comunicação e Esporte do Intercom, por exemplo, dos 188 trabalhos apresentados desde 2001, apenas cinco incluíram o nome do técnico da seleção em seu título, sendo que nenhum destes tinha o enfoque nas representações destes treinadores na imprensa.

[3] O grupo, cadastrado no CNPq, foi fundado em 1998 e tem como seu coordenador atual o professor Ronaldo Helal. Sua linha de pesquisa investiga as manifestações culturais no esporte moderno com ênfase na idolatria e identidades construídas através da interação meios de comunicação e esporte.

[4] A criação do laboratório foi possível após sermos contemplados no edital Universal 2013 do CNPq. O objetivo principal do LEME é a difusão do conhecimento acadêmico ao grande público, o fortalecimento grupo de pesquisa Esporte e Cultura e o estabelecimento de laços com professores e pesquisadores de outras Instituições de Ensino Superior do Brasil e do exterior. Para tanto, nos valemos de seminários virtuais (disponíveis em um canal do Youtube < https://www.youtube.com/user/ComEspCul> e no blog do grupo), participação em congressos, realização de pesquisas empíricas, reuniões periódicas, publicações de livros e cursos de extensão. No campo da Comunicação, pretendemos nos tornar um Centro de referência na pesquisa da interface entre mídia e esporte.

pelo evento, o organizador da equipe para um “duelo entre nações”. Ainda na atmosfera da pesquisa de mestrado sobre o “futebol-arte” nosso foco era questionar como o treinador seria narrado em meio à crença proliferada na imprensa de que a “maior qualidade” do futebol nacional seria o improviso. Em suma, se a narrativa do nosso futebol é baseada no jogo individual, qual o papel do treinador, que seria um gestor do futebol em equipe? Apresentamos outras perguntas como: estas atribuições mudaram ao longo do tempo, seguindo um contexto histórico do que a sociedade esperava de seus líderes? Defendíamos que, ao acompanharmos a evolução histórica do espaço no jornalismo esportivo destinado a um determinado personagem, contribuiríamos para o entendimento do papel dos meios de comunicação na construção das narrativas dos técnicos de futebol. Para interpretarmos o vínculo do futebol com o *ethos* nacional, os estudos de Giulianotti (2010), DaMatta (1979), Guedes (1998) e Helal (1997) foram nossas referências teóricas iniciais.

Fui aprovado em primeiro lugar no processo seletivo do doutorado e consegui uma bolsa de estudos. Neste sentido, a licença da Caixa e a bolsa da Capes foram decisivas na minha formação intelectual e na estrutura teórica deste trabalho. Pude me dedicar integralmente a juntar pontos de autores importantes com aquilo que sustentaria a tese. Mesmo com a estrutura apresentada acima, ainda sentia falta de uma base mais sólida para sustentar as hipóteses. Ao longo dos quatro anos, as ideias de conflito, narrativa, imaginário, jogo, campos e quadro social se entrelaçaram com a concepção de Jornalismo e as classificações usadas pela imprensa para os atores sociais. Indicarei brevemente como foi o conflito com tais pensamentos, a sua inserção no meu imaginário e como estruturei a interpretação da narrativa dos jornais sobre os técnicos no quadro social Copa do Mundo antes de entrar em campo.

Já no primeiro período de Doutorado veio a luz: a disciplina Comunicação de Massa e Representação Social, ministrada pela professora Letícia Matheus. Letícia se tornou outra técnica decisiva em minha carreira, abrindo caminhos, mostrando diferentes visões de mundo e autores que praticamente diziam: “toma Filipe, escrevi para você e sua tese”. Seu carinho e confiança me faz considera-la uma coorientadora desta tese e sua presença nesta banca motivo de grande alegria. Nesta disciplina me aprofundei na obra de Erving Goffman. Suas ideias de representação e do quadro social de interação me indicaram como a imprensa atuaria na elaboração da representação do treinador, auxiliando no que fica na “fachada” e nos “bastidores”. Sua metáfora teatral me fez lembrar e adaptar os tempos de “coxia” e “palco” no teatro do grupo Divulgação de Juiz de Fora, alimentando a ideia de que cada detalhe que vivemos em nossa vida contribui para a nossa formação. Além disso, a concepção de que a

imprensa seria um “farol” da narrativa do “país do futebol”, escolhendo o que iluminar e ressaltar, deixando a complexidade das interações e conflitos à sombra também se baseou nas ideias de Goffman.

Logo em seguida, na mesma disciplina, vieram as ideias de Paul Ricoeur. Sua concepção de narrativa se encaixava perfeitamente com o que eu procurava formular. O conceito de espiralidade do processo narrativo respondia a dúvida de como justificar as nuances narrativas sobre os treinadores. Analisar a elaboração narrativa forneceria pistas para estas escolhas do que fica à sombra e o que está à luz dos holofotes. O narrar estaria imbricado a contextos, dialogando com a base que eu já possuía, clarificando a ideia de que a cada Copa do Mundo poderíamos ter uma narrativa diferente sobre o treinador da seleção. Assim, a ideia de que o contexto influencia e é influenciado pelos significados da narrativa era fortalecido e me fazia buscar autores que coadunavam com esta linha de raciocínio. Ao conhecer a obra de Luiz Gonzaga Motta, a “Análise de Narrativa” se tornou decisiva neste processo. É um método que visa compreender criticamente como os conflitos e as interações articulam sentidos de determinadas narrativas. O importante é perceber o processo como um todo e não compreender a narrativa como obra fechada, afinal ela tem uma relação recíproca com o contexto. Neste ponto, conseguimos compreender por que a narrativa da Copa do Mundo faz sentido e como suas representações e seus personagens, como o técnico, penetram no imaginário nacional criando um cenário compartilhado, aceito culturalmente e difundido pelos meios de comunicação. A esta altura já tínhamos uma linha de “leitura” do *corpus* bem definida: como o narrador (mídia) imprime no texto marcas com as quais pretende construir a personagem na mente dos leitores (MOTTA, 2010), observando o que ficou na “fachada” (GOFFMAN, 2007) da construção da intriga (RICOEUR, 2010), compreendendo, assim, qual “mundo” o texto projetou.

Se não fosse o bastante me fornecer dois pilares teóricos fundamentais, a disciplina me apresentou a ideia de imaginário. Depois disso me fiz a seguinte pergunta, característica daqueles que se apaixonam por um conceito: “como as pessoas pesquisam sem ter o imaginário como base?”. E fiquei muito feliz ao ver a mudança da ementa da linha de pesquisa que faço parte (Cultura de Massa, Cidade e Representação Social) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj ao incorporar a ideia de imaginário, modificando seu nome para Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade. Agora o trabalho se incluía na proposta da linha de pesquisa de estudar os imaginários sociais e sua relação com as tecnologias que impulsionam novas formas de ser no cotidiano como produtores de estruturas

de sentido, significados e projetos culturais, arquitetando um conjunto de ideias e valores socialmente partilhados, como a narrativa dos técnicos de futebol que investigamos.

Este imaginário seria a base para as narrativas, as interações, conflitos, representações e classificações criadas pela sociedade. Através dele se cria uma atmosfera sobre a Copa do Mundo que fez o adulto Filipe compreender o choro e a emoção do menino Filipe durante uma partida de futebol. Desde o assistir até o jogar campeonatos amadores na cidade em que cresci passaram a fazer sentido. Por que fiquei com medo naquele dia? Que envolvimento era aquele que colocava na simbologia de uma partida um empenho físico que me deixava exausto após o jogo? Por que cheguei a xingar amigos em uma "simples" pelada para depois de "baixada a adrenalina" (ou ambiência) do jogo pedir desculpas? As respostas vinham como uma avalanche e era preciso relacionar com a tese. Toda a construção da narrativa sobre a Copa do Mundo no Brasil poderia ser compreendida se fosse analisada pelo imaginário que o futebol suscitou na sociedade brasileira desde a sua chegada. A busca incessante por mais fontes que pudessem confirmar essa ideia me apresentaram mais autores que seriam importantes na formulação teórica desta tese. Era como desenrolar um novelo.

Neste desenrolar, um fio importante foi a obra de Huizinga sobre o jogo. A ludicidade deste elemento presente na formação de todas as narrativas e consequentemente de todas as culturas provocaria o envolvimento deste jovem pesquisador na "simples" pelada. Permitiria um "mundo à parte" ser criado para a interação momentânea e intensa de "dois gols ou dez minutos", assim como permitiria o "jogar o jogo" da Copa do Mundo a cada quatro anos. Na aproximação das linhas que saíam deste novelo, chegamos à proposta, que consideramos inovadora, e pretende compreender o imaginário, narrativa e a ideia lúdica de jogo atuando juntos para "convencer" o interlocutor a "jogar o jogo narrativo", defendendo que toda vez que o homem narra, ele vai jogar no seu imaginário.

Outro técnico decisivo foi Marcelo Kischinhevsky, então professor do PPGCOM da Uerj e também amante do rádio. Nossa proximidade não se mostrou apenas pela paixão pelo veículo, mas também em autores que ajudariam na estrutura desta tese. O estudo sobre interação social, já realizado com meu orientador Ronaldo, ganhou uma profundidade maior em suas disciplinas. Percebi que a linha sociológica do trabalho deveria se debruçar sobre a interação social e neste momento, os trabalhos de Yves Winkin e da Escola de Palo Alto foram importantes. Acreditar que uma pequena mudança nas interações pode afetar na mudança de significados deu a sustentação necessária para compreender as nuances narrativas sobre os treinadores da seleção brasileira de futebol. A comunicação seria um todo integrado, deixando mais claro como cada movimento que fiz na vida influenciou, de alguma maneira, o

local onde estou neste momento. Pensar a sociedade como um grande sistema que interagiria constantemente e mudaria suas representações através das narrativas erguidas por cada grupo social se fortificou como a raiz de onde desenvolveria a tese. Consolidava-se ali o meu rumo teórico de que o contexto influenciaria diretamente nas interações, do que se exigiria e o que se esperaria de cada ator social.

Ao associar a ideia dos rituais de interação de Goffman com a Copa do Mundo, passei a seguir a noção de que ao mesmo tempo em que os rituais de interação reforçam a sua prática, eles permitem alterações nestes rituais, exatamente pelas interações que podem direcionar uma mudança de prática dos atores envolvidos. Assim, através das interações entre campos, formam-se determinados contextos, pré-compreensões do mundo e imaginários que darão suporte às narrativas, que, por sua vez, vão escolher o que é ou não é importante, tornando determinadas condutas e ações "comuns", passíveis de serem compreendidas, evidenciando a posição de certos campos durante este evento que envolveria a sociedade brasileira de forma vigorosa, como um grande ritual que reafirmaria o que seria o "ser brasileiro", refletindo na narrativa e no que se espera do treinador a cada competição.

Ao falar desses grupos sociais que estariam em confronto para tornar suas representações difundidas e influenciadoras de sentidos na sociedade, as aulas com os professores Bernardo Buarque de Hollanda e Fernando Trejo, no Programa de Pós Graduação em História da Fundação Getúlio Vargas forneceram mais uma luz. Fui apresentado à obra de Pierre Bourdieu, que mais uma vez parecia vir para desatar os nós que ainda se encontravam na minha concepção teórica. Os três conceitos principais do autor: campo, capital e *habitus* tiveram uma "função tática" importante no jogo da tese. O conceito de "campo" tornou mais claro a ideia desses grupos que se confrontariam em busca de uma hegemonia da produção de sentidos dentro da sociedade. Até mesmo dentro dos campos existiriam tais disputas pelo domínio do campo em questão. A sociologia de Bourdieu foi não só incorporada à tese, mas também possibilitou um jogo de figuras de linguagem que frequentemente usaremos e que nomeia o nosso pós-jogo: "o técnico dentro dos campos".

Para Bourdieu a compreensão das interações entre pessoas ou a explicação de um fenômeno social não poderia se basear apenas no que era dito ou no que acontecia durante o fenômeno. Examinar o "espaço social" onde essas interações, conflitos e eventos ocorriam era igualmente necessário. Mais do que localizar o objeto em um contexto histórico específico, seria fundamental questionar "os modos que geraram o conhecimento anterior do objeto sobre investigação, quem fez isso e quais interesses foram servidos por essas práticas geradoras de conhecimento" (THOMSON, 2018, p.95). Este "espaço social" foi denominado "campos" por

Bourdieu. Era exatamente o que precisávamos para sustentar que a elite nacional desenhava o técnico como seu representante direto na arena de disputas sobre o imaginário nacional que é a Copa do Mundo. Essa concepção foi o jogador que o nosso time precisava em um momento decisivo. Ele ajeitou o time, agrupou os demais jogadores, dando um corpo mais robusto a nossa argumentação. Além disso, a associação do termo ao campo de futebol é pertinente, pois contribui no entendimento de que, assim como no futebol, o campo de Bourdieu é o lugar de batalhas, com posições dos atletas definidas, mesmo que momentaneamente, com um *habitus* especifico e práticas recorrentes adotadas pelos jogadores já entranhadas no seu "estilo de jogo". Ações aprendidas no decorrer de outros jogos, estimularia o aprender a jogar a cada jogo, adquirindo um capital simbólico de "grandes jogadores", que seriam temidos pelos demais participantes do jogo dentro daquele campo, e que pode conceder um capital tão grande que transborda para áreas que interagem constantemente com o campo. Aqui fica clara a interligação defendida por Bourdieu de campo, *habitus* e capital. Algo perfeitamente notado no campo esportivo e que para o autor, além de estarem em interação, ajudava a compreender a concepção de mundo de cada contexto. O campo de futebol seria uma boa metáfora do campo social em que o técnico vai transitar ao longo das copas, modificando, adaptando ou mantendo seu papel no mundo elaborado pelas narrativas da imprensa. Neste sentido, o imaginário de cada brasileiro sobre o futebol nos deu o subsídio para utilizar tais associações metafóricas entre os campos acadêmico e esportivo, compartilhando códigos comuns para tornar familiar a própria complexidade de uma tese e fazer com que nosso interlocutor "jogue" o jogo da tese conosco.

Essa disputa entre campos que projetariam narrativas com base no imaginário de cada grupo social e construiriam representações, ganhou durante o seminário de tese[5], com o professor Ricardo Freitas, outro técnico importante na minha trajetória e que também me alegra ao participar desta banca, o entendimento que faltava para detalhar esses conflitos. O estudo da obra de Simmel ao falar sobre o conflito se encaixou com toda a proposição que estava sendo construída no capítulo teórico. Sendo um influenciador dos autores que trabalharia ao longo da tese, as ideias de Simmel vieram para amarrar tudo aquilo que ainda insistia em vagar solto no capítulo.

Juntar todas essas partes foi possível ao adotarmos a concepção de comunicação de Muniz Sodré, teórico da comunicação que tive o privilégio de assistir em diversas palestras e aulas promovidas pelo PPGCOM da Uerj. Em cada aula, surgiam pontos que ainda não tinha

[5] Também nesta disciplina, com a interação e discussão com os demais colegas surgiu a ideia desta introdução mais informal e com um ar autobiográfico.

percebido, tornando a tese mais rica com o seu aporte teórico na compreensão do processo comunicacional. Por influência de Sodré, a concepção de código de Gregory Bateson foi importante. Conheci as ideias de Bateson ao apresentar um seminário sobre o autor para a aula de Muniz, ainda no primeiro período do mestrado. Confesso que naquele momento suas ideias me impactaram, mas não sabia onde poderia utilizá-las em minha dissertação. Porém, elas permaneceram em minha mente, martelando, como se procurassem incessantemente algum assunto para aflorarem, saírem da minha cabeça e irem para os artigos acadêmicos, por exemplo. E não foi difícil incluir Bateson neste trabalho, o texto atual praticamente pedia para ele ser citado, convidando o autor que influenciou a Escola de Palo Alto, Goffman e Winkin. Bateson e seu pensamento sobre a comunicação humana auxiliaram nosso processo de análise das interações entre indivíduos, grupos, campos, na orquestra que rege contextos e narrativas que vão influenciar a comunicação humana. Muito mais do que apresentar Bateson, a participação do técnico Muniz nesta tese ultrapassa a parte teórica, está imbricada, assim como a Comunicação, em cada análise, em cada conceito e pensamento aqui apresentado. Se existe o nó de marinheiro que sustenta as junções do navio, as amarras fornecidas pelo pensamento de Muniz costuraram a ideia de conflito, narrativa, imaginário e jornalismo, sustentando a rota de nosso "barco" neste mar de pensamentos, por ora calmo e por outras vezes agitado, que é fazer uma tese.

Assim surgiu nossa proposição teórica que, em resumo, entende que o conflito inerente entre campos utiliza a narrativa como arena de disputas de imaginários, tendo os meios de comunicação como acionadores deste imaginário e que vão selecionar o que cada grupo social determina como correto, descartando o restante do imaginário como "fantasia" e algo "irreal". Este imaginário entraria em ação nos rituais através do *habitus*. Esta seria a base para "jogar o jogo", as instruções, técnicas e ferramentas que adquirimos para "jogar a tese" e que vamos apresentar no capítulo 1, que aproveitando as metáforas oriundas do simbolismo do objeto denominamos: "Nosso mapa tático".

Este mapa tático foi subdivido em alguns itens. O primeiro trilha o seguinte pensamento: dentro de campo (também dos campos) o conflito é inevitável. Ora se ataca, ora se defende, ora se percebe os movimentos do adversário e se reage a eles. Interagir e conflitar faz parte do jogo. Antes de entrar em campo, os jogadores precisam compreender como esses conflitos operam e produzem contextos momentâneos dentro do campo de jogo. Esses conflitos e interações também fazem parte da tese. Analisar as narrativas dos treinadores é notar como determinados conflitos e interações produziram conjunturas que vão influenciar diretamente naquilo que os jornais vão projetar sobre nosso objeto. É notar como os campos

se movimentam e interferem na visão sobre o treinador. Esmiuçar esses conceitos e refletir sobre eles foi o objetivo do item 1.1: “campos, conflitos e produção de sentidos no esporte”.

Em seguida apresentamos o fio condutor de entendimento sobre a complexidade das narrativas: criar um mundo, um jogo e ordená-lo com regras próprias que convide outros jogadores a jogarem e viverem a intensidade deste jogo, com base na ludicidade, que seria o imaginário, em um complexo processo de expressão universal é o que compreendemos como narrativa. Apresentamos todo este processo e alinhavamos tais conceitos no item 1.2: “O *ludens* narrativo”, erguendo as bases para nossa metodologia.

Neste eterno escreve, apaga, confere, relê e aprova para na próxima lida querer escrever tudo novamente, a sala de aula era o meu maior laboratório. A cada aula, na interação face a face com os alunos, percebia o que estava funcionando e o que estava embolado demais neste trabalho. A experiência de voltar à Faculdade de Comunicação da UFJF como professor substituto e na disciplina Técnica de Produção em Jornalismo Hipermídia me fez repensar toda a trajetória dos meios de comunicação e como a cada sutil alteração dos padrões comunicativos a sociedade e a comunicação se influenciavam mutuamente. Autores como Carlos Eduardo Franciscato, Vera França e Letícia Matheus auxiliaram na compreensão do Jornalismo neste cenário. Preparar aulas e dá-las se tornou o cenário perfeito para este ritual de “fazer uma tese”, de confrontar o que está “dando certo” e o que “precisava de ajustes”. Neste período formulamos as bases do item 1.3, “Jornalismo em campo para os campos” defendendo a derrubada da ideia mítica de que o Jornalismo é imparcial. Muito pelo contrário, ele vai entrar em campo com a camisa de determinado campo por baixo da camisa de imparcialidade, construindo sua intriga a partir de um imaginário escolhido por um grupo social, por mais que existam os conflitos na própria narrativa jornalística como veremos no decorrer do jogo. Seguindo as reflexões sobre o jornalismo e as ideias dos itens anteriores, vamos apresentar no item 1.4, “como vamos jogar” o jogo da tese: os motivos das escolhas metodológicas (Análise de Narrativas), as justificativas para a seleção dos três jornais a cada competição (entre eles: *O Globo, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, A Noite, Diário de Pernambuco*) e como estabelecemos as categorizações para compreendermos o imaginário da elite refletido na escolha dos técnicos da seleção e as modificações do seu conceito ao longo do período pesquisado.

Terminado brevemente o contrato na UFJF (apenas seis meses), não demorou muito para voltar ao lugar onde me sinto melhor: a sala de aula. Agora no local que eu havia me apaixonado e que tem uma atmosfera difícil de explicar, que apenas quem vive seu dia a dia, e joga o seu jogo, consegue captar e sentir: a UERJ. Lecionar, como substituto, as disciplinas

Radiojornalismo e Comunicação em Rádio era uma aula diária que recebia dos alunos em uma matéria que eu julgava dominar. Suas histórias de vida, suas origens, seus anseios, a vontade de jogar o jogo do conhecimento e lutar para que mais pessoas tenham acesso a uma Universidade inclusiva, aberta a todos e com qualidade era meu combustível vital para o dia a dia. Se eles me consideraram um "técnico", podem ter certeza que fui mais aluno do que eles imaginam.

Todas as referências teóricas e práticas nesses anos expandiram meu imaginário e estruturaram o nosso "modo de ver" o *corpus*. Com o arcabouço teórico sobre a ideia de imaginário, defendemos que ele dará suporte à narrativa e criará uma atmosfera que é compartilhada pela sociedade brasileira até os dias atuais. O chamado "clima da Copa do Mundo", demonstra como esse imaginário pode ser algo "no ar" que auxilia nas interpretações de determinadas lacunas que o texto em si não preenche. Ao mesmo tempo em que condiciona o texto, o imaginário sofre influência dele. Essas atmosferas, esse imaginário vivido nos envolve de tal maneira que se torna mais compreensível a efusiva cobertura dos jornais durante a Copa do Mundo. Este pensamento permeia a compreensão do que consideramos um "momento-chave" na narrativa do treinador: a Copa de 1938 e o "nascimento do país do futebol". Seguindo a proposta de autores como Simoni Guedes e Édison Gastaldo, acrescentamos mais alguns ingredientes na compreensão da construção do "país do futebol". A presença de Simoni nesta banca é uma honra para mim e para meu orientador. Como uma das fundadoras do campo de pesquisas em esportes no Brasil e inspiradora das pesquisas do LEME, ter essa troca e a oportunidade de ouvir os conselhos e ponderações desta técnica sobre o nosso jogo será um momento decisivo em minha trajetória acadêmica. Será uma atmosfera que causará um "frio na barriga", típica dos grandes jogos.

Nesta concepção, deslocar-se do ambiente, da atmosfera, do contexto em que o texto é produzido é uma tarefa árdua e nem sempre se consegue êxito. No caso desta tese, foi e é inevitável não citarmos exemplos da conjuntura na qual ele é escrito. O ambiente que o menino Filipe sempre leu nos livros de História e tinha a crença de que jamais voltaria, infelizmente está presente: o do seu país viver um golpe.

Este golpe, iniciado em 2016 e ampliado em 2018 com a exclusão do candidato líder nas pesquisas da disputa, influenciou diretamente o andamento desta pesquisa. A felicidade do aceite para o doutorado sanduíche na Universidade de Stanford (EUA), com um dos maiores influenciadores do LEME, e pilar principal no conceito de atmosfera que vamos abordar, o alemão Hans Ulrich Gumbrecht, logo deu lugar à tristeza de ter que declinar da bolsa. O entendimento de Gumbrecht ao analisar o esporte dentro de imaginários e contextos

históricos, políticos, culturais e tecnológicos é essencial para nossa tese. Sua concepção de como determinadas "atmosferas" influenciam na interpretação de "tomadas de sentido" de práticas culturais amplas como o futebol (GUMBRECHT, 2014) foram uma das bases para nossa interpretação da narrativa. Sua ideia de "intensidade focada" (GUMBRECHT, 2007) dentro de um jogo de futebol também auxilia na compreensão tanto do fenômeno esportivo, quanto do envolvimento do torcedor, além da linguagem desenvolvida pelas narrativas jornalísticas ao construir trajetórias de atores do esporte (HELAL, 2001), no nosso caso, os técnicos de futebol.

Mais uma tentativa, agora de realizar o período de estudos em Leeds, na Inglaterra, com o pioneiro nos estudos sobre os treinadores de futebol no mundo: Stephen Wagg. A generosidade de ambos ao me acolher durante quatro meses entrou em contraste com o desmonte dos bancos públicos brasileiros. A licença da CAIXA, que duraria até 2019 teve que ser cancelada com a possibilidade de cortes na empresa. Assim, meu retorno para o banco transformou o sonho do convívio diário com Gumbrecht ou Wagg, em apenas uma lembrança da carta de aceite destes dois pilares teóricos para este tese.

Tive que retornar da licença e aquela frase "agora é só escrever" causava arrepios. Era o momento principal, amarrar o imaginário absorvido com as leituras e conectar com o material coletado, tentando representar no texto toda a atmosfera que capturamos e compreendemos do jornal com o nosso norte teórico. Colocar tudo, selecionar, excluir, e reincluir essas peças no jogo da tese conflitava com o trabalho cotidianamente. Desligar do mundo bancário e ligar a chave para o mundo da tese nem sempre era simples. Após ser apresentado à obra de Neil Postman por Édison Gastaldo, em um saudável bate-papo sobre meu projeto em 2015, as hipóteses apresentadas sofreram modificações. A ideia de tecnocracia, que passei a sentir explicitamente no retorno à Caixa, redirecionou as perguntas sobre o objeto: o técnico seria um exemplo da tecnocracia no futebol. Raciocínio que desenvolvemos no item 1.5: "a técnica do técnico", fechando o "Nosso mapa tático", a nossa preleção antes do jogo.

Na qualificação, indiquei os caminhos que apresentei até aqui. Neste teste final antes do "grande jogo", no último treino com público, Letícia Matheus e Márcio Guerra contribuíram para apontar os buracos que o time deixaria em campo. Além disso, encontrei de vez a pergunta que deveria fazer ao observar os jornais: o treinador seria um representante da elite cultural do futebol, escolhido pelos dirigentes com o objetivo de reproduzir a narrativa de um campo hegemônico dentro do espaço de conflitos que é o esporte. A narrativa dos jornais vai buscar moldar o imaginário sobre o que seria o papel do líder em cada contexto, utilizando

da simbologia da figura do treinador da seleção brasileira durante uma Copa do Mundo. Abordar a questão política seria importante para compreender o imaginário desta elite, entender a sua formação, as suas relações de poder que resultariam nos movimentos que exigiriam determinada postura do "treinador" na imprensa. As bases teóricas para essa compreensão foram incorporadas ao item 1.5, fortalecendo a proposição de que a "técnica do técnico" era definida nos jornais pela elite. Analisar essas interações tendo como fio condutor o que a elite "exigia" desta personagem foi o questionamento principal desta pesquisa. Em resumo: o treinador jogaria o jogo da elite? Letícia, mais uma vez seria decisiva no jogo da tese, jogando outra luz em algo que estava gritando nos jornais pesquisados e que eu ainda não escutava com atenção. Depois disso, a interpretação deste mundo projetado pelos jornais foi mais concisa e focada nesta questão.

No decorrer da pesquisa encontrei o trabalho do professor inglês Stephen Wagg[6] (1984) sobre os treinadores. Considero o primeiro a dar um enfoque mais incisivo aos técnicos, diferente das abordagens esporádicas sobre esta personagem, quando, por exemplo, se pesquisava alguma competição ou equipe de modo específico e o técnico surgia como "apenas integrante" da conjuntura. Não era o objetivo destas menções compreender o processo de formação de conceitos e de suas funções no esporte moderno. Poucas biografias, por exemplo, abordam a carreira destas personagens no período histórico analisado nesta tese, com exceção de Zagallo que, considero um precursor da segunda fase no conceito dos treinadores (após a Copa de 1974), já inserido na ligação explícita e intensa entre o campo esportivo e o campo econômico. Outro trabalho internacional que encontrei durante a tese foi o de Neil Carter: *Football Manager: a History* (2006). O autor aprofunda as reflexões de Wagg, fornecendo uma base interessante sobre a formação do conceito de treinador e seu processo narrativo ao longo do século XX no futebol inglês. Pesquisa que pudemos usar como ponto de partida comparativo nas nossas reflexões sobre o treinador no Brasil, visto a influência inglesa nas primeiras décadas do século XX no imaginário moldado sobre as funções do esporte e suas personagens. Ambos entendem que os técnicos fazem parte da cultura da celebridade, com suas performances recebendo os holofotes dos meios de comunicação e, atualmente, sendo um gerente volátil, trocado rapidamente quando os resultados não aparecem. Wagg e Carter defendem que, sendo o futebol um fenômeno social,

[6] Tivemos o projeto de doutorado sanduíche aprovado pela Capes em 2017, para aprofundar na obra e nas pesquisas de Stephen Wagg, professor de Mídia e Esporte na Leeds Beckett University. Nosso foco seria em seu trabalho pioneiro (1984) de investigar as narrativas midiáticas sobre os técnicos de futebol. Infelizmente tivemos que declinar da bolsa. Mesmo assim, sua obra influenciou diretamente nossa pesquisa.

é necessário interligar outras áreas do saber para compreender conceitos e nuances nas narrativas sobre os treinadores. Compreensão que concordamos e seguimos neste trabalho.

Deste modo, consideramos que esta tese se insere nos estudos sobre esporte, proposto por Victor Melo et al.(2013), onde diferentes disciplinas se entrecruzam para discutir o fenômeno esportivo em sua totalidade. Logicamente, optei aqui pelo viés comunicacional, porém na análise do *corpus* e na estrutura teórica, trouxemos aspectos da Sociologia e Antropologia para preencher lacunas de compreensão do aspecto simbólico em cada conjuntura do nosso objeto. Da Sociologia, por exemplo, a elaboração de "realidades sociais" na criação da narrativa do "país do futebol" seguindo a compreensão de Ronaldo Helal. Na Antropologia, os estudos pioneiros de Simoni Guedes na interpretação do futebol como representação coletiva sobre a nação e da Copa do Mundo como um ritual nacional, que será fundamental para inserirmos a ideia de *frame* de Erving Goffman.

Sabíamos que estávamos inaugurando a pesquisa sobre este objeto no Brasil e pretendíamos ter um panorama completo de todas as 21 Copas do Mundo disputadas. A riqueza do objeto, que fomos observando a cada análise, e os possíveis caminhos a serem seguidos, impediram uma "passagem rápida" sobre os números coletados. Ao criticarmos o uso abusivo de números como a compreensão final de situações sociais, iríamos nos contradizer apenas reproduzindo os números encontrados na pesquisa. Eles serviram de base para comprovar nossa hipótese e para entendermos quais conflitos estavam presentes neste espaço destinado ao treinador da seleção. Por que diminuiu ou aumentou? Por que a elite teria recuado em "aceitar" a diminuição de seu representante ou quando ela "forçou" a sua participação? Acreditamos que com toda a sua simbologia o treinador deve ser analisado com uma abrangência mais reflexiva. Sua posição como ponto nevrálgico dos conflitos existentes no fenômeno esportivo nos fornece subsídios para fazermos outras perguntas, igualmente pertinentes, mas que podem e serão feitas em outros jogos.

Essa capacidade de nosso objeto de revelar conflitos no esporte nos fez sustentar por teimosia, inexperiência ou "mania de grandeza" a investigação de todas as 21 Copas. O material foi quase todo coletado, restando apenas a Copa de 2018, e totalizou mais de 6.200 reportagens. A tese teria facilmente mais de 500 páginas. Fui alertado na banca de seleção para o Doutorado, no seminário de tese, na qualificação e em diversas vezes pelo meu orientador da "loucura" que seria analisar tudo isso. Aceitei essa dica quase aos 45 do segundo tempo e aproveitei o nítido marco que foi a Copa de 1970, um marco para o futebol, para o treinador, para a seleção, para a própria competição e para os meios de comunicação, para delimitarmos o *corpus*. O restante do material será analisado em um pós-doutorado e

completará esse panorama geral das narrativas dos treinadores da seleção brasileira ao longo das Copas.

Aqui nos concentraremos nesse período histórico determinante, pois é onde a ideia de "país do futebol" nasce, sofre suas "tristezas" e "alegrias" e se torna uma crença. É também um período de consolidação do país como estado nação, onde a simbologia do futebol será um dos pilares do pensamento que resumiria a nação. A narrativa sobre os treinadores nos jornais terá, assim, seu conceito flutuando em torno do imaginário desta elite que moldava a sua concepção de país no ritual nacional Copa do Mundo. Nas "missões diplomáticas" nas primeiras Copas com Píndaro de Carvalho e Luiz Vinhaes, que veremos no segundo capítulo, notamos uma timidez de "início de jogo" onde os adversários se estudam a abordam o campo esportivo como extensão de relações internacionais com os países vizinhos. No capítulo três o declínio do amadorismo vai refletir no "momento-chave" para o conceito de treinador. Ele vai se inserir como uma ponte entre capital e trabalho, representando a ideia de disciplina dos trabalhadores pretendida pela elite, que vai escolher Adhemar Pimenta como o "comandante" da seleção.

Nos conflitos existentes na narrativa que disputam o imaginário nacional, Leônidas e o mundo projetado por Gilberto Freyre vão subverter tal ordem, estipulando o que chamamos de Antropofagia Cultural do futebol e, com o papel lúdico do esporte, inserir no imaginário nacional a miscigenação como algo positivo. Neste momento, também temos a presença das tecnologias de acesso ao imaginário reconfigurando a intensidade de interação neste *frame* Copa do Mundo e inaugurando o "país do futebol". O rádio vai interferir diretamente na atmosfera da Copa e estimular que um maior número de pessoas "jogue o jogo da Copa".

No capítulo seguinte a ideia de disciplina retorna com mais evidência nos jornais, aproveitando a competição realizada no Brasil para mostrar ao mundo um país que se planeja e organiza seu futuro, com a Copa de 1950 como seu maior símbolo. A narrativa da derrota para o Uruguai nos jornais pesquisados resguardou o treinador Flávio Costa das críticas e apostou em uma mudança radical, com muita disciplina para a Copa seguinte. A "Guerra Fria do "seu Zezé", que veremos no item 4.2, mostrou como o campo político ambicionava a conquista da competição e a narrativa da derrota nos jornais, creditada ao juiz inglês Mister Ellis, salvou novamente a figura do treinador.

O último capítulo já traz em seu título os rumos que nosso objeto teria na consolidação do "país do futebol": "Não atrapalhem nosso talento". Pelé e Garrincha revertem a narrativa de disciplina pretendida pela elite. Defendemos a ideia de que os dois jogadores compõe a moeda do país do futebol, com faces e características distintas, mas que se integram para

formar o capital simbólico da seleção brasileira no campo esportivo. O talento nacional se tornava, no imaginário nacional escolhido pela narrativa, um motivo de orgulho.

Além disso, a proposição de Freyre de exaltação ao improviso nacional, que floresceu em 1938, terá neste capítulo a sua concretização. Garrincha e Pelé serão decisivos na "confirmação" das ideias de Freyre, com um papel preponderante de Mario Filho ao incorporar à reedição de sua obra *O Negro no futebol brasileiro*, mais dois capítulos: *A provação do preto* (sobre a Copa 1950) e *A vez do preto* (sobre a Copa de 1958). Os dois jogadores se tornarão os maiores símbolos do futebol nacional exaltando as características individuais supostamente intrínsecas ao brasileiro, que havia "nascido para jogar futebol".

Neste prisma, planejamento, disciplina e estratégia ainda vão aparecer na narrativa, mas perderão espaço para o "talento nacional". Aqui teremos um exemplo claro de como as narrativas se adaptam ao imaginário social, que naquela conjuntura orbitava em torno desses dois atletas. Essa intriga foi repetida durante os itens 5.1 e 5.2 firmando o talento oriundo do futebol como uma referência imediata do que seria o brasileiro. O talento que não se ensina e que o treinador não poderia "domar". Assim, o conceito do técnico sofreu alterações neste período, chegando ao menor percentual de menções do *corpus* em 1962 quando Aimoré Moreira foi uma figura de pouco destaque nas narrativas dos jornais sobre o bicampeonato. Em 1966, a "necessidade" do tricampeonato no *frame* Copa do Mundo levou o treinador, Vicente Feola, campeão em 1958, a ser o técnico com mais abordagens negativas no *corpus*, por, em linhas gerais, estar ultrapassado para o "futebol moderno".

A Copa de 1970, com Zagallo, apresentou o maior número de menções a essa personagem no *corpus* e o maior número de menções positivas. Com a presença da televisão, o "país do futebol" se consolida, conquista a Jules Rimet em definitivo e Zagallo remodela o conceito do que seria o treinador, inaugurando essa "nova fase" do futebol como espetáculo midiático. A partir de 1970, o técnico teria em suas mãos o simbolismo do "país do futebol" para manejar e "gerir", escolhendo qual lado da moeda usar a cada competição.

Devemos frisar o nosso entendimento sobre o "mundo dos jornais", pois não pretendemos aqui resumir e definir arbitrariamente o que cada personagem simbolizou em cada competição em sua totalidade. A sociedade é complexa e cada campo, grupo e pessoa pode ter interagido de forma diferente com a narrativa apresentada pelos jornais. Nossa intenção é indicar esta narrativa, entendo-a como uma parte do todo, uma narrativa de um determinado grupo social que pretende expandi-la para os demais grupos. As narrativas apresentadas aqui sobre o nosso objeto são o "mundo" que os jornais criaram exaltando características que a elite entendia como "fundamentais" para ser um "membro da elite do

esporte" em cada ocasião, pretendendo resumir seus sentidos para formar o "perfil ideal". Os indivíduos que assumiram esta função no *frame* Copa do Mundo podem ter (e têm) outros atributos, porém estes ficaram à sombra da narrativa por não se coadunar com o imaginário da elite. Não fizemos interpretações a priori, deixando a arena de disputas, que é uma Copa do Mundo, falar sobre os conceitos. Assim, as categorizações erigidas pelos meios de comunicação teriam objetivo de "enquadrar" a função deste líder em cada "quadro social" (GOFFMAN, 2012), moldando o seu self[7]. A atuação do "treinador" que seria algo amplo, plural e repleto de detalhes e ressignificações é singularizada pela narrativa dos jornais que reproduzem e legitimam a ideia de uma elite cultural do esporte, metaforizada por um campo hegemônico em cada ocasião.

Neste sentido, Bourdieu nos ajuda novamente ao compreender que não podemos confundir regularidades sociais com a base prática da vida cotidiana. De forma direta: existe a teoria e a prática. Ou no nosso campo de estudos: a tática pretendida pela elite é diferente da efetivada no decorrer do jogo. Como Bateson (1986, p. 36) define: o "mapa não é o território". Apresentamos o mapa que os jornais construíram ao indicar qual seria o território dos treinadores. Os números coletados[8] são um mapa, que por mais que se aproximem dos territórios, não os definem em sua totalidade, apenas assinalam a intenção de quem formulou esses mapas, criando o "seu mundo", o seu "mapa mundi" sobre os conflitos no esporte, a sua narrativa, a sua porção do imaginário, o seu recorte da realidade que pretende designar como "único" e o "correto". Nosso papel foi analisar a construção deste mapa.

Neste mapeamento, percebemos uma variação de um jornal para o outro, dando suporte para nossa análise narrativa do que foi esquecido, lembrado e enquadrado em diferentes cenários. Este fato nos foi útil para a ideia de que mesmo com a concepção de uma unidade nacional em torno da seleção, diferentes regiões e sua disputa entre campos interferem na escolha das notícias, mostrando como as narrativas são mais fragmentadas e peculiares do que os enquadramentos de união nacional podem nos sugerir e tentar engessar. Essa interpretação foi possível pela escolha de três jornais a cada competição, exatamente para confrontarmos essas "verdades".

---

[7] O termo foi empregado pela primeira vez por J.H. Mead no texto *Mind, Self e society* (1934). O autor coloca a sociedade como "contexto objetivo de ação", que existe através da cooperação, troca e atos entre seus membros. Essa vida social exige dos indivíduos uma personalidade social, que ela denominou como self, sendo um resultado do embate entre o "eu" (instinto, espontaneidade e criatividade de cada indivíduo) e o "mim" (imagens e expectativas que o indivíduo pressupõem que os outros tenham sobre ele) (FRANÇA, 2008).

[8] Ao final de cada item de análise apresentaremos as tabelas referentes àquela Copa investigada. No "Pós-Jogo" as tabelas se referem a números gerais sobre toda a pesquisa, que vão elucidar nossas considerações finais.

De alguma forma, este texto segue o modelo de narrativa que apresentaremos. Vamos expor determinados conceitos para criar uma familiaridade do leitor com nossa proposta e objeto (mundo do autor), expandindo e indicando “em função de” quais referências (imaginário) e contextos vamos pesquisar. Também sabemos que a repetição de alguns termos e pensamentos será uma constante. Nossa intenção é demarcá-los como uma referência imediata, seguindo a proposição de Iser (2013). Assim, ao abordamos as questões que julgamos pertinentes durante a análise das Copas, o referencial teórico estará fixado para o leitor. Em suma: sabemos que as “instruções na preleção” podem dar a impressão de um jogo truncado, mas “entrar nessa dividida” foi necessário para que a bola rolasse mais “fácil” no decorrer do jogo, fazendo o jogo da tese fluir.

Aproveitando a ideia de que os sentidos do treinador podem ser outros que ultrapassam a visão da elite, revelada pela narrativa dos jornais, vamos finalizar essa introdução com uma outra concepção sobre o treinador. Se no mundo da elite, projetado nos jornais, eles foram objetos de reflexão, o “técnico” pode ter outra atuação e *habitus* em outros campos. Pode ser a pessoa que guia nossos caminhos, o “professor”, que nos ajuda a compreender o jogo da vida e a jogá-lo. É aquele que abre portas, que modifica nossa visão de mundo, nos torna mais humano e analítico da complexidade dos processos sociais. É uma pessoa extremamente generosa e que nos inspira pelas suas atitudes e ações. Um “modelo ideal” de uma vida baseada na empatia e não apenas no uso das ferramentas tecnológicas disponíveis. Exatamente o papel dos técnicos que já citamos ao longo desta introdução e técnicos que ajudaram a outros brasileiros a “jogar o jogo” que essa elite sempre negou, expandindo as vagas nas universidades e nos curso de Pós-Graduação, por exemplo, como o presidente Lula, que no momento desta defesa encontra-se preso politicamente por ser o maior técnico, no sentido descrito acima, que este pais já teve. Com a influência direta dos técnicos e técnicas aqui mencionados nosso time entra em campo sob o nosso comando, partindo para o ataque e acreditando que cumprimos nosso papel de treinador.

1 **NOSSO MAPA TÁTICO**

É comum ouvirmos em qualquer mesa redonda após rodadas de campeonatos de futebol que o treinador "mudou o jogo", para pior, ou melhor. A construção social desta personagem é relativamente recente, como aponta Stephen Wagg (2006), mais precisamente nos últimos 50 anos. Esse mito moderno chamado "técnico de futebol" teria tanto uma "varinha mágica" para vencer quanto o "dedo podre" para perder uma partida. Esse pêndulo oscilaria, segundo a narrativa midiática, nos extremos de "céu" e "inferno". A representação que este ator carrega é que, mesmo sem entrar em campo, suas alterações, sejam táticas ou de postura de seus comandados, vão refletir diretamente no resultado dentro de campo. Mesmo "fora das quatro linhas", o técnico teria uma "responsabilidade" no que acontece na disputa entre os 22 jogadores. Ele seria "o cara" que comandaria as interações dentro de campo. Mas será que os pedidos de um treinador são absorvidos e aceitos passivamente pelos atletas? O adversário não vai reagir às ações de seu time? Será que realmente o treinador seria alguém que orienta os jogadores como num show de marionetes? O "manager" seria realmente o "salvador da pátria"?

Acreditamos que as interações que ocorrem dentro de um campo de jogo são muito mais complexas e que não devemos limitá-las ao papel exclusivo do treinador. O esporte é uma interação, um jogo, onde os praticantes reagem às ações dos outros (praticantes, adversários, torcida, juiz, etc). Por mais que a função do treinador atualmente tenha o objetivo de prevê-las e ensaiá-las, não é possível estabilizá-las e certificar-se que elas serão sempre executadas daquela forma. Através da interação constante numa partida, pode-se ajustar, adaptar e mudar o "rumo do jogo". Mudanças de posições dos jogadores, que não são fixas como nos populares jogos de totó ou pebolim, e improviso dos atletas desarmam os esquemas tradicionais de 4-4-2, 4-3-3[9] que os técnicos elaboram. Em 90 minutos de jogo, a comunicação, interação e conflito entre os participantes alteram estruturas que o lado estritamente "técnico" apontava e narrava como "corretas", "imutáveis" e "eficazes". O contexto em cada minuto da partida leva a uma mudança nessas "peças", nessas partes que compõem o time, podendo deixar o lado emocional sobressair aos demais, por exemplo, indicando como o imaginário também influencia neste processo.

[9] Tais especificações técnicas sobre a distribuição dos jogadores em campo não levam em conta o goleiro, por isso a soma dos números resulta em 10. Acreditamos que estes modelos de atuação são importantes para refletirmos as formas com que se tenta estabilizar um jogo, que é algo instável. Obviamente que os jogadores não ficam parados em suas posições, eles se movimentam e interagem no campo, mas essas representações permeiam e realçam a influência do técnico na partida como alguém com um conhecimento "extra", "científico" que determinaria a chance de vitória, através de padronizações.

O goleiro pode ir para a área adversária no último minuto de jogo para tentar o gol da vitória e o atacante pode salvar um gol adversário em cima da linha, “invertendo” os “papéis” previamente elaborados sobre cada um dentro do campo. Por mais que se tente enquadrar posições e táticas, determinadas situações de jogo modificam o todo. Uma mudança em um elemento vai demandar um maior empenho dos demais para se adaptarem àquela alteração. É a troca de um jogador de posição, a expulsão de um atleta, ou até mesmo uma jogada “ensaiada” de escanteio que exige um rearranjo de posições, criando um novo contexto, mesmo que sejam momentâneas. Estar atento a essas movimentações é fundamental. Os mais desavisados podem crer que estar com a bola e chamar toda a atenção dos espectadores é o ponto máximo do espetáculo. Mas se surpreendem quando alguém demonstra, por um ângulo que o desavisado não percebeu, que, enquanto alguém prendia a atenção de todos com a bola, o time deslocava suas posições para alguém surgir livre e marcar o gol. O jogo de narrativas comumente utiliza de tais artifícios, postulando situações como “principais” e mais “importantes”, que ficam sob a luz dos holofotes, esquecendo-se de indicar que a movimentação das “outras peças”, ocultada na narrativa, também é decisiva na formação de sentidos. O popular “ganhou o jogo sozinho” é rechaçado por nós. O que acreditamos ocorrer é que um jogador pode ter uma melhor leitura e percepção de cada situação e mudar o rumo do jogo, embaralhando o que estava “em ordem”, mesmo que seja por instantes, ditando um novo padrão para o jogo que através da interação entre os demais elementos participantes do jogo pode aumentar a chance de vitória.

Não só o treinamento determina o triunfo dentro de campo: é um conjunto de fatores que pode levar um time à derrota ou à vitória nesse jogo de interações. Quantas vezes um time posto pela narrativa midiática como “pior” venceu? Não teria este time se adaptado melhor a situações daquele jogo e reforçado outros lados que não o da habilidade, por exemplo? Para concluir nossa metáfora e o leitor perceber onde queremos chegar: ser um “craque” e “bater bem na bola” é a garantia de jamais errar um pênalti? Seria fácil para um indivíduo com o chamado “dom” “apenas” chutar a bola para o gol se outros fatores não estivessem influenciando sua cobrança: pressão psicológica, cansaço físico, mérito do adversário, etc. Ser bom influencia? Claro, mas não determina que ele fará o gol, afinal o contexto daquele momento é relevante e agrupa outros pontos, e não apenas o seu talento para “balançar as redes”. Se fosse assim, o esporte seria algo exato demais, “mecânico” demais, sem o caráter lúdico, nos termos de Huizinga (1971), sem as jogadas inesperadas que fazem a atenção do público ser constante no desejo de vê-las, sem a emoção peculiar, e sem a intensidade dramática, apontada por Gumbrecht (2007), que desperta nos seus aficionados.

Acreditamos que da mesma forma que isto acontece em uma partida de futebol, as relações humanas também se baseiam em interações para operar, modificar, adaptar e demarcar posições de indivíduos e grupos sociais. São vários aspectos que influenciam na construção de uma representação de determinado ator social, no nosso caso os técnicos de futebol. Neste capítulo vamos nos concentrar em apresentar a fundamentação teórica dos elementos que interferem nesta elaboração narrativa e que guiaram toda a nossa análise, ou seja, a nossa proposta teórica, a nossa "preleção" antes de "entramos em campo".

No futebol costuma-se chamar de "preleção" o momento em que o treinador indica para seus atletas como a equipe vai se postar dentro de campo, quem vai marcar quem, quem é a inspiração para aquela partida e quais alternativas para as inevitáveis interações e modificações que ocorrem no andamento do jogo. Assim, para começarmos o jogo, vamos apresentar o "nosso mapa tático", o nosso comportamento durante os "90 minutos". Surgem, então, as perguntas que poderiam ser feitas para as personagens que são nosso objeto de estudo durante uma coletiva de imprensa: como vamos colocar nosso time em campo? Quais são os nossos objetivos? Em quais "pensadores do futebol" nos basearemos? Qual a nossa proposta de jogo? Em quem nos fundamentamos para desenvolver tal proposta? Quais táticas/esquemas vamos usar para chegarmos aos objetivos estipulados? Qual modelo de atuação/estilo seguiremos?

Assim como no jogo de futebol, precisamos, no campo acadêmico, de algumas diretrizes de atuação, definir como vamos nos portar, para não entrarmos em campo "perdidos". Por mais que nos adaptemos às circunstâncias do jogo e não fiquemos presos a um estilo, ter um fio condutor é importante. E ele segue alguns padrões já estipulados, realizados por outros jogadores que tinham objetivos similares ao nosso, sendo este padrão o nosso refúgio em caso de tempestades inesperadas.

Nossa principal questão foi compreender como as narrativas dos jornais pesquisados abordaram a figura do treinador da seleção brasileira de futebol ao longo de nove Copas do Mundo (1930 a 1970). Mesmo com este foco principal nos periódicos, poderíamos "vê-lo" por diferentes perspectivas: a parte do treinamento físico e tático, que interessaria aos estudos da Educação Física, por exemplo. O objeto se mostrou extremamente rico durante nossa análise, podendo ser aprofundado por algumas das denominadas "áreas do saber". Entretanto, por mais que os aspectos históricos, econômicos, tecnológicos, sociológicos e antropológicos "também falem" e apareçam no mundo projetado pelos jornais pesquisados, nosso viés foi a da Comunicação. Interessou-nos compreender, diante de tantas possibilidades de abordagem, qual o papel dos técnicos da seleção no mundo criado pela narrativa dos jornais a cada

competição. Nesta escolha já deixamos claro que para nós a narrativa não se resume a um texto, ela faz parte de um processo, de uma conjuntura que em muitas oportunidades vai, como citamos acima, "deixar" outros aspectos sobressaírem e emergirem de forma explícita no texto. Em outras oportunidades, foi preciso uma análise atenta dos movimentos entre campos para desvelar algo "mais sutil" que, se não surgia de forma clara, era possível de ser percebido na atmosfera de sentidos que o futebol proporciona na nossa sociedade.

Partimos da ideia que a Comunicação é o próprio espaço de conflitos. Cada campo, ao se comunicar pretende "vencer" este jogo e fazer sua narrativa duradoura pelo maior período possível, expandindo sua influência aos demais campos, fazendo-os, como Bourdieu (2004a) destaca, orbitarem em torno de um campo mais poderoso em determinada conjuntura. Esses campos produziriam mundos através das narrativas dos jornais, estabelecendo modos corretos de atuação do técnico, moldando, por exemplo, o imaginário do que seria um líder. Nesta complexa interação, como o papel do treinador pode nos ajudar a compreender contextos sociais, tendo o esporte como fonte produtora de narrativas?

Dentre as vertentes do estudo deste esporte, destacamos uma linha que o entende como um "ópio do povo", com destaque para autores como Ramos (1984) e Santos (1978). O uso claramente político, principalmente do futebol, teria como objetivo principal de "driblar" a consciência da população. Os estudos que focam no espaço temporal da ditadura militar no Brasil comumente analisam o esporte por este viés. Outra vertente também difundida é a que compreende o futebol como integração nacional, como congraçamento, como um espaço social onde a união nacional se faz presente, principalmente quando se fala de seleção brasileira. O futebol simbolizaria a democratização do país, o local onde índios, brancos e negros representariam a nação, como o cientista social Gilberto Freyre defendia. Ou, como o antropólogo Roberto Da Matta (1979) interpreta, o futebol seria um ritual com regras claras e chance real de ascensão, algo não encontrado na nossa sociedade. Não descartamos tais interpretações. Em determinados momentos podemos observar que tais leituras foram pródigas. Porém, nossa proposição se encaixa em uma terceira via que compreende o futebol como um espaço de conflitos. Neste espaço de conflitos, o esporte e toda a sua força simbólica pode ser tanto uma coisa como a outra, dependerá do contexto e referencial a serem analisados. Como em qualquer ritual amplamente conhecido no mundo atual, o futebol se torna mais do que um *locus* de tentativa de dominação (ópio do povo) e espaço de congraçamento da nação.

A Comunicação presente no futebol é poderosa: suas simbologias, interpretações, reapropriações, rituais, criação de mitos e heróis e elementos lúdicos que fazem o participante

se envolver de maneira vigorosa o tornam o ponto de encontro dos imaginários sociais, de seus dilemas, de seus conflitos e congruências. Como Souza (2008, p.26) define: "o futebol, assim como a identidade nacional, é invenção e reinvenção de governantes e governados, dominantes e dominados. É espaço de integração e espaço de conflito". É, por conta de seu capital simbólico, um meio de propagação de ideologias, como Melo et al. (2013) interpretam. Em suma: para nós o futebol é um palco importante para as disputas presentes na própria sociedade.

Defendemos a ideia de que o espírito lúdico manifestado nas atividades esportivas (HUIZINGA, 1971) concede o acesso ao imaginário social de cada coletividade. Ao entrarmos realmente no jogo, vamos ao nosso imaginário, acionamos nossos medos, nossas tensões, nossas alegrias, nossos impulsos e o *pathos*. Acreditamos que o jogo suscita tais afetos naqueles que se empenham nele. Desta forma, o apelo popular construído pelo futebol ao longo dos anos e sua propensão para proporcionar imagens de fácil trânsito comunicacional, tornam a produção de narrativas com base neste fenômeno algo com grande impacto simbólico. É, por exemplo, onde a formação de uma identidade nacional nos anos 1930 se baseou para ser erguida, com suas padronizações, reinterpretações e adaptações a cada contexto que circunda a relação esporte e sociedade. É o local que suscita narrativas verossímeis sobre a nação que vão inventar, reinventar e adaptar o que seria "o" nacional. É o local do lúdico, onde os jogadores acertam tacitamente suas regras, e que ao mesmo tempo é neste lúdico que se exalta o imaginário e o envolvimento dos indivíduos, criando um contexto "fora da realidade" e temporalidade da "vida normal", onde "tudo pode acontecer". É também um ritual nacional, onde as cores nacionais são exaltadas, onde o "ser brasileiro" fica em evidência e se fomenta uma "comunidade imaginada" [10] torcendo para onze homens durante a Copa do Mundo de futebol. É um fenômeno complexo, que instiga e exige empenho dos participantes que se envolvem no jogo. É essa mesma complexidade que não permite o lado da tecnicidade e da objetividade domá-lo, explicá-lo e enquadrá-lo, por mais que as narrativas dos jornais que pesquisamos tentem fazê-lo ao "criar um mundo" através de seu processo narrativo.

Ao criar este mundo, o papel do "líder" a cada contexto social produzido pela interação entre campos se modifica e neste espaço de disputas que é o futebol, os jornais vão erguer classificações sobre essas personagens que interessam diretamente a determinados

[10] Essa proposição de Benedict Anderson (2008) entende que a comunidade é imaginada, pois nunca será possível agrupar todos em um único local físico. Todavia pode-se criar um imaginário em torno desta "nação" que tornará esta "ficção" algo "real", tendo, na nossa interpretação, a comunicação como o padrão que ligará os indivíduos que compartilham deste sentimento.

campos que pretendem se tornar hegemônicos[11]. Existe o conflito constante, mas os jornais e seus enquadramentos moldaram, a cada competição, o imaginário do que seria o "perfil ideal" do técnico da seleção brasileira de futebol. O que queremos deixar claro é que longe de uma dominação no campo esportivo, os jornais atuam descartando outras vozes existentes dentro desta arena de disputa[12]. Obviamente que outros grupos sociais ensejavam outro "modelo de treinador" a cada competição, mas dentro de nossa pesquisa vamos apontar o que os jornais, durante o ritual Copa do Mundo, escolheram como os "atributos necessários" para o técnico da "representação nacional".

Dentro deste objetivo, temos a seguinte hipótese: o treinador seria um representante da elite cultural do futebol, escolhido pelos dirigentes com o objetivo de metaforizar a narrativa de um campo hegemônico dentro do espaço de conflitos que é o esporte, principalmente o futebol, por sua ampla difusão no país. Acreditamos que estas elites, muitas vezes compostas por diferentes campos associados para projetar suas narrativas durante a Copa do Mundo, tiveram nos jornais pesquisados os seus porta-vozes que plasmaram as imagens dos treinadores construindo um mundo em suas narrativas umbilicalmente ligadas aos ideais desta elite a cada conjuntura. Para desenvolver, construir e sustentar esta argumentação, seguimos algumas bases teóricas.

Para indicarmos como jogaremos o "jogo da tese" e analisaremos essa complexa disputa vamos apresentar neste capítulo, esta base teórica e metodológica, deslindando os seguintes pontos: como se forma uma conjuntura? O que seriam esses campos que disputam a hegemonia dentro de espaços de conflitos como o futebol? Como as narrativas são o

---

[11] A ideia de hegemonia que seguiremos nesta tese é a de Antonio Gramsci (1999). Para o autor italiano, a hegemonia está sempre em disputa, nunca sendo absoluta. Não se trata de uma simples submissão à ordem, mas sim da incorporação das práticas, de um sistema de crenças que garantem a reprodução cotidiana das relações de dominação. A hegemonia é uma situação obtida a partir do controle dos elementos, que articulados, vão produzir o "senso comum". Esses elementos serão trabalhados no decorrer da tese. Seriam eles: imaginário, representações e cultura, todos articulados nas narrativas dos grupos. Esse senso comum seria uma visão de mundo partilhada pelo maior número de pessoas possíveis, voltada para uma ação prática do "real", tornando determinada atitudes e comportamentos "normais" e "aceitos". O que mais interessa para nós aqui é que a produção de sentidos tem no campo midiático um dos negociadores na formação de visões de mundo, auxiliando outros campos na estruturação do senso comum. A ideia de senso comum será entendida neste trabalho de acordo com a seguinte definição de Sodré (2009, p.45): "senso comum é um nome para o conhecimento daquilo que os gregos chamavam de *doxa*, isto é uma experiência da realidade limitada à sensibilidade, às notas acidentais contingentes e variáveis, às representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens de fácil trânsito comunicacional – traduzidas em opinião." Além disso, o senso comum atua como "estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade" (SODRÉ, 2009, p.45).

[12] Vamos apresentar, principalmente na análise das Copas de 1938 e 1962, como este "descarte" de vozes dos jornais tem um "certo limite", correndo o risco de se distanciar das ações de personagens importantes e com um capital simbólico grande no ritual da Copa do Mundo. Leônidas e Garrincha mudam o rumo narrativo dos jornais pesquisados, ainda que os valores da elite permaneçam, mesmo que de forma tímida no mundo projetado pelos periódicos.

instrumento para que esses campos “joguem o jogo” tendo o imaginário social e atmosfera de cada situação social como base para suas ações? Como as categorizações erguidas pela imprensa e determinados conceitos auxiliam na projeção de “papéis” definidos dentro de cada contexto? Qual a nossa estratégia para captar essas movimentações e mudanças de sentido do treinador da seleção ao longo das Copas do Mundo? E por que compreendemos o treinador como um representante da elite cultural do esporte?

Para responder a essas questões, elencamos cinco pontos que julgamos basilares. A divisão é meramente didática, já que acreditamos que eles interagem constantemente, se imbricam e se influenciam mutuamente durante o jogo das narrativas entre esses campos na busca por moldar o imaginário de cada situação social. Já adiantamos que não é nosso propósito engessar este amplo processo, nem muito menos desenvolver diagramas e setas de relações, submissões e papéis definidos entre os participantes, pois, como nosso próprio campo de estudos destaca: o jogo é imprevisível, ou no popular: “o futebol é uma caixinha de surpresas”.

O primeiro ponto é o pensamento sobre interação social e conflito entre os campos (item 1.1). Com suporte nas ideias de Georg Simmel e Pierre Bourdieu vamos indicar como compreendemos o processo social que criam os contextos momentâneos, com regras igualmente momentâneas e negociadas entre os interlocutores, o que, seguindo a interpretação de Erving Goffman, chamaremos de *frames*. Esta rigidez convencionada para determinada circunstância é necessária para a sociedade operar e realizar suas disputas. O segundo ponto é a ideia de narrativa que adotamos, tendo como principais referências Paul Ricoeur e Luiz Gonzaga Motta, e incluindo alguns conceitos sobre o jogo (Johan Huizinga e Roger Caillois) e imaginário (Gilbert Durand e Michel Maffesoli) que compreendemos atuar diretamente no processo narrativo (item 1.2). O terceiro ponto é como a narrativa jornalística atua nestas disputas e interações entre campos. Como ela molda os imaginários neste jogo e projeta categorizações sobre cada personagem envolvido nos quadros sociais e rituais, como a Copa do Mundo (item 1.3). No quarto ponto vamos mostrar a tática selecionada para “jogar a tese”: a nossa metodologia (item 1.4) e os motivos das escolhas. No último item vamos detalhar a fundamentação teórica que nos baseamos para defender a hipótese de que o treinador seria uma elite cultural do futebol, alguém que usa as ferramentas disponíveis na sociedade para manejar o jogo e tentar direcioná-lo, apontando qual seria a “técnica do técnico” ou o “habitus” projetado pelos jornais.

1.1 **Campos, conflitos e produção de sentidos no esporte**

Concordamos que o futebol influencia e ao mesmo tempo é influenciado pelo contexto social da época. Ao nos propormos a analisar estes rastros comunicacionais presentes nos periódicos brasileiros sobre os treinadores, levamos em conta a definição de Winkin (1998, p.32) de que "a comunicação é um todo integrado" [13]. Qualquer movimento nas peças que articulam e projetam significados para este jogo de sentidos dentro da sociedade não deve ser descartado. As narrativas dos técnicos da seleção brasileira durante as Copas do Mundo são modificadas, adaptadas ou mantidas após a interação entre campos: político, social, econômico, tecnológico e também o esportivo, igualmente em disputas e conflitos constantes. Cada movimento entre os campos, que buscam se tornar dominantes, o papel social de nosso "professor" pode ser reconfigurado ou mantido.

Dentro da magnitude e complexidade deste processo comunicacional, não teríamos "fôlego" para analisá-lo em todas as suas partes e peculiaridades igualmente importantes. Preferimos mostrar como compreendemos este processo antes de chegarmos ao nosso foco de investigação: as narrativas sobre os treinadores da seleção brasileira nos jornais. Acreditamos que o Jornalismo seja apenas uma parte desta comunicação e não a resume. Porém, sua construção mítica de elaborar "verdades" e sua capacidade de apresentar para um número considerável de pessoas as narrativas de um campo, exerce um papel destacado na legitimação de simbologias de setores que pretendem dominar outros campos. A concepção de que o Jornalismo mediaria a circulação de ideias, colocando os limiares de cada campo em contato para se chegar a uma unidade foi propagada e enraizada ao longo do tempo e o configurou como alguém que daria voz a interesses específicos de cada campo e suas narrativas, que, assim, competiriam e confrontariam no ambiente de interação entre estes campos. Com isso, dominar a proliferação destas narrativas caracterizaria certa vantagem nos embates entre campos na esfera pública (HABERMAS, 1984), erigindo um valor simbólico relevante ao campo midiático.

Feita essa importante ponderação, consideramos que a ideia da sociedade como um grande sistema, composto por diferentes campos, grupos e indivíduos é pertinente para nosso propósito. Todavia, levamos em conta que apesar do nome "sistemas" sugerir uma ideia de

---

[13] Tal proposição segue uma vertente denominada Antropologia da Comunicação, que se baseia nos estudos de Lévi-Strauss ao enfatizar o papel da comunicação como instrumentos de organização dos artefatos culturais e de compreensão de seus significados. A impressão inicial de uma teoria similar a funcionalista é contraposta pela ideia da comunicação como "um processo social complexo e permanentemente integrado a múltiplos modos de comportamento no qual a fala, o gesto, o olhar, tudo está envolvido" (TOSTA, 2010). Essa proposição é uma das bases para a perspectiva da "Escola de Palo Alto", que retomaremos mais adiante.

rigidez entre as partes, não acreditamos nesta inflexibilidade entre campos, grupos e indivíduos que integram a sociedade. Pelo contrário, essas partes transitam, se comunicam, interagem, cedem, impõem, competem, se adaptam e se articulam para influenciar outras partes neste processo comunicacional. Assim, nos interessa a ideia que norteia a Teoria dos Sistemas[14]: de que nenhum fenômeno acontece sozinho, de forma única e exclusiva, sem relação alguma com outros fatores que o circundam. No caso de nosso objeto, a crítica de Wagg (2006) sobre a representação dos técnicos tem suporte nesta ideia, principalmente ao relatar que na conjuntura capitalista atual de resultados imediatos, o treinador se torna constantemente o único *locus* de explicação, como um ator social fora de qualquer contexto. Desse modo, todo e qualquer acontecimento, até mesmo em um clube e seleção, deve ser compreendido não como algo isolado, e sim como sistemas complexos de partes que são integradas por determinadas ações recíprocas entre essas partes e que formam uma unidade dinâmica. Além da estrutura interna de um clube, o ambiente externo também influenciaria essas interações: patrocínios e "pressão" da opinião pública induzida por outros campos, por exemplo. Em suma, retirar o técnico pode não ser a solução, se a estrutura permanecer a mesma. Porém, esta "culpa única" serve a diversos interesses e seguem a lógica de que é melhor fomentar a concepção de que mudar uma peça resultaria em um "fato novo" que melhoraria o desempenho sem mexer nas estruturas centrais, por exemplo, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ou, extrapolando o campo esportivo e invadindo o político, se cria uma representação de que um golpe para tirar a presidente da república será a solução para os problemas do país.

Esmiuçando nosso entendimento deste fenômeno, partimos da ideia que esse complexo sistema composto por várias partes que formam um todo estão em conflito (SIMMEL, 1983) a todo tempo. Marx Weber (1987) destaca a interação como elemento fundamental na relação social ao indicar que a situação em que duas ou mais pessoas se empenham em uma conduta, cada uma levando em conta o comportamento da outra, é orientada exatamente pela reciprocidade de ações. De forma mais profunda, Simmel volta o

[14] A "Teoria Geral dos Sistemas" foi apresentada pela primeira vez pelo biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy em 1947. Lima (2014, p.449) destaca que este pensamento representou "um avanço considerável da postura da ciência diante da realidade, pois até suas formulações, a partir da primeira metade do século XX, o conjunto de paradigmas – modelos direcionadores do pensamento – científicos predominantes tinha uma base simplista, fragmentadora." Pensar e analisar fenômenos como um todo e não em partes específicas é a principal contribuição da Teoria dos Sistemas que usaremos em nossa parte teórica. Este foco na análise em destacar a importância da dinâmica de interações entre elementos que participam do sistema fomentou uma maior interdisciplinaridade, fazendo com que este pensamento fosse rapidamente incorporado e utilizado na Engenharia, Psicologia, Ciências Sociais, Comunicação e Administração de empresas (LIMA, 2014).

olhar da Sociologia para essas ações recíprocas entre indivíduos que vão construir formas sociais momentâneas após um complexo movimento entre os participantes desta interação (exatamente o que acreditamos acontecer entre os campos). Iniciando com a observação de uma unidade mínima de ação, temos o próprio indivíduo em conflito com seus pensamentos: o que vai dizer, o que não vai, como vai construir sua narrativa para os outros e para si mesmo. É aquela conversa mental consigo mesmo, que pode ser considerada um conflito. É, trazendo para nosso objeto, a "dúvida" do treinador em seguir o que se espera dele no mundo projetado pelos jornais e receber menções positivas ou seguir a "sua consciência" e ser criticado quando não se fez o que se esperava dele. Na Copa de 1966, por exemplo, no conflito entre repetir as escalações que foram vitoriosas em anos anteriores e "modernizar" o futebol nacional, a comissão técnica escolheu "sua consciência", sendo duramente criticada pelos jornais: "Tudo o que pediram esses senhores tiveram. E o que fizeram estes senhores? Complicaram tudo" (JORNAL DO BRASIL, 16/07/1966, p.27).

Nossa argumentação principal é que nas microrrelações, duas partes se conectam e interagem para, em seguida, estabelecerem a relação com uma terceira, passando para a criação de um grupo, que formaria um campo, que, por sua vez, buscará elaborar regras e simbologias para cada contexto comunicacional, definindo "papéis" na interação com os outros campos, grupos, pessoas e indivíduos. Assim, ao não cumprir o "papel" que os jornais designaram à comissão em 1966, por exemplo, projeta-se a ideia de que eles "complicaram tudo". Nessa interação e conflitos são construídas formas de convivência, de unificação, separação e imaginários de ação recíproca[15] (representações, identidades) entre os

[15] Aqui cabe uma ressalva nos termos que usaremos nesta tese. Não consideramos representações e imaginário a mesma coisa. O imaginário seria a "matéria-prima" para as representações. A representação é interpretada por nós seguindo a linha de Goffman (2007), Hall (2010) e Moscovici (2012), compreendendo que ela seria a projeção final do imaginário na narrativa. Isso ocorreria por conta da complexidade e pluralidade do imaginário, que ao ser representado seria "escolhido" apenas uma parte de sua pluralidade. A representação tenta tornar um imaginário singular, "mais familiar" e comum. O jornalismo elabora a representação dos treinadores nas narrativas selecionando apenas uma parte do imaginário, o que para nós seria o desejado pela elite. Moscovici (2012) enfatiza que as representações sociais teriam função de instaurar uma ordem que possibilite às pessoas orientar-se em seu mundo social e controlá-lo, além de fornecer códigos para nomear e classificar, sem ambiguidades, os diversos aspectos da história social e individual, impactando diretamente na interação cotidiana. As representações teriam uma relação direta com os *frames* criados na sociedade (SIMMEL, 1983), também integrando essa rede de interação mútua entre os elementos que abordamos durante o trabalho: narrativas, imaginário, contexto, *frames* e categorizações. Stuart Hall (2010) aponta que a representação seria uma parte essencial do processo de mediação ao articular os sentidos entre os membros de uma cultura. Ela liga os significados simbólicos que construímos em nossa mente ao utilizar o imaginário e as articulações sociais que constroem nossa pré-compreensão do mundo. Hall (2010) realça que cada pessoa entende e interpreta o mundo de maneira individual. A nossa comunicação, então, se torna possível por conta de mapas culturais compartilhados que nos direcionam para uma interpretação de sentido similar. Estamos nos referindo à ideia de pertencimento a uma mesma cultura, fato que nos possibilita criar uma cultura compartilhada de sentidos. Em suma, é através das representações que organizamos, agrupamos e classificamos conceitos, com base no imaginário, e estabelecemos relações entre eles.

interagentes, que vão influenciar no que se espera, se cobra e se desempenha frente ao outro. Para Simmel, o conflito não é nocivo à vida social, pelo contrário, é a condição para sua manutenção e um processo social fundamental para mudanças de forma organizativa na sociedade (SIMMEL, 1983, p.23).

É através das múltiplas interações de uns com os outros, contra os outros e pelos outros que se constitui a sociedade, como realidade inter-humana. Assim, os indivíduos idealizam grupos, formando campos que visam destacar e diferenciar o seu grupo social como hegemônico, moderador de símbolos e sentidos na vida social, política, tecnológica, econômica e cultural. Nesta ótica, determinados grupos sociais elaboram, por exemplo, a ideia da seleção brasileira como representante da nação e do treinador como o comandante desta representação nacional, com critérios que atenderão a seus modelos de sociedade. Em 1938, por exemplo, o contexto da ditadura Vargas insinuava o modelo militar como o ideal para o "líder", surgindo pela primeira vez no *corpus* a categorização "comandante" para se referir ao técnico da seleção, indicando como o imaginário desta figura era moldado pelos jornais em associação direta com os objetivos da elite nacional.

A todo este processo, Simmel dá o nome de *Vergellschaftung*, ou sociação, que teria como base os impulsos dos indivíduos, suas motivações, interesses e objetivos[16]. Simmel destaca que "a sociedade só é possível pela existência das formas de sociação" (SIMMEL, 1983, p.22). Resumindo: na sociação entre campos e nas projeções de narrativas em cada contexto, pretende-se erigir suas classificações como verdades que devam ser seguidas pelos outros campos e seus sujeitos. O que importaria seria a impressão de estabilidade deste processo instável em determinado contexto, para que alguns símbolos e códigos operem sem provocar ambiguidades e sejam seguidos pelo maior número de pessoas, grupos e campos possíveis.

O próprio contexto onde surgiu a concepção de esporte moderno pode ser analisado tendo os conflitos entre campos como "ferramenta" para compreender e refletir sobre as representações plasmadas e enquadradas pelos meios de comunicação sobre tais práticas culturais.

Acreditamos que o esporte moderno e suas representações foram elaboradas com a intenção de padronizar e regular práticas lúdicas - o jogo em sua essência para Huizinga (1971) - dentro do processo civilizatório, principalmente inglês, no período em que detinha uma influência significativa em todo o mundo. O campo político, social e econômico inglês

[16] Esta ideia de impulsos e motivações será melhor trabalhada quando abordamos a questão do imaginário sobre a Copa do Mundo em nossa sociedade no item 2.3.

arquitetou sentidos para o esporte moderno que habitavam o imaginário do “homem inglês” e que deveriam ser seguido pelos países onde exerciam influência.

O esporte como conhecemos hoje nasce no contexto da Revolução Industrial. Norbert Elias (1992) entende o esporte moderno como disciplinador e com papel importante em definir as condutas da sociedade. As práticas esportivas seriam produto e produtor do processo de civilização, atuando como um equilíbrio entre o controle da violência através de regras para a convivência social harmônica e a tensão “excitante” de praticar uma atividade física estimulada pela Modernidade. Assim, antigos esportes populares foram convertidos em jogos modernos, com normas e punições para quem as infringisse. Hilário Franco Júnior (2007, p.25) avulta que o futebol e a Revolução Industrial, baseiam-se na competitividade, produtividade, supremacia do mais hábil, igualdade de oportunidades, especialização de funções, controle do tempo, quantificação de resultados e fixação de regras. Os esportes dariam o vigor necessário ao corpo, a rapidez de raciocínio e a fibra ao espírito, bases na construção da elite britânica, que acreditava estar destinada a governar as regiões conquistadas no mundo, repletas de povos “pouco civilizados” e “hostis”. Nascidos dentro da pedagogia elitista inglesa que, ao longo do século XIX e início do século XX, dominou 20 % dos territórios mundiais e 23 % da população mundial através de seu Imperialismo, não é difícil compreender como os esportes britânicos se espalharam pelo mundo durante este período de dominação econômica, tecnológica, cultural e política (Cf. Franco Jr, 2007). Indo mais além, Gilmar Mascarenhas (2014, p.29) aponta que o futebol foi “o mais duradouro, disseminado e bem-sucedido produto de exportação da sisuda Inglaterra vitoriana”. Nossa ideia do esporte como palco de conflitos e base para a produção de narrativas de determinados campos ajuda a compreender essa projeção do imaginário do “homem inglês” através dos esportes britânicos. Seguindo essa linha e com base na proposição de Florestan Fernandes (2006) de “catalisadores de uma ordem social competitiva” na formação das sociedades capitalistas, Melo et al. (2013, p.84) também entendem que é “fundamental compreender a propagação de uma “ideologia” do esporte, relacionada à naturalização de certas normas burguesas”.

Interessante observar que quem definiu as regras para o “jogo” foi a própria elite inglesa, associando-as, como Franco Júnior (2007) interpreta, ao modelo de produção capitalista do período. Algumas táticas desenvolvidas nos primórdios de futebol também são associadas por Franco Jr, ao contexto político da época. A expansão imperialista explicaria o 1-9 (um jogador na defesa e nove no ataque), totalmente ofensivo que dominou os primeiros anos do esporte. Uma suposta ineficiência deste esquema é apontada pelas vitórias da Escócia,

que jogava num 2-2-6 (dois jogadores na defesa, dois no meio-campo e seis no ataque), sobre os ingleses. A tática dos escoceses se basearia, hipoteticamente, nas características nacionais de ser um país mais preocupado com sua defesa, por conta de ser constantemente invadido pelos próprios vizinhos ingleses. Mudanças táticas mais uma vez se adequavam a contextos, como sugere Franco Jr. (2007), ao citar a adoção do *passing game*, jogo baseado na equipe e que veio se opor ao *dribbling game*, que estaria focado em atos individuais dos jogadores. Seria o jogo solidário de operários contra a forma individualista burguesa de jogar[17]. Aqui, interpretamos, mais uma vez, o esporte como local de conflitos e disputa de narrativas. O autor enumera diversas relações diretas do contexto social, político e cultural com o futebol e sua adoção de regras e esquemas de jogo. Tais reflexões são pertinentes para o desenvolvimento de nossa hipótese, porém, devemos adiantar algumas ressalvas a essas associações metafóricas quase que mecânicas sugeridas por Franco Jr., tentam estabilizar algo instável. Neste "resumo" narrativo, pode-se correr o risco de ignorar as disputas internas no campo que fizeram o jogo passar por alterações, deixando de buscar a compreensão de qual cenário levou este estilo a ser adotado. Essas associações não são mecânicas e diretas e sim confrontadas e negociadas. Como Elias (1992) destacou tal processo é algo complexo, com múltiplos níveis e que ocorrem tanto nos indivíduos quanto na sociedade.

Para compreender essas interações entre pequenos grupos que pretendem exercer influência sobre outros grupos e também sofrem conflitos internos constantemente, a ideia de campo de Pierre Bourdieu (2004a) é um de nossos principais pilares. Para o autor francês, o campo é um mundo social, e faz solicitações e imposições, é independente, com sua própria história e lógica, ao mesmo tempo em que não é totalmente livre por fazer parte de uma estrutura. Contudo, ele não está sujeito a todas as demandas político-econômicas do contexto, por exemplo, ele pode rejeitar pressões externas. Como Martino resume de forma apropriada, o campo "é um espaço estruturado de relações onde agentes em disputa buscam a hegemonia simbólica das práticas, ações e representações" (MARTINO, 2014, p.151). Quanto mais autônomo um campo, maior o seu poder de refração e retradução das imposições. Nas palavras de Bourdieu: "todo campo é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças" (2004a, p.23).

Tais definições reforçam o poder das interações entre os campos e dentro deles também. Quem domina o campo em determinado contexto, define as regras e simbologias do

[17] Nesta interpretação a narrativa sobre o jogo individual estaria baseada no individualismo burguês, diferente da visão de Gilberto Freyre, que mais adiante iremos abordar. Essas diferentes mitologias nos indicam como tais narrativas são adaptadas a determinadas conjunturas e cenários sociais para que façam sentido dentro de cada contexto.

próprio campo, conservando ou modificando seus sentidos. Ao definir as regras, se define "o que é bom", o "que é o correto" e o que seria o "capital simbólico" dentro do campo. Para Bourdieu, este capital seria algo mais amplo. Mais do que associado à esfera econômica, ele coloca o capital como fator das trocas simbólicas, empregando-o "num sistema mais amplo de trocas onde bens de tipos diferentes são transformados e trocados dentro de redes ou circuitos complexos dentro de campos diferentes, e entre eles" (MOORE, 2018, p.136-137). Bourdieu procura afastar da análise econômica a redução de apenas troca mercantil e trazer o capital para uma antropologia mais ampla de trocas culturais. Nesta análise a troca econômica é um tipo e não a totalidade, ainda que seja o tipo mais fundamental.

Deste modo, o capital simbólico seria o "status" adquirido pelo agente dentro do campo. O capital seria também uma forma de consciência que influenciaria diretamente nas ações do sujeito. "O capital pode ser compreendido como a "energia" que impulsiona o desenvolvimento de um campo através do tempo. O capital em ação é o decreto princípio do campo. Ele é a realização em formas especificas do poder em geral" (MOORE, 2018, p.141). Pleitear o que definiria esse capital simbólico é também uma disputa das "regras do jogo" entre os agentes do campo. Ao regular o código da definição sobre o que seria o "importante e essencial" dentro do campo, define-se o capital simbólico. No nosso entendimento esta disputa se dá através das narrativas, que dentro do próprio campo já não se demonstram iguais, e sim, conflitantes. E cada uma dessas narrativas já está carregada pelo imaginário que determinado grupo possui e pretende disseminar para outros campos. É o que veremos no embate entre a concepção da disciplina como a virtude da nação, proposto pelos jornais em 1938, e a premissa do talento nacional e da miscigenação como algo positivo que evidenciará, além da disputa do que seria o "capital simbólico" dentro do campo esportivo (disciplina x talento), a maneira com que a narrativa sobre a participação nacional na Copa do Mundo se estabelece como um palco para disputas destes "modelos ideais" de cada grupo social.

Nesta formulação dos códigos e regras dentro dos campos, temos o que Bourdieu destaca como "distinção". A distinção seria exatamente essas características exigidas e elaboradas por agentes dentro do campo que forneceriam o capital simbólico a determinados agentes. Ela seria um mecanismo social e cultural para, além de fornecer este capital cultural, conceder a tais agentes a maior possibilidade de assumir posições dominantes no campo. Ter a "distinção" seria, além de ter acesso aos bens simbólicos, a capacidade de adquirir capital cultural. O recebimento de capital simbólico seria a recompensa por estar "dentro das regras" estipuladas pelos agentes do campo. No campo esportivo temos determinados gostos (estilos de jogo), o que seria "certo e errado", que, segundo Bourdieu, seriam construídos socialmente

por agentes do campo. Essa construção procura naturalizar o que consideramos “melhor” e “pior”. Nestas escolhas, os agentes que dominam o campo em determinada situação podem estipular que, atualmente, ser um “gestor como Tite” é o fundamental para ser o treinador da seleção, ou seja, um “fato natural” que o distinguiria dos demais e o “autorizaria” a ser o treinador, projetando o “consenso” de sua escolha. Mas em outras situações, ser disciplinador como Adhemar Pimenta era a exigência primordial dos agentes que escolhiam o técnico da seleção, indicando como os campos interagem constantemente, apesar da tentativa de aparentar uma rigidez e imutabilidade dos “gostos” e “preferências naturais”. Como Bourdieu afirma: “o que define a estrutura de um campo num dado momento é a estrutura da distribuição do capital científico entre os diferentes agentes engajados neste campo” (2004a, p.26).

Assim, Bourdieu rechaça a ideia de que o campo seria um sistema, exatamente por não acreditar na rigidez de todo este complexo sistema de interações. O campo não seria uma regra aplicada a qualquer situação, não seria uma fórmula, algo imutável e determinista. O próprio Bourdieu indica que na sua metodologia do campo é difícil definir onde os efeitos do campo terminam. Por isso os campos estão em permanentes batalhas, “onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (HALL, 2003, p.255). Refletir esses confrontos através, por exemplo, de rastros e vestígios comunicacionais presentes nos jornais torna a esfera de visão mais ampla, ao passo que, na explicação simples e direta se enquadra demais algo que pode ser visto por diversos ângulos. A nossa própria pesquisa demonstra como o campo esportivo se alterou e se associou a alguns campos ao longo do tempo. Para nós, mesmo independentes, os campos estão imbricados e em constante interação, como atualmente o campo esportivo e econômico, por exemplo. Falar hoje do capital simbólico de um clube é também falar de seus “balanços financeiros”, reconfigurando e moldando o imaginário sobre as agremiações esportivas. Claro que ter “as contas em dia” é algo benéfico, mas esta interpretação surge como “a” representação positiva de uma entidade. Mais do que isso, na conquista destas posições estratégicas no campo consegue-se arquitetar a “distinção” do clube “financeiramente saudável” frente aos demais agentes do campo.

Na nossa hipótese esta “distinção” seria fundamental na escolha do treinador. Além do seu capital simbólico ser medido pelas suas conquistas (literalmente os troféus adquiridos dentro do campo esportivo) e a forma com que vai se definir o chamado “estilo de jogo” que o treinador mais “gosta”, a elite cultural do esporte usa dos meios de comunicação, seus porta-vozes, para tentar vencer o jogo narrativo, selecionando os atributos desejados por ela para

serem associados ao modelo de liderança pretendido e posto como "correto". A escolha de Zagallo em 1970 após a demissão de João Saldanha passa por este aspecto.

As vitórias de Saldanha nas eliminatórias esbarraram em um modelo de liderança interpretado pela narrativa como "explosivo demais" para uma competição onde a conquista do tricampeonato e uma disputa sobre o qual "modelo" de Brasil seria vitorioso estavam em jogo. *O Globo*, logo após o título em 1970 explicou a saída de Saldanha desta forma: "Acusando um temperamento de não poder resistir ao descontentamento de seus jogadores, à descrença dos dirigentes e às criticas da imprensa, Saldanha apressa sua saída. Um treino com o Bangu enterrou suas ambições de formar o quadro para ganhar a Taça" (O GLOBO, 21/06/1970, p.8).

O fator "trabalhar em grupo" foi a argumentação principal dos jornais ao explicarem a decisão da CBD por Zagallo. Após a conquista evidencia-se tal posicionamento, ressaltando a crise do "modelo" Saldanha e a necessidade de um posicionamento mais cauteloso e de acordo com as projeções da elite: "quando a seleção estava em crise, com a saída de Saldanha, Antônio Passo (diretor da CBD) foi encontrá-lo (Zagallo) em uma rua da Urca e em menos de cinco minutos de conversa investiu-o nas novas funções. (...) A principal arma de Zagallo talvez seja sua cautela e precisão" (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.11). O capital simbólico de Zagallo também surge com a sua distinção e justificativa "natural" para ocupar o cargo: "Apenas 17 dias da viagem para o México, o ambiente era de tensão: quem substituirá Saldanha? Numa desesperada lista tríplice, saiu o nome de Zagalo, (o paulista Dino Sano e Oto Gloria, eram os outros dois)" (O GLOBO, 21/06/1970, p.8). Entre virtudes e defeitos:

> o técnico Zagallo parecia ser indubitavelmente, o homem talhado para dirigir a equipe brasileira na maratona de tensão e resistência no México-70. [...] Mario Jorge Lobo Zagalo, ponta-esquerda bicampeão do mundo, treinador que conquistou cinco títulos expressivos em apenas três anos como treinador de quadros profissionais. [...] Ante esse recorde impressionante de bons resultados, a comissão técnica da CBD não hesitou em elegê-lo para o comando da seleção (O GLOBO, 21/06/1970, p.8).

Logicamente que não sugerimos aqui que a "distinção" de Zagallo e Saldanha se resumem ao que os jornais projetaram. Pelo contrário, o conflito existe, é claro, e essa instabilidade oriunda do conflito intermitente é, em nosso entendimento, ocultada pelas narrativas dos jornais, em uma tentativa evidente de estabilizar e organizar os sentidos que projetam a parte escolhida como "a verdade" sobre a sociedade, esquecendo e jogando à sombra os embates que arquitetam determinadas representações, colocando-as como algo dado e imposto culturalmente e não construído através das múltiplas interações e negociações entre os sujeitos. Desta forma, assim como a sociedade, a narrativa dos treinadores nas Copas

do Mundo seria um sistema "em formação", um "processo", um "jogo jogado" a cada competição, onde cada movimento influenciaria outro, através dos conflitos, onde nada estaria fixo ou acabado (SIMMEL, 1983).

Entretanto, é importante destacar que aceitar essa instabilidade seria conviver com o caos constante e sem referências estáveis nas quais a sociedade não conseguiria operar. Assim, é necessário definir a "realidade", que é entendida por nós como a realidade de uma situação social específica, de sua relação com as estruturas sociais naquele contexto, que constroem um senso comum, sempre momentâneo, mas que define regras para a interação e como interpretar as ações dos indivíduos. É neste processo de estabilidade que se constitui o tecido de significados (BERGER e LUCKMANN, 1985, p.30), fundamental para a sociedade existir. Finalizaremos este tópico apresentando as ferramentas teóricas que nos permitem compreender como a Comunicação atua na formação destes contextos efêmeros e na interpretação do código em cada situação.

Simmel (1983) vai destacar o conflito como ponto-chave para a formação de contextos, com "a produção e modificação de grupos de interesse, uniões e organizações" (SIMMEL, 1983 p.122). Para nós, o conflito pode ser entendido como a própria Comunicação. Exatamente por colocar em contato as formas de se narrar, de se apresentar ao outro, de tornar algo comum e de como o outro vai percebê-lo e compreendê-lo neste processo. Seja o conflito uma cooperação, competição ou submissão (FREITAS, 2016) é nesta interação que as semelhanças (harmonias) e, principalmente, as diferenças (desarmonias) entre as partes se comunicam, se interpretam e se confrontam, formando e construindo a ideia de sociedade, nunca em um sentido único, imposto, de cima para baixo e sim de maneira interacional, articulada e em constantes mutações, associações e embates[18].

Com influência deste pensamento, as ideias do "Colégio Invisível[19]" ou "Escola de Palo Alto" também são determinantes para nós. A Escola possui uma perspectiva interdisciplinar incorporando pesquisadores ligados à Antropologia, Sociologia, Psicologia e Psiquiatria. Gregory Bateson é considerado a figura central deste grupo e propunha uma visão da Comunicação como um sistema, no qual os elementos interagem entre si, não podendo ser reduzido a partes. Bateson vai frisar que a Comunicação é um padrão que conecta todos os seres vivos, interferindo na sociedade e criando um todo integrado. O autor ainda reforça que

[18] Aqui é pertinente citarmos a visão dos Estudos Culturais ao enfatizar a cultura como local de confrontos e não de manipulação. A produção cultural não seria entendida como algo objetivo, baseado apenas no eixo econômico, e sim como um sistema composto de vários elementos em interação e em disputas. Assim, a cultura é um local de embates, como Williams (2011) argumenta de maneira apropriada.

[19] Por não se vincularem a uma única universidade, este grupo de pesquisadores ganhou o nome de "Colégio Invisível" (WINKIN, 1998).

a complexidade do processo comunicacional viria da sua característica de entrecruzar aspectos fisiológicos, intrapessoal, interpessoal e cultural dos acontecimentos, exatamente por ser esse padrão que liga todas as ações. Sodré (2014) destaca que a Comunicação se dá nestes limiares, nesses pontos de encontro. Assim o estudo da comunicação não pode ser isolado, sozinho, como Hall (2016) enfatiza. Por mais que este estudo possa ser independente, é preciso compreender que ele está dentro de uma estrutura e que é o instrumento que coloca em contato os demais participantes. Como o próprio Hall elucida: "agora, mais do que nunca, as comunicações modernas não podem ser conceituadas como externas ao campo das estruturas e práticas sociais, por que são, cada vez mais, internamente constitutivas delas" (HALL, 2016, p.36). Hall vai mais além e reforça o caráter das instituições e relações de comunicação como definidoras e construtoras do social, interferindo no campo político, econômico, tecnológico e cultural, influenciando nas projeções de mundo. A Comunicação estaria dentro de tudo isso, imbricada em todo o processo e não fora dele. Ela seria o fio que ao mesmo tempo em que liga as partes para formar um colar, por exemplo, precisa dessas partes para não ser apenas um fio. As mudanças neste fio (padrões de comunicação: fala, escrita, telégrafo, rádio, TV e internet) que organiza as peças que estariam soltas vão interferir nas demais estruturas e nas relações entre essas peças, que, por conseguinte, vão modificar a sociedade. Exatamente o que constatamos nas "estreias" do rádio e da televisão em Copas do Mundo. Ao inserir um novo "fio", tivemos além do aumento considerável nas notícias (de 57 em 1934 para 256 em 1938 e de 217 em 1966 para 625 em 1970), marcos importantes que interpretamos como o nascimento e o ápice da narrativa sobre o "país do futebol". Logicamente que a Comunicação não é a única responsável, mas a mudança na forma do padrão que conecta as partes foi, para nós, preponderante.

Costurando os conceitos apresentados até aqui, postulamos que através da comunicação (este padrão que conecta), se tem a interação e o conflito e se transforma a sociedade. Bateson estende tal argumentação para as relações da natureza que constroem contextos momentâneos, regulam e equilibram o funcionamento do ecossistema, comparando este funcionamento ao da mente humana. Em síntese: a Comunicação é a matriz na qual se configuram as atividades humanas (BATESON, 1986). Sua ideia de analisar as relações entre essas partes e não eventos isolados nortearam parte de nossa investigação.

Seguindo as ideias basilares de Bateson, os integrantes da Escola de Palo Alto[20] enfatizam que a comunicação seria um "processo de interação no qual significados são

[20] Uma síntese dessas ideias pode ser encontrada no livro a *Pragmática da Comunicação Humana* (1967) de Paul Watzlawick, Janet Helmick e Don Jackson.

produzidos e partilhados pelos interlocutores em contextos" (FRANÇA e SIMÕES, 2014, p.174). O significado do treinador da seleção brasileira em uma Copa do Mundo é um sentido produzido dentro do contexto que a competição suscita em nosso país, diferente de outros países e de outras situações, como os treinadores de clube, por exemplo. O campo esportivo se associa a outros campos, como o econômico e midiático, e, no período de realização da Copa do Mundo, sugere através de suas narrativas (ex: ser brasileiro é torcer pela seleção) que os demais campos, grupos e indivíduos se "ajustem ao tom" que essa junção de campos propõem. Logicamente que alguns campos não vão aceitar passivamente e vão desenvolver narrativas para desconstruir esta ideia, através dos conflitos e interações. Um exemplo recente e bem elucidativo seria o "não vai ter Copa", que buscava indicar outros pontos sobre a competição realizada no Brasil em 2014, que não eram mostrados pela narrativa do campo esportivo, neste caso, simbolizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Association). A todo o momento os campos disputam representações, construções de imaginários e formas de definir regras para a interação em contextos que os favoreçam.

Simmel (1983) enxerga esses embates constantes como integradores na medida em que fornecem aos grupos a oportunidade de reforçar sentimentos de pertencimento, redefinindo posições dentro do próprio grupo (FREITAS, 2016). Trazendo para nosso objeto: em determinada situação comunicacional, o significado associado ao treinador buscaria aglutinar sentidos que destacariam setores que pretendem demarcar sua posição no grupo. Por exemplo: os que defendiam a doutrina militar no campo esportivo buscavam metaforizar a figura do treinador como paradigma de tal pensamento, como podemos inferir na escolha dos treinadores durante a ditadura militar no Brasil, tendo o capitão do exército Claudio Coutinho, na Copa de 1978, como exemplo mais fulgurante. Atualmente, o campo econômico suscita significados que deveriam ser incorporados ao futebol, como o "bom gestor", sendo reproduzido nas narrativas midiáticas como uma suposta "necessidade" deste atributo ao técnico "moderno". A capa da revista *Exame*, publicação voltada para o ambiente empresarial, de janeiro de 2017 traz uma foto do atual técnico da seleção Tite, de terno, com os seguintes dizeres: "As lições de liderança de Tite: Os segredos do técnico da seleção para inspirar e motivar pessoas, extrair o máximo de seu time e entregar resultados sob pressão" (Revista EXAME, janeiro de 2017, p.1). Fica explícita a relação do treinador da seleção com o ambiente econômico e corporativo. Essa atribuição simbólica proporciona uma identificação imediata, facilitando o compartilhamento de ideias entre os membros do grupo e criando pertencimento, como Simmel (1983) destaca.

A ideia de código de Bateson (1986) esclarece esta situação ao indicar que os participantes de uma determinada cultura comunicam não só um conteúdo, mas também instruções e pistas de como interpretar uma determinada mensagem. Em cada contexto se terá uma forma de interpretar o significado das ações. Bateson (1986) define este processo como "aprender a aprender", que seria aprender, dentro de determinado contexto, regras e estipulações. Quando se aprende a interagir dentro de um determinado contexto, fica mais fácil e rápido lidar com as articulações, pois aquele processo já se tornou familiar ao sujeito. Isso faz com que se compreenda melhor comportamentos e as ações dos indivíduos no contexto sobre as Copas do Mundo. O estereótipo de que "homem não chora", por exemplo, pode ser esquecido se o motivo do choro for uma vitória ou derrota da seleção brasileira em uma Copa do Mundo. Dentro da conjuntura da competição e seu imaginário construído no Brasil as lágrimas seriam "aceitáveis" e poderiam indicar um "amor pela pátria" maior do que aquele que "não se emocionou" e não se envolveu de forma vigorosa naquele contexto.

Nesta linha, o entendimento de Blummer (2013) ao compreender a sociedade como interação simbólica vai de encontro com o que queremos elucidar. Blummer interpreta a organização social como uma "moldura" na qual as ações sociais se desenvolvem e não como algo determinante no processo. A moldura da Copa do Mundo não definirá que todos vão se emocionar com a seleção, por mais que a narrativa midiática tente sedimentar este pensamento. A organização social é resultado da atividade humana, com conflitos para estabelecer, organizar e manter as relações sociais, portanto, não é rígida. Seguindo a mesma linha de raciocínio, os indivíduos vão procurar atuar, então, em relação a situações específicas, em contextos, exatamente o que acreditamos que aconteça com os treinadores: a cada Copa do Mundo, novas molduras influenciarão sua representação, sem impor e sim negociando esses sentidos. O que pretendemos deixar claro é que um contexto militar ou de midiatização exacerbada de atores ligados ao esporte, por exemplo, não indicará de antemão que todos os técnicos neste contexto serão "linha dura" ou "celebridades". Um exemplo ainda mais visível no campo esportivo: uma família de torcedores do Vasco pode ter um filho torcedor do Flamengo. A "moldura" vascaína, não condiciona a escolha do time, apesar de não descartarmos uma influência para seguir a "paixão" pelo clube da cruz de malta. Em suma, são outras interações que vão atuar na decisão do filho. Assim, o contexto pode influenciar, mas não determinar, exatamente pelos conflitos existentes entre os campos, que podem modificar e adaptar tais molduras, que de maneira alguma são rígidas e imutáveis.

Neste processo complexo de constantes interações e articulações entre campos, ressaltamos que o desejo de cada campo é que não seja possível articular sem o seu

intermédio. Atualmente, consideramos que os campos econômico e midiático se entrelaçam de tal forma que estabelecem determinadas regras no campo esportivo que influenciam até mesmo mudanças profundas no esporte. O vôlei, por exemplo, que antes era disputado em sets sem vantagem, adaptou suas regras para a duração da partida se tornar mais previsível e se encaixar nas grades de programações televisivas. Alguns podem afirmar que esta mudança também atendeu a preparação dos atletas, que igualmente podiam estimar a duração do jogo. Todavia, julgamos que não é correto defender, por exemplo, uma partida de futebol no verão californiano ser disputada ao meio dia por conta da transmissão televisiva para a Europa, como ocorreu na final da Copa de 1994. Algumas imposições de campos aceitas por outros podem mais prejudicar e estabelecer dependência do que auxiliar o seu desempenho.

Aqui, Bateson (1986) nos auxilia novamente ao destacar que é preciso levar em conta que essa interação com outros campos é necessária para manter estes sistemas complexos ligados entre si. Os campos, com a atuação de seus agentes, não estão isolados e imóveis, eles se articulam nessa comunicação constante entre eles. Uma modificação nesta interação entre os agentes desencadeia ações em outros agentes, e consequentemente aos campos. Retomando o pensamento que o indivíduo interage com outro, e consequentemente formam um grupo, que estará integrando um campo e, no aspecto macro, a sociedade, fica mais claro como as microinterações influenciam as macrointerações. Ao destacarmos a reciprocidade entre campos, seguimos o modelo que compreende a comunicação como uma grande orquestra, onde cada elemento se empenha e participa ativamente, realçando que uma mudança de "tom" de determinado integrante, leva os outros a se adaptarem a esse novo estímulo (WINKIN, 1998). Seguindo a ideia de orquestra, teríamos como exemplo o diferente som de vários instrumentos interagindo para formar uma música. Indo para o nosso objeto: as influências, conflitos e cooperação existentes entre o campo esportivo e outros campos que vão sugerir determinados atributos e sentidos para o líder de uma equipe. Pensamento também defendido por Neil Carter (2006). O autor inglês enfatiza que as mudanças na narrativa sobre os treinadores passam não só por alterações naturais do futebol, mas também pelas mudanças sociais. A cada contexto construído por essas interações pode-se produzir um novo significado para determinadas representações, que nunca será definitivo. Analisar um período histórico amplo tendo como foco esses movimentos entre campos nos auxiliam na percepção desta ideia.

A complexidade da narrativa do "país do futebol" se dá por esses conflitos. Em 1938, por exemplo: a linha narrativa de reforço da disciplina, tipificada em Ademar Pimenta, teve que se adaptar às circunstâncias e exaltar o talento de Leônidas. O "tom" e o capital simbólico

de Leônidas levaram os “outros instrumentos” a tocarem a “sua música”. Já em 1970, por exemplo, tivemos a incorporação da preparação física, por intermédio de Zagalo, quando o talento, simbolizado em Pelé se apresentava como o maior atributo. O que nos ajuda a compreender os movimentos pendulares entre disciplina ou talento durante as competições.

Para Bateson (1986) as adaptações após as interações e conflitos entre os campos são relevantes para que um determinado campo não se extinga. Bateson entende que ao se deparar com situações fora dos padrões estabelecidos anteriormente pelo sistema, existe um conflito para se adaptar, absorver ou rejeitar essas novas informações, tornando o sistema mais complexo e mais “preparado” para reagir a esses novos dados, se comunicando melhor nas interações futuras. Este pensamento pode ser resumido com a ideia de que a comunicação se dá na diferença, ou seja, similar à ideia de “conflito” de Simmel (1983) e que consideramos pertinentes para a nossa noção de comunicação nesta tese.

Muniz Sodré indica de maneira mais clara esta proposição:

> a comunicação seria o conjunto de placas tectônicas sob a superfície comum. Elas, como suas congêneres geológicas, são essenciais, mas não eternas na constituição ou em alinhamento. Podem deslocar-se por efeito daquilo que, no pensamento marxiano, aparece como *Wechselwirkung*, ou seja, ação reflexa, de retorno da superestrutura sobre o que supostamente a determina ou que, na Teoria Sistêmica, se descreve como retroação (SODRÉ, p.16, 2014).

Nesse necessário rearranjo entre pessoas, campos e do próprio sistema, entendemos a comunicação como a principal força organizativa de tais relações (SODRÉ, 2014). Retomando Bateson (1986), seria “o padrão que conecta”.

Estipular as regras deste padrão de conexão durante esta constante disputa concederia uma ampla vantagem a um campo. Para “definir as regras do jogo” a narrativa atuaria como uma “ferramenta poderosa”. Veremos no subitem a seguir como as interações e conflitos entre campos deram o “pontapé” inicial no processo narrativo sobre o papel dos treinadores no Brasil, formando contextos que moldaram seu conceito até a Copa de 1930, a primeira a ser analisada.

1.1.1 A figura do técnico em contextos comunicacionais

Consideramos que as associações automáticas entre contexto e futebol acabam resultando em estereótipos que são acionados pelos meios de comunicação quando se pretende realizar uma compreensão imediata de determinada situação. Giulianotti afirma que:

> existe um “círculo hermenêutico” entre usar essas partículas da vida social para compreender o contexto social mais amplo e usá-lo para explicar umas de suas características particulares. O futebol e outros tipos de práticas esportivas não são “dependentes” da sociedade mais ampla; são influenciados pelo contexto social mais amplo e ao mesmo o tempo o influenciam (GIULIANOTTI, 2010, p.11).

A centralidade cultural do futebol, por ter sido elemento de mobilização na edificação dos estados nacionais modernos, lhe concedeu uma importância simbólica profunda, por isso é constantemente usado por alguns campos para produzir imagens e narrativas verossímeis a sociedade. Todavia, ao tomar emprestado suas simbologias, outros campos incorporam suas linguagens, sendo influenciados pelo futebol. Expressões como: “dando bola”, “bola dentro”, “bola fora”, “partir para o ataque”, ficar na defensiva”, “vestir a camisa” povoam a linguagem popular, indicando como o futebol proporciona signos que, por serem compartilhados por uma grande parcela da sociedade brasileira, são incorporados à linguagem cotidiana. Assim, além de influenciar, o futebol mantém sua dependência, conforme Giulianotti define de maneira apropriada: “o futebol é certamente modelado por e dentro de uma sociedade mais geral, mas ele produz seu próprio universo de relações de poder, significados, discursos e estilos estéticos” (GIULIANOTTI, 2010, p.167).

Este autêntico “jogo” entre campos pode ser exemplificado com os sentidos proporcionados com a chegada do futebol no Brasil. Victor Andrade de Melo (2009) ressalva que a migração favoreceu e induziu a prática esportiva no país. Juntamente com os portos, fábricas e ferrovias trazidas pelas empresas britânicas, penetravam nos países sob sua influência fenômenos sociais e culturais ingleses. A ideia de modernidade era recebida com este conjunto de condutas que logo foram adicionados pelas elites nacionais a seus costumes. O esporte chegava com um sentido de sofisticação e civilidade, evidenciando uma posição social de destaque ao praticante e, sobretudo, um *status* de modernidade (SILVA, 2014). Melo (2009, p.46), destaca a simbiose da vontade dos estrangeiros em continuar o padrão de sociabilidade através dos jogos, modelo comum a eles, com o desejo dos brasileiros em reproduzir hábitos culturais europeus. Portanto, havia uma predisposição para que estes diferentes campos entrassem em contato e fossem mutuamente influenciados. Falamos aqui de um jogo de trocas entre os imigrantes e os brasileiros por entendermos que, apesar do contexto favorável, a absorção de tais práticas não foi totalmente passiva, e sim repleta de constantes ressignificações e disputas em torno de sua legitimação.

Dentro dos sentidos provocados pela doutrina esportiva inglesa, a ideia do corpo como algo impuro é rejeitada pelas ideias iluministas. Este pensamento foi um dos primeiros embates existentes no Brasil da época, já que sendo um país agrário e com heranças intensas

do escravismo, associava-se o corpo modelado e forte ao trabalho pesado e consequentemente às classes subalternas. Apesar dos jovens brasileiros, que iam estudar na Inglaterra, aprenderem nas escolas tais práticas esportivas como higienistas, foi preciso tornar comum esta ideia do corpo esportivo como algo distinto para a sociedade na época. Notamos aqui que a construção social de uma representação passa por uma ideologia que pretende ser dominante e tornar familiar o que não era familiar para a sociedade (MOSCOVICI, 2012), transformando-se em um "senso comum". Essas disputas entre campos e subcampos na elaboração de sentidos, que vão respaldar grupos sociais, serão intensas ao longo da consolidação do futebol no Brasil.

É interessante notar que a mesma prática higienista provocou mudanças no cenário da então capital federal. Foram removidos morros e cortiços na acepção de tornar a cidade "mais habitável" e os banhos de mar passaram a ser acolhidos e defendidos como solução para problemas de saúde, provocando um desenvolvimento na região da Zona Sul da cidade, que era margeada pelo Atlântico[21] e pela Baía de Guanabara. Esta "aceitação" da praia propiciou também o surgimento e crescimento dos clubes náuticos, que, em breve, dariam origem a departamentos de futebol, como por exemplo, Vasco, Flamengo e Botafogo. Essa fundação de associações esportivas designavam, em alguns casos, a influência dos imigrantes em manter suas práticas esportivas e ajudaram a fomentar os esportes no Brasil.

Mais do que isso, os esportes ingleses vinham imbricados do sentido de modernidade, a qual a sociedade brasileira pretendia adentrar. O pensamento-chave para nós é destacar o futebol como um elemento da Modernidade, que foi se enraizando no imaginário nacional. Tanto assistir quanto praticar este esporte se traduzia em "ser moderno". Souza (2008) salienta que para o homem de elite se destacar era necessário ter um bom porte físico e atlético, mudando a concepção do corpo na sociedade, que agora se associava a prática de esportes, ou seja, desempenhar atividades consideradas saudáveis. Todavia, o espírito amador, cavalheirismo e o *fair play* regiam tais significados, ao mesmo tempo em que procuravam suprimir outros setores sociais da prática deste "esporte da elite". As classes populares que eram excluídas da vida política nacional eram igualmente alijadas do esporte bretão. Questões raciais comumente endossavam os argumentos de uma aristocracia que não pretendia dividir espaços sociais e políticos com outros atores sociais vindos do interior do país, operários, imigrantes ou recém-libertos da escravidão. Com isso, grande parte dos clubes de futebol iam

[21] Para melhor entendimento deste processo e suas significações na sociedade carioca ao longo da primeira metade do século XX, destacamos o trabalho de Julia O'Donnell, *A Invenção de Copacabana* (2013).

se formando com filhos da elite nacional[22]. Nesta conjuntura qual seria a representação do treinador de futebol?

Os treinadores destas equipes cumpriam um papel diferente do conhecido atualmente, já que os atletas eram amadores e não treinavam antes dos jogos. Além disso, a condição mais voltada para uma prática no sentido de distinção social (BOURDIEU, 2007a) do que competitividade não designava uma relevância maior ao técnico. Destacamos que não queremos sugerir que não existia uma competitividade entre os clubes e sim aventar que ela era menor do que no contexto profissionalizante que o esporte ingressaria mais adiante. As vitórias funcionavam como aquisição de um prestígio social da agremiação. Propomos que o significado da função do treinador seguia o caráter de organizador da equipe, definindo quem jogaria, mantendo a disciplina, não deixando o "ar nobre" dos *sportmen* ser dissipado e, na maioria dos casos, usando sua experiência como ex-praticante no ensinamento de ações em campo, como um professor do esporte que ainda não havia se disseminado massivamente. É possível, e sugerimos esta interpretação, passível de ser pesquisada em outra oportunidade, que o termo "professor" para designar o treinador de futebol viria por conta desta situação. Nota-se aqui que o controle da elite nacional no campo esportivo tornava conveniente tal representação do técnico. Desde a chegada dos treinadores no Brasil, a elite nacional, que comandava o esporte e os clubes, escolhia quem seria o treinador, definia quais atributos seriam necessários e qual a função desta personagem[23].

O primeiro clube nacional a ter um treinador foi o AC Paulistano, que em 1907 contratou Jack Hamilton. O Paulistano era reconhecidamente um clube da elite de São Paulo, com os valores de amadorismo bem fortes, inclusive abandonando o futebol quando o esporte foi profissionalizado no país por entender que com a profissionalização havia se perdido os "nobres valores do esporte", com a participação de jogadores "impuros" que aceitavam jogar

[22] Aqui é importante destacar o trabalho de Gustavo Santos da Silva que no livro *Proletários da Bola: The Bangu Athletic Club e as lutas de classes no futebol da primeira república (2017).* Silva mostra como os clubes chamados de "operários", que tiveram sua origem em fábricas com o domínio inglês, tiveram uma disputa mais intensa entre essa elite e os trabalhadores. O Bangu, por exemplo, foi destacado como um paradigma do estabelecimento do futebol por meio dos seus funcionários. Em 14 de maio de 1905 a presença do negro Francisco Carregal, funcionário da fábrica e que completou o time dos diretores para jogar contra o Fluminense, foi considerada um marco tanto da disputa entre um "clube da elite" contra um "clube dos trabalhadores", como também na presença do negro em uma partida de futebol. Ao longo das primeiras décadas do século XX, o Bangu representou um projeto distinto dos clubes da "elite" carioca, contrariando a intenção de seus diretores de formar "sportmens", e indicando uma "vitória" do imaginário dos trabalhadores ao criar uma "cultura futebolística" baseada no contexto da comunidade de operários que vivenciava diariamente o clube no estádio, ou seja, na esfera lúdica que o esporte proporciona e não na organização da própria fábrica. Este exemplo deixa mais cristalizado a nossa ideia de como os contextos e essa negociação nos rituais cotidianos ajudam a moldar determinados imaginários.

[23] Aqui é importante destacarmos que existia uma participação popular no futebol e nos clubes, contudo, os espaços de controle: presidências, diretorias e o cargo de treinador eram ocupados apenas por membros desta elite, ou escolhido por elas.

por dinheiro (FERNANDEZ, 2016). Neste viés, ter alguém para ensinar aos "filhos da elite" como se portar em campo seria a função principal de Jack Hamilton e um "diferencial" do clube, tornando seu "ar nobre" mais robusto. Era como ter um tutor para ensinar algo "nobre" e "moderno" aos filhos. Interessante que Hamilton era profissional e foi pago pelo "serviço". A passagem de Hamilton pelo Paulistano se parece com a da maioria de seus colegas de profissão atual: treinou o time por apenas três meses e depois voltou para o Fulham FC (Inglaterra). Mas ele não saiu por conta de resultados adversos e sim por, segundo a diretoria, já ter cumprido o seu "papel de ensinar" aos praticantes alguns valores e técnicas de jogo típicas do país inventor do esporte, fomentando ainda mais o ar de "moderno" e "nobre" do clube, que estaria alinhado às "novidades" do futebol.

O Fluminense, clube também com caráter aristocrático e da elite carioca, contratou em 1911 o técnico inglês Charles Willians, que já havia treinado o time da Dinamarca para os Jogos Olímpicos de 1908 (a equipe nórdica foi vice-campeã, perdendo para a Grã-Bretanha na final), além de outros clubes escoceses. Podemos inferir que o capital simbólico (BOURDIEU, 2004) do treinador de "sucesso", baseado em seus resultados anteriores influenciaram na sua escolha pelo clube carioca. Fernandez (2010) ressalta a contradição de trazer um profissional para treinar os amadores do tricolor e as narrativas da imprensa que traziam à tona a "vantajosa" proposta do clube brasileiro, que teria feito Willians decidir pelo Brasil, ao invés de ficar no Reino Unido. O salário seria de "18 libras por mês e todas as suas despesas de moradia e alimentação seriam pagas pelo Fluminense" (FERNADEZ, 2010, p.55). Este trecho do jornal, *O Paiz* do dia 17 de março de 1911, destacado por Fernandez (2010) deixa bem claro a função pedagógica do *trainning*:

> Mr. Charles Williams chegou ontem pelo Oropesa (navio) o *entreineer* que o Fluminense fez vir ao Rio, a fim de **educar** seus associados na arte do sport. Sabemos, é Charles Williams um apto foot-baller **conhecedor de todos os segredos** e recursos do violento sport. Domingo próximo dará o primeiro **ensaio aos seus alunos** no famoso ground da Rua Guanabara (O PAIZ Apud FERNANDEZ, 2010, p.55, grifos nossos).

Este processo de inserção de instruções de como praticar, com a representação do treinador, como de difusão do esporte no Brasil é destacado por Gambeta (2015) como "pedagogia da bola". Os primeiros treinadores eram também professores de ginástica e acreditava-se que suas técnicas de ginástica corporal, melhorariam a saúde dos atletas, consequentemente ajudando na performance em campo. Carmen Soares (2004, p.6) destaca que a própria Educação Física aparece como "expressão física da sociedade do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo

saudável.” É possível sugerir que o nome “técnico”, mais difundido no Brasil do que em outros locais (países com influência hispânica: *entrenador*, países com influência britânica: *manager/coach*, Itália: *allenatore*) vem desta ideia do indivíduo que tem “técnicas” para ensinar o esporte e compreendê-lo. No item 1.5 vamos nos debruçar de modo mais profundo na questão da técnica no esporte.

Segundo Franco Jr. (2007), o costume de se ter “professores” no futebol surgiu em 1874: Tom Rawthorne no Bolton Wanderers da Inglaterra e Tom Slaney no Stoke City, também da Inglaterra. Durante um longo período, o técnico acompanhava a partida à distância não podendo interferir imediatamente. Em 1922, o Aberdeen da Escócia introduziu um banco para o treinador da equipe, Donald Colman, na lateral do campo e criou um espaço emblemático que se transformaria no alvo principal do descontentamento dos torcedores. Ressalta-se que não eram permitidas alterações, ficando o papel do “manager” restrito aos treinamentos antes da partida. Ainda não eram permitidas instruções a beira do gramado como se vê hoje, assim, o “professor” deveria permanecer sentado no banco.

Ainda com forte influência britânica no campo esportivo brasileiro, os sentidos de Modernidade e a entrada do campo econômico no esporte, emolduraram um novo contexto que modificou alguns sentidos do futebol durante seu processo de profissionalização no Brasil. Este processo refletiu nos significados sobre treinador abordados pela imprensa, principalmente por aliar a ideia de amadorismo a um atraso que um “país moderno” não deveria aceitar.

A própria modernidade que o Brasil estava prestes a adentrar, proporcionou um contexto favorável a mudanças no panorama político, econômico, social e também esportivo no país. Com a mudança de um país agrário para urbano, as fábricas inglesas exerceram um papel importante na concentração da população nos centros urbanos. Os operários, que viam os diretores praticarem o futebol, paulatinamente também começaram a perpetrar neste esporte e em pouco tempo ele se espalhou pelo país. Todavia, não só as fábricas surgiram como berço do esporte e sua difusão no Brasil. Mascarenhas (2014) entende que os portos brasileiros também contribuíram para alastrar o esporte bretão pelo país. Com a forte influência naval inglesa, marinheiros aproveitavam o desembarque para praticar o esporte, que já na Inglaterra, por mais que a elite relutasse, era praticado por outros setores da sociedade e desde 1885 tinha se profissionalizado. Deste modo, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Bahia e Rio de Janeiro também recebiam, através das regiões portuárias, o futebol.

Concomitante a esta expansão do esporte bretão no Brasil, a concentração urbana nas cidades e a ascensão de demais setores suscitavam um maior debate entre ideologias e a acomodação social desses diferentes grupos. As elites passaram a se sentir ameaçadas com esta nova conjuntura e as sucessivas crises no café, que teve seu apogeu em 1929, apontavam para uma queda de importância das oligarquias cafeeiras no cenário nacional. Neste contexto, a década de 1920 se torna importante na fomentação dos debates em torno da construção da identidade nacional. Eventos importantes como a Semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista, a Exposição Universal, a chegada do rádio, a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do Partido Comunista Brasileiro, todos em 1922, indicavam um novo arranjo político, social e cultural que começava a ganhar força no Brasil. O momento era de uma iminente ruptura com antigas ideologias e correntes políticas.

Também neste período, a presença de jogadores oriundos de classes populares em equipes de futebol e o sucesso das mesmas, como o caso do Vasco em 1923[24], propiciava discussões em torno da suposta distinção social do amadorismo e do presumível caráter integrador do profissionalismo. Lopes (1994) destaca que o jornalista Mario Filho defendia o profissionalismo como meio de emancipação dos negros na sociedade. No nosso entendimento, tal posição foi evidenciada em suas colunas, alavancando o debate em torno do tema (MOSTARO, 2017). Os demais clubes acusavam o Vasco de "amadorismo marrom" ao empregar jogadores nas empresas e comércio dos sócios do clube. Os atletas, negros e brancos semi-analfabetos, poderiam se ausentar do emprego para treinar com o "entraineur[25]" uruguaio Ramón Platero[26]. A crítica dos outros clubes era que com melhor preparo físico que os adversários, eles venciam as partidas. Notamos aqui como a ideia de preparação para a partida era rechaçada pelos setores que defendiam o amadorismo. O treinamento seria algo extracampo, quase que um "doping", algo ilegítimo de ser feito, já que os amadores não teriam tal "vantagem". Neste sentido, o técnico surge como alguém que tiraria a pureza do amadorismo ao treinar seus "comandados"; por outro lado seu papel ganha destaque para os que defendiam o profissionalismo. Aqui fica nítida nossa proposição de que cada campo

[24] Para maior detalhamento das narrativas sobre o sucesso do Vasco no Campeonato Carioca de 1923, ver: HELAL e PEREIRA, *O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições* (2011).

[25] Essa era a expressão usada nos jornais cariocas para os técnicos.

[26] Platero foi campeão Sul-Americano com o Uruguai em 1917, campeão Carioca com o Fluminense em 1919. Também treinou o Flamengo em 1921, Botafogo em 1927 e o São Paulo em 1940. Platero chegou a treinar a seleção brasileira de futebol no período de preparação para o Sul-Americano de 1925, mas não comandou o time no torneio ficando a função de "director técnico" destinada a Joaquim Guimarães.

pretende moldar o imaginário sobre essa personagem através de suas narrativas e de acordo com o que lhe fosse, naquela situação, apropriado[27].

A crise teve reflexos importantes no cenário do futebol carioca, com a não inclusão do Vasco na Associação Metropolitana de Esportes Amadores (AMEA), que foi criada em 1924 pelos demais clubes, sob a alegação de não possuir um estádio próprio[28] (PRONI, 2000). Todavia, Santos (2006) destaca o caráter elitista da entidade ao definir as regras de inscrição dos jogadores amadores. Segundo o estatuto da AMEA não seriam aceitos: "os que tirem seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a que predomine o esforço físico; os que não saibam ler ou escrever corretamente; os que habitualmente não tenham profissão ou empregos certos" (SANTOS apud AMEA, 2006, p.38).

Aqui, é importante destacarmos as ligas e associações de futebol como órgãos legitimadores da prática esportiva[29]. Podemos interpretá-las como Melo et al. (2013) destacam, elementos estratégicos de convivência e exclusão. Dentro do campo esportivo, obter o controle dessas instituições possibilita gerir as regras e a cada contexto, direcionar as ações para interagir com determinados campos. Pode-se, por exemplo, definir o perfil do atleta, como se fez nesta oportunidade, ao negar a participação de "profissionais" e até excluir um clube, como foi feito com o Vasco. Também fica a cargo dessas instituições definir tabelas, números de jogos, fórmulas de disputa, impactando diretamente no campo econômico dos locais nos quais ela está inserida. A escolha FIFA do país sede da Copa do Mundo é um bom exemplo deste cenário. Além de realizar as imposições para que um clube seja "dono" do atleta através da lei do passe e flexibilizá-la quando conveniente para atender a uma demanda do campo econômico de troca rápida e circulação de mercadorias, no caso, os jogadores, como vemos no cenário atual[30]. O que é mais interessante notar é que durante toda a existência do futebol no Brasil, tais instituições tiveram sob a tutela da elite nacional, que

---

[27] Aqui destacamos que este conflito já se evidenciava na seleção brasileira. A derrota no Sul-americano de 1917 foi marcada pelo desentendimento entre atletas paulistas e cariocas, por conta da escolha do capitão da equipe: Silvio Lagreca (paulista) e Chico Neto (carioca). Na chegada ao Rio de Janeiro, foi proposta uma modernização da estrutura do futebol nacional e da seleção. Chegou-se a conclusão que o reconhecimento externo da seleção viria em função de uma melhor preparação e de um técnico que pudesse orientar os jogadores (trainer). Ainda que rechaçada de forma veemente pelos setores que defendiam o amadorismo, a ideia já circulava no ambiente da CBD.

[28] Aqui é meritório destacar o significado coletivo que o esporte proporciona. Os sócios do Vasco se mobilizaram em uma campanha de arrecadação para a construção de um estádio próprio e em 1927, São Januário foi inaugurado com um status de "maior da América do Sul" com capacidade para 35 mil torcedores. (Franco Jr, 2007)

[29] Para um aprofundamento da formação das Ligas e Federações no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX ver: Napoleão (2006) *História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941).*

[30] Para uma análise desta rotatividade dos jogadores no cenário contemporâneo, ver Rial (2008) e Coelho (2009).

regularia o jogo extracampo[31], definindo, dentre outros fatores, o perfil do treinador da seleção.

Todavia, o futebol àquela altura já tinha se transformado em um mobilizador social eficiente, tendo o Sul-Americano de Futebol de 1919 como um marco de sua popularização[32] (SEVCENKO, 1994; SARMENTO, 2013). As fábricas agora financiavam as equipes com o intuito de criar uma unidade e agregar os funcionários em torno de uma coletividade. Alguns empresários passaram a subsidiar clubes e pagar salários aos atletas. Jovens vindos de camadas populares viam no futebol uma oportunidade de ascensão social. Aliado ao início das transmissões esportivas pelo rádio e da intensificação das notícias esportivas, capitaneadas por Mario Filho no Rio de Janeiro e Thomaz Mazzoni em São Paulo, o esporte se transforma em um campo de forte influência na vida social, política e econômica no país. Segundo Melo (2009, p.73), ao ampliar a possibilidade de participação popular, a prática esportiva se insere na lógica da cultura de massa, "e os populares começam a também poder praticar, não somente assistir." Neste ponto indicamos que o campo esportivo adquire uma força que o faz exercer influência em outros campos e seus agentes passam a possuir um significado mais contundente em outras esferas. Os jogadores se tornam ídolos e exemplos nacionais, atingindo a esfera social, e também garotos-propaganda, no caso de Leônidas da Silva, invadindo o campo econômico, por exemplo[33]. Para nós o papel dos meios de comunicação nesta robustez do campo esportivo é decisivo, como veremos adiante.

Vimos como a situação social da chegada do futebol no Brasil e suas modificações projetaram sentidos ao nosso objeto. Narrar a concepção de determinado campo como hegemônica funcionaria como uma legitimação simbólica deste poder moderador, instituindo as regras e simbologias elaboradas por este campo como a "correta", regulando a "realidade social" (BERGER e LUCKMANN, 1985). Assim, se torna decisivo cristalizar e estabilizar este poder pelo maior período possível, articulando sentidos e significados para exercer essa influência.

---

31 Helal (1997) destaca em *Passes e Impasses* a primeira alternativa a este controle da CBF no futebol nacional com a criação do Clube dos 13.

32 Carlos Eduardo Barbosa Sarmento destaca que com a competição "o esporte reafirmou sua condição de meio de expressão das construções imaginárias acercada identidade nacional" (SARMENTO, 2013, p.32). Além disso, destaca uma linha de raciocínio que se coaduna com a nossa: "o caráter lúdico e popular do futebol foi fortalecido" (SARMENTO, 2013, p.32).

33 Após o sucesso do jogador na Copa de 1938, sendo o artilheiro da competição, os jornais franceses passaram a chamá-lo de "Diamante Negro". Aproveitando esta projeção midiática e toda a atmosfera que envolveu a competição (que abordaremos adiante), a fábrica de chocolates Lacta pagou dois contos de réis ao jogador para "emprestar" seu apelido a um chocolate que é comercializado até os dias atuais. Esta é considerada a primeira experiência de marketing esportivo no Brasil (RIBEIRO, 2010).

Aqui, compreendemos que o papel da narrativa é o ponto crucial para arquitetar simbologias, classificações e moldar imaginários que servirão a campos específicos, consolidando e implantando suas ideologias. Com o auxílio dos meios de comunicação que, de maneira exponencial, proliferam, através de angulações e enquadramentos desses processos, determinadas representações surgem como modelos de conduta, enaltecendo alguns elementos de determinados campos e agentes e preterindo outros, moldando esta representação. No item seguinte vamos analisar exatamente este processo de construção de narrativas, apresentando nossos "óculos para lermos" esse jogo.

1.2 **O *ludens* Narrativo**

As narrativas são o tecido vivo que articulam e estabilizam a atividade humana (BATESON, 1986). Se não fosse o poder da narrativa sobre as Copas no Brasil e sobre a seleção brasileira, nosso objeto de estudos não seria tão relevante na narrativa midiática. Ao realizar um panorama histórico de como foram narrados os treinadores da seleção nas primeiras nove Copas, julgamos necessário apresentarmos o que entendemos como narrativa. Dois autores serão basilares neste tópico: Paul Ricoeur e Luiz Gonzaga Motta. Motta se baseia em Ricouer na estruturação do seu entendimento da narrativa e como analisá-la de forma crítica. Além disso, Motta traz essas reflexões de Ricoeur para a narrativa jornalística, realizando uma ponte determinante para nossa tese. Desta forma, vamos articular essas ideias, trazendo outros autores também importantes no entendimento deste processo narrativo.

Acreditamos que a narrativa é um modo de expressão universal, algo necessário tanto para os campos se manifestarem e exercer o contato com outros campos, quanto para se situarem e organizarem suas ações, sentidos e concepções de sociedade. Indo além: eles constantemente buscam expandi-las para fora de seu campo, tendo o objetivo tanto de influenciar os demais, quanto de demarcar sua posição, como já ressaltamos. Motta (2013) destaca que cada grupo elabora representações próprias, em uma ideia de se opor a outras, agindo estrategicamente, ora avançando, ora recuando, conquistando e cedendo.

Desta maneira, os campos, grupos e indivíduos que compõem a sociedade operariam neste jogo mediante as narrações. Ela seria a principal "arma" nas interações e nos conflitos, exatamente por erguer guisas de se estabelecer como grupo e sujeito frente aos outros. O processo narrativo funcionaria como uma estrutura vital que vai fornecer o sentido das experiências humanas de cada grupo, organizando e produzindo significado às ações humanas. Para Ricoeur (2010) narrar é a capacidade humana de se apropriar do mundo. Ao se

narrar se ordena o mundo e, assim, pode-se compreendê-lo e agir sobre ele. Nas narrativas nos produzimos e nos construímos, erguendo valores morais, leis, costumes, crenças, instituições e códigos, dando sentido à vida. É através da narrativa, seja pessoal, de grupos ou de campos, que se organizam modos de pensar, se constituem e elaboram identidades, representações, culturas em um determinado espaço e tempo. É também pelas narrativas que se convencionam modos de agir e de se comportar em cada situação social. Elas buscam organizar, legitimar e estabilizar o mundo construído pelo narrador, além de sugerir explicações para os que não se portam da maneira "correta". Assim, as narrativas sobre os treinadores nos indicariam não só o que se espera deste "professor" durante a Copa, mas também o que alguns campos articulam e tentam proliferar como o modelo correto de "líder".

A narrativa funciona, então, como um processo de constituição de realidade, articulando vários elementos para formar significados. Ela cria mundos em associação com o imaginário, por exemplo, configurando relações de poder e disputas pela interpretação de cada sentido. Ela demarca o que seria o "senso comum", o "natural", o consenso e o que será familiar a todos, ao mesmo tempo em que frisa o que será o "desviante", o "não familiar", o "diferente", o "outro". Neste exemplo a seguir, a competência para o cargo de treinador não é mais relevante do que reunir os atributos "comuns" ao "líder" que a elite objetivava na conjuntura da Copa de 1970: "Ninguém considera Zagalo um técnico excepcional. Sabe-se porém, que sua capacidade de liderança é incontestável, se tendo manifestado durante toda a campanha" (O GLOBO, 21/06/1970, p.8).

Essas construções narrativas não são ingênuas, muito menos um objeto acabado e finalizado como se tenta apresentar, elas são um processo, assim com a sociedade, em constante elaboração e reelaboração pelos conflitos e interações entre os campos, onde "a força política e simbólica de um grupo hegemônico jamais penetra todos os recônditos da sociedade, nem impede manifestações culturais contra-hegemônicas" (MOTTA, 2013, p.23).

Em 1962, por exemplo, exaltar a disciplina representada pelo treinador Aimoré Moreira conflitava com as atuações de Garrincha, baseadas, segundo a própria imprensa, no improviso e na sua genialidade. Naquele contexto, a narrativa, que se projetava como efusiva à disciplina e preparação, se ajusta ao "tom" de Garrincha, com maior capital simbólico e sendo o "solista", deixando o treinador mais à sombra, o que resultou na Copa do Mundo com o menor percentual de menções ao nosso objeto de estudo em todo o *corpus:* 13% das notícias sobre a seleção.

Desta maneira, o modelo que adotamos se justifica exatamente por ir de encontro à formação de contextos que apresentamos anteriormente. Tal processo é complexo e engloba

uma série de fatores que vão interagir e determinar os sentidos da narrativa. Aventamos aqui esquemas interpretativos que, obviamente, são didáticos e não se propõem a enquadrar o amplo processo comunicacional. Fazer isso é limitá-lo, desconhecer e minimizar seu valor e características peculiares de se adaptar a cada situação enfrentada, o que proporciona nuances narrativas. Temos consciência de que nosso objeto de estudo é instável, portanto nosso modelo deve ser flexível para conseguir captar tais mudanças. Salientamos que a divisão da narrativa em um item próprio serve apenas para tornar mais didático nosso pensamento e não por acreditarmos que todo o processo que descrevemos no item anterior é separado ou ocorre paralelamente ao processo da narrativa que aqui vamos descrever. Eles se articulam de forma constante, em ações recíprocas de influência mútua, assim como a formação do imaginário e categorizações, formando um todo integrado, como iremos demonstrar.

Nosso modelo se apresenta com base na ideia de Paul Ricoeur, que a partir do conceito aristotélico de mimese[34], propõe a existência de três processos miméticos mediando a relação entre tempo e narrativa. Um tempo pré-configurado (Mimese I), se transforma em um tempo refigurado (Mimese III) pela mediação de um tempo configurado (Mimese II). Mais a frente vamos detalhar os primeiros dois processos (Mimese I e II), que julgamos fundamentais em nossa análise. O conceito de narrativa de Ricoeur (2010) não se traduz em um gênero literário ou midiático, mas pode ser entendido como um modelo teórico de comunicação (BARBOSA, 2006; MOTTA, 2013 e MATHEUS, 2014). Ricoeur compreende a narrativa como uma ferramenta de interpretação da realidade que evidencia a ação do sujeito ao produzir sentido sobre as múltiplas textualidades.

Compreendemos a narrativa neste trabalho como uma dinâmica constante de trocas, um jogo, principalmente entre o mundo do leitor e do autor. A narrativa é uma relação de coconstrução de sentidos entre os interlocutores da interação, como defende Motta (2013). O impulso pelas narrativas é humano, é um impulso para conflitar e interagir, nos mostrar para os outros e indicar como queremos que os outros nos vejam e nos tratem. A narrativa pretende "atrair, envolver e convencer o interlocutor, trazê-lo para o jogo da coconstrução compartida de sentidos (ainda que muitas vezes essa cooperação possa ser conflituosa)" (MOTTA, 2013, p.11). Logo, o processo narrativo é uma forma de conflito, o que o aproxima nossas bases teóricas entrelaçando a ideia de conflito, interação e narrativa que aqui apresentamos.

[34] A Mimese não seria uma imitação da ação, mas o aproveitamento de aspectos da realidade para produzir um discurso semelhante, em função de uma referência sócio-histórica de algo que acontece na vida social (SODRÉ, 2009).

Assim, mostraremos possibilidades e não circuitos fechados de interpretações narrativas, pois entendemos que ela não é fechada, nem linear. Pelo contrário, segundo Ricoeur, é espiral, pois a cada vez que o texto retorna a mimese I, o mundo pré-configurado já não é o mesmo. No exemplo que citamos anteriormente sobre a Copa de 1962, por mais que elite procurasse exaltar a preparação feita pela comissão técnica, a Mimese I durante a competição é alterada pelas atuações de Garrincha, reconfigurando a linha da narrativa dos jornais sobre a competição. O exemplo de que a cada vez que você lê um livro o sentido pode ser diferente, já que você, como leitor, teve outras interações até relê-lo que alteraram a sua pré-compreensão do mundo, é pertinente. Como o pensador Heráclito afirma que você nunca entra no mesmo rio, já que a cada vez que se mergulha nele, as águas, sempre correntes, não são as mesmas. Mas o que seria esse mundo pré-configurado?

Seria a base para a construção narrativa, o que Ricoeur chama de Mimese I. A complexa articulação para elaborar o que será contado ocorre "em função" de alguns pontos como o contexto e o imaginário. Na Mimese I se tem os elementos que serão usados como ponto de partida da narrativa, como o imaginário, que veremos com profundidade mais adiante. A Mimese I é importante porque ao mesmo tempo em que possibilita sentido à narrativa, também delimitam os sentidos do texto. Colocamos, assim, o contexto e o imaginário como articuladores da pré-compreensão do mundo e "chaves" para a composição da intriga. Essa pré-compreensão do mundo é que fornece uma "senha" para decifrar os códigos de cada *frame*, de cada situação comunicacional e os sentidos de cada ação naquele contexto. É com base na pré-compreensão do mundo que se buscam os elementos para formular regras para a interpretação de sinais, códigos e símbolos, fornecendo a base para a elaboração narrativa e possibilitando seus sentidos.

Nesta linha de argumentação, a ideia de enquadramento ou *framing* de Erving Goffman (2012a) se torna interessante. Para Goffman, as representações dos indivíduos seguem determinados padrões já previamente estabelecidos e compreendidos pelos que fazem parte daquela sociedade, criando uma "situação social" facilmente identificada. Goffman busca em Bateson esta concepção ao compreender que através das instruções necessárias para interpretar e proporcionar sentidos ao fluxo dos acontecimentos (código) se cataloga experiências passadas e se vive a "realidade" (MOTTA, 2010). É, por exemplo, a função de pai, mãe e filho que, de antemão, já esperamos comportamentos condizentes àquela representação. Claro que em determinado contexto as representações podem mudar, como o pai, no seu ambiente de trabalho pode ser o empregado e ser subordinado ao chefe, sendo apropriada sua adequação ao novo cenário. Este processo de formação de *frames* se torna

determinante para compreendermos a elaboração do significado do treinador. Na “situação social” estipulada que a seleção nacional é a melhor do mundo e deve ganhar sempre, temos um problema: não seguir o que se espera pode destruir a representação de determinado indivíduo, neste caso, o seu comandante. Como o próprio Goffman afirma: "a plateia aprecia que a representação tenha um diretor, provavelmente o considerarão mais responsável que os outros atores pelo sucesso da representação" (GOFFMAN, 2007, p.95). Foi o que constatamos, por exemplo, na análise da Copa de 1966. Foi o maior número de menções negativas ao treinador da seleção no *corpus*. A seleção vinha do bicampeonato em 1958 e 1962, aumentando e reforçando a expectativa de sua atuação vitoriosa no *frame* Copa do Mundo. A eliminação na primeira fase do torneio fez o treinador Vicente Feola (campeão em 1958) ser citado de forma negativa em 14 das 42 menções. Além disso, foi o menor número de referências ao técnico (42) no *corpus* após a Copa de 1938, a que julgamos ser o “nascimento do país do futebol”, que iniciaria a simbologia do torneio no imaginário nacional. No *frame* estabelecido sobre a competição, não se cumprir a obrigação de vencer direcionou as menções negativas a Feola, o responsável pela representação.

Motta (2010) afirma que estes *frames* se desenvolvem na sociedade e são fixados nela ao se tornarem um senso comum. Esse senso comum vai proporcionar uma certa facilidade na tarefa de enquadrar a complexidade do mundo, além de direcionar e tornar compreensível as ações dos indivíduos nestes quadros sociais. Sodré (2016) destaca que este senso comum procura estabilizar a consciência, explicar algo perturbador, desconhecido, retirando o caráter oscilante das interpretações, tornando mais “fácil” a compreensão de sentidos, deixando a consciência tranquila de que “está tudo sob controle”, já que se conhece e se tem significados para as ações. Os *frames*, assim, vão definir previamente as situações comunicacionais, estabilizando e tornando possível a interação, fazendo com que as pessoas que compartilham dos significados daquele *frame* fiquem acessíveis para a interação, reduzindo a chance de pluralidade de interpretações dos signos presentes naquele contexto e apresentando modos de como participar desta interação. O que gostaríamos de chamar a atenção é que esses *frames* são temporários e continuamente renegociados e redefinidos, como veremos no item 3.2 ao abordamos os rituais de interação presentes no *frame* Copa do Mundo, contexto no qual as narrativas sobre os treinadores que analisamos vão ser construídas.

Neste processo de criar quadros para a interação social, moldam-se os imaginários presentes naquele contexto, elaborando representações e as visões de mundo que vão procurar ordenar e estabilizar nossa consciência (que é instável e em constante conflito), dentro de uma certa coerência que faça sentido em contextos, promovendo um aprendizado de como

identificar esses sinais comunicativos, o "aprender a aprender" de Bateson. Seria o que Clifford Geertz (1978) entende por "visão de mundo", o quadro que elabora a compreensão de realidade de um povo, de como ele se vê e da própria sociedade. Aprender a interpretar tais códigos dentro de contextos se entrecruza com a ideia de *frame* (GOFFMAN, 2012a). Assim a Mimese I pode ser resumida na articulação de elementos que darão a base para a narrativa "em função de" um contexto e um imaginário.

Deste modo, por ser um ato de interação, a narrativa age e sofre influência nos/dos elementos que a compõem. A interação do repertório cultural do leitor e autor, que podemos compreender como imaginário, e a familiaridade com o código torna a narrativa inteligível e possibilita a sua construção. Se as ações escolhidas não são "comuns" ao contexto e imaginário, podem não ser compreendidas. É como assistir a um show de comédia em outro país e por mais que se entenda o que foi dito, não se captura o sentido da piada, sendo necessário compreender o código daquele contexto, o seu imaginário social, a sua atmosfera de sentidos, que se dá pela vivência dos rituais.

De modo bem direto: uma reportagem denunciando o uso de carne de cachorro em um restaurante terá diferentes significados, por exemplo, se for veiculada no Brasil ou na China. O contexto, imaginário e pré-compreensão do mundo de cada país vai interferir nos sentidos. No Brasil certamente a cultura do cão como animal de estimação e o consumo de sua carne como algo pouco, ou nada, naturalizado provocaria um impacto maior[35]. Já na China, o chamado "valor notícia" desta reportagem seria até contestado, por ser algo comum e culturalmente aceito no país, fazendo com que a denúncia não causasse estranhamento. Indo para nosso objeto: certamente se formos contabilizar o número de narrativas presentes nos jornais sobre o treinador da seleção de um país com pouca expressão no futebol, encontraremos mais diferenças do que similaridades com as narrativas brasileiras. Por exemplo: o imaginário social construído sobre a seleção de futebol da Papua Nova Guiné para os moradores daquele país despertará pouco interesse, exatamente por não fazer parte do imaginário daquelas pessoas que a seleção é um símbolo nacional. Logo, seu treinador não terá um importante papel social, como no Brasil.

Motta esclarece esta questão postulando que a narrativa é também construída "pelos ingredientes da situação comunicativa (quadro espaço-temporal, objetivos dos participantes, correlações de poder, etc.) e pelo contexto sociocultural (representações mentais, estereótipos, modelos de mundo e memória afetiva, etc) que os interlocutores trazem para o ato da fala"

[35] Aqui é importante citar a obra *Cultura e Razão Prática* de Marshall Sahlins (2003), onde o autor destaca exemplos de práticas culturais e seus significados através dos hábitos alimentares.

(MOTTA, 2013, p.21). Este contexto sociocultural, que vamos entender como imaginário é o substrato da narrativa.

Para finalizar a ideia de Mimese I e demonstrar como a narrativa avança para Mimese II, interessa-nos a concepção de que na pré-configuração do mundo está presente o cerne da composição da intriga proposta por Ricoeur. Confiamos que o embrião da construção narrativa está neste conceito. As ações de determinados atores sociais são contadas através do que Ricoeur (2010) chama de intriga. A intriga seria uma imitação da ação e esta ação é composta por mediações simbólicas (cultura, imaginário) precisamente temporais (contexto) dando tanto a capacidade e a necessidade da ação ser narrada, quanto de provocar uma inteligibilidade ao leitor. A composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo da ação, de "suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal" (RICOEUR, 2010, p. 96). Em suma, a intriga pode ser entendida como a escolha de ações humanas que vão tornar a narrativa compreensível, com início, meio e fim e que lhe darão determinado sentido de acordo com o que é contado e aquilo que não é contado, através de escolhas e angulações e do contexto. Esse jogo de escolhas já é realizado na Mimese II.

Na construção da intriga, se agrupam as ações, até então dispersas, para que elas formem determinado sentido, dando a ideia de um "todo", completo, dispostos em uma sequência que explicaria, resumiria todo o processo complexo, plural e com outras interpretações possíveis que extrapolam as colocadas pelo narrador. Ao se tentar passar uma suposta ideia de singularidade da narrativa procura-se impor a "realidade". Nas escolhas das ações, se prioriza e exclui algumas delas. Essa triagem se justificaria no discurso jornalístico, por exemplo, com a ideia de distanciamento dos fatos, de uma imparcialidade e objetividade nessas escolhas do que vem para a "fachada" e o que fica nos "bastidores" das representações que são erguidas (GOFFMAN, 2007). Assim, na Mimese II se configura a história, selecionando as ações humanas e ordenando-as para que façam sentido e tenham coerência para o leitor em determinado contexto. Seria o reino do "como se", como Iser (2013) defende. É aqui que o papel da narrativa midiática (o olhar do repórter como narrador) entra.

Não é possível contar tudo o que aconteceu em um jogo de futebol, por exemplo, até porque o jornalista não vê tudo e o limite de caracteres da matéria, do tempo no rádio e televisão o obrigam a um "resumo" dos "fatos mais importantes". Assim, a imprensa seleciona algumas ações humanas para compor a intriga, ordenando tais ações de modo compreensível naquele contexto, escolhendo o que fará parte da narrativa e excluindo outros fatores, fazendo a ponte entre a Mimese I e III, induzindo sentidos. É neste momento que a intriga se realiza e configura a história como "um todo", formando um fio condutor que deve

ser seguido pelo leitor. São pequenos pedaços, ações humanas, que formam o todo. Neste "todo" retrado "como se" fosse "a verdade" se tem a intenção da narrativa, que não é ingênua (MOTTA, 2010). Na Copa de 1962, as categorizações utilizadas pela imprensa ao mencionar Aimoré Moreira se limitaram a três: seu nome, treinador e técnico. Tais escolhas não são inocentes e ao confrontarmos com a menor porcentagem de menções em relação às notícias da seleção (13 %) se percebe como as ações do treinador ficaram nos "bastidores" e reduzidas na formação da intriga sobre a competição. Aimoré teria sido tão desnecessário assim nas relações que levaram a seleção ao bicampeonato? Ordenar os fatos no contexto da Copa do Mundo de 1962 dialogando com o contexto seria falar do talento nacional. Como já destacamos, a atmosfera induz a selecionar, por exemplo, Garrincha como o fio condutor da conquista. No resumo sobre a competição, o treinador não teria sido tão importante como Garrincha, segundo a narrativa dos jornais. Essa complexidade da elite ter seu representante recolhido às sombras será mais profundamente analisada no item 5.2.

O que queremos já ressaltar é como a seleção dos fatos pelo jornalista já induz determinado sentido da narrativa. São as angulações que o jornalista faz sobre um tema que colocam o "seu" olhar sobre as situações, proporcionando um sentido bem similar ao que ele entende como "verdade" do que aconteceu. É "como se" tudo que foi contado pelo repórter fosse "a realidade". Essa narrativa pode afetar a maneira da pessoa ver o mundo, demonstrando a ligação entre o nível micro e macro das interações. Essa concepção tem um nome na teoria do jornalismo, chamado "Efeito de enquadramento".

Esta teoria sofreu influência da ideia de *frame*, que aqui já destacamos. Tuchman (1999) entende que ao serem utilizados no jornalismo estes *frames* oferecem definições da realidade social. Entman (2004) destaca o enquadramento como parte do processo de reportagem, como os atos de escolha do jornalista daquilo que comporá a intriga. Ao acionar os *frames* já existentes na sociedade e também auxiliar a construir novos, o jornalismo se aproveita destes *frames* já postos como "senso comum" na coletividade para basear suas narrativas naquilo que circunda no imaginário desta sociedade, organizando o que ele entende como "realidade" de forma compreensível a todos. Ao se basear nesses princípios organizativos socialmente partilhados o jornalista dialoga diretamente com aquilo que está presente na Mimese I do leitor, associando seu mundo a outras referências já conhecidas do leitor, ou seja, na moldura social já predeterminada. Tanto leitor quanto autor se valem desses *frames* para organizar a "realidade" dentro de mapas culturais aceitos. Novamente retomamos o exemplo da Copa de 1962: falar mais de Garrincha após ele adquirir um capital simbólico

importante no período entre Copas é dialogar com uma "realidade compreensível a todos" que vai coconstruir o jogo narrativo.

Neste sentido, Motta (2013, p.29) aborda que um relato que contém elementos de verossimilhança com o mundo do leitor (imaginário, pré-compreensão do mundo e contexto) se torna passível de ser compreendido como real. Assim, falar que o treinador é o "comandante" de um "símbolo nacional" durante a Copa, aciona o imaginário nacional sobre a competição (contexto), fazendo parte da pré-compreensão do mundo do brasileiro. O "como se" é aceito pelo leitor, que compreende a ideia dos jogadores e o treinador simbolizarem a nação.

Toda essa estrutura narrativa estabelece sempre um final, algo para ser explicado e ter um significado a ser alcançado. O final seria após o último jogo da seleção, onde a narrativa vai eleger heróis ou culpados, de acordo com a performance da seleção e a expectativa criada. Em qualquer situação, independente de título ou eliminação há sempre algo a ser explicado e justificado pela narrativa da imprensa. Ao ser constituída por esta intriga, onde há uma representação de uma ação, essa narrativa também possui uma tessitura, ou sua própria composição, e esse encadeamento produz um sentido de causalidade que ajuda a explicar os fatos narrados. Para isso, a seleção e exclusão de fatos e ações e sua disposição em uma determinada ordem de acontecimentos tem o objetivo de auxiliar nesse sentido final, mostrando, para nós analistas destes processos, mais do que a intenção do narrador e sim a estrutura da intriga como "o mundo" que a narrativa projeta, indicando qual sua ação sobre o mundo através dessas interações[36] (MATHEUS, 2014).

A narrativa, portanto, está no cerne da interação, do conflito, do imaginário, das representações e classificações. Todos os elementos estão entranhados e entrelaçados, se movendo, se posicionando e criando contextos para que se acredite na estabilização de todo este intermitente processo. Porém, nunca é demais reforçarmos que todos estes critérios, dependem de contextos históricos, culturais, sociais, políticos, econômicos e tecnológicos, construídos pela interação entre campos, para criarem um "sentido de realidade", ou seja, dialogar com o imaginário popular, buscar nas imagens construídas naquela cultura o substrato da narrativa, atingindo um efeito de real.

Acreditamos que a narrativa teria sua referência exatamente no texto que ela projeta, na história configurada pelo narrador. O significado final dependeria do encontro deste mundo arquitetado pelo autor com o mundo do leitor, que pode ou não interpretar a narrativa com a

[36] Para melhor entendimento deste processo de projeção de um mundo realizado pela narrativa ver: Matheus (2014)

intenção que o autor projetou. Este encontro entre dois mundos seria a Mimese III, onde, para Ricoeur, a narrativa atinge a sua função plena. Já adiantamos que não estudamos a recepção deste leitor e sim a construção da intriga dos jornais sobre os treinadores.

Já fizemos algumas relações que todo este processo é um jogo. Cabe agora ressaltar alguns pontos importantes sobre as ideias do jogo, principalmente a concepção de Huizinga. Para o autor holandês, como Édison Gastaldo bem resumiu, o jogo seria um "fato cultural primordial, a forma elementar de todas as principais manifestações do espírito humano" (GASTALDO, 2012, p.127). Caillois (2017) ressalta que a obra de Huizinga não é um estudo sobre os jogos, mas uma análise sobre a "fecundidade do espírito do jogo no campo da cultura" (CAILLOIS, 2017, p.34). Se na proposição de Huizinga o jogo e seu espírito lúdico são elementos da cultura, para nós ele também é elemento da narrativa. Isso porque concordamos com Sodré (2016) ao afirmar que a cultura seria o imaginário moldado através de narrativas que visam confirmar consensos, hegemonias e estabilizar pensamentos, sendo sempre uma construção coletiva inacabada. O caráter envolvente e lúdico do jogo é o que concede acesso ao imaginário, base para a criação e fabricação da narrativa, e consequentemente, da cultura de cada sociedade. Assim, integramos o conceito de jogo de Huizinga com o modelo narrativo que adotamos. De modo ousado, defendemos a ideia que narrar e jogar estão intimamente ligados.

Antes de exemplificar essa proposta teórica, cabe uma breve explicação do termo "jogo". Huizinga usa a expressão tanto para jogo, como para brincadeira. No português é necessário usar o verbo e substantivo para dar conta da dimensão que o autor pretende, que seria "jogar o jogo". Seria a proposição que Helal (1990) indica do "play a game" interpretando como "brincadeira" e "jogo". Brincadeira e jogo não seriam a mesma coisa que esporte, em sua concepção moderna. O esporte seria um fenômeno cultural que se utiliza dos elementos do jogo e da brincadeira. Acreditamos que o processo narrativo também abarca o jogo e a brincadeira. Destrinchando o "jogar o jogo": jogar seria a brincadeira, o lúdico presente no imaginário, a matéria-prima prima para as narrativas, ainda sem regras, mas com o combustível para impulsionar as ações humanas. O jogo seria a narrativa com suas regras negociadas e praticadas em cada *frame*. A espontaneidade e a pluralidade da brincadeira deveriam ser formatadas e singularizadas no jogo, assim, como Helal (1990, p.25) destaca: "o jogo simboliza, de certa forma a perda da espontaneidade absoluta que existia na brincadeira em troca de uma ordem estruturada". Pode parecer que estamos limitando a complexidade da narrativa, mas não. Uma "linha tênue" entre jogo e brincadeira, ou narrativa e imaginário, não cessa quando o jogo narrativo começa. As ordens do *frame* podem ser alteradas durante o

próprio jogo narrativo para, por exemplo, aproximar a Mimese I de cada interlocutor, acionando novamente o imaginário e reconfigurando o processo narrativo. É, novamente, o exemplo da Copa de 1962, onde o imaginário sobre Garrincha e seu talento, reconfiguram a "ordem" da narrativa para se aproximar de contexto e das referências da Mimese I que pairava no imaginário nacional, suplantando a disciplina representada no treinador. A brincadeira de Garrincha, seu caráter lúdico, como a própria narrativa ressalta, interfere no jogo e no rumo narrativo do *frame.*

Assim, essa "linha tênue" seria algo apenas para explicarmos o processo já que narrativa e imaginário interagem o tempo todo nesta complexidade do jogo. São os elementos presentes na "brincadeira/imaginário" que vão fazer o jogador se envolver, ser absorvido "por inteiro", impulsionado a "jogar" e se "perder" na dimensão da intensidade que o jogo (aqui no sentido amplo de Huizinga defende) tem. O envolvimento e excitação proporcionada pelo jogo são "a própria essência e a característica primordial do jogo" (HUIZINGA, 1971, p.5). Coconstruir a narrativa seria esse envolvimento, jogar o jogo narrativo pelos impulsos que o imaginário/brincadeira estimula. Em 1966, veremos como o jogo narrativo dos jornais selecionou argumentos que direcionavam a culpa da eliminação para a comissão técnica em especial, a Vicente Feola. O jornal cita que sua casa quase foi alvo de pedradas após a eliminação. O jogar o jogo envolveu alguns interlocutores de tal forma que os impulsos e a intensidade do jogo narrativo tornou a "brincadeira" de "torcer pela seleção" algo agonístico, de vida ou morte, que exigiria "sacrifício" do "culpado".

Assim, feita essa ressalva, usaremos o termo jogo na visão de Huizinga e destacar, quando for necessário explicitar, se no momento a interpretação "jogo" ou "brincadeira" seria mais conveniente. Mas por qual motivo essa relação seria importante no nosso jogo da tese?

Primeiro porque o técnico tem sua projeção no imaginário nacional como a pessoa que ordena os jogadores para jogar o jogo. Ele comandaria a interação dentro de campo. E para nós o mais importante: ele jogaria o jogo da elite? Ele estaria "no tom", entraria na "brincadeira" e na Mimese I desta elite? O simbolismo do futebol tem auxílio na ludicidade do jogo, fazendo com que suas narrativas se expandam para outros campos. Assim, a estruturação do *frame* que sugere o treinador como alguém que "comandaria" o lúdico, funcionaria como um "modelo ideal" de como comandar outras esferas sociais. Em segundo lugar porque o jogo tem o aspecto de transcendência. O jogo da Copa, a sua narrativa e sua transformação em um ritual é um jogo jogado pelos brasileiros, que se envolvem, assim como a imprensa, na defesa de uma "brincadeira" de que em campo veremos um "duelo entre nações". E neste sentido, o caráter lúdico, presente no imaginário auxilia na formação de

grandes narrativas. Veremos como o imaginário atua como mola propulsora dos impulsos dos participantes do *frame* Copa do Mundo no item 3.2. Neste sentido, entender o "jogar o jogo" narrativo como manifestação humana e fonte destes estímulos, e como uma função social seria interpretar o jogo (agora já no termo amplo de Huizinga) como também local de conflito e interação entre os participantes, assim como na narrativa. É no jogo que o ser humano se manifesta, se coloca frente ao outro, assim como na narrativa. Se, como vimos, a narrativa torna humana as ações, consideramos que é neste jogo narrativo, na interação com o imaginário, que o ser humano se manifesta, se coloca frente ao outro, assim como na narrativa. Jogo e narrativa seriam esta forma elementar de manifestação humana e por isso estariam juntos. O jogo (brincadeira) seria esse estímulo a interagir com o outro através da narrativa. O jogo é, assim como narrar, colocar-se frente ao mundo e a si mesmo e "jogar o jogo" em cada ritual cotidiano, em cada *frame*. Indo mais além: fazer parte do processo narrativo é uma escolha, e por isso, para Ricoeur o papel do indivíduo no processo é tão importante. A narrativa seria, assim como o jogo, um ato voluntário. Essa voluntariedade estaria presente nos impulsos do imaginário, que vão não só envolver, mas fazer o jogador "querer jogar" o jogo narrativo[37]. Também se pode abandonar o jogo, não coconstruir o mundo proposto por outros campos. Foi o que encontramos na Copa de 1950 no mundo criado pela *Folha da Manhã*. Comparativamente aos outros dois jornais analisados, o periódico paulista não "jogou o jogo" da Copa, trazendo 20 notícias sobre o evento, ao passo que *O Globo* trouxe 66 e o *A Noite* 90. A *Folha* até presenciou o jogo narrativo, ou seja, ouviu, viu e leu a narrativa, porém, não se empenhou no mundo proposto, não participou de todo o processo mimético, não chegando a sua "função plena" (Mimese III), como Ricoeur define, de construir o evento como um "orgulho nacional".

O jogar o jogo no ritual Copa do Mundo está permeado pela intensidade, pelo convite que a narrativa faz para participar da "brincadeira" que "11 homens representam a nação em campo". Uma "brincadeira" que tem seu lado sério e que levou, por exemplo, a morte de um torcedor ao ouvir a narração da final da Copa de 1950:

---

[37] Nesta concepção de que o sujeito define se participa ou não do jogo, se entra no mundo criado pela narrativa ou não, podemos interpretar a origem do descontentamento de outros jogadores (atletas e torcedores) com a *performance* de um jogador. Para o torcedor que está mergulhado intensamente na narrativa, o jogador que não se empenha na partida ou o treinador que não *performa* como o desejado na beira do campo é visto como fora de sintonia dos "tons" dos demais, como quem "não joga o jogo" com o mesmo empenho e, por conta disso, alguém que estraga a "seriedade" da "brincadeira". Com a instituição da área técnica, a partir de 1994, o trecho demarcado em frente ao banco de reservas, no qual o técnico pode dar instruções aos seus atletas, se construiu também como o local das performances destas personagens, que serão frequentemente alvo das câmeras das transmissões esportivas. Os impulsos do "professor" na sua região de fachada serão analisados e cobrados pela narrativa como a "prova" de seu empenho, sendo suas expressões, ações e gestos, signos condutores desta performance.

> E no meio dessa tristeza registrou-se um caso doloroso: às 17:45 horas, no derradeiro minuto da peleja falecia, emocionado, o 2° sargento reformado da Marinha, João Soares da Silva. [...] Nos últimos instantes sentara-se, deixando transparecer sua aflição. Minutos depois, antes que a inquilina pudesse providenciar algum socorro, o sargento caiu pesadamente no solo, já sem vida (O GLOBO, 17/06/1950, p.1).

A reportagem na capa do jornal mostra o envolvimento no jogo narrativo sobre a competição. Negar o imaginário de que seríamos campeões impactou tão agudamente o emocional do sargento, que o levou ao óbito. Em tempos de narrativas e mundos criados que defendem que a "terra é plana", "nazismo é de esquerda" e que "não houve ditadura no Brasil", participar ou não deste mundo fala muito sobre qual imaginário o indivíduo utilizou para embasar tais argumentos e "tornar verdade" tais afirmações. Romper o jogo, romper a narrativa é negar o imaginário que foi a fonte para este "como se". Na mesma reportagem sobre a morte do sargento encontramos a seguinte descrição: "A derrota do selecionado brasileiro foi um verdadeiro choque para os torcedores. Ninguém se conformava e todos deixavam estampado na fisionomia o desespero pela oportunidade perdida. Homens e mulheres de todas as idades, nas ruas, nos cafés e nos meios de condução, não escondiam às vezes as próprias lágrimas" (O GLOBO, 17/07/1950, p.1).

A realidade, a derrota para o Uruguai, acabava com a "brincadeira". A mitologia do "país do futebol" conhecia sua "grande derrota". O jogo narrativo tem no lúdico de "sermos os melhores do mundo" o extremo entre a seriedade que o envolvimento com a narrativa causou, contrastando com o fim da brincadeira e a decepção pelo não retorno no empenho depositado nesse jogo, no "torcer para dar certo". Caillois (2017) enfatiza que o destruidor do jogo, é aquele que denuncia a absurdidade das regras que estavam neste imaginário, é aquele que rompe o encantamento, que acaba com a brincadeira que envolvia ludicamente a pessoa, que se recusa a ceder ao imaginário que balizou tais regras. É a pessoa que nega ao menino e à menina a possibilidade do Papai Noel ser real, que eles não são os super-heróis que imaginam por estar com uma fantasia do super-homem, por exemplo. Este processo é comum para estabelecer para a criança uma diferenciação entre "real" e ilusório", inseri-la na cultura e compreender como funcionam as regras sociais. Este "choque entre mundos" causa desconforto e desmorona o mundo criado por elas, estabelece que aquelas regras oriundas do seu imaginário devem ser repelidas e entendidas como não real. Exatamente o que tentamos fazer com os adultos que acreditam nas afirmações citadas anteriormente, com o preocupante inconveniente de a aceitação ser pior que de uma criança.

Esse imaginário, que seria algo "fora da realidade", seria a evasão da vida real que Huinzinga destaca, o local para onde o homem se desloca para poder criar a base de suas

narrativas e retornar com elas ao “mundo real”. O jogo não tem ordens, mas regras momentâneas de compartilhamento recíproco entre os participantes. É o local com espaço delimitado que impõem os limites a narrativa, que, ao mesmo tempo em que é o ambiente do “faz de conta”, é algo sério, que envolve, que fascina e estimula uma intensidade que faz o indivíduo “focar”, como Gumbrecht (2007) destaca, se “desligar” da “realidade” e “viver” o jogo. Essa função social do jogo, este ritual tão essencial para a sua própria humanização está, para nós, totalmente atrelado ao poder narrativo de “tornar humana” as próprias ações.

Assim, o jogo para nós seria o encontro do homem com seu imaginário. A ludicidade do jogo se firma neste pilar imaginário, de impulsos e simbologias que envolvem e absorvem o jogador. A criança, por exemplo, pode ficar horas chutando uma bola na parede sem que, para aqueles não envolvidos neste jogo (brincadeira), exista motivo. Mas para ela tem. Existe algo no imaginário desta criança que a liga aquela atividade, que a envolve e a faz jogar como algo “sério”. Não é apenas um jogo, é um acesso ao imaginário que mexe com o pathos, que pode nos fazer sorrir ou xingar. Neste encontro, tudo pode acontecer, não se tem controle, surgem as possibilidades, aparece o imprevisível, a incerteza, a instabilidade, enfim, a “consciência” cambaleante que abordamos anteriormente. É no jogo da narrativa, na interação do contexto com o imaginário que se formam, adaptam e mudam os consensos, que se reprocessa a noção de “real”. O homem vive através destas interações, das sociações que Simmel (1983) destaca que não são mecânicas, programadas, elas sofrem influência do lúdico, do jogo. A interação é um jogo, ao passo que jogar é interagir. O sentido da existência, seus impulsos e paixões veem desta interação. Retondar (2013, p.12) enfatiza que “jogar é dizer de maneira lúdica aquilo que só pode ser dito através do discurso verbal em situações imaginárias”. Repetindo o argumento do início do parágrafo: o jogo é o encontro do homem com seu imaginário, ali surgem as possibilidades que se tornam “concretas” com a narrativa.

A tentativa de controlar este jogo e estabelecer suas regras, passa diretamente pelo processo de moldar o imaginário social, caracterizando o que pode ou não ser usado deste vasto conjunto de símbolos. Todo esse jogo de produção de significados deve ser compreendido em situações sociais de colaboração e de conflito (DA SILVA, 2012).

Assim, o jogo é um elemento chave para a narrativa, sendo suas regras baseadas no imaginário. Se já frisamos que a narrativa é a arma para os campos disputarem a hegemonia da “realidade social”, influenciar as regras deste jogo passa a ser fator decisivo no conflito e na interação social, até mesmo nas ações de convencimento para fazer o interlocutor jogar o jogo junto, ou seja, selecionar algo presente em seu imaginário para que ele se envolva e valide a narrativa de cada campo. Neste jogo “jogado” no imaginário a narrativa se constrói.

Este processo é complexo exatamente por buscar suas bases em algo plural como o imaginário. Seus conceitos são igualmente diversos e abordaremos no próximo tópico aqueles que mais se aproximam da nossa proposta teórica.

1.2.1 O "estádio" imaginário: o rumo da narrativa

O estádio é conhecido como o local onde as emoções provenientes do jogo são vividas. Muita coisa que não é "permitida" no "mundo real", ganha outros significados no estádio. O local onde se busca as emoções, onde se acende a paixão pelo jogo, onde se dá o envolvimento e onde se pode influenciar diretamente e mudar o jogo é o estádio. Mais do que um local físico, usaremos neste item a metáfora de que o imaginário seria o local onde o homem joga o seu jogo narrativo, onde ele busca os ingredientes para produzir suas visões de mundo, onde ele ataca e defende suas certezas, contradições e símbolos durante um tempo estipulado e retorna para a "vida real". Por mais que se procure minimizar as emoções ali vividas para que elas não ultrapassem o mundo do "faz de conta" experimentado no estádio com a toda a "adrenalina" e impulsos e chegue ao "mundo real", um pouco da "atmosfera" do estádio (imaginário) permanece pulsante no indivíduo. Não há espírito do jogo sem um local, seja ele um estádio, um campo de terra abatida, a quadra do prédio, a rua, o pátio da escola ou até mesmo o quarto de uma criança. Ele é necessário para que se jogue, desde o ato conhecido como esporte profissional até o ato mais lúdico e amador. Da mesma forma, acreditamos que não se narra sem um imaginário, sem ter um local como fonte para as imagens e signos presentes na narrativa, o local onde o lúdico está presente. Alguns sentidos que envolvem o ambiente de um estádio de futebol e que tentamos definir, escapam à compreensão, pois no imaginário residem o "racional" e o "irracional", o "impalpável" e o "concreto", sempre tendo algo que foge à nossa compreensão, mas que sentimos a sua "presença" (GUMBRECHT, 2010).

Aqui chegamos ao ponto de partida da interação dos elementos que compõem a narrativa: o imaginário. Sem ele a narrativa não faria sentido. A partir de sua compreensão se torna mais confortável a percepção dos movimentos entre campos, das escolhas narrativas, das intenções representacionais e dos modelos de classificação e categorização. Este tópico é fundamental para a compreensão do complexo sistema que estamos apresentando, afinal, como vimos anteriormente em alguns trechos, o imaginário faz parte da pré-compreensão do mundo, sendo usado como referência na Mimese I. Sem seu auxílio ou sem beber em sua fonte, a compreensão e compartilhamento de sentidos das ações que compõem a intriga se

perdem por não fazerem parte do repertório do leitor. É no imaginário que se busca a ideia que vai conduzir as ações humanas, criando uma unidade, dando uma forma e objetivo à narrativa. O conceito de imaginário é vasto e difuso. Usaremos aqui algumas metáforas para ajudar na compreensão de como essa base de toda a narrativa é acionada, modificada e moldada.

Aglutinamos os conceitos que mais se aproximam de nossa proposta, principalmente os que entendem o imaginário como algo plural, fonte e limitador dos sentidos da narrativa. Outras funções importantes do imaginário: impulsionar as ações e emoções dos indivíduos abordaremos no item 3.3, aproveitando a narrativa dos jornais sobre a Copa de 1938 para indicar como a ideia de "país do futebol" se sustenta exatamente nos impulsos presentes no imaginário e na repetição deste mito ao longo das Copas analisadas.

O imaginário pode ser entendido como um repertório de imagens, ou um "museu de imagens", como Gilbert Durand (1997) define, que serão a matéria prima para completar ideias e fazer associações. Precisa-se do imaginário para concluir uma representação e uma narrativa. Mais do que isso, ele traça o rumo desta narrativa. Essa "bacia semântica" seria um lago onde a sociedade vai buscar em suas águas a base para a compreensão das narrativas e classificações utilizadas na interação constante entre grupos e indivíduos. O imaginário seria este local com um volume imenso de águas, que, ao mesmo tempo em que permanecem nesta bacia, se deslocam, mudam de posição, interagem com novas águas que chegam pela interação de determinados campos com outros. Le Goff (1985), por exemplo, indica que o imaginário circula através da história, culturas e dos grupos sociais. Assim, se amplia esse museu de imagens passadas, possíveis, produzidas e que ainda serão produzidas (DURAND, 1997, p.6). Legros et al. (2014) entendem que este imaginário seria uma espécie de roteiro completo que começa na infância, pelo conhecimento de si mesmo, e continua com a aprendizagem de signos e códigos na interação cotidiana durante toda a vida[38]. Sodré (2006) afirma que o imaginário seria a apreensão total e inicial que o sujeito faz do mundo, o que para nós influenciaria nas interações e comporia o que apresentamos anteriormente como pré-compreensão do mundo.

Vejamos este exemplo pessoal, mas significativo que nos ajuda a esclarecer como o imaginário recebe "águas" o tempo todo e assim vai proporcionar entendimento de determinadas situações. Conversando com minha sobrinha, então com quatro anos, falei que

[38] Motta (2013), citando Searle (2002), enfatiza que os seguintes elementos, todos se formando tendo como base o imaginário, orientam a narrativa: crença, temor, esperança, desejo, amor, ódio, dúvida, alegria, riso, tristeza, orgulho, perplexidade, fantasia e imaginação.

morava no Rio. Imediatamente ela fez uma cara estranha e perguntou se eu morava em um pássaro. Sua referência da palavra “rio” vinha de um filme chamado “Rio” e automaticamente associou ao pássaro que era a personagem da animação. Precisei explicar que o “rio” que me referia era uma cidade e depois da confirmação de sua mãe, ela compreendeu que existia mais de uma imagem para se associar a palavra “rio”. Interessante que, com a interação, ela tomou conhecimento de um novo sentido, seguindo a metáfora: recebeu novas águas que ampliaram seu imaginário sobre o “rio”. Porém, para verificar se era “verdade”, recorreu a uma “fonte segura” e que ela creditava mais “credibilidade” e afetividade, ou seja, sua mãe. Mais adiante vamos destacar o papel dos meios de comunicação como este ente dotado de uma suposta credibilidade para moldar o imaginário e selecionar o que será o “real” e o que será “ilusório”.

Para Maffesoli a força do imaginário reside em sua pluralidade. Ao mesmo tempo em que é fonte para o “mundo real”, ele também é a base para o “mundo ilusório”. Ele faz associações, interpreta e completa ideias, ao mesmo tempo em que limita os sentidos da narrativa. O que “ficou de fora” da narrativa na seleção da intriga, se mantém no imaginário e pode ser usado para compreender melhor o que a narrativa propunha. O imaginário ajuda a preencher lacunas da narrativa exatamente por sua pluralidade. Ou seja, o imaginário completa as associações feitas pelo texto. O texto em si, seria um código incompleto, apenas decodificando a informação, sem a ambiência que o imaginário proporciona para dar sentido a este texto. Por este motivo incluímos o imaginário na construção narrativa, por compreendermos a sua complexidade e que ela não se resume ao texto.

Vejamos este exemplo simples: por mais que a função do treinador atual se distancie da ideia de “professor” que vimos na chegada do futebol no Brasil, ela é resgatada por fazer parte desta bacia semântica que é o imaginário social. É compressível chamá-lo de professor, mesmo que sua função atual não passe por ensinar os atletas como jogar este esporte. Como a prática do jogo foi sendo padronizado pelas interações constantes ao longo do tempo, essa função é vista mais nas categorias de base do que no futebol profissional. Entretanto, por fazer parte do imaginário, da Mimese I, pode ser perfeitamente acionada e compreendida pelo leitor. Ou, expandindo para o campo político nas semanas que antecederam o primeiro turno das eleições presidenciais em 2018: ao escrever #elenão, o imaginário construído em torno de um candidato fascista e que se declara abertamente a favor da tortura e de não aceitar o resultado das urnas caso fosse derrotado, completa a compreensão social sobre a ação presente no #elenão. É a coconstrução que já mencionamos.

Aqui é interessante usarmos a ideia de metáfora de Ricoeur (2000) para demonstrar essa pluralidade e auxílio que o imaginário concede ao significado. O significado de uma

metáfora depende dessa circulação do texto entre o que foi escolhido e o que ficou no imaginário. Usa-se o nome de uma coisa para dizer outra, mas que só é compreendida se essa outra coisa estiver no imaginário para ser, não só comparada como associada ao que foi dito, ampliando o sentido do discurso, que extrapola o significado literal do texto para associar-se a outro signo. Na pluralidade do imaginário são feitas as "substituições criativas" (RICOEUR, 2000). Essa relação provoca uma "absurdidade" pelo que está escrito no chamado "pé da letra" e se associa a outras referências imaginadas. A metáfora amplia o sentido do texto, expande o uso da linguagem. As metáforas futebolísticas usadas cotidianamente são um bom exemplo de como o imaginário do futebol auxilia na interpretação das interações presentes na sociedade brasileira, algo que para quem não "vive" essa atmosfera não teria sentido algum. Dizer que alguém "matou a bola" se encaixa nesta absurdidade, porém ao acionarmos as imagens do imaginário futebolístico compreendemos o sentido desta metáfora. Nelson Rodrigues irá constantemente usar esses mecanismos em suas colunas, como este exemplo, durante a Copa de 1962, ao relembrar os conflitos que levaram Feola a escalar Garrincha: "o Brasil tinha no bolso um jogador como Garrincha e não usava o Mané. Foi preciso quase uma guerra civil aqui dentro, quase uma Revolução Francesa. Finalmente, sob pressão, escalaram Garrincha, contra a Rússia. E, já na estreia, ele ganhou sozinho a batalha" (O GLOBO, 31/05/1962, p.14).

Todavia, por conta dessa pluralidade presente no imaginário, a narrativa não consegue contar tudo, não narra toda a estrutura, apenas algumas frações desta bacia semântica, como já salientamos. O significado final da narrativa existe, o do imaginário não, qualquer ponto dele pode ser o local de partida e o lugar final da narrativa, tornando clara a ideia espiral da narrativa de Ricoeur (2010), por conta de o imaginário fazer parte da Mimese I. Ele é fluido, impalpável, sendo a metáfora da água propícia para designar seus atributos.

Podemos coletar uma porção de água desse lago e solidificá-la, congelá-la, dando um formato de acordo com a fôrma na qual a colocamos. Ela pode voltar ao estado líquido, mostrando o quanto aquela configuração produzida por nós, por mais que momentaneamente seja sólida, pode se desfazer para ser reconfigurada em outro formato. Quanto mais se compreende esta liquidez do imaginário, mais se entende que as construções identitárias e representacionais rígidas da Modernidade, baseadas no imaginário de cada grupo social, podem se desmanchar no ar, como Karl Marx e Friedrich Engels (1998) anteciparam. A ideia de Zygmunt Bauman (2001) também é pertinente nesta interpretação. Sugerimos que a narrativa jornalística retira uma porção desta água e a solidifica, imputando sentidos de que esta aparência moldada por uma fôrma resumiria todas as águas do lago. Também podemos

encontrar essa "água" no estado gasoso, que seria a atmosfera que o imaginário proporciona. Como Juremir Machado da Silva (2012, p.13) destaca: "o imaginário social instala-se por contágio." Aqui a metáfora de algo gasoso que saiu do lago em que a sociedade busca como fonte de sentidos para suas ações é válida. O imaginário tudo contamina, é como algo que está "no ar", transcende o texto e os sentidos, induz, atua no convencimento pela emoção de estar envolvido naquela atmosfera (DA SILVA, 2012). Esse caráter gasoso que a atmosfera criada pelo imaginário proporciona o faz passar tanto pelo "sério" como pela "brincadeira", tanto pela "crença" quanto pelo "faz de conta"[39]. O que se relaciona diretamente com o caráter lúdico do jogo de Huizinga, reforçando nossa proposta de que o imaginário também pode ser entendido como este jogo lúdico, onde se permite várias coisas e ao mesmo tempo têm-se limites, impostos pelo próprio tamanho do lago. É algo que exige e proporciona um envolvimento e intensidade de quem nele se insere. Tanto no jogo quanto no imaginário seus sentidos se expandem por conta da interação, ao mesmo tempo em que ambos possuem uma atmosfera que regula esses atos.

Esse ar da dramaticidade é abordado de forma precisa por Gumbrecht. Vamos agora destacar suas principais ideias sobre essa atmosfera que direciona sentidos do texto. Gumbrecht acredita que os textos são tanto fatos materiais como mundos de sentido que se relacionam com a realidade que existe fora deles. Além de concordarmos, acreditamos que este pensamento contribui com tudo aquilo que apresentamos até aqui. Os textos jornalísticos que vamos investigar, além de projetarem um mundo de sentidos, possuem relações com o contexto, imaginário, etc. Sua noção de *Stimmung*, apesar de difícil tradução, significaria "ler para conhecer a intriga". Esta proposta se encaixa com o que queremos. Esta expressão busca a compreensão tanto de uma força interior, que não pode sequer ser circunscrita com grande precisão (para nós o imaginário), quanto algo objetivo que está a sua volta e exerce uma influência (*frame*). Em alemão as duas palavras que originam a expressão podem ser traduzidas como voz e a segunda como afinação, estar correto, o que dialoga com a ideia de Winkin (1998). As atmosferas de compreensão estão se ajustando o tempo todo a este tom, através das interações, nos desafiando a captar essas nuances, por mais sutis que sejam. A metáfora do som é interessante por conta do clima criado pela "música", que é tanto sentida, quanto analisada. O envolvimento do cantar, por exemplo, seria o impulso que esta atmosfera

[39] Neste sentido o artigo "Uma teoria sobre brincadeira e fantasia" (2002) de Bateson, publicado originalmente em 1954, é importante ao investigar os padrões de metacomunicação em determinados quadros sociais. O autor analisa como as lontras interpretam e codificam mensagens que podem resultar em um entendimento mútuo de que "isso é brincadeira" ou "estou atacando de verdade". A partir daí Bateson conclui que todo enquadre é metacomunicativo e toda metacomunicação define um enquadre, pensamento que influenciará Goffman.

nos oferece. Gumbrecht destaca que ser afetado por este clima que a música enseja é uma forma de experiência simples, ao mesmo tempo em que promove um encontro com o ambiente físico. Exatamente o que acontece nos estádios e nas reuniões para se assistir a uma Copa do Mundo e podemos encontrar na narrativa do jornal *O Globo* no episódio conhecido como "touradas de Madrid", explicitando o "contágio" da atmosfera que o Maracanã se encontrava com o placar de 6 a 1 a favor do Brasil contra a Espanha, no penúltimo jogo da competição:

> o entusiasmo dos torcedores desde o meio-dia, tornou-se novamente grande, maior do mundo, com a multidão cantando alegremente o triunfo estrondoso. Enquanto os lenços – dezenas de milhares de lenços brancos – davam o clássico adeus ao perdedor, enchia o ar uma canção famosa do carnaval carioca de alguns anos. [...] E a "touradas de Madri" teve seu colorido footbalístico, aplicando-se a letra: Eu fui às touradas de Madri/ E conheci uma espanhola/ Natural da Catalunha/ Queria que tocasse castanholas/ E pegasse um touro a unha/ Caramba, caracoles/ Sou samba, não me amoles/ Pro Brasil vou partir/ Isso é conversa mole/ para boi dormir (O GLOBO, 14/07/1950, p.12).

O impulso de cantar, dialogando com o imaginário do carnaval carioca, faz o jogo narrativo e a intensidade deste "jogar a Copa" se apropriar de uma canção que se referia aos espanhóis para festejar o momento da vitória.

A narrativa afeta os leitores, influencia no tom e na atmosfera que o texto provoca. Gumbrecht destaca que nesta ideia de *Stimmung*, nem tudo está ligado à representação, ela pode ser feita diretamente pelo impulso que está presente na atmosfera. Sodré (2016) vai reforçar essa ideia ao propor que o imaginário passa por cima da mediação, ele vai direto ao emocional. Ou seja, não é necessário compreender toda a representação de um esporte ou de um jogo para sentí-lo e se envolver. Quantas pessoas não gostam, não acompanham, mas durante a Copa sentem, gritam e choram por conta do futebol, se envolvendo na atmosfera proporcionada pelo imaginário da Copa do Mundo, como encontramos nesta reportagem *Folha* após a vitória do Brasil na semifinal contra a França em 1958: "Fogos, gritos e abraços festejaram a goleada do Brasil sobre a França. Milhares de pessoas acompanharam lance por lance a penúltima etapa da seleção brasileira. Milhares de braços ergueram-se, mostrando o placar com os dedos, e milhares de pernas dançaram ao som da alegria" (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/06/1958, p.14).

Toda essa maleabilidade também funciona como alimentadora de símbolos e imagens que perambulam no imaginário social de uma nação. Como Da Silva aborda: "o ser humano é movido pelos imaginários que engendra. O homem só existe no imaginário" (DA SILVA, 2012, p.7). Seu poder de influenciar as ações humanas passa por constituir essa bacia semântica que proporcionará sentidos aos *frames* e as representações. Tendo o imaginário

como referência, fica mais simples compreender que também é no imaginário que as imagens e símbolos de uma nação serão ancorados. A imagem buscada no imaginário para operar o simbólico permite as primeiras ferramentas de comunicação, do conflito e da interação.

Cornelius Castoriadis (1997) traz a ideia de que tudo que é apresentado a nós no mundo social e histórico está construído no simbólico. Ou seja, sem o imaginário sobre a Copa do Mundo no Brasil e os símbolos que ela apresenta, não seria possível tecer a narrativa sobre o "país do futebol", como veremos no capítulo 3. O autor chama a atenção que mesmo que este símbolo não reduza o significado da instituição, o mito ou a narrativa, o que concordamos, eles não podem existir sem o imaginário. Assim, ao mesmo tempo em que fornece dispositivos para a interação, o imaginário opera por conta das interações, evidenciando a reciprocidade entre os elementos que fazem parte deste complexo sistema. O imaginário recebe novas águas a cada interação, ampliando essa bacia semântica, ganhando novas imagens que podem ou não serem utilizadas nas interações futuras.

Castoriadis (1997) destaca que esse imaginário forma o magma que orienta e dirige os sujeitos, um imaginário que não se esgota em referências racionais e sociais. O ponto crucial do pensamento deste autor, que será decisivo em nossa análise e abordaremos ao longo da tese, é a compreensão de que as narrativas de determinados campos vão, através da intriga, desmembrar essas múltiplas possibilidades, nomeando o que foi escolhido por ela como "realidade" e o que ficou no imaginário como "devaneio".

Neste sentido, a compreensão e interpretação dessas escolhas devem se sobrepor a sua explicação, aproximando-nos da hermenêutica na Comunicação, que seria uma teoria que permitiria a análise na qual os significados não estão exclusivamente nos textos, "mas no choque entre o mundo do texto e o mundo social" (MATHEUS, 2014). Como Letícia Matheus destaca, esta contribuição da hermenêutica não indicaria um relativismo de que qualquer interpretação e seleção da intriga é válida para criar esse "real" e sim que existem processos que validam essas interpretações e que a relação do texto com o mundo exterior importa, bem como o mundo que a obra projeta, mostrando como a comunicação (interação, conflito) age sobre o mundo. Ricoeur enfatiza que ao buscar a referência (que seria para nós o imaginário), compreenderíamos a ligação do texto com o mundo, desmoronando as fronteiras que a narrativa jornalística procura erguer entre realidade e ficção[40]. Para ficar mais claro:

[40] Vejamos um exemplo do contexto atual: as chamadas *fakenews*. Para algumas pessoas elas fazem sentido, pois os elementos da narrativa se encontram com o imaginário delas, principalmente a parte do lago que é considerada como mais próxima do "real" do que do "devaneio". A narrativa que divulga mansões e carrões associados ao ex-presidente Lula ou a seus filhos convida os leitores a coconstruir os sentidos de que "Lula é ladrão". Esse jogo pode ou não ser jogado. Para algumas pessoas esta parte do imaginário é algo presente,

“compreender um texto é interpolar, entre os predicados de nossa situação, todas as significações que constituem um mundo a partir do nosso ambiente social” (RICOEUR, 2000, p.49).

Ricoeur centra seu pensamento na questão do símbolo, do texto, da ação do indivíduo, na narração e na metáfora. Portanto, a reportagem dos jornais sobre os técnicos é muito mais do que o texto, ela está circundada pelos símbolos (imaginário), ela cria um mundo de sentidos que extrapolam o próprio texto, que neste jogo narrativo que apresentamos, joga com os conjuntos de referências que o texto fornece, de maneiras possíveis de ser no mundo. A interpretação para Ricoeur seria “explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto” (RICOEUR, 1989, p.121).

Assim, através das interações, pode-se tanto ampliar, como moldar o imaginário. Da Silva (2012) entende que essa interação é realizada pelas tecnologias do imaginário. Concordamos e entendemos os meios de comunicação como elementos desta tecnologia do imaginário, exatamente por acessá-lo frequentemente. Aqui incluímos nesta concepção desde a fala até as tecnologias digitais atuais. Essas tecnologias do imaginário vão cristalizar nesta bacia semântica algo que seria efêmero e plural para se tornar a referência imediata, perene e, se possível, a única quando se menciona determinado assunto, apresentando os sentidos produzidos pelas escolhas como o “correto”. Mais do que isso, através de repetição da interação que buscará sempre nas mesmas águas a “explicação”, forma-se uma singularidade daquela imagem que seria plural. Ao se buscar sempre a mesma referência, se cria um padrão de interação que pode levar a crer que referenciais diferentes daqueles padronizados podem estar mais longe do “real”, serem antiquadas, “errados”, “delírios” e “fantasias” sem sentido. Ao se enraizar os sentidos em apenas um trecho desta bacia semântica ampla e plural, se torna comum aos que participam daquela interação buscar primeiramente naquela referência padronizada as suas significações e orientação para os quadros de experiência social. Isso torna a Mimese I mais previsível, menos plural, menos aberta para diversidades, levando a um

---

mas considerado irreal, ilógico e devaneio. Já para outras pessoas é sua referência imediata sobre o presidente, após a intensa repetição e seleção midiática e social de que aquela parte do imaginário é correta e verossímil, transfigurando-a em crença. A associação é “se ele é ladrão, é claro que roubou e a reportagem me mostra o instrumento de seu roubo”. O mundo projetado pela *fakenews* encontra no imaginário moldado por um campo que deseja destruir a reputação do presidente o seu substrato de verdade. Além é claro do formato jornalístico, inclusive com as aspas de entrevistados sobre as histórias que são apresentadas, utilizando um formato entendido como confiável e regulador do que seria o “real” como fator legitimador. O jogo narrativo é jogado, alguns não acreditam neste mundo possível e outros sim. Aqui fica evidente o imaginário como base narrativa e como se pode moldá-lo de uma forma que o absurdo se torne real. Também nesta linha, se compreende a “satisfação” das pessoas que jogam com este imaginário ao ver a sua prisão. É como o imaginário delas, encontra-se o “real” ao colocar o “ladrão na cadeia’, estimulando a concepção de que aquele imaginário estava correto, sem refletir sobre os campos que determinaram tal prisão e conceberam tal imaginário.

repúdio ao diferente, ao que fugiu ao padrão estabelecido e cristalizado. Trazendo para nosso objeto, um treinador que procurasse fugir de alguns padrões estipulados pela narrativa midiática sobre a atuação do treinador da seleção, sofreria criticas como alguém "fora da realidade do nosso futebol", incapaz de "comandar a nossa seleção". As imagens pré-concebidas e de maneira perigosa, fixadas como referência imediata, podem limitar a performance e exigir algo que talvez o treinador em questão não queira realizar, nem teria capacidade para tal, influenciando diretamente na sua representação na imprensa.

Bateson (1986) entende que existe um nível inferior de imagens no cérebro que não transportam informações sobre todo o processo de formação. Seriam imagens automáticas, mais simples de serem compreendidas, buscadas sem reflexão, as que estão disponíveis, que foram acessadas recentemente, contribuindo para a limitação de sentidos. O que eu "já conheço", o que é "familiar" ajudaria na interpretação e se essa parte presente no meu imaginário for acessada frequentemente se torna mais simples a associação. Essas interações acumulativas contribuem para o processo de socialização (BATESON, 1942) e de percepção dos rumos mais comuns de interpretação. Neste processo, o que é suprimido e o que é evidenciado do imaginário pela narrativa e as representações do grupo, forma não só a cultura, mas o que Bateson define como cismogênese que é "um processo de diferenciação nas normas do comportamento individual, resultante da interação cumulativa entre indivíduos" (Bateson, 1936, p. 175). Assim, os rastros de comunicação deixados por interações anteriores influenciarão em como os demais acontecimentos serão interpretados.

Vimos como o jogo narrativo acontece no que denominamos "estádio imaginário". Selecionar o que seria usado deste imaginário no jogo e repeti-lo é algo decisivo para os campos. Sabendo disso, foi preciso forjar um valor simbólico a um jogador que aparentemente seria neutro, que hipoteticamente não estaria "participando do jogo", "vendo tudo de fora", mas que auxiliaria de maneira decisiva a construção da intriga e consequentemente o mundo projetado pela narrativa. Este "papel" seria o que Goffman (2007) chama de farol, que seria alguém que parece ser apenas um membro genuíno da plateia e que usa sua sofisticação não aparente em favor da equipe que está representando. O farol deixaria determinada parte do lago imaginário iluminada, direcionando as atenções dos jogadores para essa porção, fazendo-os esquecer das demais partes por conta da penumbra e escuridão e estimulando um empenho para que se jogue com aquelas regras, com aquela base selecionada. Estamos falando do mito da imparcialidade jornalística ao realizar agendamentos e enquadramentos do que ficará evidente (fachada) ou será encoberto (bastidores) na narrativa. Deste modo, qualquer informação destruidora da representação fica na região de fundo, o que

a plateia vai captar é definido pelos meios de comunicação. Aqui, fica bem claro a ideia de estabilizar algo instável. Ao escolher o que será mostrado e o que será esquecido, os meios de comunicação selecionam a parte do campo que no momento é conveniente, plasmando as representações como "verdades" sobre a conjuntura apresentada, buscando uma hegemonia da sua representação sobre as demais.

Este ente dotado de uma suposta credibilidade para moldar o imaginário e selecionar o que será o "real" e o que será "ilusório" é para nós o Jornalismo.

1.3 **Jornalismo em campo e para os campos**

Se estivéssemos em uma coletiva de imprensa para apresentar nosso "modelo de jogo" neste trabalho, iríamos dizer que nossas referências basilares sobre o que seria o Jornalismo e de forma mais específica os jornais impressos, seriam Franciscato, Motta, Matheus, Sodré e França. Além das proposições já indicadas neste trabalho, como a noção de enquadramento, vamos expor, de forma breve, como o Jornalismo entrou "em campo" neste jogo de disputas de narrativas como porta-voz de determinados campos e projetando representações para os campos.

O processo de ascensão da burguesia durante a transição populacional dos feudos para as cidades tratou de privilegiar o progresso material e de situá-lo em uma ótica individualista. A maior concentração de pessoas nas cidades e o enriquecimento de comerciantes levou a criação de folhas manuscritas com assuntos não governamentais, dirigidas a públicos abertos. Essa circulação de novas ideias quebrou o monopólio do Estado e da Igreja sobre os meios de Comunicação. Do mesmo modo, o mercantilismo exigia um conhecimento da escrita para que fossem contabilizados e anotados os dados comerciais. Essa prática fortificou o quadro que formaria os poderes nacionais, o sentimento de nacionalidade, fixação de idiomas e identificação de territórios que extrapolavam os limites de um vilarejo. A burguesia aproveitou-se desta conjuntura para difundir seus ideais de livre comércio que lhe era conveniente. Neste contexto, a invenção e a difusão da Imprensa catapulta a produção de periódicos.

Assim, conforme destaca Sodré (2009), a imprensa assumiu o status de porta-voz de ideologias, principalmente do discurso do Estado de Direito, símbolo da modernidade, substituindo o de Estado de Direito Absoluto que antecedeu as Revoluções Burguesas e a Revolução Industrial. Nascia assim a liberdade de expressão, porém, como afirma Muniz: "sem abandonar por inteiro a garantia de velhos recursos mitológicos, a exemplo da

construção de uma narrativa sobre si mesma (imprensa) como entidade mítica que administra a verdade dos fatos sociais" (SODRÉ, 2009, p.12).

Neste sentido, Franciscato (2005) possui uma linha de argumentação similar com a que estamos propondo, principalmente ao compreender que as condições nos campos tecnológico, econômico e social propiciaram a construção de uma narrativa para designar o Jornalismo como a instituição do tempo presente. A visão articulada entre vários pontos, nada determinista, e baseada na análise de influências mútuas entre esses campos ajudam a compreender a construção de narrativas.

Essa concepção de "tempo presente" será importante em nossa análise quando nos depararmos com as competições que encontramos mais notícias sobre a seleção. Não por acaso, são na ordem as mais simbólicas no processo de: 1) apogeu do "país do futebol", 1970, com 625 notícias; 2) a consagração, 1958, com 401 reportagens; 3) confirmação, 1962, com 377 e 4) o nascimento, 1938, com 256. Importante ressaltar que, neste processo narrativo, os acontecimentos de cada uma dessas competições anteriores serão rememorados nas competições que as sucedem, trazendo para a linha narrativa uma espécie de cronologia e explicação do "país do futebol". Além disso, o tempo presente vai sugerir a "verdade" nas notícias dos jornais. Explicaremos a seguir a formação desta ideia de "tempo presente" e de "verdade" atreladas ao Jornalismo que utilizaremos como ferramentas para analisar nosso *corpus*.

Vejamos como a ideia de tempo presente foi sendo formulada, partindo de três situações: a tecnológica, a econômica e a social. Na tecnologia tivemos a manipulação e precisão do tempo representada pelo relógio, como uma projeção da ideia moderna de tempo. Os horários das fábricas agora regulavam as práticas sociais, sendo os apitos destas, por exemplo, demarcadores de um controle social, o mesmo que os sinos das igrejas representavam na Idade Média. Schafer (2001) entende este ruído como a representação do poder. Esse tempo voltado ao trabalho também acelerava a ideia de circulação de mercadorias e capitais de forma cada vez mais veloz. Ligar cidades de modo mais ágil para escoar a produção crescente de produtos destas fábricas influencia diretamente na construção de estradas e ferrovias, resultando em uma revolução dos transportes e encurtamento considerável do tempo de percurso entre pontos que economicamente tinham relações. Assim, ferrovias, navios, telégrafos surgiam como símbolos da modernidade, conforme indica Thompson (1999).

Na esteira desta aceleração e maior controle do tempo, os aspectos tecnológicos influenciam e criam novas formas de impressão, o que resultará na diminuição do intervalo de

tempo entre o acontecimento e sua divulgação. O fluxo de transmissão e também de interação, já que se coloca mais dados a todo tempo na sociedade, interfere diretamente na percepção de tempo e do acontecimento como algo mais "real" e "presente". O intervalo pequeno entre o "narrar" e "acontecer" indicaria uma ideia de maior objetividade. Supostamente, por conta desta velocidade entre o fato e a sua difusão, não daria tempo para o narrador escolher os fatos, eles falariam por si só. Sendo o papel do jornalista não intervir, apenas narrar o que aconteceu. Assim, o "tempo presente" proporcionado pelos avanços tecnológicos, além de aproximar as experiências, incide na ideia de "real" que o Jornalismo vai absorver e manter como sua base vital. Todavia, narrar já pressupõem uma intervenção, não só do jornalista, mas da atmosfera daquela conjuntura (MOTTA, 2013). Nesta visão, concordamos com Letícia Matheus (2011) ao defender que o jornalismo seria uma "experiência comunicacional compartilhada cotidianamente por um grupo de indivíduos, seja na produção, seja no consumo direto e indireto" (MATHEUS, 2011, p.18). Sua proposição se encaixa com a nossa compreensão deste processo onde as partes se influenciam mutuamente:

> consideramos jornalismo uma prática social, um modo particular de interação entre as pessoas, portanto, dinâmica e sujeita a tensões culturais, políticas e histórias concretas. Também não podemos esquecer que ele não se encontra isolado no mundo. Quem o consome integra circuitos mais amplos de produção de sentidos (MATHEUS, 2011, p.17).

Também é preciso que se jogue o jogo do mundo projetado pelos jornais. Este processo interfere nas interações e consequentemente nos sentidos e na dimensão do tempo da sociedade, na ideia de realidade. Essa concepção dialoga diretamente com a nossa proposta. Como Wolf (2001, p.81) destaca é necessário considerar o contexto e as relações que as notícias estabelecem, pois "a nossa percepção de notícias é diferente daquela das populações no início da Idade Moderna porque tanto a nossa tecnologia quanto o nosso relacionamento com ela são radicalmente diferentes[41]".

Vejamos por exemplo o telégrafo. Ao mesmo tempo em que ele permite uma aceleração das notícias e torna possível a transmissão contínua, fragmenta-se o relato de acontecimentos em segmentos menores e mais frequentes, como veremos nas notícias dos jornais nas Copas de 1930 e 1934. Aqui a noção de ferramentas tecnológicas agindo também

[41] Aqui, cabe ressaltar que um dos autores fundamentais para nossa proposta teórica, Paul Ricoeur, é um dos grandes teóricos contemporâneos tanto da hermenêutica, como da fenomenologia. De forma bem resumida: "a hermenêutica tem como questão e interpretação do sentido do mundo e fenomenologia tem como questão a experiência a partir da qual o mundo recebe um sentido" (JUNGES e ADAMS, 2013, p.13). A percepção da notícia passa por estas duas questões: o sentido do mundo que a narrativa jornalística projeta e como se processa tal experiência ao longo do tempo com as diferentes interações e sentidos acionados pelas tecnologias disponíveis.

no imaginário de uma sociedade, ajuda a compreender como o contexto, a pré-compreensão do mundo em cada conjuntura interfere em cada interação entre esses campos. O Jornalismo é sempre produzido dentro de contextos, como destaca Franciscato (2005, p.93): "o contexto espaço temporal limita certas possibilidades de produção jornalística e configura relações e práticas sociais tanto externas à instituição, quanto interna a ela".

Essa circulação de informação foi se aperfeiçoando, exatamente por ser interessante para determinados campos expandirem sua atuação em locais que antes não se acessava com essa velocidade e eficiência[42]. O correio, o telégrafo e logo depois o telefone, encurtam distâncias e o que se demorava meses para ser "descoberto", agora não passava de semanas. Os mensageiros passam a ser substituídos por instituições que formalizariam e impactariam de maneira vigorosa a transmissão de conteúdo, de narrativas e representações entre regiões que não compartilhavam do mesmo espaço físico e temporal. O que acontecia em determinadas cidades, irradiava para outras e se alastrava por toda a Europa, por exemplo, por conta desta rede de comunicação criada não só pelos aspectos tecnológicos, mas também pelos interesses econômicos em encurtar distâncias e baratear custos. Assim, jornais das metrópoles alcançam cidades do interior expandindo narrativas. Carter (2006) destaca que o modelo inglês do que seria a função do treinador se espalha pelo Europa a partir destes mecanismos, revelando como essa difusão de informações insere imaginários de outras localidades em diferentes regiões. As notícias vão construir o "tempo presente" através do seu fluxo (que irá rapidamente se transmutar de mensal a quinzenal, semanal até o diário), passando pela sua densidade, criando uma periodicidade (MATHEUS, 2011 e RIZZINI, 1968) e o que julgamos primordial: uma vivência comum. Se diferentes espaços temporais e físicos convivem com as mesmas experiências projetadas pelos jornais, se cria uma reciprocidade nos códigos e naquilo que se entende como os acontecimentos, unificando e formando uma "nação" que compõem o mesmo tempo presente, mesmos problemas e mesmas soluções, enfim, o mesmo mundo projetado pela narrativa, mesmo que seja forjado. A ideia de "comunidade imaginada", já exposta anteriormente pode ser perfeitamente encaixada neste cenário.

Franciscato (2005) ressalta que, na segunda metade do século XIX, a abolição de impostos e a liberação de publicações, aliado à Revolução Industrial e a publicidade nos jornais, popularizou de vez os periódicos. A alfabetização da população criou um público para as publicações, as máquinas de impressão cada vez mais ágeis no processo de produção e a

[42] Por exemplo, uma viagem entre Nova Iorque e Boston que demorava 74 horas em 1800, teve este tempo reduzido para 33 horas em 1831 (FRANCISCATO, 2005, p.42).

publicidade permitiu o barateamento dos jornais. Nota-se aqui como as novas tecnologias já influenciavam o Jornalismo. Como Thompson (1999) afirma as formas simbólicas começaram a ser produzidas, reproduzidas e distribuídas numa escala sem precedentes. Os modelos de comunicação e de interação se transmutaram de maneira profunda e irreversível com o desenvolvimento das organizações de mídia e sua expansão (VILLAÇA, 2002, p.30). A presença de anúncios tornou a disputa por maior número de leitores uma realidade. O produto informação passa a buscar atrair o interesse do público. Neste sentido, as notícias esportivas, com a crescente popularização do esporte moderno, passam a fazer parte dos periódicos, em uma relação mútua de amplificação do campo midiático e esportivo. Além disso, a imprensa articula e sedimenta a ideia de imparcialidade, objetividade e veracidade da informação, se apresentando como equilibrada e procurando eliminar a possibilidade de subjetividade em seus discursos.

Surgiria uma instituição dotada de uma criação mítica de que carregaria a verdade dos fatos e saberia manejar essas novas tecnologias de transmissão, criando padrões que em breve seriam incorporados pela prática social às sociedades inseridas neste processo. Ao inserir o ritual jornalístico como uma instituição importante na confecção do real na sociedade, os agentes deste campo também erguem modos de se comportar, postulando a objetividade e neutralidade como pilares fundamentais da profissão, projetando também o "habitus" que seria inerente a todo profissional desta área.

Aqui, cabe uma breve pausa para destacar o conceito de *habitus*[43] de Bourdieu, que foi importante na análise dos treinadores. Para o sociólogo francês este *habitus* seria uma forma característica de projetar as ações e sentimentos dentro de determinado campo. Seria interiorizar os papéis definidos em cada frame, tornando-os um hábito comum. À medida que se envolve em um campo, tende-se a adotar essas práticas não como algo adquirido e sim como algo inevitável e "natural" (MARTINO, 2014, p.154). O *habitus* seria um "maestro invisível", a primeira imagem coletada no lago do imaginário, de forma automática, guiando as ações do sujeito. Seria o "tom" que ajustaria as ações do indivíduo ao *frame* de forma impulsiva, direta, buscando as referências imediatas estipuladas como espontâneas. Seria a prática diária do ofício de jornalista ou do jogador de futebol, que estruturam ações como inerentes àquele campo e ao mesmo tempo permite a dedução de situações com antecedência, baseada nessa prática anterior. Esta concepção também surge na posição de treinador, que

[43] O *habitus* do treinador de futebol elaborado socialmente pelo campo esportivo em interação com os demais campos será apresentado no item 1.5. Julgamos mais apropriado abordar a questão do *habitus* neste item por abordamos a "técnica" que será exigida do treinador, formulando seu *habitus* com base no imaginário e técnicas de produção disponíveis.

deveria estar inserido e conhecer o *habitus* do atleta de futebol, sendo exigida, por muitas vezes, que ele seja um ex-atleta, como nota-se no mundo projetado pelo jornal na escolha de Zagallo para ser o treinador em 1970: “Foi consequência, sobretudo, da experiência que obteve no longo de sua carreira impecavelmente desconcertante, como preparador e quadros cariocas e jogador em duas taças” (O GLOBO, 21/06/1970, p.8).

Retornando a elaboração da práxis jornalística, destacamos que o campo econômico exerce sua influência na construção de um modelo de técnicas de divisão do trabalho voltadas para uma distribuição e produção mais veloz, acompanhando o de uma grande indústria ou uma grande empresa. Neste processo de notícias a todo tempo, de forma ágil, a produção de “algo novo” se torna o diferencial na competição entre jornais, algo que também observamos nas primeiras Copas do Mundo. O “Extra! Extra!” passa a ser atributo de diferenciação frente ao leitor, tornando essa produção de notícias e do tempo presente algo cada vez mais dinâmico, instaurando uma sucessão de “agoras” no fluxo narrativo, dando a ideia de um tempo presente constante nas narrativas jornalísticas.

No campo social, aceitar essa prática de estar informado das últimas novidades, surge como um prestígio social, tanto para o jornal quanto para o leitor que comprava outro periódico na esquina seguinte para saber dos últimos acontecimentos. A representação dos jovens vendedores de jornais espalhados pelo centro das grandes cidades vendendo as “últimas informações” demonstra como essa prática social se enraíza na sociedade e coloca a notícia como produto. As informações contidas nos jornais seriam um estímulo a buscar o novo, convidando os leitores a uma interação, a jogar este jogo, tanto com o mundo que o jornal projetava como na discussão sobre este mundo nos cafés, por exemplo. Ser informado era estar por dentro das novidades, possibilitando uma suposta demonstração de erudição nesses debates, alcançando um status importante nesta interação. O “ler jornal” se transformaria em um hábito social compartilhado pela sociedade. Assim, se a tecnologia e a economia cimentaram as bases para a aceleração deste ritmo, Franciscato (2005) nos apresenta que serão as práticas sociais que irão sedimentar este hábito por meio da prática, simbologias, e as interações, criando um novo sentido de temporalidade para a época, redefinindo a experiência social com as notícias e com os jornais.

Neste sentido, pautar o que será discutido na sociedade se torna fundamental. Ao inserir não só os temas na “esfera pública” (HABERMAS, 1984), mas também modelos definidos por determinados grupos sociais, passa-se a usar essa instituição social para ter “voz” na sociedade, narrando as suas regras, suas porções do imaginário previamente selecionadas, em um meio que se funda como produtor de “verdades”. Nessa elaboração, a

informação jornalística parte de objetos primariamente tidos como factuais, para obter, por intermédio dos acontecimentos, alguma clareza sobre o fato sócio-histórico. A mídia aparece como o dispositivo de conversão do social ao público, já que a midiatização é hoje o processo central de visibilização e produção de fatos sociais na esfera pública. Por isto, o enquadramento midiático é a operação principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta o acontecimento (SODRÉ, 2009, p.38).

França (2012) enfatiza que o papel desta mídia "incide na configuração e dinâmica da realidade de nossa vida cotidiana, e na forma de convivência e atravessamento entre múltiplas realidades que compõem o mundo da vida" (FRANÇA, 2012, p.2). Acreditamos, assim como as proposições de França que mídia e sociedade andam juntas, ela é uma instituição da sociedade, com múltiplos dispositivos que fazem essa sociedade produzir e circular informações e narrativas. Ela seria, conforme já dissemos, este padrão que liga, que vai reforçar o meio vital, o ethos de uma sociedade, expandindo práticas sociais e costumes a cada interação, proporcionando o que Durkheim (1978) entende como uma efervescência coletiva dos grupos. A narrativa de uma fonte autorizada e de confiança se introduz no meio vital, integrando o seu imaginário (como o Jornalismo), recheada e estimulada por laços afetivos que vão resultar em um amplo pacto de prestígio desses padrões comunicativos. Tais padrões, por sua vez, são construídos a partir das ideias e valores dos campos hegemônicos.

Durante as nove Copas do Mundo analisadas, os padrões comunicativos foram alterados significativamente. Da emoção da informação do gol do Brasil chegar por telégrafo e uma multidão aguardar a notícia ser escrita em um quadro negro situado em frente aos jornais para comemorar, passando pela locução de Gagliano Neto em 1938 até transmissão ao vivo e a cores em 1970, sugerimos que essas práticas sociais interferem diretamente na forma de experienciar esses momentos, refletindo na atmosfera sobre a Copa em cada edição. Não estamos aqui enumerando maneiras melhores ou piores de se acompanhar a competição e sim sustentando que elas são diferentes e que essas nuances interferem na interação, principalmente ao acelerar a noção de tempo presente, como já destacamos.

Além disso, seguimos a ideia de Gumbrecht de perceber de que forma os fenômenos de sentido são constituídos e determinados pelos meios e materialidades usados. Ou seja, concordamos com Gumbrecht que uma expressão de sentido está ligada profundamente as circunstâncias materiais e históricas de sua realidade cotidiana e pelas materialidades presentes no seu mundo cultural. A cada Copa do Mundo, teremos novos meios que vão produzir diferentes sentidos sobre a competição e consequentemente sobre os treinadores. Nesta linha, Gumbrecht (2010) enfatiza a ideia de "produção de presença", que seria um

fenômeno que antes mesmo de produzir um sentido, o meio tocaria e afetaria o corpo da pessoa. Presença e imaginário andariam juntos, constituindo-se como uma zona prévia da estruturação de sentido, como Felinto e Andrade expõem: “o imaginário pertenceria ao horizonte dos fenômenos de presença, pois constituiria, por assim dizer, uma matéria bruta, formada por imagens ainda não organizadas em estruturas de sentido” (FELINTO e ANDRADE, 2009, p.82). Ao considerarmos que este imaginário é acessado pelos meios de comunicação, compreender as modificações destes meios se torna importante para captarmos “o mundo” dos periódicos.

Assim, já deixamos aqui uma justificativa de abordar um período histórico tão longo, não só para compreendermos as rupturas e continuidades do processo narrativo sobre os treinadores, mas também para observarmos como tais conjunturas criaram diferentes narrativas sobre a construção do “mundo” dos jornais pesquisados. Thompson (1999) descreve de forma pertinente que os meios de comunicação possuem uma dimensão simbólica irredutível, ligada à produção, armazenamento e à circulação de materiais entre produtores e receptores.

Concordamos com Raymond Williams ao reconhecer os meios de comunicação como instâncias sociais de produção que estão em interação com os outros meios que o produzem e o influenciam (Williams, 2011), impactando na interação ao mediá-la. A cada Copa teremos novas condições de experiência, seja pela tecnologia, pelas atuações do campo político, econômico ou social que influenciarão na atmosfera de sentidos. Foi exatamente isso que constatamos e os números de notícias sobre as competições, aqui já indicados, nos mostram.

Assim, o modo de produção jornalístico vai servir a estes campos na definição do tempo presente, “entrando em campo” para atuar com uma camisa definida. Porém por cima desta camisa do campo, uma camisa que mais representaria a sua construção: a da imparcialidade. Deste modo, como Franciscato destaca:

> a imprensa se institucionaliza em consequências de processos sociais amplos e históricos que atravessam formas específicas de instituições e que constituem os princípios organizativos de uma sociedade, tais como a transmissão da cultura, as relações econômicas, as formas de ação política e as transformações tecnológicas (FRANCISCATO, 2005, p.90).

Todo este conjunto de transformações nestes campos projetou uma importância ao conteúdo produzido pelo ofício de jornalista que interfere nas representações dos outros campos. Para captar essas alterações em nosso objeto, por exemplo, é necessário atravessar as fronteiras disciplinares, possibilitando a percepção das formas de interação entre esses campos, o que acreditamos que nossa base teórica nos sustenta a fazer.

Os jornais pesquisados vão organizar os fatos em uma ordem que busca um sentido para a posição do treinador no *frame* Copa do Mundo, criando um acontecimento, além de repercutirem as ações que a intriga do jornal escolheu como os fatos que resumem "a" verdade. Ao falarmos em acontecimento, nos basearemos, neste trabalho, nas ideias de Vera França (2012) e Queré (2005), ao destacar a mídia como um espaço de repercussão e de criação de acontecimentos. O "acontecimento" seriam os fatos e ações que ganhariam maior destaque nas narrativas. Assim, uma história dos acontecimentos construiria sua narrativa a partir de momentos marcantes. O treinador da seleção teria na Copa do Mundo o seu auge, o momento mais importante de sua trajetória, onde a sucessão de acontecimentos selecionados pela narrativa dos jornais ajudaria a contar suas representações. O que remete a Sodré (2009) ao destacar que o acontecimento seria exatamente a transformação dos fatos em uma narrativa que não dispensa aspectos literários (imaginário, ficção) para sua construção e elaboração do "real".

O acontecimento faria parte de nossa experiência humana, convocando passado e futuro (FRANÇA, 2012 e QUERÉ, 2005), incitando a busca por respostas e projeções para este futuro. Encontramos essas respostas para as interrogações provocadas pelos acontecimentos ao final de uma Copa do Mundo: por que vencemos ou perdemos? O que fizemos no passado e como será nosso futuro? Os acontecimentos, assim, auxiliam nos conflitos, introduzem uma diferença, tendo seu lado dinâmico ao incitar uma reinvenção e manutenção de práticas sociais e modos de vida, sugerindo tanto o "novo" que abordamos anteriormente, quanto a necessidade de continuidade.

Neste ponto é que a narrativa atinge um papel ambivalente: ser a arma para se projetar um mundo diferente do que havia antes, um "mundo novo" e ao mesmo tempo estabilizar os acontecimentos para tranquilizar a consciência de que nada de muito brusco está ocorrendo e que aquilo foi algo "natural". Ela ordena e projeta este mundo, simulando a vitória da "organização" sobre o "caos frequente" deste jogo entre campos. O papel cognitivo do relato é reestabelecer e reconstruir o que foi destruído pelas ambiguidades e pluralidades que deixariam a consciência "bêbada", evitando a desestruturação anterior e remodelando-a, excluindo o medo e a angústia por uma possível e temida "instabilidade" eterna (SODRÉ, 2016). Essa organização seria possível através da nomeação das coisas e de sua explicação, tornando a assimilação de tudo que aconteceu neste complexo processo de interação entre campos mais "tranquila". Explicado tal processo, produz-se novamente uma ideia de estabilidade, jogando para os bastidores a contínua disputa entre campos, suas pluralidades e ambiguidades, evitando a "loucura" de uma instabilidade frequente. Quanto mais explicado,

maior o consenso sobre a nova situação, demarcando um “novo ambiente familiar”, que antes não existia.

Nessa teia de significados as categorizações usadas pelos jornais são fundamentais para explicar detalhadamente o processo, criar conceitos, “organizar” este “caos”, estipular atributos já presentes no imaginário e, assim, erguer sentidos em determinado frame sobre o papel de cada personagem no mundo projetada por aquela narrativa. No próximo item vamos detalhar qual tática usamos e quais modelos adotamos para desenvolver a pesquisa, a partir de toda a fundamentação teórica apresentada até aqui.

1.4 **Categorizações**

O Jornalismo pega uma parte de todo o amplo processo comunicacional e o apresenta como “o real”, convidando o leitor a compactuar com essa “realidade”. Esse convite, quando aceito, se dá por conta de uma construção social importante para a Modernidade que configurou o Jornalismo como, não só um ofício, mas também como uma instituição social, com designações e papéis no quadro de interação social que surgia dentro das cidades. Convencer de que o mundo é da maneira como ele foi narrado, usando citações, números, estatísticas, referências espaço-temporais, artigos definidos dentro de uma coerência, com referenciais comuns ao leitor, singulariza um mundo que é atravessado por múltiplas realidades (MOTTA, 2013, p.39).

Neste sentido Motta (2013) traz uma importante observação, baseado em Silverstone e Berlin sobre as interpretações que fazemos do mundo, criando uma textura geral da experiência. Essa busca pela compreensão do mundo, designaria uma atitude do indivíduo de moldar sua vida e a dos outros, refletindo, criando, buscando objetivos, em constante interação:

> A textura geral da experiência se constitui intersubjetivamente, de maneira compartilhada, através de contínua interação e comunicação com os demais. Os significados são compartilhados, comuns a todos, embora sempre renegociados intersubjetivamente (MOTTA, 2013, p.30-31).

Aprofundando nesta textura geral da experiência, Gastaldo traz uma importante contribuição para o que estamos propondo ao entrelaçar a questão da busca dos campos por uma hegemonia através das narrativas:

> A hegemonia é conquistada através do conflito entre forças sociais pela articulação consensual dos significados, a veiculação de representações torna-se um elemento-chave nesse processo, pois o poder de propor representações torna-se numa larga

> medida o poder de propor "definições" acerca da realidade: o tal "poder da mídia" (GASTALDO, 2002, p.42).

Em nossa análise consideramos que a representação midiática cristalizaria o que a narrativa de determinado grupo deseja impor como correto.

Assim, a representação dos treinadores na imprensa vai tornar a pluralidade de possibilidades de sentido sobre esta figura em algo singular, auxiliando na interação de cada *frame*, especialmente o da Copa do Mundo, indicando o papel de um líder no mundo que o jornal projeta. Ao "entrar em campo" com esta função, análise do Jornalismo se torna fundamental para perceber o que os campos projetavam como "o" mundo.

Para analisar estes "mundos" em cada competição analisamos três jornais[44]. Entendemos que por mais que expressemos em nosso texto as palavras mídia, imprensa e jornais para definir os meios de comunicação, eles não são singulares, cada um possui a chamada linha editorial que interfere na construção da intriga e do que seria o acontecimento para cada um dos veículos. Deste modo, escolhemos *O Globo* e *Folha de São Paulo* (Folha da Manhã) pela longevidade e estarem presentes em todo o período histórico pesquisado. Assim pudemos traçar a linha narrativa de cada um desses periódicos sobre nosso objeto. Além disso, tivemos vozes de dois grandes centros que pretendem irradiar suas representações para todo o país. Mais além, julgamos que os dois veículos são exemplos vigorosos de reprodutores de narrativas de campos hegemônicos durante toda a sua existência, tornando sua análise decisiva e congruente aos objetivos que apresentamos neste trabalho.

O terceiro jornal foi escolhido levando em consideração o contexto de cada competição e a pela identificação regional do treinador. No caso específico da Copa de 1938, por exemplo, a presença da coluna de Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco* nos levou a selecionar o periódico para mapearmos como o treinador aparece no jornal que estabeleceu um marco no imaginário nacional com o artigo *Football Mulato*. A escolha nos pareceu acertada, visto que o mundo criado por Freyre reconfigurou a narrativa sobre o treinador no Brasil, como veremos adiante. Quando o treinador possuiu uma identificação maior com Rio ou São Paulo, nosso escolhido será o *A Noite* ou *Jornal do Brasil*, sendo a relevância de cada um em seu contexto o critério de escolha. No início da análise de cada competição vamos

---

[44] Para uma melhor compreensão do percurso histórico dos jornais pesquisados e suas associações a diferentes campos, sugerimos o acesso a http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo. http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noite-a http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco

delinear os motivos que nos levaram a selecionar este terceiro periódico. Todos os jornais citados estão disponíveis para acesso on-line.

Investigamos somente a parte destinada aos esportes em cada veículo[45] e a capa do jornal, para também mapear quando o assunto foi entendido como o principal da publicação. A capa surge como a primeira impressão do leitor sobre o que encontrará no jornal (TRAVASSOS, 2010). Mais do que um índice do mundo que o periódico constrói, ele é um gênero autônomo com propósitos comunicativos próprios, com o propósito de atrair e seduzir, afetando a percepção das pessoas sobre as notícias (ECKER et al., 2014). A capa seria o convite a "jogar o jogo" do jornal.

O grande número de jornais e suas diferentes localidades são propositais. Primeiro pelo motivo de interpretarmos que ao elencarmos apenas um periódico, iríamos contradizer o nosso modelo e investigar somente uma visão sobre o treinador. Em segundo lugar, porque testamos a hipótese de que um jornal paulista, por exemplo, teria uma narrativa mais associada aos interesses da elite paulista, que poderia em determinada conjuntura não "jogar o jogo" das narrativas oriundas da CBD, sediada no Rio de Janeiro. Isso de fato ocorreu, revelando acertada a nossa interpretação e indicando que no contexto de produção jornalística, sua atmosfera, imaginário e o cenário, induzem a diferentes representações do *self* do técnico apresentado nos jornais. As escolhas do que fará parte da intriga foi influenciada por esta atmosfera, influenciando no mundo coconstruído pela narrativa, como já citamos, por exemplo, durante a Copa de 1950 quando a *Folha* não joga o jogo narrativo do "país do futebol".

Porém, infelizmente, não seria possível, durante a tese, analisarmos a narrativa dos três jornais durante toda a competição (aproximadamente 30 dias). Por isso, selecionamos dois momentos que julgamos chaves e que serão nosso *corpus* de pesquisa para a Análise das Narrativas: a estreia da seleção e o último jogo do time na Copa do Mundo. São pontos cruciais onde a narrativa do treinador se torna mais robusta. A primeira por ser o instante onde se deságua toda a expectativa criada pela estreia, que segundo as narrativas midiáticas, vai indicar o que se pode esperar "daquela seleção" na competição e consequentemente, do treinador. E na segunda, seja com a eliminação ou com o título, temos o "tempo presente" que "encerra" a narrativa daquela Copa, com a tentativa de se definir as representações e papéis de cada personagem: herói, vilão, etc.

---

[45] Ressaltamos que nas primeiras Copas do Mundo mesmo não destinando um caderno específico para o assunto "esporte", os jornais pesquisados destinaram ao menos uma página dedicada à cobertura esportiva.

Acreditamos que através da Análise das Narrativas conseguimos compreender um pouco mais a complexidade do mundo humano, das projeções de mundo feitas pelos narradores, em especial as narrativas dos jornais selecionados, e como, através das narrativas, são demarcadas visões de um grupo social.

Um dos grandes pilares que sustentou nossa investigação são as ideias de Motta (2013), que destaca como a Análise Crítica das Narrativas procura assumir uma atitude mais analítica, aguçada, compreensiva dos processos narrativos, relacionando-os ao seu contexto e sua configuração. Além disso, a Análise de Narrativas, nas palavras de Motta, "pode revelar esse jogo de poder, descortinar a correlação de forças que se exerce nas relações discursivas interpessoais e coletivas" (MOTTA, 2013, p.19). A cada situação comunicacional temos um quadro de correlações entre campos com suas particularidades específicas, que precisa ser levado em conta pelo analista. Como Foucault (1977) destaca, o poder se manifesta muito mais em uma correlação de forças múltipla, instável e incessante, do que na cristalização de instituições e situações de imposições estáveis e permanentes. O poder não é algo de dominação homogênea, e sim como algo que funciona em cadeia, ou em rede, que passa por grupos e indivíduos, nunca acabado, fixo, definitivo. As situações narrativas também são locais de disputa de poder, que vai e volta, e, através dessa correlação de forças em cada contexto, coconstroi-se os sentidos e as "verdades" (MOTTA, 2013).

As ideias de Bourdieu sobre o ato de fala apresentados em *Economia das trocas linguísticas* também nos auxiliaram na análise da narrativa sobre os treinadores. Ao acreditarmos que o ato de fala dos jornais pesquisados está inserida em determinados contextos, em *frames*, que tentam singularizar uma conjuntura, podemos inferir que o imaginário e o *habitus* do jornalista estão presentes no texto. As expressões usadas por ele, por exemplo, fazem parte deste imaginário e *habitus* do campo que a sua narrativa projeta. Este imaginário e *habitus* são, como vimos, algo incorporado, que está predisposto a ser escrito, que absorve não só o imaginário da situação, mas também o imaginário do narrador. Ou seja, os aspectos externos influenciam diretamente o mundo projetado pelo jornalista na construção da sua intriga, já que, como vimos, imaginário e narrativa estão intimamente ligados. O texto é mais do que o texto, é o "jogo jogado" no imaginário, traduzido em gestos, expressões, códigos, que jamais significarão sua totalidade, mas nos indicam rumos e se aproveitam da atmosfera para a sua compreensão.

A análise desses momentos é crucial para a percepção das narrativas sobre os treinadores. Porém, temos consciência que esses dois dias importantes seriam fragmentos de um todo integrado da atmosfera Copa do Mundo. Assim, para não contradizer o que

apresentamos até aqui e não realizar uma pesquisa demasiadamente extensa, mesmo para uma tese, encontramos uma solução que julgamos pontual e preciosa.

Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil[46], selecionamos todas as reportagens que abordam o tema seleção brasileira e as contabilizamos, chegando ao total de 2.351. Neste processo podemos observar quais competições o acontecimento seleção brasileira teve maior espaço, o que auxiliou e sustentou nossas reflexões sobre quais competições tivemos marcos importantes na construção do país do futebol, que já mencionamos no item 1.3. Apenas com os números das notícias sobre a seleção, conseguimos observar o impacto de novos meios tecnológicos (rádio em 1938 e televisão em 1970), o que foi escolhido como acontecimento nos jornais pesquisados e como a repetição de algumas abordagens solidificou o *frame* Copa do Mundo no imaginário nacional.

Em seguida analisamos aquelas que abordam a figura do treinador, totalizando 577. Este ponto foi fundamental para observarmos, através do número de reportagens que mencionavam a personagem, o espaço destinado a ela nas competições. E também relacionamos com a porcentagem das notícias sobre a seleção, podendo responder as questões como: quando o técnico passa a ter mais projeção no mundo criado pela narrativa dos jornais? Em qual Copa ele foi mais mencionado? Na que vencemos ou na que perdemos? Aqui a ideia que tínhamos no início da formatação do projeto que o treinador seria "esquecido" no mundo dos jornais no momento das conquistas, foi refutada. O mais mencionado foi Zagalo em 1970, 207 vezes, por motivos que apresentaremos no item 5.4. Já os momentos de crescimento de sua aparição no mundo dos jornais, 1938 com 71 menções, também nos deram subsídios para compreender como a relação entre campos que levou a profissionalização deste esporte impactou neste crescimento, como veremos no item 3.3.

A partir daí, distribuímos as reportagens entre positivas, neutras e negativas, atentando para os resultados da equipe. Aqui, seguimos o método de Análise de Valência (FERES JR. e SASSARA, 2016), onde "positiva" seriam aquelas notícias que apresentam informações favoráveis, elogiosas e entusiastas sobre a personagem pesquisada, como este exemplo: "O Brasil mostrou nesta taça de 1970 que sabe ser organizado; e aceita a disciplina e, sem dúvida uma das peças principais dessa transformação chama-se Mario Jorge Lobo Zagalo" (O GLOBO, 20/06/1970, p.18). Já as "negativas" aquelas que indicam pessimismo e depreciações sobre o treinador, como por exemplo: "Feola, por favor vá embora/ é o Brasil

[46] Nossa intenção ao "esticar" este período é observar o tratamento da imprensa ao nosso objeto após a eliminação, atentando para os movimentos que pedem a saída ou permanência do treinador, como foi a sua chegada ao Brasil, etc. Fatos que julgamos pertinentes para nossa análise.

que implora/ está vendo o meu fim/ o tricampeonato agora é demagogia/ já é demais o meu penar/ quero que voltem aquelas Copas com alegria/ quero de novo gritar" (O GLOBO, 20/07/1966, p.6). E as "neutras", aquelas que não apresentam avaliações dos técnicos, apenas menções formais a situações como escalações e treinamentos, como: "O Sr. Adhemar Pimenta confirmou a composição do quadro da equipe brasileira, já anunciada" (O GLOBO, 16/06/1938, p.1). Este processo também foi fundamental para relacionarmos as menções negativas, positivas, e neutras com os resultados da equipe. Em todas as eliminações a única que projetou o treinador como "culpado", abordando-o negativamente foi em 1966. Fato que reforçou nossa hipótese de que, como membro da elite, essa personagem seria poupada nos jornais. Veremos no item 5.3 os motivos dessa menção negativa a Feola.

Por fim, distribuímos as notícias sobre os treinadores a partir da categorização encontrada nos jornais. Compreendemos que as categorizações não apenas nomeiam e dão etiquetas, mas também mostram signos e sentidos que sofrem adaptações com as interações, como Koselleck nos mostra em *História dos Conceitos*. O conceito não seria apenas efetivo como fenômeno linguístico, é também indicativo de algo que vai além da língua, o que interpretamos como algo situado no imaginário, que ultrapassa os sentidos do texto. O conceito de determinada expressão vem da relação com os campos naquele contexto, ele se articula com essa conjuntura, na qual também pode operar tornando-a compreensível (KOSELLECK, 1992, p. 136). Todo conceito está emaranhado em contextos, como vimos nas primeiras expressões relacionadas aos técnicos no Brasil: professor, por exemplo.

O objeto se mantém o mesmo, o que se altera é a perspectiva, a forma de olhá-lo, de interpretá-lo e projetá-lo na narrativa. Cada época indica um novo conceito, este conceito ganha novas conotações de acordo com a experiência histórica: "a palavra pode permanecer a mesma (a tradução do conceito), no entanto o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente" (KOSELLECK, 1992, p.138). Exatamente o que aconteceu com o conceito de técnico da seleção brasileira ao longo do período pesquisado.

Na primeira competição, o termo "técnico" e "treinador" não aparecem, indicando como a elite nacional ainda idealizava o espírito amador nesta função. O uso do termo "doutor" foi o mais encontrado, confirmando a intenção, além de amadora, elitista, como veremos no item 2.1. O conceito "técnico" e "treinador" aparece em 1934, seguindo a tendência mundial de exaltação da parte física e importância a essa personagem. Porém, apenas em 1938 ele dividirá as atenções com os jogadores e o conteúdo se modifica, confirmando a interpretação de Koselleck, como veremos no item 3.3. A quantidade de termos usados para mencionar nossas personagens aos poucos vai diminuindo e mostrando a

cristalização das referências serem "técnico", "treinador" e o "nome de batismo"[47]. Interessante notar que em nosso texto usamos exatamente esses sinônimos para nos referir a nossa personagem, o que revela a categorização consolidada destas personagens também no nosso imaginário. Todavia, reforçamos e indicaremos como o termo permanece, mas o sentido se altera como em 1970, por exemplo. Koselleck interpreta esta transformação com a ideia de que os conflitos podem superar os conceitos. Foi exatamente no rearranjo entre campos que a porção da bacia semântica que atribui significados ao treinador foi alterada, reforçada ou repetida através dos rituais, como veremos nas análises.

Aprofundando ainda mais nas ideias de Koselleck, encontramos suporte para a metodologia de se pesquisar esses conceitos ao longo de nove Copas: "Observar sucessivas edições, pode mostrar nuances, pequenas alterações, capazes de indicar redefinições de conceitos, mas ainda são nuances" (KOSELLECK, 1992, p. 144).

Ao postularmos que as categorizações apresentadas pelos jornais sugestionam um pertencimento ao modelo que a elite pretendia expandir para os demais campos, tomamos as ideias de Analise de Categorização de Pertencimento[48] de Sacks (1974) para nossa análise. Partimos da ideia que os treinadores serão apresentados nos jornais investigados a partir da construção da intriga destes periódicos, ao invés de simplesmente existirem e falarem por si só. A visão dos jornais é uma versão sobre essa personagem, que exibe determinadas propriedades e conceitos que estão ligados a um pertencimento a esta elite, dentro do *frame* Copa do Mundo. O conceito da fenomenologia de "atitude natural" que seria esperada pelo treinador, nos ajuda a entrelaçar como o imaginário e *habitus* de cada campo vão influenciar a sua narrativa e exigirem determinados comportamentos, ou seja, se ele jogou o jogo da elite. Essa atitude natural, conforme Braga e Gastaldo (2018, p.3) explicam: "é o mundo que nos é dado por nosso saber cultural de senso-comum e nossos métodos, procedimentos e racionalizações da vida cotidiana". A "bacia semântica" existente e a visão de mundo do campo que narra em determinado contexto serão usadas para categorizar os treinadores e ativar categorizações, tanto para elogiar, como para insultar, como nossa análise indicou. Sacks usa o termo "categorizações" ao invés de "categorias", criando a ideia de categorização de pertencimento.

---

[47] Aqui usamos o termo nome de batismo, porém ressaltamos que este seria o nome de cada indivíduo no campo esportivo, o nome pelo qual será mais conhecido e a referência no imaginário dos interlocutores.

[48] Para maior detalhamento desta metodologia, ver: BRAGA e GASTALDO (2018).

Assim, criamos categorizações, "coleções naturais" sobre o pertencimento dos treinadores nos jornais e frames pesquisados: doutor, delegado, diretor, técnico, treinador, senhor, comandante, coach, selecionador, diretor, senhor e nome de batismo.

Este método de classificação de Sacks (1974) destaca que as expressões e palavras usadas visam claramente estipular sentidos. Sacks acredita que cada personagem envolvida em determinado contexto seria um membro que possuiria um atributo discursivo para identificá-lo neste contexto, no nosso caso no *frame* Copa do Mundo. Dentro dessa atribuição se esperaria determinado comportamento. É notório perceber que a maioria delas se remete a expressões que a "atitude natural" que o predicado exige é de autoridade. Observar tais categorizações usadas pelos jornais em cada contexto confirmou a hipótese de pertencimento a elite, compreendendo a noção de pertencimento como um poderoso elemento de socialização, de fazer parte, de pertencer. Aqui o pertencimento a esta elite funciona como o disciplinador que manterá a ordem social designada por ela. Tais expressões indicam também funções sociais destes predicados tutelados por essa elite, como doutor, delegado, senhor e comandante, para mencionarmos os exemplos mais explícitos. Acreditamos que tais metáforas, assim como as narrativas, não são ingênuas. As expressões "técnico" e "treinador" são as que mantêm a relação imediata com o imaginário do campo esportivo[49]. Porém, veremos neste último item do nosso "mapa tático" como tal categorização foi ganhando o conceito que se aproxima desta autoridade e de um saber técnico "essencial" no mundo dos jornais para "organizar a vitória dentro de campo".

1.5 **A técnica do técnico**

A "técnica" que a nossa personagem deveria possuir é entendida como um "saber os caminhos" para a vitória, alguém que conseguiria interpretar e ler o "jogo" dentro de campo, alguém com conhecimento técnico para preparar os jogadores para as interações. Ele poderia "dominar" toda a complexidade do jogo que já apresentamos. Com toda a base teórica aqui já apresentada, indicamos que esta suposta dominação exercida pelo treinador, é socialmente

[49] Em suma, julgamos que as narrativas da imprensa comumente procuram enquadrar determinados sentidos para facilitar e padronizar a comunicação, sustentando que uma imagem, uma palavra, por exemplo, resumiriam toda uma situação e um contexto. Assim, sairíamos do imaginário, algo plural, passando pela narrativa, que organizaria sentidos. Em seguida teríamos as representações que começam a cristalizar o processo narrativo de ordenar e estabilizar o mundo singularizando-o. Para chegarmos às categorizações que tendem a engessar os papéis e torná-los scripts dentro de uma coerência de ações estabelecidas na narrativa como corretas. As classificações tornam a compreensão de sentidos mais rápidas, mais simples e procuram diminuir a chance de ambiguidade na significação de seus personagens, reduzindo as possibilidades de sentidos, mas operaria o senso comum, fundamental para exercer a interação.

construída. Possuir a tal "técnica" para desempenhar a função, passaria, primordialmente, por se ajustar e compreender como o campo atua, quais seus códigos, as probabilidades de interação, deter um capital simbólico e acumulá-lo para se legitimar como alguém que tem "capacidade" para algo específico. O técnico da seleção deveria agrupar as "qualidades" definidas pelos jornais como "fundamentais" para o cargo. Em síntese: se o indivíduo cumpriu as regras formuladas dentro dos campos para obter o "capital simbólico". Como já vimos, tais regras são elaboradas no conflito entre campos que através de suas narrativas darão ênfase a sua visão de mundo para definir "o correto" dentro de cada *frame* socialmente partilhado. Quando afirmamos, por exemplo, que um texto está tecnicamente perfeito, queremos enfatizar que ele cumpriu as regras gramaticais fielmente. As técnicas de oratória, por exemplo, são ensinadas para como se portar em um discurso. As técnicas para se administrar uma empresa são ensinadas para geri-las dentro de um padrão previamente estipulado. As técnicas acadêmicas também são apreendidas ao longo do tempo para se "jogar o jogo", "aprender a aprender" e compreender o código para a interação do campo. Assim, para sustentarmos a hipótese de que o treinador seria narrado nos jornais como um membro da elite, interpretamos que será exigida desta personagem uma determinada técnica para se enquadrar nestes padrões.

Aristóteles entendia a técnica (*téchne*) como algo amplo, como uma forma de conhecimento (PUENTES, 2015). Da Matta (2002, p.59) aponta que o "técnico" já foi quem dominava uma arte, ofício e profissão, atualmente o termo é carregado de "tecnologia" e da confiança que o ser humano deposita nela em "controlar certos processos naturais". O conceito de técnica hoje está mais próximo a ideia de "habilidade ou destreza de um especialista qualificado capaz de produzir com maestria algum artefato" (PUENTES, 2015, p.1). Na nossa tese interpretamos a "técnica do técnico" é como uma forma de conhecimento socialmente produzido pela elite em cada contexto, pleiteando as habilidades necessárias para "comandar" os jogadores. Esse conhecimento estaria evidenciado na narrativa desta elite, reproduzida pelos jornais, com todos seus complexos aspectos que postulamos anteriormente. Estaria em jogo o imaginário escolhido para formular a narrativa, as visões de mundo deste grupo social e os códigos que regulariam as interações dentro de cada frame. Esta técnica englobaria o uso das ferramentas disponíveis para guiar as ações do treinador, interferindo e adequando o *habitus* e, consequentemente, o capital simbólico estipulado por esta elite. Essa maestria em dominar este conhecimento passaria pelo uso do aparato disponível em cada contexto: o treinador usou os métodos de preparação física e táticos conhecidos na época? Ele usou a tecnologia disponível? Ele compreendeu o *habitus* existente não só no campo

esportivo, mas também o *habitus* de outros campos que a elite formulou como indispensáveis a um líder? Desta forma, o técnico seria um indivíduo com o papel de "dominante", aquele que teria um capital simbólico para literalmente comandar os jogadores dentro do *frame* Copa do Mundo, o que as categorizações encontradas nos jornais já nos apontaram. O desejo da elite é ter o treinador como seu representante neste conflito que é o esporte. Obviamente que esta função social será reconfigurada pela interação durante este ritual, estabelecendo em algumas oportunidades o confronto "técnico x jogador". Por mais que a pretensão da narrativa dos jornais seja a que postulamos acima, o jogo, a cada ritual "Copa do Mundo", vai proporcionar resistência a esta dominação proposta pelo que vamos chamar de elite cultural do esporte.

Para aprofundar nessa ideia, vamos apresentar neste item três pontos fundamentais para elaborar o que seria esta técnica "exigida" pelos jornais a cada competição. O primeiro é o que/quem seria esta elite que usaria o fenômeno social como o futebol para reproduzir suas narrativas. O segundo é como esta elite visa naturalizar as ações dos indivíduos, selecionando parte do imaginário, transformando-o em ações efetivas no *frame* através do que Bourdieu chama de *habitus*. E o terceiro seria o uso das ferramentas possíveis, que vão interferir no imaginário e consequentemente no *habitus* de cada campo, tendo como referência nesta proposição as ideias de Neil Postman (1994).

Norberto Bobbio (1992) destaca que em uma sociedade existe uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder. Essa minoria seria um extrato da sociedade que cria condições para exercer o controle em determinados campos. Mosca (1975) enfatiza que este poder passa pela habilidade do controle das forças sociais que sejam hegemônicas em determinados grupos sociais. Acreditamos que essas condições se dão pela elaboração do código, do controle para definir o "capital simbólico" e da narrativa que vai auxiliar no "aprender a aprender" como interpretar as ações dos indivíduos. Esse extrato pode possuir membros de diferentes grupos e campos que se alinham, ora por submissão, ora por interesses mútuos, ora por posição estratégica para produzir, manter ou ajustar a visão de mundo que seja vantajosa para esses indivíduos e seus grupos. A elite seria o resultado das complexas interações e interesses comuns entre esses extratos, por mais que sejam momentâneos, ajustados a cada contexto e, na nossa análise, interferindo no modelo pretendido de "técnico da seleção". Assim, entendemos o conceito de elite neste trabalho não apenas como relações de dominantes de dominados em cada *frame* social, e sim como a narrativa hegemônica expandida pelos meios de comunicação que molda um mundo e pretende expandir um modelo de sociedade com suas regras e a porção do imaginário escolhido por um determinado grupo.

A elite, portanto, passa a exercer uma forte influência através destes recursos, manifestando concretamente seu poder, como Weber (1978) destaca. O pensamento político brasileiro, por exemplo, passa por essa questão da elite, da formação de narrativas para definir e interpretar o Brasil, como Brandão (2007) e Souza (2015) enfatizam. Esse pensamento político está presente na CBD, como veremos ao longo da pesquisa. Reforçando o tripé da sociologia de Bourdieu, acreditamos que campo, capital e *habitus* se articulam para erguer um conhecimento produzido por essa elite, que vão influenciar o *habitus* e fornecer o capital cultural para que ela mantenha o controle pelo maior tempo possível desta narrativa de "explicar o país". Perissinotto e Codato (2009) resumem o conceito mais operado pelos estudiosos: "a elite como um grupo formado por indivíduos que, no seu campo de atividade, conseguem se apropriar em maior quantidade dos bens ali valorizados" (PERISSINOTTO E CODATO, 2009, p. 252-253). Se o próprio capital cultural seria "formas de conhecimento, preferências de gosto, estéticas culturais, linguagem, narrativa e voz" (THOMSON, 2018, p.98), este capital fornece condições favoráveis aos agentes que o detém na disputa interna e externa entre campos, construindo uma elite[50]. Notamos este movimento nas escolhas e revezamento dos indivíduos que assumiram o cargo de treinador ao longo do *corpus*. Os possíveis treinadores eram sempre pessoas já inseridas no *habitus* e com posição de fala nos jornais.

A partir desta visão da elite se molda o imaginário nacional dentro de algumas teorias, que legitimariam o poder simbólico e justificariam decisões e imposições desta própria elite. Essa elite vai não só elaborar, mas fortalecer instituições sociais, como a CBD, por exemplo, legitimando-as, garantindo sua hegemonia. Esta elite, por exemplo, empregaria o termo "oficial" para a suas narrativas. Aqui, temos desde a escolha da língua oficial de um país[51], passando pelos campeonatos oficiais, até o discurso da imprensa, que incutiria a ideia de "oficialidade" aos atos desta elite. Descartam-se outros imaginários possíveis nesta disputa, e narra-se uma produção do mundo "real", "oficial", tutelando a narrativa da elite.

---

[50] Um exemplo que veremos mais adiante é o de Paulo Machado de Carvalho, agente que detinha um capital simbólico importante nos campos político, esportivo, social e midiático. Essa circulação amistosa influenciou diretamente na cooperação entre os agentes destes campos na formulação da narrativa encontrada nos jornais sobre a seleção brasileira nas Copas de 1958 e 1962, quando Paulo foi o "chefe" da delegação. O que inferimos nessa movimentação é que o agente não está imóvel em determinado campo, ele pode exercer influência em mais de um campo. Assim, a formatação desta elite e de seu imaginário se dá nessas interações entre indivíduos que atuam nos campos.

[51] A língua oficial é algo escolhido para dominar o código, inferir "cultura" aqueles que já têm o seu domínio, fornecendo capital simbólico a grupo social. No Brasil, a língua oficial é o português. Unificar a língua imprime uma imposição da elite e descarta, por exemplo, as línguas africanas e indígenas. Unifica-se nos moldes de um grupo dando vantagens e ele, e dificultando a interação dos grupos que não dominam este código.

Essas estratégias deságuam na narrativa dos jornais pesquisados, que vai expandir este modelo de mundo para o maior número de pessoas possível, sendo, como já enfatizamos, a instituição porta-voz deste setor[52]: "os interesses gerais de uma classe são representados por uma instituição, na qual o objetivo é garantir a coesão da formação social em que essa classe domina sem que ela seja um agente político consciente de seus interesses e organizado para a ação" (PERISSINOTTO E CODATO, 2009, p. 258).

Essa narrativa seria uma maneira de interpretar o mundo, um "conhecimento", uma técnica que permearia as interações entre os indivíduos. Simmel (1983), destaca que esta elite (através de sua narrativa) conseguiria incutir uma certa personalidade a seus membros. Luis Felipe Miguel (2018) reforça que essa dominação molda o dia a dia das sociedades exatamente porque a ordem estipulada por ela, ou seja, o que seria o treinador ideal, é reproduzida pelas ações dos dominados que acabam cumprindo os papéis deles exigidos. Esse "cumprir o papel" dialoga com a ideia de Goffman (2007) que já apresentamos e também pode ser interpretado como o "jogar o jogo". O *self* do treinador seria elaborado nos jornais por esta elite, como o modelo a ser seguido e o papel a ser executado por ele. Esta personalidade e essas ações do treinador seriam para nós o *habitus*. Já abordamos anteriormente algumas definições deste *habitus*, seguindo a ideia de Bourdieu. Neste tópico, nosso objetivo será deixar claro como o *habitus* seria o imaginário em ação.

O *habitus* seria por em prática as referências imediatas oriundas do imaginário para a interação de cada campo. Serão as atitudes efetivas do indivíduo nos rituais cotidianos que lhe darão o capital simbólico exigido pelo campo. Como Maton (2018, p.77) enfatiza: "o *habitus* enfoca nossos modos de agir, sentir, pensar e ser. Ele captura como nós carregamos nossa história dentro de nós, como trazemos essa história para nossas circunstâncias atuais e então como faremos escolhas de agir de certos modos e não de outros". Ou seja, ele é baseado no imaginário. O imaginário, substrato estruturante das narrativas e impulsos que ao mesmo tempo em que as limita, é também a fonte para suas modificações. Essa dominação simbólica reside no fato de que ela supõe que as escolhas, o *habitus*, são inconscientes e sem coerção. O controle não seria impositivo, mas feito no gasoso (seguindo a metáfora do imaginário como água), no *habitus*, no que é aceito ou não nas práticas sociais determinadas em cada frame.

[52] Aqui nos baseamos nos resultados do projeto Manchetômetro, iniciativa LEMEP (laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública), sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos vinculado a UERJ. O projeto faz um acompanhamento da cobertura da imprensa nacional sobre temas de economia e política. Os resultados nos indicam que os veículos da grande imprensa projetam uma narrativa mais negativa a pessoas e partidos ligados a partidos denominados de esquerda, ao passo que é mais favorável a agentes políticos com uma ligação mais intensa com a elite nacional e de partidos denominados de "direita". http://www.manchetometro.com.br/

Não agir conforme se espera é sentir-se um “peixe fora d’água”. A repreensão pode vir no olhar reprovador, em uma exclusão silenciosa operada no dia a dia ou evidenciada nas manchetes de jornais ao recusar determinadas atitudes do treinador, como veremos na Copa de 1966.

O *habitus* nos ajuda a superar uma dicotomia que poderia fornecer a impressão de que ou o agente do campo está livre para suas ações, ou preso às regras de cada contexto social. Este conceito nos ajuda a refletir como a moldura social e a ação do individuo não são excludentes. Ou seja, o treinador pode, e vai fugir em algumas oportunidades das características pretendidas pelo mundo projetado pelos jornais, como o caso de Feola em 1966. Assim, precisamos ter em mente que as práticas não são automaticamente reflexo do *habitus* e sim da interação entre este *habitus* e as circunstâncias, o contexto social, o *frame* de atuação, exatamente por ser o imaginário em ação. Retomando: seria o jogo do homem no seu imaginário. As práticas cotidianas são resultados das relações entre as nossas ações (*habitus*) e a nossa posição num campo (o capital) dentro de um contexto na arena social (o campo), tornando o processo contínuo e ativo (BOURDIEU, 2007b). Podemos assim, amarrar nossas proposições teóricas e compreender que o *habitus* é uma parte do imaginário social daquele campo, estruturado pelas condições que temos em cada contexto, ao passo que o campo pode ser interpretado como um *frame* estruturante das ações e que sofre através dessas ações, modificações.

Ao falarmos das condições em cada contexto, é válido citar Karl Marx (1977) ao compreender que além das implicações econômicas, as tecnologias formulam modos com os quais as pessoas percebem a realidade. Esses modos seriam chaves para interpretar diversas formas de vida social. Inspirado nesta ideia marxiana, Postman destaca um questionamento do próprio Marx: seria Aquiles possível quando foram inventadas a pólvora e a bala? De modo mais específico para nosso objeto: seria possível o tipo de treinamento de Adhemar Pimenta no contexto tecnológico dos mapas de calor e computadores de 2018? Essas ferramentas disponíveis em cada contexto nos fornecem não apenas as condições, mas também se relacionam diretamente com o imaginário e com o *habitus*. Quais ações seriam possíveis em cada contexto com as ferramentas disponíveis? Uma provocação: seria Garrincha, com suas pernas tortas, possível no modelo de exaltação física atual?

Neste sentido, a obra de Neil Postman (1994) é decisiva para nós. Seus argumentos são bases para a noção de tecnocracia e tecnopólio que os técnicos de futebol vão representar nas narrativas midiáticas. Postman enfatiza que “toda ferramenta está impregnada de um viés ideológico, de uma predisposição a construir o mundo como uma coisa e não como outra, a

valorizar uma coisa mais que a outras, a amplificar um sentido de habilidade ou atitude com mais intensidade que os outros" (POSTMAN, 1994, p.23). Com base nesta interpretação, entendemos que as ferramentas inseridas no esporte estão intrinsecamente ligadas as ideias da elite cultural deste esporte. Tais ferramentas construiriam o mundo pretendido por esta camada da sociedade, valorizando alguns aspectos, produzindo um capital simbólico no campo esportivo para quem detém tais ferramentas. Obter as ferramentas, que também entendemos como o código para atuar neste campo, seria a "técnica do técnico".

Essa técnica passaria pela padronização do jogo através de esquemas, números e estatísticas. A técnica alteraria as formas de vinculação social, mudando o padrão que liga e consequentemente alteraria os aspectos do jogo. Postman estabelece três tipos de culturas: as que usam ferramentas, as tecnocracias e os tecnopólios. As que usam as ferramentas são aquelas em que a sua criação vem para satisfazer os problemas urgentes e específicos da vida física ou servir ao mundo simbólico da arte, política, do mito do ritual e da religião, não atacando a dignidade e integridade da cultura em que foram introduzidas. Em suma, as crenças e visões de mundo impulsionavam a invenção: "qualquer ferramenta inventada deveria adequar-se a ideologia" (POSTMAN, 1994, p.35). Postman destaca que tais culturas não seriam pobres de tecnologias, apenas unidas por uma ordem de significado e existência em que fosse quase impossível o lado técnico subordinar as pessoas a suas necessidades.

Na tecnocracia, o quase impossível da ideologia se subordinar as ferramentas se esvai. Postman cita a criação do relógio, por exemplo, que afrouxava a autoridade da Igreja, uma instituição central da vida medieval. A vida social, privada, comercial e industrial passa a ser regulada pelo relógio. Assim na tecnocracia, as ferramentas desempenham um papel central no mundo das ideias da cultura. A tecnologia se sobreporia aos demais campos e não precisaria mais se submeter ao campo social, político e religioso, pois através das mudanças das crenças ela já redimensionou a narrativa dominante, alterou o imaginário selecionado, estabelecendo as antigas ideologias como "devaneios". Zagallo, por exemplo, com posse das ferramentas da preparação física em 1970, declarou aos jornais que estaria "débil" caso jogasse no "antigo" esquema 4-2-4.

É neste ponto que acreditamos que o treinador se insere. Ele conseguiria controlar as ações naturais do jogo através de ferramentas humanas, principalmente criadas na modelo da tecnocracia. Os modos criados para se interferir no jogo passam a ser mais importantes que o próprio jogo e seus atores. O jogo se adapta as ferramentas do momento: televisão, mapas de calor, táticas e esquemas. Tudo que é feito na sociedade precisa, em algum nível, dar passagem ao desenvolvimento dessas proposições e visões de mundo tecnológicas, como

vemos nas narrativas sobre os treinadores. Como Postman (1994, p.28) destaca: “os mundos sociais e simbólicos tornam-se cada vez mais sujeitos às exigências desse desenvolvimento”. As ferramentas atacam a cultura, não são integradas a ela. Elas desmerecem as antigas tradições em prol da “modernidade”, afrouxando relações sociais. Indo mais além, Postman destaca como alterações tecnológicas mudam conceitos, dialogando com a interpretação de Koselleck e que também interfere nos significados dos treinadores, sendo importante para nossa reflexão:

> O telégrafo e o jornal diário mudaram o que antes chamávamos de “informação”. A televisão muda o que antes chamávamos de “debate público”, “notícia” e “opinião pública”. O computador muda a “informação” mais uma vez. A escrita mudou o que antes chamávamos de “verdade” e “lei”; a imprensa mudou-as mais uma vez e agora a televisão e o computador tornam a muda-las (POSTMAN, 1994, p.18).

Para Postman a primeira tecnocracia surge na Inglaterra, na segunda metade do séc. XVIII com a invenção da máquina a vapor por James Watt, em 1765. Daquele acontecimento em diante, a humanidade não passou uma década sem alguma invenção de maquinário que pusesse fim a manufatura medieval (feita a mão[53]). Postman destaca a teoria de Adam Smith que produziu uma “relevância conceitual e credibilidade à direção que estava apontado o empreendimento humano” (POSTMAN, 1994, p.49). Smith justificava a transformação “do trabalho em pequena escala, especializado e personalizado em uma produção em larga escala, mecanizada e impessoal” (POSTMAN, 1994, p.49-50). Criou também o princípio da autorregulação do mercado. Ou seja, em uma tecnocracia – uma sociedade vagamente controlada pelos costumes sociais e pela tradição religiosa e impulsionada pelo inventar (empreendedorismo) – existiria uma mão invisível que eliminaria o incompetente e recompensaria aquele que produz bens baratos, bons e que as pessoas queiram. A mão invisível não ficou clara, mas é até hoje interpretada como existente. Seja a mão de Deus ou da natureza, o capitalismo ganhava forma e estabelecia a tecnocracia, onde a produção guiaria as ações humanas.

Assim, a ascensão de uma tecnocracia (POSTMAN, 1994), de um cientificismo[54] e maior especialização no esporte, metaforizada pelo treinador, é um argumento que julgamos pertinente e apontaremos ao longo de nossa pesquisa. O técnico seria uma elite cultural do

---

[53] Aqui é importante pontuar que trabalhamos com a interpretação de que o futebol sem o treinador seria aquele “feito à mão”, de maneira artesanal, desenvolvidos pelos jogadores no ritual cotidiano do jogar. O treinador chegaria com a intenção de ser a ferramenta externa que vai ordenar esse lado manual, mecanizando o jogo.

[54] A visão, a princípio pessimista de Postman (1994) ao criticar a ciência se torna mais lúcida ao final de seu livro. De forma resumida ele enfatiza que no tecnopólio a dignidade humana não é entendida como era antes, ou seja, apenas pelo seu valor intrínseco a própria vida e humanidade, e sim com números. A imoralidade de pessoas não terem casa, por exemplo, não é entendida pelo simples fato disso ser um absurdo, e sim, única e apenas, pelos dados técnicos dos números de pesquisas.

esporte, alguém que estudou, compreendeu modelos de ação, sabe gerir um grupo assim como uma empresa e por conta disso, terá sucesso. O modo "artesanal" de se fazer futebol é excluído e ridicularizado nas narrativas. O que se entende como "futebol moderno" é tecnocrata. O capitalista tecnocrata focado na produção é o papel do técnico desenhado pela elite. Este futebol moderno constrói, através do técnico, um modo de operacionalizar a "máquina" e a mecanizar o jogo. Nesta mecanização, substitui-se o saber fazer, o dom[55], o artesanal, pelo treinar, como o único modo de se chegar a "eficiência". O lúdico presente no jogo seria improdutivo e sem sentido. A tecnocracia usa a ferramenta e o treinamento como único modo. Assim, adotamos neste trabalho, a interpretação de que esta "técnica do técnico" não teria relação com o dom, com uma dádiva, e sim com o treinamento, com um aperfeiçoamento através da repetição que proporcionaria a compreensão do *habitus* de cada campo. Logicamente teremos jogadores que vão confrontar este modelo, indicando como o esporte é palco para essas disputas, como veremos adiante.

Na lógica capitalista, presente na elite, da mesma forma que os donos das fábricas tentavam criar ferramentas para fazer seus bens simbólicos com mais rapidez, mais perfeição e mais beleza, o técnico estaria incumbido desta tarefa no futebol. Ele seria "competente" se conseguisse inventar novas ferramentas como o objetivo de: ser eficiente, padronizar, medir e ir rumo ao progresso (POSTMAN, 1994, p.51). O resultado seria o mais importante. Este progresso seriam as vitórias da equipe. Gulianotti (2010, p.170) usa uma expressão interessante ao resumir Herbert Chapman: "foi o Ford do futebol e seu primeiro dirigente moderno". Davies (1992, p.301) é mais incisivo: "Sob seu ponto de vista, todos os artifícios utilizados pelo industrial para agilizar a produção de bens poderiam ser usados igualmente para agilizar a produção de gols." Chapman é um símbolo da tecnocracia aplicada à profissão de treinador. Foi considerado o primeiro modernizador do futebol, exatamente por utilizar ferramentas empresariais em suas táticas e condução dos jogadores: "ele estabeleceu a sua autonomia gerencial no clube, gastou pesadamente no mercado de transferências e moldou seu time para explorar as novas leis" (GIULIANOTTI, 2010, p.170). Wagg (1984) destaca que Chapman buscava implantar um método para "organizar a vitória[56]", mas enfatiza que

[55] Para uma reflexão acerca do "dom" no futebol nacional ver Giglio, Morato e Almeida (2008).

[56] Entendemos o "organizar a vitória" como uma tentativa de controlar o lúdico, interferindo na "brincadeira". Roger Caillois (2017) defende que o jogo precisa ser algo incerto, o resultado não pode ser determinado de antemão. A liberdade de inventar e mudar o rumo do jogo é uma obrigatoriedade, algo que o modelo tecnocrata no esporte tenta padronizar. Para Caillois (2017, p.266-267) "não se joga se já existe a certeza de ganhar. O prazer do jogo é inseparável do risco de perder. Toda vez que a reflexão combinatória (em que consiste a ciência dos jogos) consegue chegar à teoria de uma situação, o interesse de jogar desaparece com a incerteza do resultado." Já Melo et al. (2013, p.8) destacam que Rottenberg (1956) apresentou uma pesquisa concluindo que a incerteza nos resultados era o "maior gerador de interesse do público que se dedicava a

quando chegou ao clube inglês Arsenal, tinha a sua disposição 100.000 libras por ano para contratações vindas do patrocínio do "Bank of England Club". Como diretor e técnico (manager) do Arsenal da Inglaterra teve nos títulos conquistados nas décadas de 1920 e 1930 o capital simbólico necessário para estabelecer sua "filosofia de jogo" como correta. O esquema conhecido com WM é associado diretamente a Chapman, considerado seu inventor (GILIANOTTI, 2010). As ferramentas disponíveis para Chapman não só incutiam o *habitus* empresarial no futebol, como também mascaravam a forte entrada de recursos, desestabilizando a disputa com os demais clubes, ao resumir as vitórias de Chapman ao seu talento e eficiência, sem destacar a disponibilidade financeira para "contratar os melhores" atletas. Wagg (2006) ao analisar a narrativa sobre o técnico português José Mourinho ao chegar ao Chelsea (Inglaterra), revela este mascaramento de associar as vitórias de um clube, que recebeu um volume alto de investimentos após ser comprado por um bilionário russo, estritamente ao treinador português. Como se o dinheiro para comprar os "melhores" fosse um "detalhe".

Postman interpreta, e concordamos com ele, que ao cultivar o uso de uma determinada tecnologia e ferramenta nova, aqueles que detém uma competência para executá-la, serão considerados uma espécie de "grupo de elite", o que ocorreu com os treinadores, tendo Chapman como maior exemplo, destinando a esta personagem uma autoridade e prestígio. Wagg (1984) entende que depois de Chapman surge a ideia da profissão de treinador, ou seja, alguém apto para desempenhar uma atividade. Passa-se a exigir um especialista naquele conhecimento. Chapman morre em 1934, mas seu legado ficaria simbolizado na mudança do termo que se referiria ao cargo na Inglaterra: "Coaching" e na criação pela Federação Inglesa do primeiro curso de "Coaching". Essa escola ensinaria, dentro do modelo de Chapman, o que seria "ser treinador", associando toda a narrativa e imaginário da elite inglesa sobre o cargo, algo que seria replicado em vários países com a tutela de "modernidade". Quem estivesse ligado à "antiga tecnologia" de comandar o futebol seria atrasado, quem dominasse a "nova" seria o tecnocrata da vez na narrativa jornalística.

Nesta mesma linha, com a narrativa de "modernização" da formação dos técnicos brasileiros, a CBF, como instituição reguladora do futebol nacional, definiu tipos de licença para que uma pessoa possa ser um técnico. É a exigência de um capital simbólico que será fornecido por ela mesma, em quatro níveis de licenças: C, B, A e Pro. A "C" destinada a "profissionais que atuam ou desejam atuar no futebol na condição de treinadores/professores

---

acompanhar e consumir as partidas e produtos esportivos." Acreditamos que "jogar o jogo" envolve risco, algo que o mercado tenta evitar ao máximo.

de escolas de futebol"[57]. As exigências passam pela junção do *habitus* e da formação acadêmica: profissionais ou acadêmicos no último ano de Educação Física e/ou Esporte, ex-atletas de futebol profissional com Ensino Médio e com pelo menos sete temporadas completas de carreira em atividade, e treinadores/professores de escolas de futebol com Ensino Médio Completo e com pelo menos cinco anos de experiência comprovada. Esta licença, que seria o primeiro nível do treinador, custa R$ 5.600,00. Já a Licença Pro, "para profissional que atua ou deseja atuar no futebol, em equipes profissionais, na condição de treinador, para uma prática **competente** e atualizada cientificamente" (grifos nossos) custa R$ 19.130,00. Entretanto, para ingressar no curso "Pro" é necessário o "A", que tem como exigência o "B", que, por conseguinte, exige o "C". Assim, o futuro treinador de futebol precisa desembolsar, atualmente, o total de R$ 42.990,00. Fato que nos faz concluir que, com a narrativa de "modernização", exige-se o pertencimento deste treinador a uma condição financeira, ainda que não seja de elite, mais favorável do que a maioria da população. O uso do termo "competência" já poderia nos reservar uma boa análise de um modelo de gestão voltado ao ambiente empresarial. Porém, nas disciplinas que integram o currículo desta licença, algumas explicitam o viés corporativo que o cargo se tornou. Disciplinas bem similares ao currículo de um estudante de Administração: "Gestão Técnica do futebol", "Marketing", "Gestão Financeira", "Gestão: liderança transformadora" e "Coaching". A última matéria com referência a função de Chapman, que vimos anteriormente. Inevitável pontuar a reflexão de Ehrenberg de que "a prática esportiva e a linguagem do esporte penetraram a tal ponto em todos os poros da sociedade que está em via de se tornar uma passagem obrigatória para os valores da ação. Entramos numa nova era do esporte" (EHRENBERG, 2010, p.10). Os cursos de "Coaching" saíram do ambiente esportivo e foram incorporados não só as empresas, mas também na vida pessoal das pessoas, em uma visão tecnocrata de gerir sua vida e seus "desafios". As narrativas esportivas da individualidade e superação de "barreiras" se tornaram metáforas usadas para o indivíduo se autogovernar em um mundo dominado pela ótica neoliberal. Vencer passa a ser o único objetivo no "jogo da vida", independente de suas condições, cenários e contextos. Seria necessário um "coaching" no planejamento de carreira, na vida amorosa, nas finanças, enfim, em qualquer área de atuação humana esse imaginário de "gerir com competência" se entranhou. De acordo com Postman (1994) este conjunto de atividades que estabelecem a gestão e eficiência acima de tudo seria a mudança da tecnocracia para o tecnopólio.

[57] Mais detalhes sobre a grade curricular e as exigências dos outros níveis de licença, ver: https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt/licencas/view.php?id=114, acesso em 14/01/2019.

Postman afirma que a tecnocracia não destruiu por completo as tradições dos mundos sociais e simbólicos. Ela os subordinou e até os humilhou, mas não os deixa totalmente ineficazes, por conta deles ainda serem elos de ligação entre as participantes desta sociedade. Aqui é importante indicar que a tecnocracia sustenta essas duas visões opostas, a tecnológica e o tradicional. No futebol seria o "futebol-arte" x o "futebol moderno", por mais engessadas e imprecisas que tais formulações possam ser, mas que sustentam uma tensão inquieta presente nas disputas em torno do futebol, principalmente nas Copas do Mundo. O "futebol-arte" seria a trincheira nacional contra a tecnocracia no futebol. Por mais que seja forjado, é destacada como o momento onde a nacionalidade e a "pura arte de jogar" podem ser vistas, sem os modelos tecnocratas.

Postman destaca que, com o tecnopólio, essa tensão, própria das sociedades tecnocratas, desaparece. Ela não a torna ilegal, não a torna imoral, nem impopular, ela as torna invisíveis e consequentemente irrelevantes. Na nossa intepretação, o tecnopólio a mantém afastada da associação imediata feita pelo imaginário, até ela se tornar algo pouco comum e até mesmo um "devaneio". O tecnopólio é a tecnocracia totalitária. Aquela que esmaga as outras formas sociais que coabitavam o imaginário social, colocando o imaginário tecnocrata como o único possível. O neoliberalismo atuaria nesta linha: afrouxar relações e tradições para expandir a ideia de "eficiência". Podemos notar que as narrativas de determinados campos trabalham frequentemente uma ideia de "novidade", como algo que contribui com a evolução da humanidade, como, por exemplo, a narrativa do campo tecnológico que vemos hoje. O tecnopólio acelerou ainda mais essa busca por novo e ao mesmo tempo que estabiliza a "sua novidade", ela derruba as tradições rompendo o "trajeto antropológico". A narrativa exige, por exemplo, um uso de aparatos tecnológicos como "mapas de calor", que medem as regiões em que cada atleta mais circulou durante a partida, como "a" solução para desvendar complexa interação existente dentro do gramado. Rejeitar tais "modernidades" tecnológicas jogaria o treinador que as recusa como "antiquado". O treinador que não se adéqua a "novidade" de ser um gestor no futebol, por exemplo, estaria "ultrapassado", precisando rever seus métodos e entender que "o mundo mudou" e sem saber gerir, você "vai à falência". Neste sentido e na conjuntura atual, a falência seria muito mais do *self* construído pelo treinador frente aos outros do que uma gestão financeira propriamente dita. A ruína da representação perante aos seus interlocutores seria uma "vergonha inestimável" que repercutiria nas interações futuras, criando estereótipos, limitando a produção de sentidos, estabelecendo a ideia de "peixe fora d'água" que já mencionamos. Aqui, podemos destacar uma clara exigência, típica da tecnocracia, de usar as ferramentas

disponíveis como a única resposta, a mais eficiente e a “correta”. Não queremos insinuar que o uso da tecnologia deva ser execrado, mas sim que ele não deve ser compreendido como a “salvação” para o esporte e sim um dos elementos que compõe essa complexa interação. Logicamente que quem domina a tecnologia, quer vendê-la como a incomparável solução para o “atraso” do futebol, como um inevitável e necessário modelo a ser seguido.

O grande ponto de virada do tecnopólio foi o uso do principio da “gerência científica”. Taylor (1990) em seu livro Princípios da Administração Cientifica, destacava que o objetivo principal do trabalho e do pensamento humano era a eficiência. Para Taylor, o calculo técnico é, em todos os aspectos, superior ao julgamento humano. O julgamento humano não é confiável, pois é ambíguo, sem exatidão e com uma complexidade desnecessária. A subjetividade é um obstáculo para o pensamento claro. Para os defensores desta linha de raciocínio o que não pode ser medido ou não existe ou não tem valor. Passa-se a inserir os números e estatísticas em tudo, tentando estabilizar algo instável como já vimos. Exclui-se e desdenha-se a complexidade do jogo com planilhas que levariam o time à vitória. Ou no campo político e econômico: corta-se recursos para as esferas sociais sem captar algo que não se mede, como a dignidade humana.

A obra de Taylor para Postman é a primeira declaração evidente que “a sociedade é mais bem servida quando os seres humanos são colocados à disposição de suas técnicas e de sua tecnologia, de que os seres humanos valem, em certo sentido, menos que sua maquinaria” (POSTMAN, 1994, p.61) O mercado e o técnico saberiam exatamente o que fazer, através de números. Vidas humanas não importam, pois elas não se esforçaram o suficiente para obter eficiência, e mais do que isso, como não podem ser medidas em números (são intangíveis no ponto de vista moral) não existem.

Para Taylor, os assuntos dos cidadãos são mais bem orientados e conduzidos pelos especialistas. Para tudo se chama um técnico que, com suas planilhas, vai gerir a eficiência pelos números sem analisar o todo. Tal pensamento foi criado por Taylor para ser usado apenas na produção industrial. A ciência seria introduzida na empresa para que o trabalhador se liberasse de toda a responsabilidade de pensar. O sistema pensaria por eles. Esse processo narrativo da tecnocracia foi aos poucos se entranhando em outras esferas com a forte influência da técnica em outros campos.

Apontamos que será exatamente essa concepção que o treinador terá no esporte. Alguém especialista que trará eficiência e objetividade, com cálculos técnicos sobre as decisões durante um jogo. O técnico será cobrado pela eficiência e nada mais. Qualquer tipo de técnica (tática) pode ser pensada para que os jogadores não pensem, apenas se encaixem

dentro dos sistemas previamente estabelecidos, sejam obedientes dentro do campo e cumpram aquilo que foram designados. Os jogadores seriam trabalhadores dentro de regras pensadas por esses especialistas. A complexidade do jogo, subjetividade, atrapalhariam o "pensar o jogo" por especialistas. Quanto mais mecânica melhor. Tanto jogadores como as pessoas deveriam se adaptar as ferramentas inventadas na tecnocracia para o jogo/vida. Quanto mais adaptável a tais regras, melhor o jogador e o treinador. Constrói-se a ideia de que a nossa vida ser mudada pelas ferramentas seria algo natural e necessário (POSTMAN, 1994.p. 60-61).

Para enfatizar a diferença central que Postman destaca: a tecnocracia não tem como objetivo um reducionismo, na qual a vida humana encontrará seu sentido na maquinaria e na técnica. O tecnopólio tem. O tecnopólio seria a submissão de todas as formas de vida cultural à soberania da técnica e da tecnologia. O tecnopólio é totalitário no sentido que as instituições sociais e suas pluralidades são reduzidas. A complexidade é que tanto abordamos aqui é desdenhada. Tudo se resumiria a visão tecnopolista, descontextualizada e como Postman (1994) argumenta sem uma fundação moral. Proposição que Sodré (2016) também destaca ao compreender que o lado estritamente técnico (simbolizado pelo tecnopólio) cria uma barreira a empatia humana. Aqui cabe uma crítica sobre o modelo técnico, "imparcial" e "objetivo" que se estrutura sobre o Jornalismo. É uma aproximação à tecnocracia que busca excluir a subjetividade humana na visão do jornalista, a eficiência viria pela razão e pelos fatos que falariam por si só, sem a intervenção humana, algo rigorosamente técnico, quase mecânico, sem a necessidade de contextualização e a mínima compreensão da complexidade do processo que já abordamos.

O tecnopólio busca quebrar o processo histórico e tornar os imaginários anteriores irrelevantes e as interações anteriores ineficazes. Nesta ótica, o futuro não precisaria de nenhuma ligação com o passado. A tal modernidade do futebol nacional bastaria. Para Postman, houve uma perda da confiança em nossos sistemas de crença e, por consequência, em nós mesmos. Restou-se apenas uma coisa para se acreditar: a tecnologia. O único fetiche do capitalismo e sua sustentação até hoje, como Sodré (2016) destaca. As máquinas não errariam, o problema seria quem operou a máquina. A culpa seria do técnico que não soube manejar as ferramentas disponíveis e vencer o jogo. Oculta-se que o jogo é uma interação imprevisível, impossível de ser mecanizada e controlada. Em caso de derrota os técnicos seriam os defeituosos, pois tem a sua disposição computadores, centros de treinamento, preparadores físicos, fisiologistas, fisioterapeutas e analistas de desempenho e mesmo assim perderam. Assim, ao mesmo tempo em que ele representa e atende aos interesses simbólicos de liderança de uma correlação de forças na sociedade que denominamos "elite cultural", ele

seria também alguém descartável por essa elite, que o retira do cargo de maneira ágil e recoloca outro, mas sem, principalmente no caso da CBF, modificar a estrutura. A eficiência tecnopolista, baseada em números seria "desculpa" para os atos e facilmente aceita pelo imaginário social moldado pela tecnocracia. A metafísica e a razão viriam do deus mercado, da tecnologia e dos aparatos disponíveis em cada época.

Essa tecnologia também pode ser interpretada como Chauí (2001) destaca, a própria lógica empresarial. A lógica empresarial imiscui-se em todos os campos da vida atual, na qual o indivíduo seria empresário de si mesmo, desconectado de qualquer história social, jogando uma competição insaciável e mortal, onde a meritocracia seria o capital simbólico forjado para justificar o espaço ocupado pelo agente dentro do campo. Esse "conhecimento" empresarial vai ser incorporado ao esporte, reduzindo as instituições esportivas históricas a "empresas" e implantando o *habitus* da vertente econômica nas práticas cotidianas. Os clubes passam e ser "geridos" como empresas e o técnico seria seu gerente. Perder não seria algo do jogo, do conflito e sim uma falha na gestão. A tecnologia do capital financeiro se materializa na lógica empresarial: saúde, educação, política, Estado, tudo seria uma empresa, algo simples de ser solucionado através das tecnologias disponíveis coordenadas por especialistas "eficientes" e "gestores", representados pelo treinador e sua comissão.

Assim, em linhas gerais, nossa preleção indicou o objetivo central, as linhas de atuação e referências que usaremos no "jogo da tese". Pela complexidade do jogo, fomos extensos na exposição para dar conta de apresentar o "nosso estilo de jogo" e inseri-lo no imaginário de nossos interlocutores. Indicamos aqui as teorias que foram usadas como nossa "ferramenta" de análise das 2.351 reportagens selecionadas. A narrativa sobre técnico estaria permeada de todas essas peculiaridades aqui apontadas: a formação dos contextos, o conflito entre campos, as disputas para selecionar um extrato do imaginário social que será posto em prática pelo *habitus* a cada *frame* e a "tutela" dos meios de comunicação ao tornar exponencial tais narrativas para um número relevante de pessoas, categorizando e produzindo conceitos sobre o papel desta personagem a cada competição, que se relacionam diretamente ao modelo de liderança que a elite almeja. É com este pensamento que entramos em campo.

2 **OS PRIMEIROS MOVIMENTOS - DOUTOR E DIPLOMATA**

O nosso primeiro período de análise consiste em uma ruptura crucial entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association)[58]. Mais do que realizar pela primeira vez uma Copa do Mundo, o francês Jules Rimet, então presidente da FIFA, criava um subcampo dentro do campo esportivo através de uma correlação de forças que conferiria ao futebol uma posição de destaque e de certa independência frente à entidade que regia as regras do esporte mundial (COI). Antes de entrarmos na análise das narrativas sobre o treinador da seleção brasileira e as categorizações utilizadas pelos jornais pesquisados, julgamos determinante apontar, de forma breve, essa emancipação do futebol que teve na Copa do Mundo de 1930 seu grande simbolismo.

Recheado de valores nobres ingleses como cavalheirismo, amadorismo e *fair play*, o francês Pierre de Freddy, conhecido como Barão de Coubertin, admirador das Olimpíadas Antigas, aventou, no final do século XIX, o surgimento do movimento olímpico moderno. Nos primeiros jogos disputados em Atenas em 1896, a considerada baixa adesão dos países e participantes (14 países e 241 atletas), fez com que as Olimpíadas de 1900 (Paris) e 1904 (St. Louis) fossem realizados juntamente com as Exposições Universais[59] com o objetivo de atrair mais público. Nesses primeiros anos também foram fabricadas uma série de tradições[60] que promoviam a abertura do evento[61]. Pivato (1994) destaca que somente em 1912 (Estocolmo) os Jogos obtiveram maior popularidade tanto em espectadores como em países participantes[62].

No início da década de 1910, o cenário europeu apresentava o campo político e militar com forte influência sobre os demais campos, propiciando uma explosão de sentimentos nacionalistas, o que catapultou o campo esportivo como grande palco de disputa entre nações. Dois anos após as Olimpíadas de Estocolmo, essa exacerbação do nacionalismo refletiu na eclosão da Primeira Guerra Mundial. Em 1920 na Antuérpia, dois anos após o fim da Guerra,

---

58 É importante destacarmos que os dois órgãos atualmente possuem mais membros (FIFA 211 federações afiliados e COI com 204 comitês associados) que a ONU (Organização das nações Unidas) com 193 países membros. Estes números nos indicam como as relações entre campos são complexas e se modificam dependendo das interações presentes em cada entidade. Para mais informações, ver: http://www.un.org/en/member-states/index.html,https://www.fifa.com/fifa-world-ranking/ranking-table/men/,https://www.olympic.org/national-olympic-committees?q=AlphabeticalOrderFilter

59 Para melhor entendimento dos sentidos projetados pelas Exposições universais neste período, ver Freitas (2011).

60 O termo tradições inventadas remete-se a Hobsbawn (2012). O autor enfatiza que supostas tradições são inventadas com o objetivo de manter a identidade social de grupos, baseando-se na introdução de novas práticas ritualísticas, inspirada, algumas vezes, em um passado histórico e em mitos de fundação do grupo em questão.

61 Para uma melhor compreensão deste período e a evolução das cerimônias de abertura ver AMARO, MOSTARO e HELAL (2014).

62 Para uma análise aprofundada dos primeiros jogos olímpicos na imprensa nacional ver Amaro (2018).

os Jogos voltaram a ser disputados. Mesmo com a introdução de elementos simbólicos que promoveriam a paz como os anéis olímpicos, representando os cinco continentes unidos, o evento não ficou livre de ser palco novamente de representações nacionalistas. A performance dos atletas passou a representar, nos enquadramentos e associações midiáticas, o sucesso ou fracasso da nação. Acreditamos que essa vinculação atleta-pátria teve seu ápice nas Olimpíadas de Berlim em 1936. Adolf Hitler acreditava que a suposta supremacia do povo ariano seria evidenciada durante os Jogos e estabeleceu pela primeira vez o quadro de medalhas com a concepção de indicar qual nação venceu a competição. Aqui, consideramos que, novamente, o campo militar e político interferem no campo esportivo, modificando os sentidos iniciais dos jogos propostos por Coubertin. A exaltação da nação e o sentido de pertencimento a uma comunidade através dos Jogos penetraram no imaginário de vários países, declinando a proposta amadora na performance dos atletas e aproximando-a de uma preparação exacerbada para elevar o nome da nação a qual ele representa. Esse cenário levou Huizinga (1971) a decretar que essa modernização e a excessiva organização do campo esportivo levariam a uma suposta perda dos elementos lúdicos do jogo.

Todavia, o futebol seguiu outro rumo dentro das Olimpíadas. Após se espalhar pelo mundo através do Imperialismo britânico, os ingleses não conseguiram manter a hegemonia dentro do subcampo deste esporte (FRANCO JÚNIOR, 2007). Tanto que sete nações se reuniram e organizaram, em 1904, a Fédération Internationale de Football Association, o nome significativamente francófono tentava quebrar o domínio britânico[63].

A estreia do futebol nas Olimpíadas foi nos Jogos de 1900. Nesta competição e em 1904, as escolas de futebol disputaram o torneio representando países. Assim Upton Park FC (Grã-Bretanha) foi o primeiro campeão olímpico, vencendo o Club Française na final e o time canadense Galt City FC venceu em 1904. Em 1908 e em 1912 a Grã-Bretanha venceu a Dinamarca nas duas finais. Em 1920, já sob organização da FIFA, mas dependente do COI, a Bélgica foi campeã (FRANCO JÚNIOR, 2007).

No contexto dos anos 1920, os embates entre amadorismo e profissionalismo despontam em vários países, como vimos no capítulo anterior o exemplo do Brasil. Neste embate, a FIFA coloca-se a favor do profissionalismo ao passo que o COI se posiciona a favor do amadorismo.

Em 1924 e 1928, o Uruguai ganhou as duas medalhas de ouro nos Jogos de Paris e

[63] Os países fundadores da FIFA foram Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça. Até 1918, a entidade viveu à sombra dos dirigentes ingleses que tinham um número de cadeiras maior no seu conselho e mantinham a entidade sob seu controle.

Amsterdã. Mas, como a próxima edição seria em Los Angeles, o COI resolve retirar o futebol da disputa já que no país sede, EUA, o futebol americano, derivado do *rugby*, tinha mais fama e popularidade do que o *soccer*. Nesta disputa por legitimar a influência dentro do esporte, surge a ideia de Jules Rimet: organizar um Campeonato Mundial de seleções sem ter a influência do Comitê Olímpico Internacional. O COI queria o futebol como um evento apenas para amadores e divergia da FIFA, que queria a profissionalização.

Por este motivo, prevendo que após 1928 o futebol seria excluído das Olimpíadas, foi realizada uma assembleia em Amsterdã no dia da abertura dos jogos de futebol. Uma reunião do comitê da FIFA decidiu criar a Copa do Mundo. O evento, paralelo ao olímpico, também seria realizado de quatro em quatro anos. No dia 18 de julho de 1929 em um congresso extraordinário da FIFA em Barcelona, no hotel Imperador, os 18 membros da entidade decidiram pelo Uruguai. Os motivos eram homenagear o país que comemoraria seu centenário no ano da realização da Copa e um prêmio pelo bicampeonato olímpico, que na época era legitimado como um campeonato mundial (GEHRINGER, 2014). A escolha do Uruguai era um marco para o surgimento de um novo campo esportivo, sem o poderio e domínio britânico, com o reconhecimento dos países americanos e sul-americanos e com um torneio longe dos olhos do COI. Assim, concordamos com Melo et al. (2013, p.75) ao interpretar que as competições esportivas funcionam como "um importante palco para que certos grupos possam dar visibilidade a suas lutas e reivindicações".

Acreditamos que esta ruptura foi decisiva para a Copa do Mundo engendrar performances mais protuberantes no campo midiático do que o olímpico. O futebol continuou sendo disputado nos Jogos, porém ao manter o controle das federações nacionais, a FIFA sustentou o caráter amador do futebol nos Jogos Olímpicos, com uma iniciativa clara de esvaziar a simbologia da presença dos melhores atletas nesta competição, sugerindo uma disputa entre "jogadores sem importância", diferente do evento Copa do Mundo. Tal fato retirou os jogadores considerados mais talentosos e já profissionais em seus países das disputas olímpicas[64]. Nota-se como o conflito dentro do campo esportivo proporcionou alterações nas representações sobre este esporte e sobre os eventos.

Assim, a competição de 1930 inauguraria a ideia de um grande torneio com os melhores jogadores do mundo, desvencilhando-se dos Jogos Olímpicos. Porém, a baixa adesão dos países europeus, apenas quatro (França, Romênia, Iugoslávia e Bélgica) entre os treze participantes, transformou o torneio em uma demonstração diplomática de apoio à FIFA

[64] Para um detalhamento das narrativas dos Jogos Olímpicos nos jornais brasileiros ver: MOSTARO E BRINATI (2017).

e sua ruptura com o COI. Não queremos aqui sustentar que esta foi a única proposição do evento, já que veremos uma mobilização intensa da imprensa em promovê-lo e destacá-lo como o "Campeonato Mundial de Football" e sim sugerir que o grande impacto da Copa no Uruguai foi exatamente o simbolismo que o ato de Rimet provocou no campo esportivo, sem descartar outros sentidos que vieram junto à atmosfera criada pela competição na América do Sul. Veremos a seguir, como o evento foi abordado nos jornais analisados e qual seria o papel do treinador neste primeiro "duelo entre nações" sob a tutela da FIFA.

2.1 **1930: O Doutor na Copa da Diplomacia**

Acreditamos que no Brasil o torneio serviu como um capítulo importante da disputa pelo controle do futebol nacional, em definir "quem representaria a pátria" no torneio. No processo de tentativa de unificação do controle do esporte nacional com a criação da CBD, destacamos a vigorosa disputa entre os dois principais centros esportivos do país. Antes de seu reconhecimento pela FIFA, em 28 de dezembro de 1916, e até mesmo após esta data, a entidade permanecia com um embate entre paulistas e cariocas que tentavam estabelecer uma hegemonia dentro da organização. Pereira (2000) destaca que os repetidos jogos entre as seleções paulistas e cariocas durante este período ocasionaram um aumento na já acirrada disputa entre os dois estados. Tal confronto também se observava no âmbito político, social e econômico. Entre elas a hegemonia na política nacional, o que resultou na "Revolução Constitucionalista" de 1932, onde os paulistas tentaram tomar o poder e destituir o governo de Vargas, mas sem sucesso. Em suma, os paulistas pleiteavam de forma aguda tanto o controle do esporte, quanto da política nacional[65].

Manejar este simbolismo era direcionar a narrativa levando em conta os interesses de cariocas ou paulistas. Duas entidades CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) foram os porta-vozes de cada estado neste embate. O principal desdobramento foi a não ida dos atletas paulistas à competição[66].

Iniciamos nossa análise no dia 13 de julho, data de abertura da competição até o dia 30 de julho, data do desembarque da seleção no Brasil. Os jornais selecionados foram *O Globo*,

---

[65] A ambição paulista de permanecer no governo vai ocorrer de forma clara em 1929, quando o candidato Júlio Prestes foi indicado pelo presidente Washington Luís como candidato oficial do governo, rompendo o acordo com Minas Gerais, que esperava ocupar a presidência da república. O embate resultou no apoio mineiro à candidatura do gaúcho Getúlio Vargas, que mesmo derrotado nas eleições, assumiu o poder após a Revolução de 1930.

[66] Para maior detalhamento desta disputa de narrativas entre os jornais paulistas e cariocas tendo a Copa do Mundo de 1930 como palco, ver: MOSTARO (2016).

Folha da Manhã (fixos em nossa pesquisa) e *A Noite*. O periódico possuía um grande destaque no meio jornalístico nacional daquela época. Seu pomposo prédio de 23 andares na praça Mauá e os letreiros que poderiam ser vistos dos transatlânticos que aportavam no porto da Capital Federal indicavam uma imponência no espaço público do centro carioca, um poder simbólico como o primeiro arranha-céu da capital. Pertencente aos Diários Associados, o jornal formaria no final dos anos 1930, juntamente com a Rádio Nacional, um dos maiores conglomerados midiáticos nacionais, sendo um dos principais irradiadores de narrativas no país. Além disso, com o conflito entre paulistas e cariocas, os paulistas não enviaram jornalistas para cobrir a competição no Uruguai, recorrendo de forma frequente a notícias do jornal *A Noite* (que enviou um jornalista para o Uruguai e vivia o cotidiano da delegação) e também as do *O Globo* para informar a seus leitores sobre as atividades brasileiras no país vizinho. *O Globo* e *A Noite*, enviavam as informações via telégrafo. A *Folha da Manhã*, além de aproveitar as notícias dos dois jornais cariocas, recebia informações das agências internacionais *Havas* e *United Press*. O que nos ajuda a compreender as notícias recheadas de expressões britânicas como *kick*, *forward*, *shoot*, *goal*, *corner* e *rush*.

Foram encontradas um total de 90 notícias sobre a seleção, das quais 18 mencionavam o técnico. Apenas duas negativas, 16 neutras e nenhuma positiva. As classificações encontradas foram "doutor" (12), "delegado" (1), "diretor" (2) e o "nome de batismo" (3). Conforme detalhamos em nossa "tática", esses termos nos ajudaram a compreender qual mundo o texto dos jornais projetava sobre o nosso objeto. Ainda não surgem as categorizações "treinador" e "técnico", sustentando a postura amadora que ainda não exaltava o trabalho do "treinamento" por estar atrelado ao campo que defendia o profissionalismo, como vimos anteriormente. O treinador do Fluminense, Luiz Vinhaes, segundo o jornal *A Noite* o preferido pela CBD para comandar os jogadores no Uruguai, não foi liberado pelo seu clube. Assim, coube ao ex-jogador Píndaro de Carvalho a missão de ser o treinador da seleção na primeira Copa do Mundo.

Píndaro de Carvalho foi uma figura destacada no esporte nacional no final dos anos 1900 e início dos anos 1910. Nascido em 1° de julho de 1892, atuou pelo Fluminense e foi um dos dissidentes do futebol do tricolor que foram para o Flamengo e fundaram o departamento de esportes terrestres do clube. O zagueiro Píndaro esteve em campo na considerada primeira partida oficial da seleção brasileira de futebol em 21 de julho de 1914 contra o Exeter City[67].

[67] Segundo Souza (2008) antes deste jogo temos registrados confrontos entre combinados nacionais e estrangeiros, num total de 33 partidas. Porém nenhum deles são considerados oficiais por não serem organizados por federação esportiva de abrangência nacional, como a CBD, por exemplo. Esta legitimação

Constantemente era convocado e foi titular do time campeão do Sul-Americano de 1919, quando se despediu da seleção. Ao encerrar a carreira seguiu exclusivamente a carreira de médico sanitarista, na qual também obteve destaque. Interessante observar que na ocasião, Píndaro era o primeiro tesoureiro do Flamengo. O treinador do rubro-negro carioca era o inglês Charles William. Essa trajetória, pouco comum nos dias atuais, nos fornece subsídios para compreender o caráter amador e elitista presente nos futebol nacional nos anos 1910. Píndaro detinha o *habitus* exigido pela elite, além de supostamente ter um maior conhecimento do campo esportivo, alguém que "já esteve dentro de campo" e, por isso saberia "compreender" os "atalhos" para a vitória.

Deste modo, não foi uma surpresa encontrarmos nas 18 menções a Píndaro de Carvalho, o termo "doutor" como seu principal predicativo. Frisar o lado "doutor" aderia mais ao contexto do imaginário da elite naquela conjuntura. Além de se referir a pessoa que exerce a medicina, "doutor" tem uma conotação mais abrangente no imaginário popular nacional, incluindo um sentido de autoridade. Também acreditamos que tal classificação, além de remeter à sua profissão, mantém o significado aristocrático de uma seleção de amadores, que além de buscar o título, estavam representando o país de forma diplomática no torneio. Esta interpretação vem em função do grande número de reportagens realçando a presença da delegação em eventos que visavam reforçar o simbolismo da competição, como um jantar com Rimet e encontros com o presidente do Uruguai e da Federação Uruguaia de Futebol. O campo político, através da CBD, que intentava se afirmar como entidade principal do país frente às outras federações e à FIFA se torna predominante nas narrativas dos jornais investigados. Convites a clubes internacionais para visitarem o Brasil surgem como um estreitamento das relações entre os países, destacando o futebol como objeto importante nos vínculos internacionais[68]. Este trecho do jornal *A Noite*, destaca que a participação brasileira na competição se dava por manter "as melhores relações de cordial fraternidade com o país vizinho[69]" (A NOITE, 18/07/1930, p.15). Após a derrota brasileira no primeiro jogo o mesmo

---

do que seria a "seleção nacional" passa exatamente pela constituição de uma entidade política-esportiva, sob o comando da elite nacional.

68 Sarmento (2013) indica que este papel do esporte na diplomacia foi usado durante a primeira metade do século XX de forma extensiva nos países sul-americanos com torneios que se remetiam a nomes de figuras importantes no contexto dos anos 1910. A Copa Roca, disputada entre Brasil e Argentina, por exemplo levava o nome do presidente argentino Julio Argentino Roca.

69 As relações entre CBD e as federações vizinhas foi permeada por conflitos. Com a federação do Uruguai, por exemplo, a ligação foi suspensa em 1922, após a desistência dos uruguaios em participar do triangular final da Sul-Americano disputada no Brasil, alegando favorecimento do juiz brasileiro no jogo Uruguai e Paraguai. O jogo foi vencido pelo Paraguai e obrigou a realização do triangular, já que os três times terminaram empatados em ponto. Caso o Uruguai empatasse venceria o torneio sem a necessidade do triangular. Em 1925 os brasileiros se envolveram em uma briga generalizada contra os argentinos e em 1927, após

jornal, após criticar a não ida dos paulistas, propõe o "verdadeiro" objetivo da participação brasileira: "de fato, porém, nunca se disse no Brasil que íamos a Montevidéu vencer o campeonato. Fomos, sim, cumprir um dever e dar demonstração esportiva e social" (A NOITE, 15/07/1930, p.8).

Uma interpretação de que a narrativa jornalística resumiria os sentidos presentes na atuação brasileira na Copa poderia levar a crer que esta seria "a" única intenção. Porém nossa base teórica permite destacar que este era o mundo projetado pelos jornais e não resumiria, nem diminuiria as demais aspirações de sentidos presentes na competição. Alguns rastros comunicacionais presentes nos jornais nos apontam os conflitos existentes naquele contexto. A *Folha da Manhã* destaca a movimentação no Rio de Janeiro em torno do jogo, reforçando que a preocupação máxima do carioca era no resultado de Brasil e Iugoslávia: "A avenida, notadamente, em frente às redações dos jornais está intransitável. Os ônibus, como os outros veículos, tiveram o trânsito modificado" (FOLHA DA MANHÃ, 15/07/1930, p.10). Mesmo com o placar de 2 a 0 para os iugoslavos:

> a ansiedade, agora, é pela terminação do segundo tempo. São agora 16:30, e a Avenida Rio Branco continua repleta. Vê-se em todos uma grande angústia, uma indiscutível ansiedade. São 16h45, acaba de chegar a noticia do primeiro tento brasileiro, do Campeonato Mundial. Não se pode descrever o delírio de que está possuída a população. Esperam todos que, antes de terminar o segundo tempo, os nossos consigam empatar com seus adversários (FOLHA DA MANHÃ, 15/07/1930, p.10).

Sabendo o resultado final, a multidão se desfez, com tristeza, mas esperançosos por ter feito um gol, segundo o jornal. Estas notícias nos sugerem que a ideia de que "não fomos para vencer" não se coaduna com a expectativa do público presente nesta descrição. Inferimos que o jogo diplomático, pretendido pela elite, não era o jogo que o público queria jogar. Além disso, essa aglomeração frente aos jornais em busca de informações em "tempo real", nos mostra o papel determinante da instituição jornalismo na projeção e no impacto do evento. O impulso avultado pela competição "não permite" o esperar pelo jornal no dia seguinte, levando as pessoas para a porta dos jornais.

A fragmentação das notícias é evidente, as quais se complementavam e por vezes se contradiziam na mesma página. Notamos que as informações do jornal *O Globo* eram publicadas com um certo "atraso" se comparadas às do jornal *A Noite*. O que foi justificado e agradecido pelo periódico a *Ital cable* e *Telephonica*, que enviavam as notícias para o Brasil.

---

desistência do Chile em sediar o torneio sul-americano, o Brasil ganhou o direito de sediar o torneio. Com os chilenos voltando atrás e apoiados pela Confederação Sul-americana, o Chile voltou a ser sede e cancelaram a indicação brasileira. A CBD rompeu com a entidade e se distanciou de seus vizinhos, se aproximando apenas em 1930, com a participação na Copa do Mundo (SARMENTO,2013).

Essa agilidade nas informações trazia publicações no dia seguinte incompletas, sem, por exemplo, o resultado final dos jogos, por conta do chamado "fechamento" da edição. O *A Noite* criou um suplemento especial para o torneio que saia às terças-feiras. Essa rapidez do *A Noite* foi descrita neste episódio que julgamos interessante para destacar a busca pela novidade e pelo "presente" a qualquer custo, além da ansiedade que o evento provocou na população, proporcionando as primeiras *fake news* sobre a Copa do Mundo:

> Ontem, alguns populares quiseram rasgar um "playcard[70]" nosso. E houve quem protestasse contra o resultado que havíamos colocado na porta: Yugoslavos 2 Brasileiros 1. Mas sabem por que? Por motivo de uma leviandade de algumas empresas de "informações" ou de "palpites", que já davam o resultado de 3 x 2 a nosso favor, inclusive com descrição dos goals...e o nosso "playcard" era o único certo[71] (A NOITE, 15/07/1930, p.8).

Nos três jornais a figura do chefe da delegação, Afrânio Costa ficou mais evidenciada do que Píndaro de Carvalho. Afrânio foi o primeiro medalhista brasileiro em uma Olimpíada (prata no individual e bronze por equipes no tiro esportivo em 1920 na Antuérpia). O jornal *O Globo* trouxe uma foto na capa do periódico do dia 13 de julho, enfatizando a dedicação do chefe da delegação com os jogadores. Até mesmos os discursos de Afrânio nos jantares diplomáticos eram reproduzidos nos impressos, reforçando a imagem da seleção como uma instituição nacional e salientando o chefe da delegação como a figura mais robusta, ao lado dos jogadores, como neste trecho: "Sr. Afrânio Costa e Dr. Píndaro de Carvalho da delegação brasileira, acompanhados de todos os jornalistas cariocas que aqui se acham, e de um grupo de jogadores, foram recebidos pelo ministro Helio Lobo" (FOLHA DA MANHÃ, 13/07/1930, p.1). O tom era similar ao de uma coluna social.

Píndaro ficou visivelmente à sombra das narrativas sendo sua abordagem nas 18 menções, classificada por nós como neutra em 16 oportunidades. Tais citações foram interpretadas por nós como protocolares, apenas para citar os presentes em reuniões, treinos e que desembarcaram no Brasil após o término da competição. Além da posição de maior destaque de Afrânio, sugerimos que a não ida do treinador Luiz Vinhaes, convidado para o cargo, influenciou nesta falta de relevância ao técnico da seleção nas narrativas dos três

---

[70] Podemos explicar o "playcard" como o atual minuto a minuto dos sites esportivos. As informações eram descritas e publicadas nos jornais na ordem que tinham acontecido na partida. As notícias que chegavam via telégrafo eram imediatamente reproduzidas nos quadros em frente as redações, fazendo com que as pessoas torcessem e vibrassem de acordo com o que era escrito, indicando como a mediação dos meios de comunicação estava presente na construção da atmosfera da Copa do Mundo desde a primeira edição.

[71] Aqui, inferimos que a *fakenews* joga com o imaginário e o desejo construído pelo envolvimento com a competição. O Brasil vencer era a realidade pretendida pelos torcedores que foi vista, de forma equivocada, em outro local. Quebrar esse desejo causaria a fúria, hostilizando as informações do jornal *A Noite*. Um contexto similar ao que encontramos hoje vermos o repúdio as informações caso ela não jogue e confirme o imaginário da pessoa.

jornais sobre a primeira Copa do Mundo da história.

No *O Globo*, por exemplo, Píndaro é citado em apenas uma notícia que abordava a escalação do time na véspera do confronto contra a Iugoslávia, dia 14 de julho. Com a derrota por 2 a 1, o jornal preferiu trazer à tona a disputa entre paulistas e cariocas ao lamentar a derrota brasileira: "nunca, como agora, sentimos tanta vontade de chamar de brasileiros aos que, no estrangeiro, foram sustentar o prestígio sportivo de nossa pátria, porque, nunca, como agora, sentimos tão aguçado o punhal da "Apea" (O GLOBO, 15/07/1930, p.8). Aqui identificamos o sentido de frisar que os que foram ao Uruguai são "brasileiros" e que a ausência dos paulistas prejudicou a equipe, como explicita o jornal nesta passagem: "paulistas e cariocas juntos produziriam fatalmente o brilho admirável de ser o Brasil o primeiro mundo em football" (O GLOBO, 15/07/1930, p.8). Aqui também podemos inferir um desejo de, além de representar diplomaticamente a nação, a busca por uma posição destacada no campo esportivo. Tal fato reforça nossa compreensão de que outros significados podem aflorar, mesmo que de forma sutil nas narrativas sobre o evento. Até mesmo uma disputa interna na seleção. Esses rastros confirmam que a narrativa é muito mais do que o texto, seus sentidos se completam com a "atmosfera" que paira sobre cada situação social.

No dia 16 de julho, um suposto desentendimento entre Afrânio e Píndaro é abordado pelo jornal *O Globo*, o "motivo da briga teria sido a escalação do time que perdeu para a Iugoslávia" (O GLOBO, 16/07/1930, p.1). O jornal *Folha da Manhã* também repercutiu esta notícia, baseando-se nas informações do jornal *O Globo*. A narrativa destaca que houve "algo de anormal" entre os dois "delegados", apesar da CBD "afirmar a inexistência de tal ocorrência". Aqui é interessante a maneira com que a CBD tenta jogar à sombra tal conflito, mantendo a ideia de que "estava tudo sob controle". O jornal destaca que o presidente da CBD, recebeu um despacho de Píndaro de Carvalho na noite do dia 13 de julho, véspera da estreia, pedindo ao presidente "um esclarecimento sobre as suas atribuições".

Esta passagem é extremamente importante para nós. O próprio treinador questiona sobre qual seria seu papel naquela situação social, o que ele poderia fazer, quais os limites de sua performance naquele *frame*? Por mais que já tivéssemos uma narrativa voltada para a presença patriótica dos atletas que defenderiam o país, a construção da seleção como símbolo da nação ainda passava por ajustes, que chegariam ao seu ápice somente na Copa de 1938. Assim, esse primeiros movimentos observados na primeira Copa do Mundo, salientam que os papéis e os significados das personagens nos rituais são desenhados ao longo do tempo, em um processo narrativo, na prática do ritual e não algo imposto. Renato Pacheco, presidente da CBD, não respondeu a Píndaro, mas ao jornal declarou que "não haviam realmente, ficado

estabelecidas as atribuições ao técnico da delegação, isto devido ao fato de pretender o presidente da Confederação seguir para a capital Uruguaia, ficando, portanto, em contato direto com a delegação, coisa que somente na última hora deixou de verificar-se" (O GLOBO, 16/07/1930, p.1).

Com a derrota e a iminente eliminação do torneio (já que a Bolívia precisaria vencer os iugoslavos para o Brasil ainda ter chances) o presidente da CBD desistiu de viajar ao Uruguai, inclusive projetando, em caso de vitória dos iugoslavos contra os bolivianos, uma volta prematura do Brasil da competição, sem disputar o último jogo contra a Bolívia, que segundo o dirigente não "valeria nada". A posição diplomática de delegação no torneio desfez essa ideia e a equipe disputou a partida contra os sul-americanos, mesmo já com ambos eliminados para manter "a palavra" e em "respeito à FIFA e aos uruguaios" fez um "encontro de efeito simplesmente diplomático" (FOLHA DA MANHÃ, 20/07/1930, p. 1).

Nos três jornais as narrativas reforçaram a desilusão com a derrota para os iugoslavos e aproveitaram a ocasião para destacar o conflito entre APEA e CBD. A ideia de que cada jornal defendia os setores de seu estado envolvidos na disputa pelo controle no campo esportivo e acusava abertamente o outro[72], pode ser encontrada de maneira clara em reportagens como esta:

> ...quando não se tiver consciência de que a nossa representação (paulista) é a mais forte, a mais coesa, não se arroguem direitos de disciplina e de Justiça para cair, como aconteceu agora, por culpa da C.B.D., numa situação angustiosa como a que cerca o prestígio do futebol patrício no grande concerto Internacional de Montevidéu (FOLHA DA MANHÃ, 15/07/1930, p.10).

O jornal *A Noite* protestou contra "a atitude impatriótica e perniciosa dos paredros apeanos, que vaidosos e egoístas, negaram o valioso auxilio dos jogadores paulistas à Confederação Brasileira de Desportos" (A NOITE, 16/07/1930, p.7). Por mais que a figura de Píndaro de Carvalho não surgisse nas explicações para a derrota, o jornal *O Globo* indica um ponto interessante para nossa análise e interpretação do significado do treinador naquela conjuntura. Explicando o fracasso da equipe com a "mesquinhez" da APEA que negou seus jogadores, o periódico reforça que os pedidos da entidade paulista eram absurdos, principalmente o de "ser o árbitro definitivo na escalação dos nossos scratches" (O GLOBO, 18/07/1930, p.7). A APEA pedia que "o seu diretor investido de poderes para designar os jogadores paulistas do scratch e vetar a inclusão dos que não agradassem ao seu paladar esportivo" (O GLOBO, 18/07/1930, p.7). Este conflito que emerge na narrativa expõe um

[72] Este processo é denominado no senso comum do jornalismo esportivo como "bairrismo". Expressão que usaremos em outras oportunidades.

ponto fundamental para nossa análise: a escolha de quais jogadores representariam a nação. Dominar e controlar esta função era poder projetar uma equipe com a maioria paulista ou carioca, sugerindo uma maior "qualidade" de determinado estado sobre o outro no campo esportivo, o que poderia ser utilizado em outros campos. A ideia do treinador como uma elite cultural também fica destacada nesta passagem. Ele deveria representar um dos campos que buscavam hegemonia não só no esporte, mas em outros campos. Aqui é importante ressaltar que em nenhum momento, durante toda a preparação, que culminou com o desentendimento entre as duas federações, se cogitou convocar atletas de outros estados. A ideia de que Rio e São Paulo sintetizavam a nação é evidente e corrobora nossa proposição de como as narrativas selecionam determinada porção do imaginário para fixá-lo e torná-lo algo comum, já que em nenhum momento esta supremacia Rio-São Paulo foi contestada nos jornais pesquisados.

Assim, por mais que as narrativas não projetassem a imagem do treinador de maneira mais vigorosa nesta competição, inferimos que o conflito entre os dois estados aparece exatamente pela função que seria do treinador: escolher os titulares. Atribuição que surge nos jornais nas menções ao "diretor técnico": "Dr. Píndaro de Carvalho deverá escalar no último treino o time titular" (FOLHA DA MANHÃ, 13/07/1930, p.1). Todavia, na ficha técnica sobre o jogo, onde se indica quais os jogadores atuaram em cada equipe, quem marcou os gols e o tempo de cada tento, o treinador não aparecia. Ele ainda não teria relevância na "ponta do iceberg" projetado pela imprensa, mas na movimentação entre campos temos o embrião de sua função passar a ser um objeto central nesta definição de quem representa a nação, o que veremos de forma mais clara nas edições futuras.

As únicas notícias negativas encontradas em nosso *corpus* vieram de uma seção de cartas da *Folha da Manhã* do dia 16 de julho de 1930 e se aproximavam do "bairrismo" já descrito anteriormente para criticar o time: "Recebi notícia resultado jogo. Em matéria de technica...somos dois grandes médicos – Renato" e "Araken no centro? Como é diferente a técnica...carioca. Amilcar". Essa "técnica" que metaforizava o *habitus* da elite carioca não teria o capital necessário para exercer a função de escolher os titulares. Inferimos um deboche a técnica não só do indivíduo Píndaro, mas também do carioca, indicando um *habitus* e um imaginário "errado" do outro campo em disputa no momento.

Após o "protocolar" segundo jogo, o jornal *A Noite* destaca: "Em brilhantes jogadas de reabilitação os brasileiros abateram os bolivianos por 4 x 0" (A NOITE, 21/07/1930, p.1). Os jornais foram tímidos e curtos na repercussão da primeira vitória brasileira em uma Copa do Mundo. Com a equipe eliminada, os dias posteriores tiveram uma queda significativa nas

reportagens sobre a seleção com o conteúdo se limitando a justificar a derrota na primeira partida, falar da tristeza dos atletas e dos eventos diplomáticos que ainda mantinham a delegação no Uruguai. Dos 18 dias compreendidos no *corpus*, o décimo quarto e décimo quinto não tiveram nenhuma notícia sobre o time nos três jornais investigados.

Com o desembarque da seleção no Rio de Janeiro, reavivaram-se algumas histórias sobre a primeira partida e o frio foi enfatizado como o "maior vilão". Pela primeira vez no *corpus* uma fala do treinador Píndaro: "O Dr. Pindaro de Carvalho, em palestra conosco, manifestou-se satisfeito com os componentes das delegações. Ele atribuiu a nossa derrota no primeiro jogo, unicamente à falta de sorte" (O GLOBO, 28/07/1930, p.4). O jornal *A Noite* reproduziu uma longa entrevista realizada pelo periódico argentino *La Nacion* sobre o treinador brasileiro. Estranhamos o jornal, que estava na concentração da seleção, não ter realizado tal entrevista e aproveitar a visão argentina sobre nosso técnico. Sua fala reforça a preocupação de uma maior difusão do esporte pelo país e reclama dos 50 mil pesos gastos pela CBD durante o torneio que não seriam recuperados. Píndaro se queixa das baixas dos 14 atletas paulistas "por indisciplina" e dos jogadores que ficaram doentes por conta do frio (relatos do jornal destacam a temperatura de 3 graus negativos durante o primeiro jogo). Aqui já podemos notar que a "indisciplina" seria tratada como não jogar o jogo do grupo social que projetava a narrativa. O primeiro treinador da seleção brasileira em uma Copa do Mundo finaliza afirmando que chegar às semifinais seria o máximo que seu time poderia alcançar.

Notamos que já em 1930, o futebol se tornava um estimulador de sentimentos nacionais e patrióticos. Apesar de contar com jogadores amadores e ainda não conseguir reproduzir uma narrativa coesa de representação nacional, a seleção brasileira se tornou objeto de disputas entre campos que divergiam no contexto nacional. Obter a legitimidade do discurso de que seriam os "reais representantes da pátria" em um esporte já consolidado como uma manifestação cultural de grande apelo popular e que se enraizava no imaginário nacional, era uma posição almejada pelos dirigentes de Rio e São Paulo.

Píndaro teve uma representação focada em sua posição social e profissão, médico. A quantidade de reportagens indicadas por nós como neutras nos convida a interpretar um caminho de pouca relevância desta personagem na narrativa que os três jornais projetaram. Suas citações não projetaram nenhum sentido diferente ao de selecionar e escolher os atletas que entrariam em campo, sendo a única Copa do Mundo em que o treinador não recebeu nenhuma menção positiva. Entretanto, pequenas nuances nos indicam o movimento entre campos, ainda não presentes de forma efusiva na narrativa, para designar a este personagem uma importância mais decisiva por escolher os "representantes" e uma crítica negativa em

caso de derrota (encontramos duas). Os atletas brasileiros foram evidenciados e elogiados a todo o momento durante o *corpus* analisados, inclusive em seus gestos diplomáticos, como apertar a mão do capitão adversário após uma derrota. A derrota foi creditada a fatores externos como o frio e a escolha do meia Fausto entre os "melhores da competição", ao lado do apelido "maravilha negra" indicaram um destaque maior ao jogador e o treinador mais à sombra dos holofotes midiáticos. No "conceito" sobre nosso objeto, vimos uma flutuação na atmosfera presente na ocasião que pairou de forma tímida sobre a posição política da seleção nacional na competição. Assim, apesar de nosso "doutor" ser um representante da elite dentro da seleção, foi um membro pouco destacado na "missão diplomática" de representar o país e reforçar o poderio da FIFA no controle do campo esportivo. Suas menções corresponderam a 20 % das notícias sobre a seleção, a terceira menor proporção no *corpus*.

Tabela 1 - Reportagens Copa de 1930

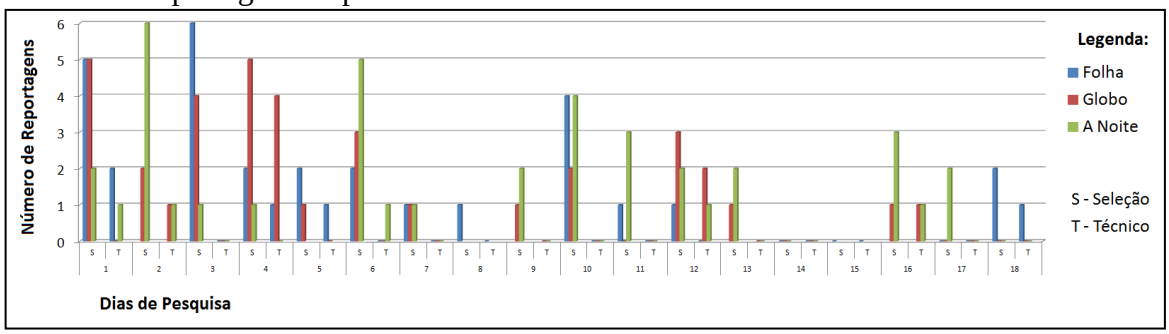

Tabela 2 - Avaliação Quantitativa Copa de 1930:

Total Quantitativo					
1930	Seleção	Técnico	Porcentagem	Seleção 3 jornais	Técnico 3 jornais
Folha	27	5	18 %	90	18
Globo	29	8	27%		
A Noite	34	5	14%		

Tabela 3 - Avaliação Qualitativa Copa de 1930:

Avaliação Qualitativa			
1930	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	2	0	3
Globo	0	0	8
A Noite	0	0	5

Tabela 4 – Categorizações Copa de 1930:

Categorizações				
1930	Doutor	Delegado	Diretor	Nome de batismo
Folha	2	0	1	2
Globo	6	1	1	0
A Noite	4	0	0	1

2.2 **1934: O fracasso do amadorismo profissional**

A efervescência política que encontramos na disputa sobre o controle do esporte nacional durante a Copa de 1930, eclodiu de forma clara com a chegada de Getúlio Vargas ao poder em outubro de 1930. A disputa entre Rio de Janeiro e São Paulo ganhou um capítulo importante que extrapolou o campo esportivo e refletia a tensão presente em outros campos que disputavam a hegemonia nacional. Durante a Copa do Mundo de 1930, o vice na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa foi assassinado na capital da Paraíba[73]. Este fato insuflou a corrente política derrotada nas eleições pela oligarquia paulistana. Com o apoio direto de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, Vargas assumiu o poder com a Revolução de 1930. A missão principal era redesenhar um pacto entre os estados, reduzir a importância das oligarquias que se revezavam no governo na chamada "República do Café com Leite" e construir uma nova narrativa sobre a nação, integrando os novos grupos sociais que surgiam com a crescente, mas ainda tímida urbanização no país, e que apoiaram a Revolução. Era um momento de alianças entre campos que projetariam uma nova narrativa para o país (FAUSTO, 2010).

No campo esportivo a CBD, estendendo sua participação diplomática na Copa do Uruguai, reestabeleceu a ligação com a Confederação Sul-Americana de Futebol logo após a Copa de 1930. No Congresso da entidade em 1931, se reaproximou de vez dos atuais campeões do mundo e resgatou a Copa Rio Branco, torneio disputado entre as duas seleções (SARMENTO, 2013). Em dois jogos, duas vitórias da seleção brasileira. Uma no Brasil em 1931 e outra em 1932 no Uruguai. Luiz Vinhaes, que tinha recusado a ida ao Uruguai em 1930, foi o treinador da equipe nessas duas conquistas, assumindo a seleção nacional até o fim da Copa do Mundo de 1934. Paralelamente, Vinhaes comandou o Fluminense (1929-1933) e o Bangu em 1933 e 1934. Vinhaes tinha seus métodos influenciados por Ramon Platero,

[73] Segundo Fausto (2010) o assassino era um de seus adversários políticos (João Dantas) e o crime associava razões publicas e privadas, porém as públicas foram exaltadas e o enterro na capital da República reavivou a conspiração revolucionária.

uruguaio campeão com o Vasco em 1923. A ideia era impor um forte treinamento físico aos jogadores, indicando o processo que a função do treinador passava, com o capital simbólico adquirido por um agente do campo (Platero) influenciando os demais agentes deste campo.

Apesar de o time uruguaio passar por uma reformulação e não ser o mesmo que conquistou a Copa de 1930, a vitória despertou um nacionalismo nas narrativas midiáticas que impulsionaram uma recepção calorosa aos jogadores que participaram do torneio. Tanto que Getúlio os recebeu no balcão do Palácio do Catete (SOUZA, 2008). A presença de jogadores pobres e ricos, negros e brancos foi destacada pelo escritor José Lins do Rego. Este trecho indica como a narrativa começava a criar uma ideia que seria fortemente defendida em 1938:

> Os rapazes que venceram em Montevideu eram um retrato de uma democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação. (...) Eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com sangues diversos, dando-lhes uma originalidade que será um dia espanto do mundo (REGO Apud RODRIGUES FILHO, 2003, p.7-8).

Este ponto é importante e nos faz reforçar a ideia de que a narrativa é um processo e o esporte um palco para disputa de imaginários sobre a sociedade. A questão da miscigenação, por exemplo, já começa a ser posta no campo narrativo, ou seja, ela já começa a fazer parte do imaginário social, ainda que com suas ambiguidades, notadas pelas defesas e críticas desta miscigenação. Este será um conflito entre os campos que vai se tornar mais intenso na Copa de 1938 e veremos mais adiante. O que ressaltamos neste momento é que um paradigma (miscigenação como algo negativo) pode ser quebrado pelo surgimento de novas narrativas, por conta dos conflitos entre os campos, desestabilizando as narrativas hegemônicas. As mudanças sociais estão entrelaçadas com a eficácia da narrativa em determinado contexto, de sua ligação e associação com o imaginário, com uma narrativa deslocando a hegemônica, até ser novamente substituída por outros rearranjos entre os campos. É o que acontecerá na próxima edição da Copa, e que já podemos notar aqui seus movimentos nesta direção.

Outro processo fundamental foi a crescente mobilização social em torno do esporte que instigava um número cada vez maior de pessoas a comparecer aos estádios, aumentando consideravelmente as rendas dos clubes. Os que não conseguiam ir aos estádios procuravam os jornais no dia seguinte para saber dos resultados. Com uma maior movimentação de dinheiro, o campo econômico se insere no campo esportivo, entendendo as partidas e essa mobilização popular como um grande negócio. Souza (2008) destaca o aumento da fonte de renda dos clubes durante a década de 1920 e início de 1930: “O Fluminense, por exemplo, teve em 1922 uma renda com o football de 44:112$000; em 1927 passou para 142:447$500, e

em 1931 para 297:468$00" (SOUZA, 2008, p. 45). Vencer extrapolava a acumulação de um capital simbólico no campo esportivo e proporcionava um aumento de cifras nos cofres dos clubes que passaram a não contar apenas com os jovens da elite e amadores em seus clubes, mas também a convidar atletas considerados tecnicamente melhores a integrar seus quadros. Com esta reconfiguração, jogadores pobres e pretos recebiam propostas para mudar de clubes. A equação era relativamente simples, quanto mais dinheiro, mais jogadores de qualidade, mais vitórias, maior público interessado nas partidas e consequentemente mais dinheiro...

Entretanto, essa aparente simplicidade oferecida pelo campo econômico esbarrou nos conflitos em torno do esporte nacional e a dominação da elite que ainda pregava o amadorismo. Essa foi a grande querela da Copa de 1934 e que influenciou de maneira decisiva a narrativa sobre o treinador Luiz Vinhaes. De maneira resumida, o amadorismo era encampado pelos setores que entendiam o futebol como espírito nobre, praticá-lo por simples "prazer" era uma espécie de distinção social frente aos "impuros" atletas que recebiam para jogar. De outro lado os adeptos do profissionalismo que entendiam o esporte como um negócio rentável que, além de gerar empregos, proporcionaria lucro com o aumento cada vez maior das pessoas na procura por aquela manifestação cultural. A elite nacional se dividia: ceder ao capital e perder a "essência aristocrática" do esporte ou manter a distinção e negar a iminente entrada de capital?

Segundo Proni (2000) outros países já tinham adotado o profissionalismo e passaram a contratar jogadores brasileiros, como os vizinhos Argentina e Uruguai, ambos em 1931. As narrativas dos grupos que defendiam o profissionalismo culpavam os dirigentes elitistas pelo êxodo dos considerados principais atletas nacionais. O "espetáculo" foi perdendo seus "astros" e o caráter elitista teve que se recolher as administrações dos clubes, deixando o papel dos jogadores "livres" para os menos abastados.

Desta forma, a decisão brasileira seguiu o modelo inglês (LEVER, 1983): a compensação da elite por aceitar jogadores profissionais foi deter o controle administrativo do futebol. Aqui, temos um ponto chave em nossa hipótese: este modelo vai deixar a escolha dos treinadores a cargo desta elite cultural do esporte, que logicamente vai levar em conta seus interesses como modelo de líder desta representação nacional. Este modelo perdura até hoje, principalmente nos clubes brasileiros, possibilitando uma narrativa de que os dirigentes amadores exercem sua função por "amor ao clube"[74] e não recebem nada para "administrar" a agremiação[75].

---

[74] Para compreender essa relação dos dirigentes com os clubes e suas transformações recomendamos a leitura de Porto Rocha (2013).

[75] Sobre essa reformulação da organização da estrutura administrativa do esporte nacional ver Helal (1997): *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil.*

É importante frisar que, segundo Richard Holt (1989), essa profissionalização, longe de uma ideia de "livre mercado", foi legalizada para estabelecer um limite no poder de barganha dos jogadores, que estava crescente. Assim, se indicou a formação de uma legislação que prenderia os jogadores aos clubes, através do chamado "passe" e determinava o teto salarial.

Melo et al. (2013) consideram que o amadorismo era uma forma de exploração dos atletas e produção de mais-valia para os clubes, que, em nome da defesa da "pureza", cobravam ingressos para os espetáculos que organizavam. Já Joel Rufino dos Santos (1981) entende a questão profissionalismo x amadorismo no Brasil como uma luta de classes, onde os contrários a profissionalização eram burgueses, defendendo sua classe, que era ameaçada pelos proletariados que chegavam ao futebol, antes seu local de prestígio e posição social de destaque. Os argumentos são válidos, porém o processo de sua adoção foi mais complexo e interligou vários campos em conflito para definir "a" narrativa nacional.

Segundo Souza (2008) a disputa no campo esportivo se dava entre Rivadávia Corrêa Meyer[76], então presidente da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) e Arnaldo Guinle, ex-presidente da CBD e figura importante no campo esportivo nacional. Guinle e seu grupo, apesar de defenderem uma ética amadora e serem contra a rápida popularização do futebol, perceberam que seria uma questão de tempo a adoção do profissionalismo e passaram a formular as bases para se manter na administração dos clubes e federações, controlando as receitas cada vez maiores, enquanto abriam as portas para a profissionalização criando a Liga Carioca de Futebol (LCF). Já o grupo de Rivadávia tratou de apresentar o lado negativo do profissionalismo. Tudo levava a crer que o grupo de Guinle

[76] Rivadávia foi o dirigente na conquista da Copa Rio Branco de 1932 e conseguiu a presidência da AMEA no mesmo ano, com o apoio dos clubes menores (SOUZA, 2008). A reação imediata dos grandes clubes que formavam o conselho fundador: Fluminense, Vasco, Flamengo, América, Bangu, São Cristovão e Botafogo foi alegar uma diminuição na renda dos jogos por conta do número excessivo de jogos e pedir uma diminuição dos clubes no campeonato. A proposta era um torneio com os sete fundadores e apenas um dos "pequenos". Aqui indicamos o desejo de esvaziar o poder simbólico dos considerados pequenos ao não participar da primeira divisão. Essas categorizações auxiliam no capital simbólico de um clube e associam não só poder financeiro como também uma força no campo esportivo. Essa legitimação da "primeira divisão" também traria mais espaço midiático e, consequentemente maior visibilidade para os clubes grandes, ao passo que manteria os "pequenos" em um campo de forças menor para disputar a hegemonia dentro do campo esportivo. Rivadávia implementou sua proposta com 12 clubes, agradando os pequenos, e Guinle informou que o Fluminense, clube que exercia uma forte influência, criaria uma nova Liga de futebol. Neste embate, Rivadávia tinha o apoio do Botafogo, clube que era sócio, Flamengo e São Cristovão. Guinle contava com os demais clubes, com a CBD (presidida por Renato Pacheco) e com uma boa relação com a APEA. Em 1933, Guinle fundou a LCF (Liga Carioca de Futebol). Quatro meses depois o Flamengo entrou para a LCF, seguido do São Cristovão no mês seguinte, enfraquecendo o grupo de Rivadávia. Em represália, a AMEA, que ainda detinha o direito das filiações esportivas, desfiliou Fluminense, Vasco e América da entidade, desligando-os automaticamente da CBD. Guinle intercedeu junto a CBD, já que tinha o apoio do presidente da entidade.

estava próximo de uma vitória. Todavia o campo político influenciou de maneira determinante o conflito entre esses setores. A narrativa política engendrava uma busca pela valorização de manifestações culturais que eram descritas como "nacionais" e com grande apelo popular, entre elas o futebol. Assim, a pacificação e controle do campo esportivo se torna essencial para a projeção da seleção representar a nação (COSTA, 2006).

Durante a disputa de bastidores a figura de Luiz Aranha[77], da Federação de Atletismo do Rio Grande do Sul foi decisiva. Com influência política clara, Aranha, que assumiria vários cargos esportivos ao longo da carreira, foi convidado por Rivadávia para o quadro social do Botafogo. Aranha foi decisivo na Assembleia Geral da CBD (realizada em junho de 1933), onde foi aprovado um estatuto, contrário às posições de Guinle, decidindo que o conselho administrativo, presidido pelo próprio Aranha, teria mais poderes que o presidente da entidade. A associação entre campo esportivo e político fica clara, indicando os rumos que a representação dos atores ligados a este esporte tomaria nos anos seguintes.

Assim, para a Copa de 1934, como a FIFA reconhecia apenas a CBD como entidade oficial, coube ao grupo de Rivadávia selecionar quem representaria o país na Copa da Itália. Tal influência política no campo esportivo foi evidente também na primeira Copa do Mundo disputada na Europa. No país anfitrião, a presença do general Georgio Vaccaro como presidente do comitê organizador e o "batismo" de estádio da cidade de Turim, construído para a competição, como "Benito Mussolini" refletia a consolidação do fascismo. Mussolini implantava uma narrativa em que a simbiose seleção-nação era destacada. Disciplina ferrenha e o controle dos atletas baseado nos ideais fascistas aproximava o campo esportivo do campo político e militar de tal forma que a representação do time italiano de futebol ficaria intensamente ligada ao fascismo.

No dia da chegada da delegação a Genova, 24 de maio, foi noticiado na capa dos três periódicos investigados uma mensagem de Vargas enviada a Mussolini, entregue pelo chefe da delegação Lourival Fontes, simpatizante do fascismo: "Tomar como modelo na conduta nacional o exemplo da Itália transformada e rejuvenescida pela fascismo (...) que numa hora histórica e decisiva com o sacrifício do seu sangue e das suas vidas contribuiu para os novos destinos da pátria" (O GLOBO, 24/05/1934, p.1). Interessante notar como, novamente, uma delegação esportiva assumia este caráter quase que diplomático de levar mensagens de um chefe de estado para o outro, indicando o uso do esporte como elemento político pelos governantes. Nesta perspectiva, Melo et al. (2013, p.74), consideram que: "diplomacia,

[77] Luiz Aranha era amigo pessoal de Vargas, com uma habilidade para a articulação política e irmão de Oswaldo Aranha (figura política destacada nos anos 1930 e ministro da fazenda na ocasião) (SOUZA, 2008).

reconhecimento e projeção são algumas das intencionalidades para as quais o esporte é comumente mobilizado no âmbito das relações internacionais."

Nesta influência do campo político no esportivo, o técnico italiano Vitorio Pozzo se tornou uma figura que representava este caráter controlador. Pozzo era jornalista esportivo do jornal *La Stampa* de Turim e implantou uma rotina de treinos diários em período integral antes da Copa do Mundo. Aqui, constatamos uma influência dos técnicos britânicos que já desenvolviam determinadas técnicas de tentar compreender e controlar o jogo de futebol. O treinamento intensivo, quase militar, funcionaria como "deixar o atleta preparado para a batalha" e fisicamente poder ocupar o maior número de espaços possíveis e demonstrar maior vigor e ímpeto que o adversário, em uma lógica evidentemente militar. Com as vitórias de Pozzo nas Copas de 1934 e 1938 (único treinador a conseguir tal proeza), espalhou-se pelo mundo essa ideia de treinamento como algo correto e modelo a ser seguido após a legitimação simbólica com o bicampeonato mundial[78].

Se tais técnicas eram difundidas na Europa, a seleção brasileira quase não treinou para a competição. A viagem longa de 13 dias limitou a preparação a alguns exercícios no convés do navio. A seleção chegaria à Itália dois dias antes da estreia. O time que embarcou não era considerado forte pela imprensa.

Luiz Vinhaes, não pode selecionar seus atletas preferidos como os demais treinadores atualmente o fazem. Com apenas os amadores à disposição, coube a CBD propor contratos aos jogadores que estavam em clubes da LCF, portanto, já profissionais. O conflito entre as federações fez o grupo de Rivadávia parecer um clube atrás de reforços para o início da temporada: "Ontem à tarde, o movimento na CBD foi intensíssimo. E o fato mais interessante ali verificado foi terem Sylvio, Luizinho, Waldemar e Armandinho firmado contrato com a entidade amadorista para ir a Roma" (A NOITE, 01/05/1934, p.1).

Os atletas citados pertenciam ao São Paulo da Floresta, de São Paulo. As críticas a esse paradoxo da CBD eram respondidas de forma ríspida por Lourival Fontes. O jornalista e escritor sergipano ganhou o cargo de chefe da delegação da seleção que foi à Itália e futuramente seria diretor geral do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), órgão vinculado ao Ministério da Justiça e que no Estado Novo se transformaria no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A ideia de patriotismo foi usada pela CBD ao

[78] Com a questão do profissionalismo em disputa no Brasil, somente em 1931, 39 jogadores brasileiros, principalmente os que atuavam nos clubes paulistas, foram contratados por clubes italianos. Um deles foi Filó, que deixou o Corinthians para jogar na Lazio. Lá ele se tornou Guarisi (seu sobrenome) e por ter descendência italiana foi convocado para a Copa, sendo o primeiro brasileiro campeão do Mundo (AGOSTINO, 2002).

classificar os atletas que aceitavam as propostas. Entretanto, o jornal *A Noite*, por exemplo, ao invés de associar o time a nação, preferiu chamar de "selecionado cebedense".

As ofertas para os atletas profissionais revoltou os demais clubes que determinaram que o simples treino com a CBD ocasionaria na expulsão automática do jogador: "cumprindo determinações anteriores a Federação Brasileira de Football resolveu eliminar os players profissionais da Liga Carioca e APEA que tomaram parte nos ensaios do selecionando da CBD que vai a Roma" (A NOITE, 04/05/1934, p.12). Alguns passaram a recusar as ofertas por não concordarem com os valores a serem pagos ou por pressão dos clubes, como o caso do Palestra Itália (atual Palmeiras) que para isolar seus atletas do assédio da CBD levou o time para se "concentrar" em uma fazenda próxima a Araraquara, interior paulista, cercada de seguranças que fiscalizavam a entrada de possíveis dirigentes da CBD.

Os jornais afirmaram que cada um dos atletas ganhou um conto de réis para servir à seleção[79]. As negociações eram noticiadas, como as declarações do goleiro da Portuguesa de São Paulo, Batataes, indicando um contexto quase que impensável atualmente: "Verdadeiramente, tenho muita vontade de dar um passeio a Roma, porque não confessar, porem não irei para lá assim sem garantia alguma. Não sou muito exigente, mas gosto de ver as coisas direitas. Comigo é logo o preto no branco" (A NOITE, 04/05/1934, p.11)." O "servir" à seleção como um dever quase cívico de defender a pátria surgiria apenas na Copa de 1938.

No embarque da delegação no dia 12 de maio, Getúlio Vargas, chefe do governo provisório, enfatizou na despedida dos atletas que eles tinham o "dever cívico de projeção do país no estrangeiro, não só esportivo" (A NOITE, 11/05/1934, p.1). Lourival Fontes tinha um espaço considerável nos jornais e suas declarações antes do embarque já ensaiavam um discurso de crítica ao conflito no campo esportivo nacional: "Se um revez que vejo cada vez mais distante nos surpreender, talvez sirva de lição, e de ensinamento aos que não souberam colocar os interesses superiores do nosso prestígio no exterior, acima das competições e das divergências internas, que tanto tem sacrificado e diminuído o Sport brasileiro" (A NOITE, 07/05/1934, p.1).

Vinhaes, em meio a esse conflito, declarou antes do embarque que "não somos assim tão fracos". Dos considerados grandes jogadores brasileiros, Leônidas da Silva foi um dos poucos que aceitou a proposta e deixou o Vasco da Gama para integrar a seleção. Dos 17 jogadores que viajaram para a Europa, oito haviam sido contratados pela CBD. Vinhaes, na

[79] Souza (2008) destaca que naquela época um empregado do comércio ganhava em média três contos de réis em um ano de trabalho.

época com 35 anos, tinha vencido o campeonato carioca de 1926 como técnico do São Cristovão, e foi o técnico campeão do primeiro torneio da LCF, dirigindo o Bangu em 1933. Não seria conveniente para a CBD manter no cargo o técnico que fazia parte de uma equipe da liga comandada por outro grupo político. Para não retirar Vinhaes do cargo, estabeleceu-se na narrativa dos jornais pesquisados que ele dividiria a função de treinador com Carlito Rocha (Carlos Martins da Rocha), dirigente do Botafogo e ex-juiz de futebol. Carlito seria o "chefe da comissão técnica", tendo uma soberania sob Vinhaes (GEHRINGER, 2014). Foi ideia de Carlito "contratar" os atletas de outros times, que depois da competição seriam "amadores" no Botafogo. É interessante destacar que o treinador, apesar de estar no comando da seleção desde 1931, teve na condição de sua "divisão de tarefas", a permanência no cargo para a competição. Uma decisão claramente política e que atendia aos interesses da elite que controlava o campo esportivo naquela ocasião. Ou seja, foi necessário incluir também um representante desta elite: Carlito Rocha. Rafael Casé (2018, p.109) destaca que "o técnico, de direito, era Vinhaes, mas quem mandava, de fato era Carlito. O dirigente só não teria podido assumir o cargo porque também atuaria como juiz no Mundial e, por questões éticas, a FIFA não permitia esse acúmulo de funções." Segundo Gehringer (2014), Carlito já tinha sido juiz na Copa de 1930.

Nosso *corpus* teve seis dias de análise. Investigamos desde o dia da chegada da delegação na Itália, 24 de maio até a saída do país sede da competição para uma excursão pela Europa, dia 30 de maio. Decidimos não estender até a volta da delegação por conta destes seis jogos após a eliminação na Copa. Fugiria da nossa intenção de analisar apenas o torneio Copa do Mundo, já que a narrativa da volta abordaria os resultados que não foram conquistados dentro do torneio. Mantivemos o jornal *A Noite* como coringa pelos mesmos motivos da elencados na Copa de 1930.

Dentro deste período, foram 57 reportagens sobre a seleção e 11 que mencionaram o treinador. *O Globo* (12 da seleção e 1 do treinador), *Folha da Manhã* (17 sobre a seleção e 3 sobre o treinador) e *A Noite* (28 da seleção e 7 sobre o treinador). Uma positiva e 10 neutras. Seis mencionaram seu "nome de batismo", duas "técnico" e três "treinador". Aqui, inferimos que com o intercâmbio com outros países, os termos "treinador" e "técnico" se tornam referenciais imediato no imaginário sobre esta personagem, permitindo seu uso na narrativa das Copas. As neutras seguiram o mesmo tom protocolar da Copa de 1930: mencionar Vinhaes ao anunciar treinos e escalações da equipe. A narrativa enfatizava que os dois treinadores comandaram treinos na segunda parada do navio Biancamano, na Espanha, quando os nossos adversários no primeiro jogo da Copa do Mundo embarcaram para a Itália.

A *Folha da Manhã* foi o jornal que mais reproduziu a associação Vinhaes e Rocha, como os treinadores da equipe (todas as três menções), enquanto *O Globo* e *A Noite* mencionaram em apenas duas oportunidades, uma em cada jornal, a presença de dois técnicos. É importante enfatizar que a *Folha* reproduzia as informações da agência *United Press*, ao passo que os jornais cariocas tinham enviados especiais acompanhando a seleção.

Foi a pior participação brasileira em uma Copa do Mundo até hoje. O torneio era disputa no modelo denominado mata-mata. As 16 equipes participantes realizariam oito jogos. Quem perdesse a partida estava eliminado e quem vencesse passaria para a próxima etapa. O Brasil perdeu para a Espanha por 3 a 1.

Com a longa viagem, as notícias publicadas nos jornais se misturavam entre expectativa para a estreia e informações sobre a própria viagem. No dia posterior ao primeiro jogo, encontramos a única reportagem positiva sobre Vinhaes, ao descrever suas atividades a bordo do navio' e defini-lo como competente, ressaltando a obediência com que os jogadores aceitavam seus pedidos. Interessante é que na mesma edição se noticiava a derrota da seleção por 3 a 1 para a Espanha. Esse atraso nas informações proporcionou uma menção positiva ao treinador após uma eliminação da competição.

> Vinhaes, de dois em dois dias, promove uma reunião e chama a atenção da rapaziada para a responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros. Relembra as pessoas amadas que estão no Brasil, cheios de saudade. (...) Vinhaes faz do pessoal o que quer, e este se mostra sempre amigo e disposto a cumprir tudo o que o competente técnico determina (A NOITE, 28/06/1934, p.8).

Após terminar o primeiro tempo por 3 a 0, a equipe brasileira diminuiu o placar com um gol de Leônidas aos 11 minutos e perdeu um pênalti cobrado por Waldemar, aos 17 minutos, quando, segundo os jornais, era melhor na partida e "sufocava" o adversário. A narrativa do *O Globo*[80] destacou a atuação "parcialíssima" do juiz alemão que não coibia as trombadas violentas dos espanhóis contra a característica "ligeira, veloz e improvisadora" dos brasileiros. O considerado péssimo estado do campo do estádio Luigi Ferraris, sem grama, também entraram nas justificativas para a precoce eliminação: "dificultará, sobremodo, a ação dos brasileiros, habituados a jogar em verdadeiros tapetes de grama" (A NOITE, 26/05/1934, p.3).

A seleção deixava a Itália para uma excursão na Europa e a seguinte mensagem de Lourival Fontes foi reproduzida na capa de todos os jornais pesquisados: "Ao deixar a Itália

[80] Mesmo enviando um jornalista para acompanhar o torneio com a delegação brasileira, as notícias do jornal *O Globo* foram em menor número do que o *A Noite*, que também enviou representantes. De caráter mais opinativo do que informativo e com mais noticias dos bastidores no Brasil do que sobre a seleção que disputava a Copa.

nosso pensamento é de adesão e de devoção à Itália fascista, que oferece ao mundo um novo destino e uma força de vontade, que guia os povos para uma nova civilização" (FOLHA DA MANHÃ, 30/05/1934, p.1).

A falta de tempo para o treinamento apareceu nos três jornais no dia seguinte à derrota, como neste trecho: "Era a organização de última hora, quase sem treino e sem tempo de uma aclimatação indispensáveis nas canchas da Europa" (O GLOBO, 28/05/1934, p.1). A CBD chegou a pedir o adiamento do jogo que foi negado pela FIFA. Aqui é importante ressaltarmos que mesmo sem citar o treinador, já existe o processo narrativo de se construir a ideia, que os italianos já haviam adotado, de que o treinamento era fundamental para a boa exibição do time. Consideramos que esta concepção vai se tornar mais forte com a profissionalização e que a tal desorganização por conta dos conflitos no campo esportivo nacional vão surgir nos jornais como o "diagnóstico" que deveria ser tratado com o "remédio" da pacificação no esporte nacional.

O jornal *A Noite*, afirmava no dia 29 de maio que os rumos desta pacificação eram costurado pelo Botafogo e tinham como base o indulto dos demais clubes aos atletas que estavam na Itália. O jornal *O Globo* também falava na possibilidade deste acordo. A *Folha da Manhã*, como reprodutora da narrativa paulista foi mais enfática durante toda a competição sobre a questão dos bastidores, culminando na coluna intitulada "Basta de aventuras funestas", publicada no dia seguinte a eliminação, assinada por Paulo Varzea:

> a revelia das verdadeiras forças esportivas do país, com o pomposo rotulo de selecionado brasileiro, abusando para isso de uma autoridade diplomática que lhe foi outorgada pelos clubes e entidades que dela hoje estão divorciados, uma triste aventura que não representava a capacidade técnica brasileira, que resultou na fragosa e dolorosa derrota dos provisórios que o Sr. Luiz Aranha, vaidosa, caprichosa, ditatorialmente teimou em mandar a Genova. Não por patriotismo, mas por pirraça. (...) Esperemos que depois de satisfeitos seus caprichos mesmo com desmoralização tão funda para o nosso futebol, o Botafogo, a CBD e o Sr. Luiz Aranha, estejam satisfeitos. Basta de aventuras funestas! Basta! (FOLHA DA MANHÃ, 29/05/1934, p.10).

A questão patriótica era levada novamente para o centro do debate. Para a *Folha*, o treinador não surge como culpado, tendo o dever apenas de escalar os que ali estavam. O espaço destinado a Lourival Fontes foi maior do que o de Vinhaes, por exemplo. A intenção era negativar os dirigentes ligados a CBD, na ocasião todos cariocas. Nesta linha, o jornal repudiou a revolta dos torcedores paulistas contra o Palestra Itália e contra a sede da APEA após a derrota. Fato que foi noticiado no jornal *A Noite* com um tom menos crítico à ação dos torcedores: "Multidão em São Paulo culpou o Palestra pela derrota, apedrejaram a sede do clube e diretores pediram auxílio da polícia. Torcedores saíram e voltaram com um enterro

simbólico do Palestra, depois foram para a sede da APEA protestar" (A NOITE, 28/05/1934, p.8). Consideramos esses trechos exemplos de como o Jornalismo entra em campo para determinados campos.

Em linhas gerais, os três jornais se preocuparam mais com a resolução da questão do profissionalismo que se desenrolava no Brasil do que com a participação do time na Copa de 1934. Encontramos durante todo o *corpus* um número significativo de notícias sobre os bastidores da negociação entre "amadores" e "profissionais", que por não falarem especificamente da seleção não foram contabilizadas. No dia 24 de maio, por exemplo, tivemos duas notícias da seleção e duas sobre a situação dos bastidores do campo esportivo nacional no jornal *A Noite*. O êxodo em massa dos jogadores, aliado ao momento de busca da valorização nacional com o nacionalismo que seria mais intenso no Estado Novo, tornava e pacificação no campo esportivo essencial para a projeção da seleção representar a nação. As notícias do jornal *A Noite* relatavam que os argentinos pediam a pacificação e um acordo entre FBF e CBD, enviando seu dirigente Enrique Pinto ao Brasil para auxiliar nas negociações (A NOITE 24/05/1934, p.8). O tom da narrativa após a derrota reflete essa maior preocupação com os bastidores: "Devemos confessar que aos brasileiros restava um pouco de esperança no êxito da representação que mandaram ao velho mundo" (A NOITE, 28/05/1934, p.1). Para o jornal *O Globo* e *Folha da Manhã* o time não representou a força máxima do futebol brasileiro.

Enquanto o time realizava uma excursão com resultados ruins pela Europa[81], no dia 6 de junho o jornal *A Noite* noticiava a aliança entre FBF e CBD, mediada por Luiz Aranha, perdoando os atletas que foram à Copa e prometendo reformar a CBD[82]. A "missão diplomática" de representar o Brasil nos torneios internacionais teve no denominado "fracasso" de 1934 e na desorganização que culminou com o envio de duas delegações aos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 (DRUMOND, 2009), elementos determinantes nas ações

[81] A excursão começa no dia 3 de junho com a maior goleada até então sofrida pela seleção e ainda o jogo em que sofreu o maior número de gols: 8 x 4 para a Iugoslávia. No dia 8 de junho empate em 0 x 0 contra o Gradjanski da Iugoslávia, vitória sobre a Catalunha no dia 17 de junho, e empate contra a mesma equipe no dia 24 do mesmo mês. No dia 1 de julho empate em 4 a 4 contra o Barcelona, derrota para o Lisboa por 4 a 2 no dia 12 de julho, sofre uma goleada por 6 a 1 pra o Sporting de Portugal no dia 15 de julho e no dia 22 de julho empata com o Porto em 0 a 0. Na chegada do time ao Brasil no dia 2 de agosto era um consenso entre os dirigentes esportivos que a imagem do país havia sido arranhada com aqueles resultados e que a pacificação era urgente.

[82] Aqui é importante compreender os clubes como detentores dos meios de produção para a prática esportiva (estádios, campos, quadras, treinadores e jogadores). Ao conseguir agregar os clubes em torno de uma Liga única, se tem um monopólio do fornecimento deste novo espetáculo da Modernidade. Assim, conseguir altos lucros com as partidas se torna inevitável e contribui para que as agremiações invistam tanto em novas praças esportivas como em novos jogadores. No nível macro a função da FIFA também passa por esse monopólio ao definir as práticas esportivas no mundo e gerir uma rede global de federações compostas por seus filiados (MELO at Al, 2013).

que levariam o governo a interferir diretamente no esporte nacional para controlá-lo e consequentemente profissionalizá-lo (SOUZA, 2008).

Esta profissionalização, uma escolha direta da elite nacional, vai modificar o conceito de técnico no Brasil. O treinador, antes um professor que ensinaria os "segredos" do esporte aos atletas e com papel diplomático nas competições internacionais, atendendo aos interesses da elite nacional que pregava uma visão amadora e que dominava o campo esportivo, se transforma em um elo entre os patrões (dirigentes) e empregados (jogadores). Essa nova "função" também atendeu aos interesses dessa elite, com a narrativa de pertencer a uma "elite cultural" do esporte, que saberia desvendar os caminhos da vitória e, portanto, legitimado a ocupar tal posição de "controlar os jogadores". Essa configuração seria mais clara na Copa do Mundo seguinte que inaugura a narrativa mitológica de sermos o "país do futebol", tendo Adhemar Pimenta como representante da elite cultural que disciplinaria, treinaria e levaria a nação à vitória.

Tabela 5 - Reportagens Copa de 1934

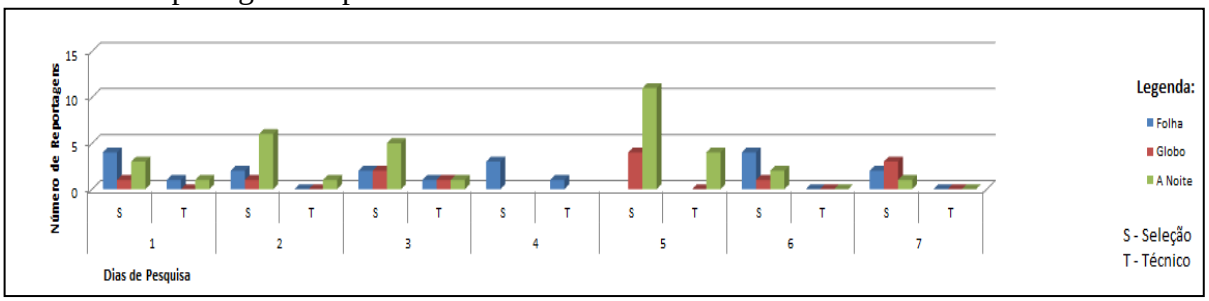

Tabela 6 - Avaliação Quantitativa Copa de 1934

Total Quantitativo					
1934	Seleção	Técnico	Porcentagem Técnico	Seleção 3 jornais	Técnico 3 jornais
Folha	17	3	17,64705882	57	11
Globo	12	1	8,333333333		
A Noite	28	7	25		

Tabela 7 - Avaliação Qualitativa Copa de 1934

Avaliação			
1934	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	0	0	3
Globo	0	0	1
A Noite	0	1	6

Tabela 8 – Categorizações Copa de 1934:

Categorizações			
1934	Técnico	Nome de batismo	treinador
Folha	0	0	3
Globo	0	1	0
A Noite	2	5	0

3 **UM MOVIMENTO CHAVE: ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO**

A elaboração da concepção de Brasil moderno tem na década de 1930 seu grande ápice[83]. Captar a atmosfera presente na sociedade e ao mesmo tempo unificar um país de dimensões continentais e com uma diversidade cultural e social marcante, exigia um elemento de aglutinação simples, direto e presente em todo o vasto território nacional. Algo que pudesse sintetizar, mesmo de forma arbitrária, o que seria o "brasileiro". Nesta composição destacamos duas proposições que vão se encontrar e se apoiarem mutuamente: a miscigenação como algo positivo e o futebol como palco para que as narrativas de nação se proliferem de maneira extensiva, com o auxílio dos meios de comunicação.

Consideramos que toda a formatação de uma "identidade nacional" que resumiria e explicaria o país, em curso desde os anos 1920, deságua, cristaliza e solidifica seu imaginário na Copa do Mundo de 1938. O contexto nacional constituído pela correlação de forças dos campos encontrou na competição um ritual de congregação da nação (GUEDES, 1998) tecendo uma teia simbólica que consolida o papel do futebol como um campo de disputas entre narrativas, o local de embates sobre o imaginário nacional e sobre modelos de conduta, tendo na sua intensa penetração nacional a formação de um quadro de interação social comum aos brasileiros. Nascia a ideia de "país do futebol", uma narrativa que postulava a seleção como aglutinadora de diferentes etnias que representava uma nação miscigenada, uma marca "indelével" de nossa cultura, o referencial imediato ao colhermos águas no vasto imaginário nacional, aquilo que nos definiria e nos singularizaria como nação. Na Copa de 1938 irrompe a relação simbiótica seleção e nação, proporcionando uma atmosfera que impulsionou as pessoas a participarem e se empenharem neste *script*, neste *frame*. Consequentemente é neste contexto que se estrutura todo o quadro social que designará uma importância aos atores envolvidos na representação seleção brasileira, entre eles o técnico.

Em uma partida de futebol temos alguns momentos intensos, chamados de "momento-chave". Seria uma jogada que poderia mudar o rumo do jogo e marcar os participantes e espectadores como um "instante inesquecível". Este instante possui uma intensidade nos

[83] Esse nascimento de um "novo país", em curso desde o início dos anos 1920, reinterpretado pelos grupos vitoriosos na Revolução de 1930 construiu ao longo desta década a ideia de Estado Nação. A eleição de Vargas em 17 de julho de 1934 como presidente da República após uma Assembleia Nacional Constituinte considerada "avançada" procurava sepultar a lógica da "República do Café com leite". A eleição dava fim a seu governo provisório, que havia iniciado em 1930. As complexidades e disputas entre diferentes grupos em torno desta "unificação" expuseram frentes como a Aliança Integralista Brasileira, com motivação nacionalista e antiliberal e a Aliança Nacional Libertadora, que congregava, por exemplo, socialistas e comunistas. Ambas foram suprimidas pelo governo Varguista e abriram caminho para a consolidação do Estado Novo, uma ditadura que durou de 1937 a 1945 (PANDOLFI, 1999).

acontecimentos que entraria, por exemplo, na seleção jornalística dos "melhores momentos". Ele pode durar, dentre os 90 minutos, menos de um minuto, mas sua pujança nas interações entre os participantes provocam uma intensidade que se torna "fundamental" para compreender o que foi o jogo. Pode-se falar muito mais sobre este minuto do que os outros 89, alargando o "tempo presente" deste minuto, fazendo ele "parecer" maior do que o tempo humano contabilizou. No jogo da tese, o momento-chave sobre a narrativa do treinador seria a Copa de 1938. Não só para ele, mas para todos os elementos que constituem o *frame* Copa do Mundo no Brasil. Este momento-chave vai inaugurar e dar rumo a toda a narrativa mítica sobre a relação futebol e nação, interferindo diretamente na narrativa dos jornais sobre o treinador. Será, então, por conta de sua intensidade dedicado um tempo maior. Não descartamos os lances anteriores, afinal, como vimos eles estruturaram alguns elementos que serão fundamentais neste capítulo, indicando como a narrativa é um processo contínuo. Também não pretendemos diminuir a importância dos "lances" seguintes, mas sinalizar como os acontecimentos desta competição estabeleceram uma linha de atuação a ser seguida, o imaginário imediato usado nas narrativas sobre Copa do Mundo, por mais que ajustes e releituras fossem realizadas de acordo com o contexto de cada competição. Em 1938, tivemos a "pedra fundamental" de toda a construção do "país do futebol". Desta forma, assim como um gol decisivo é narrado por mais tempo e mais intensidade do que os demais lances do jogo, esta competição tomará mais tempo do "jogo da tese", no sentido de tentar dar conta de toda essa intensidade que a atmosfera do país indicou, mostrando como os conflitos entre campos alteraram os rumos do nosso objeto.

Defendemos que a mudança na concepção do esporte como algo profissional, mantendo o amadorismo dos dirigentes, refletiu em uma alteração decisiva para a narrativa dos treinadores. Neste cenário de profissionalização dos atletas, nosso objeto surge como pontes nesta disputa. Os "secretários", como destaca Wagg (1984), atuariam na intermediação entre capital (clube) e trabalho (jogadores). O termo, que não encontramos nos jornais brasileiros, daria mais prestígio e um ar "profissional" aos treinadores ingleses durante este processo de ressignificação do seu papel. Wagg tem uma linha de raciocínio similar a nossa ao destacar os contextos e associações feitas por campos para construir as narrativas sobre os treinadores que conhecemos hoje na imprensa. O futebol para Wagg reflete e dialoga com as condições políticas, econômicas e sociais da Grã-Bretanha. Wagg destaca que o papel dos "managers" começou a mudar quando o esporte se torna mais popular, levando mais pessoas aos estádios e os dirigentes passaram a compreender que o sucesso de um clube se transformava em lucro. Os "managers" britânicos, além de "ensinar", agora tinham que procurar jogadores que se encaixassem na verba disponibilizada pelos dirigentes. O primeiro a

ser pago por este trabalho foi George Ramsey do Aston Villa em 1886, que recebia 100 libras pela sua "astúcia" ao contratar bons jogadores. Neste período, os "secretários" costumavam permanecer no clube por um longo tempo e como vimos, durante a partida ficavam em locais discretos no estádio. Wagg (1984) destaca o papel de Herbert Chapman (Arsenal) e Jimmy Hill (Coventry City) no desenvolvimento do profissionalismo do futebol britânico. Ambos entendiam o esporte como um negócio, orientando o que se concretizaria de maneira mais evidente a partir dos anos 1970 em todo o planeta.

O que foi evidente nas narrativas dos jornais brasileiros foi sua função como mediador nessa luta de classes: a ponte entre capital e trabalho. O técnico teria o contato direto com os trabalhadores, tiraria os dirigentes da linha de frente dos conflitos, e ainda seria o responsável para "organizar o time para a vitória" (Carter, 2006), inaugurando a interpretação tecnocrata desta personagem no Brasil. Esta posição serviria aos interesses da elite e que em caso de derrotas, seria o foco e o "culpado", mantendo a estrutura superior a ele praticamente intacta, algo que também agradou aos demais campos que elaboravam "o" nacional durante o período.

Caldas (1990) enfatiza que a crise no modelo amador e a adoção do profissionalismo atenderam a novas demandas dos grupos que obtinham o controle no campo econômico (maior renda com os jogos), campo social (a narrativa do trabalho e disciplina como algo essencial ao avanço da nação que ampliava a possibilidade de emprego para os jogadores de classes menos abastadas[84]) e política, que ao controlar tais ações por meio dos dirigentes amadores e indicados pelo governo na CBD, teria sob sua tutela a escolha daqueles que melhor representariam este modelo de país. Tal controle seria evidente quando o ministro Gustavo Capanema promulgou em 1941 o decreto-lei n° 3.199 que criava o Conselho Nacional do Desporto (CND) dentro do Ministério da Educação, revelando também a importância simbólica que o esporte alcançava ao ser inserido no campo político de forma oficial. Com a ideia de controlar e disciplinar em voga, o CND seria dirigido por uma comissão de cinco membros escolhidos diretamente por Vargas. Tal ação indica que a elite da época estaria presente nas decisões que envolviam este fenômeno cultural que se expandia no país.

Antes deste domínio claro do campo político, o profissionalismo foi reconhecido em 1937[85], cessando as disputas entre federações, o que possibilitou a elaboração de uma

---

[84] Aqui é importante ressaltar a Consolidação das Leis Trabalhista durante este período. Getúlio afirmava que "As leis trabalhistas são de harmonia social" (VARGAS Apud GUTERMAN, 2009, p.71).

[85] O profissionalismo foi adotado no Brasil com a observação constante do Estado que deveria fiscalizar as entidades profissionais, mantendo a disciplina e organização dos clubes e de seus dirigentes. Obviamente, o conceito de disciplina era formulado pelas elites que mantinham o controle do Estado. Neste contexto os jogadores que se profissionalizavam deveriam ser educados e ensinados no modelo da elite nacional, sob a supervisão do Estado, e com o técnico como professor no contato dia a dia, disciplinador e controlador dos jogadores. Leônidas será o jogador que mais "tormento" dará a esses dirigentes esportivos no Brasil na década de 1930 e 1940, como Souza (2008) expõe. O autor destaca que João Lyra Filho entendia que "o

narrativa de uma equipe "realmente nacional", com a presença de todos os atletas considerados "os melhores".

Para entendermos toda esta intensidade presente neste período estudado, indicaremos, no primeiro item, como nasceu a mitologia nacional em torno do "país do futebol", tendo a competição como um ritual nacional que manteria e atualizaria este mito. Compreendemos que ao solidificar uma crença, através dos meios de comunicação, de que "11 homens representariam a nação" foi possível elaborar narrativas verossímeis sobre "esses 11" e o seu "comandante". Indicaremos como o mundo dos jornais, além de captar toda essa atmosfera, influenciou na proliferação deste ritual ao instituir a competição e a participação dos atletas brasileiros como um acontecimento jornalístico, contribuindo para sua eficácia simbólica e estruturando os frames que auxiliariam na compreensão das ações de cada personagem envolvido neste "mundo" do "país do futebol", tendo a Copa como o "nosso grande ritual". Em seguida vamos apresentar a narrativa sobre o treinador Adhemar Pimenta que pavimentou dois caminhos que até as Copas atuais parecem escolhas inconciliáveis: individualidade (jogador) ou organização (técnico). Este evidente conflito pode ser compreendido com a proposição do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre no artigo *Football Mulato*, presente no *corpus*, que redirecionou a singularidade do brasileiro, desviando do modelo pretendido pela elite que teria o treinador organizador e disciplinador como referência, para postular o improviso e arte do jogador nacional, simbolizado por Leônidas da Silva, como nosso "maior diferencial" no imaginário nacional.

3.1 **"Era uma vez o país do futebol..."**

Suponhamos que um extraterrestre chegasse ao Brasil durante um dia de jogo da seleção de futebol na Copa do Mundo. Ele veria as ruas enfeitadas, a maioria dos estabelecimentos fechados, bandeiras verde e amarelas por todos os lados e pessoas reunidas em frente à televisão chorando, vibrando e até cantando para incentivar onze homens vestidos com uma camisa amarela, que chutam um objeto esférico até um retângulo colocado nas duas extremidades de uma superfície plana e verde. Isso causaria um estranhamento para tal visitante. Imagine se ao final de 90 minutos ele visse os veículos de comunicação e os torcedores comemorando a vitória com os homens que estavam em campo e se intitulando os

---

dirigente tinha que tratar seus atletas dentro de um estilo paternal e bondoso". Os jogadores deveriam entender e aceitar essa prática educacional para serem úteis a nação, e os que não cumprissem seriam os "irresponsáveis". Tal controle não viria somente nos jogos, na visão de Lyra Filho, mas também no controle do cotidiano do atleta e na sua vida privada, ou seja de incutir um *habitus* que regularia as ações do atletas.

melhores do mundo com uma estrutura feita de ouro em suas mãos. A narrativa não faria sentido algum e, certamente, se ele não fosse informado sobre o que significa a Copa do Mundo de futebol, contaria, ao voltar para seu planeta, que esse ritual define os terráqueos.

O trabalho do pesquisador consiste em se colocar no lugar desse extraterrestre imaginário para tentar provocar um estranhamento diante das atitudes no cotidiano, buscando não só desnaturalizar os significados produzidos a partir dessas performances recorrentes, mas também os significados das próprias performances. A parábola do ET serve para demonstrar o quanto o contexto, o imaginário social e suas formas de interação ao mesmo tempo em que condicionam, também proporcionam os sentidos dentro de um processo de comunicação. Todo este ritual da Copa do Mundo, descrito no parágrafo anterior, é considerado "natural", compreendido por qualquer brasileiro, até para aquele que não gosta de futebol. Ou seja, é um *frame*, que vai agrupar ideias e imagens vindas do imaginário nacional, explicando tais comportamentos como "corretos", buscando nas representações já reconhecidas previamente sobre aquele contexto, a atribuição de significados.

Nossa intenção neste item é esclarecer por que essa narrativa faz sentido, como a seleção brasileira se enraizou no imaginário social brasileiro como um símbolo nacional e por consequência, como a atuação dos atores que performam em nome desta representação obtém um papel importante durante o evento que, para nós, se tornou um ritual que estimularia um nacionalismo cíclico a cada quatro anos, ora confirmando, ora remodelando o que definiria o "ser brasileiro", apresentando funções às personagens envolvidas: torcedores, jogadores, treinadores e imprensa.

A expressão utilizada no título deste item não foi ao acaso. O "Era uma vez..." é convencionado e partilhado na nossa sociedade como um instrumento do narrador para iniciar um conto, uma fábula, apresentando como o interlocutor deve receber sua mensagem, dentro da ideia de código de Bateson, apresentada anteriormente. Mais do que sugerir uma interpretação de que falaremos de um mito, o de sermos o "país do futebol[86]", nossa ideia é demonstrar o que Gumbrecht (2014) descreve como "atmosfera", viabilizada pelo imaginário, influencia na interpretação de uma narrativa. Como todo ritual que reatualiza e revive o mito, seus ritos são compreendidos e compartilhados pelos participantes desta cultura, sendo influenciados por toda essa "ambiência" proporcionada pelo evento, como se fosse construído um "mundo à parte" durante a Copa, que longe de ser compreendido como fantasioso, tem o sentido e aparência de "real" nas narrativas jornalísticas.

---

[86] Esta construção que já foi abordada criticamente por HELAL, SOARES e LOVISOLO. A coletânea *A invenção do país do futebol* (2001) apresenta algumas das abordagens e debates importantes sobre este tema.

Também é proposital sugerir a ideia de algo fantasioso na expressão “era uma vez”, como algo mais próximo de uma ficção do que de uma realidade. Este é um ponto crucial que vamos trabalhar mais adiante: a aproximação mais intensa do que se imagina entre estes dois elementos, aparentemente em polos contrários, na edificação de narrativas de uma nação (RICOEUR, 2010; ISER, 2013), exatamente por beberem na pluralidade do imaginário e de todas as possibilidades que ele oferece.

Para mergulharmos em um mito como o “país do futebol” precisamos compreender que as mesmas interações e conflitos entre campos que modificaram sentidos no futebol nos anos 1920, igualmente transformaram visões e conceitos sobre a nação. Quando Getúlio Vargas assumiu o governo provisório em 1° de outubro de 1930, a possibilidade de se erguer uma nova narrativa sobre o país se torna essencial aos grupos sociais que assumiam o poder político. Ao abarcar diferentes setores da sociedade que almejavam nova posição na política e na própria sociedade, a narrativa buscava aglutinar diferentes pensamentos. Romper com as representações anteriores e difundir novos sensos comuns do que seria “o nacional” teve na ideia de um Brasil Moderno que, enfim (e tardiamente) se industrializaria, o futebol como grande sustentáculo.

Neste sentido, concordamos com Eric Hobsbawn (1990) ao pontuar que ainda que seja construída pelo alto, ou seja, pelas narrativas de campos hegemônicas, este nacionalismo e a formação da identidade nacional precisam da compreensão de conjunturas e do imaginário presente dos grupos e pessoas pertencentes a esta “comunidade imaginária”. O cidadão desta nação, também tem o papel fundamental para fazer a ponte entre o mundo do leitor e do autor e coconstruir sentidos sobre a nação e essa narrativa (MOTTA, 2010). As identificações com a nação estão imbricadas às demais identificações que formam o sujeito dentro da sociedade, não se sobrepõem, e por conta desta complexidade e movimentação constante entre os campos, podem ser deslocadas e mudar ao longo do tempo (HOBSBAWN, 1990). Gellner (1981) enfatiza que o nacionalismo está dentro de um contexto particular, de construção de uma ordem social capaz de produzir e conservar uma cultura entre governantes e governados. Para Gellner, a teoria do nacionalismo está ligada a essas condições, sendo uma engenharia social que produz os sentidos sobre a nação.

Essa narrativa encontrará no poder impulsionador do futebol um profundo elemento de associação e ligação com a população, o ponto de ligação e união entre a sociedade, tanto usado pelos governantes como sintetizador da nação, como para os trabalhadores que tentavam demarcar seus limites (GUEDES, 1977). Assim, o futebol e, principalmente, a Copa do Mundo, se tornam a arena de conflitos, a união do imaginário nacional, uma atmosfera que

suscita narrativa de continuidades, reinvenções e invenções do ser nacional e a identificação do que seria o brasileiro. Criar a ideia de seleção brasileira como unidade nacional foi decisivo para a ideia de integração nacional. Para costurar essa colcha de retalhos e dar forma a uma nação, Vargas utilizou o futebol para difundir sentimentos nacionalistas e de singularidade sobre o Brasil, na tentativa de sobrepor regionalismos[87]. Hobsbawm (1990) define o esporte como um meio privilegiado de difusão e reforço desses sentimentos patrióticos, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores. De maneira mais direta: "a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação" (HOBSBAWN, 1990, p.171). Desta forma, nesta nova narrativa e enquadramento sobre o "ser brasileiro", o poder mobilizador e o caráter moderno do futebol na sociedade não foi desprezado e se tornou um dos vetores da construção desta identidade nacional.

Entendemos esta identidade como uma construção social, uma narrativa que pretende reunir atributos, características, mitos e crenças de determinados grupos sociais em estereótipos rígidos e coesos, esquecendo a multiplicidade de tais formações. A identidade vai fornecer certa estabilidade para a consciência e é elaborada no "meio vital", no contexto de cada sociedade, neste jogo ininterrupto entre campos que disputam a hegemonia. Essas articulações foram eficientes na organização dos Estados-nação na Europa, como destaca Stuart Hall (2011). A intenção narrativa era decifrar e explicar as origens daquela nação, distinguindo-a frente às outras. Assim, como qualquer narrativa, foram escolhidos determinados acontecimentos e esquecidos outros, arquitetando a ideia do que seria "o" nacional dentro de uma perspectiva favorável aos campos que se associaram nesta elaboração narrativa de um "novo Brasil".

Mircea Eliade (1972) destaca que o mito conta uma história do tempo da criação, de como tudo começou. Podemos dizer que a força que a narrativa da Copa do Mundo tem no país possui relação com a ideia de Brasil Moderno que nasce nos anos 1930. O mito "país do futebol" terá na Copa de 1938 seu embrião e será a cada competição revivido, reatualizado e adaptado através dos ritos presentes em nossa sociedade que fazem parte deste evento. Raphael Patai (1972) frisa que o mito opera validando leis, costumes, instituições sociais e ritos. O mito cria um pacto com a sociedade e vai existir enquanto sua narrativa fizer sentido. Como Souza (2015) destaca, o mito não precisa ser "verdade", mas é necessário que as

[87] Neste sentido o trabalho de Souza (2008) é valoroso ao analisar essa unificação do país através do futebol durante o governo Vargas.

pessoas acreditem nele, que seja verossímil[88], criando um elo entre elas, que no caso do "país do futebol", mesmo sendo fantasioso, uniria uma nação. Georges Bataille (1973) enfatiza que o mito não se dissolve do estar-junto e através das suas práticas rituais produz suas imposições simbólicas. O papel do imaginário como rumo da narrativa do mito será decisivo. Como já vimos o *habitus* é o imaginário em ação. Este *habitus* será vivido e negociado nos rituais cotidianos. Desta maneira, os mitos precisam de ritos, para que se reatualizem e para que se pratique o mito, transmutando-se de algo imaginário, plural e abstrato em uma ação humana concreta e que pretende ser singular. Sem esses ritos o mito perderia a capacidade de ser vivido. Assim, a Copa seria um ritual nacional principalmente por sedimentar, alimentar e explorar o "ser brasileiro", sendo o fio condutor de uma narrativa mítica sobre a nação como Simoni Guedes (1977, 1998, 2009) e Edison Gastaldo (2002) defendem.

3.2 **Nosso maior ritual: a narrativa das Copas**

Partimos da ideia de que no ritual de interação, ocorre um jogo, como Simmel destaca: "uma forma lúdica de socialização" (1983, p.125). Nesta forma lúdica, os elementos que compõem a narrativa vão, não só criar tradições para reafirmar e sedimentar a ideia central do mito, como também atualizá-lo e adaptá-lo para que faça sentido na sociedade, se conectando e fazendo parte da pré-compreensão do mundo e daquele contexto.

Assim, o ritual de interação (GOFFMAN, 2012b) seria uma ocasião social organizada e temporária que pode criar padrões e regras de atuação para os participantes a partir desta interação momentânea. Seguindo a interpretação de Simmel e Goffman, consideramos que neste processo, além de se viver o mito e os padrões criados pelo ritual de interação, com suas regras de como interpretar as mensagens, ações e atitudes dos indivíduos (*habitus*), também se atualiza e modifica este mito e o significado dessas ações. Essas interações originam-se dos movimentos dos campos que já vinham se desenhando e que enxergam no processo ritualístico recheado de simbolismo, como a Copa do Mundo, a chance de demarcar sua narrativa e valores, através do *habitus* exigidos das personagens participantes deste ritual: jogadores, torcedores, imprensa e técnico.

Neste ritual, símbolos nacionais entendidos como oficiais são manejados e vinculados à seleção brasileira. Canta-se o hino antes dos jogos em sinal de amor à pátria e se metaforiza que aqueles onze homens representariam toda a nação. As cores da bandeira nacional e a

[88] Christopher Lasch indica um pensamento similar a este no livro *A Cultura do Narcisismo* (1983).

própria bandeira são vistas com maior frequência com a aproximação da competição. Mensagens publicitárias inundam outdoors, internet, jornais, televisão e rádio buscando acionar um nacionalismo exacerbado em torno da seleção nacional. O "como se" que abordamos anteriormente de Iser (2013) é visivelmente encontrado nesses códigos comunicacionais. Vestir verde e amarelo seria estar integrado a esta atmosfera de sentidos que o ritual da Copa do Mundo nos apresenta, como o "ser brasileiro", expandindo também o avanço do campo econômico neste ritual, que a cada competição lança um "novo" modelo da camisa da seleção nacional[89]. Comprar a nova camisa que os jogadores vão usar presumiria, pelas narrativas publicitárias, um vínculo maior do torcedor com os atletas, mostrando como o consumo atua não só como fator de pertencimento, mas também com os aspectos do imaginário. Todo esse imaginário é amplamente explorado e difundido pela narrativa midiática e compreendido pela população. Nos dias de jogos da seleção se suspende o "dia normal". Esta interrupção do "cotidiano" estava presente e justificada nos jornais pesquisados na Copa que inaugura o mito "país do futebol":

> De acordo com o ato do Interventor federal e em combinação com o prefeito do Recife, tornando facultativo o ponto das repartições estaduais e municipais, a fim de que todos possam ouvir a irradiação do jogo "Brasil x Tchecoslováquia", a associação comercial pede ao comércio para encerrar o seu expediente, hoje às 12 horas (DIARIO DE PERNAMBUCO, 14/06/1938, p.7).

Até os dias atuais, bancos, escolas, repartições e comércio não funcionam no dia de jogos da seleção, tudo para que cada um possa "acompanhar a seleção", participar do ritual de "ver os 11 em campo", estabelecendo um outro tempo, um mundo paralelo em que o sentido de festa, por exemplo, está sempre presente: "para assistirem à transmissão do jogo do Brasil com o Uruguai pela televisão, os funcionários públicos do Estado serão hoje dispensados uma hora mais cedo, depois de decreto assinado ontem pelo governador Abreu Sodré" (FOLHA DE SÃO PAULO, 17/06/1970, p.13).

---

[89] Sobre a narrativa do uniforme da seleção brasileira na imprensa ver: MOSTARO, HELAL E AMARO (2014). A ideia de utilizar as cores nacionais aproxima a seleção da ideia de representar a nação e surge apenas após a derrota de 1950, onde a camisa branca com golas azuis não representaria "nada", sendo uma das causas da "falta de bravura" de nossos atletas no jogo final contra o Uruguai. A "amarelinha" foi ao longo do tempo um símbolo nacional e um fator de reconhecimento dos outros. Usar a camisa da seleção era um sinal de amor à pátria e um "uniforme" quase obrigatório durante o ritual das Copas. Entretanto, o campo político em associação ao midiático estabeleceu um novo e perigoso significado que causou uma ruptura num objeto compartilhado e compreendido como de "todos os brasileiros". Em outubro de 2014, os eleitores de Aécio Neves foram votar com a camisa da seleção e nas manifestações que pediam a saída da presidente eleita Dilma Rousseff, as pessoas que foram as ruas, novamente se utilizaram da simbologia da camisa amarela da seleção para forjar a ideia de "patriotismo" contra a cor vermelha, mais associada a partidos de esquerda.

Nesta linha, consideramos que a festa possui uma espécie de realidade e dinâmica própria, sendo um ato coletivo extraordinário, extratemporal e extralógico. Mais do que um simples divertimento, ela opera religações entre os indivíduos, gerando imagens multiformes da vida coletiva, sendo também uma forma de sociação (PEREZ, 2002), criando atmosferas de compreensão e de envolvimento com o ritual. A própria festa é um ritual, com regras e padrões próprios de interação. Pensar nesses vínculos coletivos é também pensar na sociedade e na produção de representações que dialogam e se entrelaçam com este momento, que conforme Maffesolli (2012) destaca, promovem o "estar junto", destacando o aspecto tribal. Se pensarmos em rituais indígenas, por exemplo, em que todos formam uma roda em volta de uma fogueira e fazem preces, gritos, sinais de devoção e pedidos, podemos encaixar perfeitamente no cenário ritual de reunir amigos durante a Copa do Mundo, com todos em volta da televisão, que também emite luzes, e igualmente fazem preces, sinais de devoção, gritam, etc[90]. Em 1938 inaugura-se este processo, como esta manchete indica: "A cidade assistiu emocionada à transmissão do jogo de ontem" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 13/06/1938, p.3). Os meios de comunicação passam a fazer parte do ritual, mediando a interação entre os participantes e tendo um "papel" neste *frame*.

Os campos, em constante interação, têm nos rituais cotidianos o palco para a disputa de suas concepções do mundo, interferindo nas micro interações até chegar às macro interações. Todos esses pequenos rituais cotidianos, por que sejam considerados "simples", engendram aspectos que cada campo pretende dominar e gerir seus símbolos e significados. O simples ato de "tomar café", por exemplo, revela um complexo e intenso jogo entre campos e suas narrativas sobre o modo correto e o que será culturalmente aceito. O próprio nome do ritual no Brasil já instiga o consumo de um produto que durante anos foi uma das maiores fontes de riqueza do país e associado ao poder de grupos sociais que mantinham a produção do próprio item: o café. As narrativas são várias sobre o "tomar café", do "tradicional" pão com manteiga ao "saudável" granola com iogurte, por exemplo. Se já existe essa disputa de narrativas em rituais cotidianos, imagine então um grande ritual que envolvesse toda a nação, numa espécie de "fato social total" (MAUSS, 1968) e que pudesse servir de palco para que os campos expusessem suas narrativas e representações por intermédio, por exemplo, do líder do símbolo mais valoroso deste ritual: a seleção brasileira.

Assim, conforme Marcel Mauss (2013) destaca, o rito seria uma manifestação prática das representações, onde a narrativa ganha vida e ativa os impulsos presentes no imaginário

[90] Para maior detalhamento de como a imprensa associa a Copa do Mundo a uma festa da nação, ver MOSTARO (2013).

daqueles que compartilham do mito. O rito vai ilustrar como o mito funciona, como a sua narrativa é desenvolvida, cristalizando as representações em ações dos indivíduos e mantendo seus sentidos dentro de cada contexto apresentado para que ele ainda tenha validade. Este processo é claro na representação da seleção brasileira de futebol ao longo das Copas. Neste ritual, se aprende as regras de interação praticando e exercendo o papel social. Não é algo imposto ou facilmente decifrável. Aprende-se pela observação, pelos impulsos que a atmosfera da competição proporciona, pela compreensão do *habitus* existente, do código deste *frame*, enfim, pela interação a cada jogo durante a Copa. É como o exemplo da parábola do ET que apresentamos, mais do que entender, é preciso compreender a atmosfera que leva as pessoas a praticarem tais atos neste ritual, que se tornam comuns à sociedade.

Assim, o padrão de interação é tanto um fator de reconhecimento imediato do que se pretende inferir aos participantes da interação, como algo que pode ser atualizado por essas mesmas interações. Girardi Júnior (2016, p.224) aponta que através do agir ritualisticamente são registradas normais sociais, fazendo com que este processo forneça um saber prático, uma memória e uma experiência sensorial profunda.

Como Goffman (2012b) destaca, o ritual de interação formata e possibilita ações individuais aos atores e torna possível certos sentidos, limitando-os e tornando inteligíveis as ações humanas naquele contexto. Ao mesmo tempo em que tais quadros sociais possibilitam ações individuais e pessoais aos atores a cada contexto, eles exigem determinados comportamentos para que os atores sejam reconhecidos com aquilo que se espera de sua personagem. Vejamos o exemplo de uma missa. Por mais que se troque o ator (padre), a persona e seus atributos procuram se manter dentro da referência estável já pré-concebida por seus interlocutores, exatamente para preservar o *frame* sobre a missa. Assim, independente do indivíduo que assuma o "cargo", ele terá linhas de ação, por mais que tenha seu estilo, pautadas em fazer o que sempre se espera daquela personagem social. Em suma: é o imaginário em "ação" pelo *habitus* cristalizando o capital simbólico de determinado grupo. Interessante que o ritual da missa também se altera ao longo do tempo, deixando de ser realizada em latim, incluindo músicas de louvor mais alegres, adaptando o ritual ao contexto, mas sempre preservando sua representação original de ser uma missa. O ritual Copa do Mundo estipulou os papéis e como vimos, em 1930, começou a erguer qual seria a função do treinador.

O ritual de interação, que atualizaria o mito, o padrão que opera lógicas de atuação comportamental, explicaria ações e forneceria sentido a elas, elucidando o mundo social. O ritual é o palco onde as regras da interação previamente definidas encontram a oportunidade

para se manterem ou se adaptarem, ajustando-se a inovação que alguns elementos da interação inserem. É no ritual que o jogo acontece, onde se cede, se impõe, procura-se manter tradições de interação. É no ritual que as regras são negociadas, podem ser reafirmadas ou modificadas, onde o nacionalismo em torno da seleção pode ser reforçado ou enfraquecido, onde a atmosfera de cada contexto e correlação de forças momentâneas presentes na sociedade podem exercer sua influência e redirecionar sentidos deste ritual e mudar as narrativas dos treinadores. Exatamente o que aconteceu em 1938 e veremos a seguir.

No processo de construção de sentidos constante pela interação e conflito entre campos, rituais como a Copa do Mundo serão um cenário de grande visibilidade para demonstrar e deixar mais evidentes as interações e sentidos já presentes na sociedade. Assim, a tentativa é de cristalizar determinada representação num momento ritualístico onde as narrativas ganham uma protuberância por movimentar um imaginário que definiria o "ser brasileiro". Dentro da prática ritual da Copa do Mundo no Brasil, essa práxis nos faz compreender, dentro dessas situações comunicacionais, ações socialmente postas como verossímeis sem que se tenha necessidade de encontrar uma razão para elas.

Como já apresentamos na nossa proposta de compreensão das narrativas, o que faria os indivíduos agirem desta forma seria o imaginário. Reforçamos sua posição como referencial para as narrativas, a base dos rituais e *frames* compartilhados como a Copa do Mundo. É no imaginário que perambulam os sentidos e imagens que serão direcionadas e ordenadas pela narrativa para construir as representações e os *frames,* como a Copa do Mundo. Ao permitir um sistema de orientações expressivas e afetivas que remetem a estereótipos oferecidos aos agentes sociais, os imaginários sociais criam uma reciprocidade cultural entre narradores e receptores (BACZKO, 1985). Essa reciprocidade define situações comunicacionais necessárias para decifrar e dar sentido aos acontecimentos. Estamos falando do jogador como ídolo e herói nacional, por exemplo, uma situação social partilhada e de fácil entendimento. Essas molduras determinam, como já vimos, além de significados da vida cotidiana, os modos adequados de participar dela, desenhando não só modos de torcer, mas também maneiras de se construir narrativas jornalísticas sobre a competição. Ao se arquitetar essas representações e *frames* erguem-se também modos de se ver o mundo, de como agir, de interagir e o que se esperar e pensar do outro.

Instaura-se um *script* de como atuar em cada cenário, conforme o psicólogo Eric Berne descreve e Motta traz para a análise de narrativas, indicando como os elementos dessa narrativa interferem e constroem neste *script*. Esse *script* seria uma programação que acumulamos ao longo da vida, incluindo a vivência familiar, as narrativas que nos circundam,

como contos de fadas, literatura, filmes, mitos e arquétipos que vão fazer parte do que entendemos neste trabalho como imaginário, sempre atualizado, e reconfigurados pelas interações. Esse script se aproxima da ideia de *frame*, exatamente por se acreditar que, por conta dele, os indivíduos desempenharão certos papéis num grande palco que seria nossa vida, seguindo o que nosso *script* estabeleceu como "correto". A ideia é inspirada em Goffman e por isso, acreditamos ser pertinente trazê-la, já que os treinadores vão desempenhar seus papéis e serem cobrados nas narrativas dos jornais pelo *script* construído pela elite sobre eles. Contudo, tais situações também são renegociadas a todo instante, mudando seus sentidos a cada enquadre (MOTTA, 2010). O que veremos em 1958, por exemplo, com Garrincha e Pelé reconfigurando a narrativa e alterando o *script* projetado para Feola.

Acreditamos que este empenho e compreensão sobre os significados deste ritual só é possível por fazer parte do imaginário social brasileiro, associando-se ao contexto e a pré-compreensão do mundo. O simbolismo do futebol como algo nacional, popular, palco em que identidades e representações são negociadas, principalmente com a participação de classes que historicamente tiveram pouco acesso aos embates sobre o que seria o nacional, o cauciona a operar e fazer parte desta "bacia semântica" que o imaginário oferece. O lugar do futebol no imaginário nacional seria a fonte onde as narrativas sobre a nação e seus rituais vão beber e tornar essa atmosfera possível e compreensível, dando o rumo e sendo o principal substrato sobre as narrativas das Copas do Mundo.

Apesar da definição de Durand (1997) como museu de imagens, devemos interpretar este imaginário como algo mais amplo do que conjunto de imagens. Ele também está repleto de sensações, impulsos, lembranças, sentimentos e atmosferas que são difíceis de serem "explicadas" e mais simples de serem sentidas.

Na constituição da intriga sobre o "país do futebol", por exemplo, o simbolismo e as imagens presentes no imaginário (referencial) vão sustentar uma ideia de nação que encontrou na Copa do Mundo seu ritual mais efusivo. Assim, este simbolismo vai amparar as ações dos participantes daquela sociedade, e ser uma peça de junção dos que fazem parte deste grupo social. Sem esses símbolos, vindos do imaginário, a sociedade não proporcionaria significação aos seus atos, sendo impossível a interação. Através da narrativa, que vai costurar o contexto com o imaginário social brasileiro e com a pré-compreensão do mundo, desenvolvido e cimentado pelas interações entre campos, tais símbolos, antes apenas no imaginário, ganham o semblante de "real" no mundo projetado pelo texto. A "nação" se torna vencedora e reconhecida, indicando que "o mundo" também coconstroi tal narrativa pelas metáforas possibilitadas pelo esporte: "O mundo inteiro aprova: Brasil campeão. Brasil:

campeão por unanimidade. Repercussão mundial do triunfo" (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p.1)

Castoriadis (1997) enfatiza que a força do imaginário seria atuar como uma mola propulsora da ação em sociedade, construindo e fixando sentidos. Ao impulsionar as práticas humanas, chegamos a outro papel importante do imaginário: mexer com o *pathos* (paixão). Se o que está no imaginário pode ser transformado em "real" ou em "sonho", de acordo com aquilo que se escolhe para fazer parte da narrativa, nele também reside a ideologia e a utopia, fornecendo o fundamento para transformar o "sonho em realidade". Neste desejo "repousa" a força que impulsiona indivíduos e grupos, que pode "acordar" no momento em que esse imaginário é acionado. Como neste jogo em que o jornal *O Globo* convida os leitores a jogar nas vésperas da final da Copa de 1950:

> O que todos querem agora é o título de Campeão Mundial de Football pelo Brasil, um título que aumentará o prestígio esportivo de nossa terra em todo o mundo. A postos, portanto! A postos, jogadores, para o último encontro, para a conquista do título máximo! A postos, torcedores, para o incentivo as scratch do Brasil e para o respeito ao adversário! Queremos a vitória, só a vitória, nada mais que a vitória! (O GLOBO 15/07/1950 p.1).

Para Bronislaw Baczko (1985) o que leva o homem a agir é o coração, suas paixões e seus desejos. Para ele é exatamente no imaginário que tais sentimentos são aquecidos através do *pathos*, que também dirige a linguagem dos símbolos e dos emblemas. Estes símbolos se tornaram eficazes por se firmarem no imaginário coletivo nacional, fazendo parte de uma narrativa global do país, que fundem esperanças, utopias e mitos (Baczko, 1985, p.325). A ideia de se intitular os "melhores do mundo" a cada vitória de um time de futebol sugerem simbologias que se aderem de maneira eficaz aos desejos e aspirações do futuro de uma nação. Essa força impulsiva presente nos grupos sociais que se associam aos "sonhos" de uma nação, algo ilusório que está no imaginário e que se busca por esses impulsos torná-lo realidade, é catalisado pela narrativa das Copas do Mundo na imprensa nacional. No dia da estreia na competição, o *Diário de Pernambuco* destaca que: "O país inteiro empolgado pelo encontro Brasil- Polônia, hoje em Strasburgo" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 05/06/1938, p.1). Nota-se aqui essa tentativa de solidificar no imaginário do leitor o empenho em torcer pela seleção, trazendo para a intriga da narrativa do jornal a concepção de um país vibrando em torno de uma competição. Empenho que surge no dia seguinte, após a vitória por 6 a 5 da seleção brasileira: "Numerosa assistência aclamou o quadro brasileiro em frente ao Paço Municipal (DIARIO DE PERNAMBUCO, 06/06/1938, p.2)". Esta aglomeração de pessoas em função da equipe brasileira já havia sido encontrada em 1930, por exemplo. Era um

processo já existente na sociedade, que começava a ganhar amplitude com toda a atmosfera presente, inclusive em uma capital do Nordeste, no caso, Recife.

O texto precisa captar o que circula na sociedade, o que está nas águas desse lago (seu referencial). A narrativa necessita, mesmo projetando um mundo "real", corresponder à atmosfera, estando em sintonia com o vivido. Ou seja, ao mesmo tempo em que o imaginário fomenta e estimula ações, também as limita. Em suma, a narrativa não inventa um mundo, ela busca no imaginário suas bases e pode sim, por conta de projetar tal cenário e intriga como "o real" influenciar nas ações dos indivíduos.

Neste prisma, Baczko afirma que "os homens precisam de fatos, signos, imagens, gestos, figuras a fim de se comunicarem entre si e se reconhecerem" (BACZKO, 1985, p.321)**.** De maneira mais ampla, o simbolismo da Copa do Mundo no Brasil e seus ritos coletivos atuam nessa vertente, tornando-se um instrumento eficaz para regular e orientar a sensibilidade coletiva, influenciando comportamentos de seus participantes neste ritual, fazendo, por exemplo, o país vestir verde e amarelo durante a competição, num impulso patriótico cíclico a cada quatro anos. Logo, ela se torna um evento simbolicamente midiatizado ao articular signos facilmente reconhecidos e, assim, consegue sustentar a ação narrativa, construindo o que Ricoeur (2010) chama de simbolismo explícito.

É o imaginário que fornecerá o tecido para produzir este "estar junto" durante a competição. Sua circulação entre "real" e "ilusório" permite um amplitude que o faz transbordar, ultrapassar o chamado "concreto". Neste sentido, o imaginário também seria a atmosfera que circunda a sociedade e ao mesmo tempo influencia nas ações e impulsos, acelerando-os. Maffesoli (2008) busca na ideia de "aura" de Walter Benjamim a compreensão para essa atmosfera que o imaginário provoca, que extrapola a "obra" em si e seus sentidos. Pensando no nosso objeto, a atmosfera da Copa do Mundo, sanciona uma série de ações e impulsos como o choro, alegria efusiva, tristeza dilacerante, emoções exacerbadas durante o período da competição, que escapam muitas vezes da compreensão de quem está fora desta atmosfera, como a parábola do ET que mencionamos no início do capítulo. Não é "apenas" cultural, é algo que ultrapassa uma justificativa focada na cultura, é o imaginário sobre aquele evento, que pode ter uma dose de "inexplicável", exatamente por circular entre "concreto" e "abstrato". Como neste trecho de Nelson Rodrigues após a vitória em 1962.

> Outrora, o brasileiro era inibido até para chupar chica-bom. Agora não. Cada um de nós foi investido de uma vidência deslumbrante. Nós sentíamos o Bi, nós o apalpávamos, nós o farejávamos. E, partir de ontem, venham como a simples crioulinha favelada tem todo o elan, todo o ímpeto, toda a luz de uma Joana D'Arc. De repente, todas as esquinas todas as ruas estão consteladas de Joana D'Arc. E os

> homens parecem formidáveis como se cada um fosse um São Jorge a pé – um São Jorge infante, maravilhosamente infante (O GLOBO, 18/06/1962, p.10).

O imaginário moldado por Nelson Rodrigues, por exemplo, dialoga diretamente com a atmosfera de que a seleção representa a nação e a vitória do time injetaria uma autoestima no brasileiro. Sobre essa atmosfera, Durand (1997, p.38) destaca a noção de "trajeto antropológico", que seria "a incessante troca existente no nível do imaginário entre pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanando do meio cósmico e social". Esse contato entre o mundo social e o mundo cósmico, fornece o subsídio para compreender o papel da atmosfera na interação com a sociedade. Ela estará plainando sobre cada contexto, sobre cada pré-compreensão do mundo e, sobretudo, de maneira mais intensa, em cada ritual de interação, especificamente no nosso caso, a Copa do Mundo. Maffesoli reforça este caráter distinguindo o imaginário de cultura, onde a cultura pode ser explicada, enquanto o imaginário não se consegue desvendar, nem captar, enquadrar, propondo que "o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade". Exatamente o que acreditamos ocorrer com o imaginário da Copa do Mundo no Brasil. É por conta deste imaginário que se tem o vínculo social, o cimento social, aquilo que une, liga as pessoas, que as faz agir, potencializando o "por em prática" e as inserindo na mesma atmosfera, dando sentido à sua narrativa, concretizando e tornando vívidas emoções e afetos que pairavam no "ilusório", como a noção da miscigenação como algo positivo, por exemplo.

Entendemos que a competição esportiva é um cenário ideal para a análise desses imaginários que povoam a sociedade. Gumbrecht destaca a atmosfera do estádio como algo dramático e lúdico. O perder e ganhar, os sentimentos que envolvem uma partida, os imaginários que ali transitam fazem as ideias de derrotas e vitórias passearem tanto no terreno da "ilusão", do "sonho", se tornando "inacreditáveis", como se situarem no "concreto", daquilo que "realmente aconteceu" ao final do jogo. O empenho dos participantes tem no imaginário daquela competição, daquele jogo, seu combustível para as ações. Um jogo de Copa do Mundo está revestido de uma "aura" diferente de qualquer outro jogo por conta do imaginário construído sobre a competição. Tudo é mais intenso, mais dramático, ganha maior destaque, até mesmo a atuação do treinador, que tem que ser o melhor naqueles jogos. O que se fez antes não importa, não "vale", a ilusão de achar aquele evento como "o" mais importante projeta essa "realidade" da Copa ser este momento ritualístico tão marcante e com uma atmosfera e regras próprias. A popular e tradicional frase decantada pela imprensa resume esta proposição: "É Copa do Mundo!"

Toda essa atmosfera teve no papel dos meios de comunicação um fator essencial para a formatação do "país do futebol". A entrada do rádio em campo contribuiu para reforçar a atmosfera em torno da Copa do Mundo no Brasil[91]. Aqui é interessante a proposta de Bolter e Gruzin (1999) ao interpretarem que este novo ambiente comunicacional com rádio e jornais impressos proporcionaria uma interação das características e estímulos de ambos os meios de comunicação, no processo que os autores destacam como "remediação". Este pensamento rechaça a concepção de que o rádio seria uma mídia "melhor" que o impresso, eles se completariam. Assim, os meios de comunicação, como "padrão que liga", vão também se adaptar no que Fidler (1997) entende como *mediamorphosis*. Esse processo sinaliza um sistema adaptativo e em constante expansão, na qual cada meio se influenciará mutuamente. Vamos acompanhar este aspecto em outras oportunidades, como em 1970, com a chegada da televisão. O que podemos inferir com base no material coletado é que estes "novos meios", no caso o rádio em 1938, vão acelerar o processo de produção de notícias também nos jornais impressos.

O aparato tecnológico usado na cobertura propiciou entrevistas realizadas ao vivo via rádio (em função da parceria do jornal *O Globo* com a Rádio Club, que transmitiu a competição). Nessas entrevistas, reproduzidas integralmente no jornal do dia seguinte, os jogadores conversavam com seus familiares, recebendo apoio, salientando o aspecto emocional e do cumprimento de um dever cívico de representar o país: "Estimulando a vitória. Os maiores craques do nossso scratch. Globo leva as esposas de Domingos, Leônidas e Batataes a falar pelo telefone internacional com seus maridos" (O GLOBO, 09/06/1938, p. 3). O jornal *O Globo* ampliava a atmosfera de sentidos da competição, solidificando no imaginário nacional a ideia do futebol, da seleção e dos jogadores como representantes da nação. Essa parceria influenciou no maior número de notícias sobre a seleção entre os periódicos pesquisados nesta Copa: 115. E também na maior quantidade de menções ao treinador: 44. A narrativa do jornal trouxe como "acontecimento" para a sua "intriga" uma opção pelo patriotismo exacerbado, englobando a atmosfera do "país do futebol". Manchetes efusivas procuravam demarcar os acontecimentos da competição como únicos na história do nosso esporte: "A mais heroica jornada do football brasileiro" (O GLOBO, 13/06/1938, p.3). A presença de cartas e telegramas da família Vargas (tanto Getúlio e sua esposa Darcy, quanto de sua filha Alzira, designada pelo próprio pai como madrinha da seleção) foi constante no jornal. Inferimos aqui, uma ideia de notabilizar a associação pátria e seleção por

[91] Para uma melhor compreensão sobre o impacto das transmissões esportivas dos jogos da seleção brasileira de futebol no imaginário nacional sobre este esporte ver MOSTARO E KISCHINHEVSKY (2016).

intermédio da enfatizada pelo jornal "empolgação" com que a família Vargas acompanhava o desempenho do time. Após a vitória no primeiro jogo por 6 x 5 contra a Polônia, a capa do jornal *O Globo* destaca: "A Sra. Darcy Vargas saúda os vencedores. A esposa do presidente da república enviou à Delegação Brasileira de Football o seguinte telegrama: "Entusiasmada magnífica atuação, envio cumprimentos" (O GLOBO, 06/06/1938, p.1). Na mesma edição, o jornal destaca o que defendemos em nossa tese: a Copa de 1938 seria o "nascimento do país do futebol". "O Football nasceu domingo para muita gente" (O GLOBO, 06/06/1938, p.3). A ideia de integrar o país era nítida. A disputa no campo esportivo fica quase inexistente nas reportagens do jornal, que procura projetar um mundo no qual, enfim, a pacificação e unificação do esporte aconteciam. Como porta-voz desta elite nacional que comandava o esporte a narrativa do *O Globo* reforça o imaginário que pretende ser exaltado por este grupo.

Muito além da parceria do jornal *O Globo* com a Rádio Club, a transmissão ao vivo dos jogos da seleção impactou diretamente na quantidade de notícia sobre a seleção durante esta competição, o maior número no *corpus* até então: 256. Mais até que a competição sediada no Brasil em 1950: 176. Este fato nos chamou a atenção, já que acreditávamos que na Copa de 1950, com a seleção ficando em segundo lugar, o número de reportagens suplantaria a das Copas anteriores (1930,1934 e 1938). O impacto do rádio e seu caráter de "instantaneidade" na produção de notícias sobre a Copa de 1938 alterou diretamente o número de notícias nos jornais pesquisados. Ao circular mais informação sobre a competição via rádio, reforça-se a ideia de "obrigatoriedade" do assunto "seleção brasileira" ser noticiado pelos impressos, dialogando diretamente com o imaginário e a atmosfera presente naquela conjuntura. Era uma realidade social criada pelos meios de comunicação que enquadrava a competição como um "acontecimento" de suma importância para a nação. Grosso modo, no jargão jornalístico: era o rádio pautando a imprensa escrita. As narrativas seguiam o tom de integrar o sentimento nacional em torno de um ideal: a seleção brasileira de futebol. Este relato de Souza (2008, p.32) demonstra como o processo de mediação da realidade realizada pelos jornais esportivos ampliaram sua participação na "esfera pública" (HABERMAS, 1984) nacional: "Segundo uma pesquisa feita pelo Departamento Nacional do Comércio, os periódicos esportivos foram os que tiveram maior crescimento nas primeiras décadas do século, saltando de cinco jornais em 1912 para 58 em 1930." Nesta expansão, destacamos a criação, em 1931, do *Jornal dos Sports*, Argemiro Bulcão.

Interpretamos que no contexto vivido no país na ocasião, legitimar o "aqui e agora" e ter o Jornalismo como "o" ente que iria construir os acontecimentos e "a verdade dos fatos", serviu para os campos reproduzirem determinadas ideologias e tornarem comum o seu

pensamento aos outros campos. Neste engendramento social arquitetado sobre os jornais, “publicar notícias introduziu uma regularidade na apresentação e reapresentação de eventos e os personagens envolvidos em situações típicas" (FRANCISCATO, 2005, p.77). Cria-se um papel social aos jornais de que em cada *frame* eles irão projetar as representações das personagens envolvidas, no nosso caso a dos treinadores. Legitimar o jornal e o mundo que sua narrativa projeta como objetos de discussão, incrementando a ideia temporal de estar se discutindo e se envolvendo em questões “do presente”, fundamentais para a sociedade e de se ter a ilusão de realmente conhecer todos os problemas que o mundo do jornal projeta, estimulava a discussão com base nas narrativas postas pelos meios de comunicação. Fugir e apresentar uma discussão não abordada pelos periódicos seria compreendida como algo “fora de sintonia” com o “presente”, um deslocamento similar ao que apresentamos na ideia do imaginário, como um tema ou questões em desacordo com o “real”, fornecido pelos acontecimentos selecionados pelo jornal, que deveria ser discutido. Os meios de comunicação se tornam um componente fundamental para interagir com o “presente”, com os acontecimentos do “mundo”, estabelecendo não só o padrão que liga, mas sugerindo a sua narrativa como o “padrão” a ser seguido no debate público.

Essa regularidade, associada à quantidade de notícias, vai estimular os debates em torno do esporte na sociedade. Se a cada dia era preciso uma “novidade” que cumprisse o papel do jornal em trazer o “novo presente” ao leitor, as notícias sobre a seleção, associadas ao envolvimento lúdico com que o “saber” sobre o jogo e torcer representam, estimulavam o impulso para narrar, debater e discutir o evento Copa do Mundo e as atuações dos envolvidos neste processo. O jornal *Folha da Manhã* destaca que na expectativa para os jogos: “45 milhões de brasileiros a milhares quilômetros de distância apostam, discutem, fazem prognósticos,...” (FOLHA DA MANHÃ, 12/06/1938, p.1).

Aqui chegamos a um ponto que julgamos importante em nossa análise: ao se fabricar este “tempo presente”, pode-se acelerar o tempo com as notícias minuto a minuto. Ricoeur, por exemplo, analisa o tempo e narrativa como elementos, aparentemente opostos e incongruentes, que se conjugam em uma interação inerente às ações humanas: “o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 2010, p.94). A impressão é que ao se narrar este tempo, o tempo, além de se tornar humano se torna algo que aconteceu, algo real que vai interferir na interação de quem recebeu aquela informação. Assim, quanto maior o número de narrativas sobre tal acontecimento maior a impressão de que o tempo está acelerado, que os “agoras” se sucedem em uma velocidade

mais intensa e que são reais, impossíveis de não serem comentados e debatidos por conta da sua repetição, o que os faz a referência imediata no imaginário dos interlocutores.

Também é importante reforçarmos que as emoções intensas da modernidade exauriam os nervos, exigindo estímulos cada vez mais intensos para atiçar os sentidos já "acostumados" com estímulos anteriores. Essa repetição e intensidade das notícias pelos meios de comunicação (seja rádio ou jornal) funcionaria como uma maneira de suprir essa "necessidade nova e urgente" de estímulos. O Jornalismo traria a novidade, um novo estímulo a cada esquina nas bancas de jornais ou nas notícias do rádio, aguçando essa busca pela excitação, o gozo de estar informado, estimulando as transformações corpóreas nas grandes multidões. Como Singer bem definiu: "somente passatempos estimulantes podiam corresponder às energias nervosas de um aparelho sensório calibrado para a vida moderna" (SINGER, 2004, p.139). Assim, tanto o jogo de futebol assistido presencialmente nos estádios, quanto via rádio e via notícias de jornais se encaixariam nestes quesitos de passatempos estimulantes e intensos, sempre trabalhando o imaginário de que um "novo instante" pode acontecer a qualquer momento e mudar o rumo das interações. Essa apreensão constante seria frequente na vida moderna e acreditamos que a busca e envolvimento pelos esportes buscavam suprir tais "necessidades".

Assim, ao notarmos uma quantidade de notícias sobre a seleção muito maior sobre esta competição (256) do que nas duas edições anteriores somadas (147) e consequentemente sobre o treinador (71 em 1938 e 29 nas Copas de 1930 e 1934), concluímos que esse volume de notícias auxilia na construção da competição como um ritual nacional e da sua importância, dialogando com o imaginário social já constituído sobre o futebol, auxiliando no encontro do mundo do texto com o mundo do leitor.

Aqui, o jogo narrativo atinge sua plenitude e a ideia do "país do futebol" se alicerça neste alto volume de notícias que tornam os acontecimentos da competição possíveis e, em certo ponto, inevitáveis (por conta do impulso em narrar) de serem discutidos e vividos. A sucessão de "agoras" sobre a participação da seleção em 1938 estabelece um "tempo presente" compartilhado por todo o país, fazendo o assunto não só ser comentado, mas vivido, por conta da atmosfera lúdica que envolve o jogador e que o jogo narrativo provoca e os sentidos que o esporte proporciona.

O tempo e a narrativa andam juntos com a noção de tempo presente, o narrar jornalístico se destaca como o "real" o que acontece na hora, não com algo passado, e sim o "novo". A construção narrativa se daria por estes atos de comunicação, por essas escolhas, selecionando rastros de determinados acontecimentos para chegar a um significado que será

usado nas interações de cada *frame*, resumindo a pluralidade do processo em representações de sentidos singulares. Assim, o jornalismo fixa o ritual Copa do Mundo no imaginário nacional.

Neste sentido, é interessante ressaltar que nos três jornais pesquisados tivemos diferentes intensidades no auxílio do "país do futebol", mostrando como cada narrativa elabora diferentes "intrigas" para construir o "seu mundo". A *Folha da Manhã*, por exemplo, trouxe notícias mais concisas, mais tímidas, menos emotivas que não contribuem para a construção da Copa do Mundo como um grande ritual nacional. Percebermos o contexto da produção e os movimentos dos campos da elite paulista contra Vargas é fundamental, no sentido de não haver uma legitimação da concepção Varguista, indicando a *Folha*, como tínhamos suposto, um veículo porta-voz da elite paulista e seus *habitus*.

As reportagens focavam no lado econômico do país: notícias sobre preço de café e açúcar tinham mais destaque que a Copa. O mundo criado pela narrativa da *Folha* foi diferente do criado pelos outros dois jornais analisados. A Copa teve menos importância se comparado aos dois outros jornais: 48 notícias sobre a seleção contra 115 do *O Globo* e 93 do *Diário de Pernambuco*. Nessas matérias sobre a seleção (todas via agência de notícias) pouco se enfatizou a associação seleção/nação. Porém, mesmo com esta narrativa divergente, foi possível capturar algumas notícias que indicavam o caráter patriótico da competição, já que em outra oportunidade, a elite paulista poderia ter sob seu controle a CBD e "usar" a competição a seu favor, como realmente aconteceu. Ou seja, não se esvazia por completo o lado nacionalista da competição, mas não se menciona Vargas como *O Globo* fez. Na *Folha da Manhã* eram apresentados telegramas de apoio à seleção, ressaltando o caráter patriótico da disputa, mas de personagens integradas à atmosfera paulista: "redatores e auxiliares "Folhas Manhã e Noite" enviam calorosos cumprimentos brilhante atuação seleção nacional cujos esforços representam acentrado patriotismo dos jogadores[92]" (FOLHA DA MANHÃ, 14/06/1938, p.2).

Outro detalhe é como o próprio jornal se insere na "torcida" pela seleção, fato que também encontramos nos outros dois jornais, reforçando a noção de parcialidade das narrativas que defendemos no capítulo 1 e inaugurando um nacionalismo midiático que será frequente no *frame* Copa do Mundo. Após a vitória que levou o time à semifinal, o jornal traz fotos de aglomerações nas praças da capital paulista e o entusiasmo pela seleção: "A vida da

[92] A falta de artigos e uma pontuação correta indicam como a cobrança por palavras nos telegramas remodelavam a mensagem, mas mesmo assim, provocavam inteligibilidade, reforçando o que apresentamos anteriormente de como o contexto e imaginário se encarregam de preencher as lacunas de compreensão.

cidade esteve suspensa durante o transcorrer do jogo de ontem. Anunciada a vitória dos brasileiros, a multidão percorreu em delírio as ruas da cidade ovacionando os defensores do futebol brasileiro" (FOLHA DA MANHÃ, 15/06/1938, p.1). Foi a única vez que uma notícia sobre a seleção mereceu a capa no jornal paulista. O que nos ajuda a reforçar a ideia de "país do futebol" como algo que engloba todos os campos em torno de uma narrativa sobre o próprio país e reforça a atmosfera de confiança e otimismo que a chegada às semifinais proporcionou. Por mais que a *Folha* não tivesse a intenção de contribuir com o discurso nação/seleção proposto por Vargas, se torna "inevitável" ser contagiado pelo imaginário, correndo o risco de, ao fugir desta linha argumentativa, distanciar-se da Mimese I dos seus leitores. Em suma, a atmosfera da Copa e de exaltação da nação através do time já estava em circulação e com o auxílio do rádio, apresentada para um número nunca antes alcançado nas competições esportivas anteriores.

Já que o acontecimento Copa do Mundo fazia parte do "tempo presente" de "todo o país", a possibilidade de dominar esta narrativa e produzir significados sobre as personagens que interessassem a determinados campos se torna algo essencial. Assim se cria este ritual nacional, onde o imaginário sobre a nação será acessado a cada torneio e a narrativa sobre os significados da competição e seus personagens será a própria arena de disputas entre estes campos. Exatamente o que aconteceu na narrativa dos jornais sobre Adhemar Pimenta.

3.3 **1938: Da "disciplina" a "arte" do Football Mulato: a antropofagia da tecnocracia**

Entendemos que se a narrativa fosse algo imposto e não se relacionasse com ao imaginário e o contexto onde ela é produzida, Adhemar Pimenta sairia como o grande nome da competição. O imaginário da disciplina necessária para o Brasil enfim se encontrar com a modernidade, planejando e guiando os trabalhadores à vitória foi metaforizada pelo técnico. Porém, nosso grande ídolo na competição foi Leônidas. Veremos os movimentos que fortificaram o dom do brasileiro e a miscigenação como nosso grande diferencial, deslocando a tecnocracia, planejamento e organização para a sombra do imaginário nacional e estabelecendo uma crença que se inicia nesta competição.

Retomando os números obtidos na análise desta competição: foram 256 reportagens encontradas sobre a seleção e 71 sobre Pimenta. Na *Folha da Manhã* (11), no *O Globo* (44) e no *Diário de Pernambuco* (16) sobre o treinador. Começamos a análise no dia cinco de junho, data da estreia do Brasil e fomos até o dia doze de julho, data do desembarque da delegação

no Brasil, em um total de 39 dias investigados, o maior período de toda a tese[93]. Foram duas negativas encontradas no *Diário de Pernambuco*, que mais a frente vamos analisar. Duas positivas e 67 neutras. Encontramos duas denominando Pimenta como "treinador", uma como "coach", duas como "senhor", uma como "comandante", 14 como "técnico" e 52 com o "nome de batismo". Percebe-se que "técnico" já assume uma parcela maior nas categorizações, confirmando o aumento da importância da "técnica do técnico" nos anos 1930, como já salientamos. "Coach", por influência do termo usado na Inglaterra, é utilizado pela primeira vez no nosso *corpus.* Interpretamos que a visão tecnocrata de Chapman que abordamos no item 1.5 se espalha pelo mundo como uma categorização que indicava uma modernidade ao indivíduo assim chamado. "Senhor" e "comandante", este usado pela primeira vez no *corpus*, seguem a linha de indicar autoridade a esta função no *frame.* O "treinador" com apenas duas menções nos chamou a atenção no primeiro momento por conta da narrativa exaltar bastante o treinamento do time para a competição. Em uma análise mais profunda da conjuntura do uso de cada termo, notamos que "técnico" também englobava este sentido de ser o responsável pelas ferramentas tecnológicas a disposição, neste caso os treinos e a preparação. Ambas as categorizações, "técnico" e "treinador", se tornarão ao longo do *corpus* sinônimos do que definimos no item 1.5 como a "técnica do técnico".

A distribuição das notícias foi mais personalista do que nas outras competições, focando em três pessoas: Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Adhemar Pimenta. O que para nós, ajuda a compreender a grande quantidade de notícias que se referiam ao treinador pelo seu "nome de batismo", se comparada aos predicativos, já citados anteriormente. Interpretamos tal situação como algo "desnecessário" explicar que Pimenta seria o treinador, técnico, etc, em função da repetição da informação ao longo da competição que proporcionou uma espécie de ligação automática naquele contexto de que Adhemar Pimenta era o técnico da seleção. Para nossa pesquisa tal importância designada a Pimenta foi emblemática. Foi a primeira vez em nosso *corpus* que o treinador dividiu o espaço nas notícias com os atletas considerados "os melhores". Era Adhemar quem falava à imprensa diariamente, e consequentemente ao enviado especial do jornal *O Globo* na França, o que explica o número de reportagens sobre o treinador no jornal. Foi a terceira maior porcentagem em relação às notícias da seleção que encontramos no corpus, 27 %, perdendo apenas para a Copa de 1970 e para a Copa de 1954.

[93] Tivemos dez dias, que compreenderam a viagem de retorno da delegação, sem nenhuma notícia sobre a seleção e consequentemente sobre o técnico.

A narrativa sobre Pimenta reforçava o caráter disciplinador do técnico e sua função na formulação de estratégias para a vitória, como este trecho ilustra: “preparador, organizador e orientador da equipe: Pimenta” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 06/05/1938, p.5). A ideia de disciplinar os atletas era uma preocupação de Vargas: “O presidente Getúlio Vargas acompanhou no rádio, do Palácio Guanabara, todas as fases do jogo Brasil-Polônia, mostrando entusiasmo pela vitória do selecionado e pela maneira como os craques nacionais souberam acatar as decisões do juiz” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 06/05/1938, p.1). Não seria leviano associarmos a narrativa de um grande líder na seleção com a narrativa de um grandioso comandante decantada pelo Estado Novo. Aliás, como vimos, foi a primeira vez em nossa investigação que o termo “comandante” foi usado para se referir ao treinador da seleção. O técnico Adhemar Pimenta “convocaria” os atletas e não os chamaria para integrar a seleção. Os sentidos de convocação, semelhantes ao do campo militar, indicam uma relação vicinal entre tal campo e o campo esportivo neste contexto (SOUZA, 2008).

Nesta ótica, Carter (2006) é pontual para refletirmos essa associação. O modelo “sargento do exército” para o treinador também foi visto na Inglaterra, implantando uma estrutura de administração similar ao das forças armadas. Neste sentido, a experiência no controle de um grande grupo de homens foi levada para o campo esportivo. As figuras “sargentões”, que gostam de fazer as coisas do seu jeito através do autoritarismo verbal foi amplamente explorada também no futebol. A “gestão pelo medo” se tornou institucionalizada em grande parte no futebol britânico, influenciando na formulação da ideia do “boss” (chefe). Alguns dirigentes entendiam o papel de clube de futebol como uma família. Assim, eles, como mais velhos, seriam mais respeitados pelos mais novos, trazendo códigos de outro *frame* para o *frame* do futebol. Carter denomina como uma “administração antintelectualismo” que faria tudo no “grito”, explorando uma tendência autoritária da elite no futebol. O lado da preparação física sobressai no esporte britânico, que tenderia a um estilo de jogo mais truculento. Ideais de coragem e lealdade ao clube passam a ser mais exigidas, como o “amor à pátria” e o “amor à camisa”. O Exército Brasileiro estava em uma fase de consolidação de forças ao derrotar a Intentona Comunista anos antes (CASTRO, 2002). Atendendo aos interesses da elite na época, a “maneira militar” era posta como a correta para ensinar e disciplinar.

Pimenta era o porta-voz dos jogadores nas entrevistas indicando, assim, este papel de chefe e comandante da “família”, diferente do professor e diplomata que vimos nas Copas anteriores. Efetivamente, ele se torna a ponte entre os dirigentes e os atletas, sendo o disciplinador que o Estado Novo tanto queria. Aqui, é importante ressaltarmos que essa

interpretação segue a singularidade apresentada pela narrativa dos jornais. Sabemos que Pimenta poderia ser muito mais do que isso, porém tal pluralidade não é captada pelo mundo que o jornal projetou sobre o treinador, plasmando sua imagem pública como algo mais próximo do que a elite queria do que outras facetas do treinador que ficariam às sombras dos holofotes midiáticos.

Outro fator importante e que seria um sinal do rumo que a narrativa sobre o treinador seguiria após esta competição foi que pela primeira vez no *corpus*, encontramos a descrição da estratégia usada pelo time: "Pimenta desvenda a tática dos brasileiros" (O GLOBO, 16/06/1938, p.4). Sugerimos que a união entre campo militar e esportivo, já destacada anteriormente, sugere tais associações, como um comandante que dispunha seus jogadores em campo com determinadas estratégias de ataque e de defesa. A *Folha da Manhã* reforça o treinamento como algo benéfico: "submetidos a rigorosos treinos os jogadores brasileiros que enfrentarão os checos, no próximo domingo" (FOLHA DA MANHÃ, 09/06/1938, p. 8). Noticiar treinamentos se instaura como uma ocorrência comum nos jornais, auxiliando, através desta repetição, a solidificação do imaginário em torno do treinamento como algo positivo, indicando, na nossa interpretação o *habitus* tecnocrata no esporte. A narrativa exalta as qualidades de Pimenta para "organizar" e "planejar" o time como essenciais, encaixando os jogadores naquilo que o treinador "pensou" para eles, como nesta manchete do jornal *O Globo*, no dia da estreia da seleção: "Hercules e Lopes terão um papel de grande importância no plano de Pimenta" (O GLOBO, 05/06/1938, p.4). Esta narrativa indica o que se esperaria do treinador naquele contexto: "organizar o time para a vitória". Termo exatamente igual ao que definia a função de Chapman, como já vimos.

O time fez uma preparação intensa para a competição, organizando todos os passos desde a "convocação", dividindo os atletas em dois times: o azul, considerado titular e o branco, apontado como reserva. Essa mudança na narrativa ao incorporar a "tática" seguia uma tendência mundial de enfatizar o lado da preparação para as competições (WAGG, 1984). As técnicas para melhorar o condicionamento físico, novas táticas e estratégias para tentar controlar a interação dos atletas dentro de campo eram difundidas na Europa como uma "modernidade" determinante para o sucesso no esporte. Tal concepção se aproxima da nossa hipótese do treinador como um representante da tecnocracia (POSTMAN,1994), na qual as ferramentas criadas pelo homem desempenham um papel central na cultura, como o único modo para se conquistar a "eficiência". Neste sentido o papel do treinador ganha uma importância maior do que no período anterior. Ele se torna além da ponte entre capital e trabalho, o responsável por ordenar, regular e conduzir os atletas. Nossa interpretação é que

através da técnica se desenvolve uma disciplina tática e o preparo físico, que poderiam vencer o talento. Talento seria algo que não se "compra", seria o chamado "dom", ao passo que um atleta possuir um bom preparo físico pode ser algo construído. Aqui não queremos desprezar a preparação e a chamada "evolução tática" nos esportes e sim sugerir que ela insere uma responsabilidade maior ao treinador da equipe. Além disso, nossa interpretação é de que tais táticas procuram "decifrar" os acontecimentos dentro de campo e influir diretamente na interação entre os jogadores, tentando coordenar o lúdico existente no esporte, definindo o certo e o errado a partir da narrativa de um determinado grupo, neste caso, essencialmente tecnocrata.

As opções de Pimenta "deram certo" durante a competição. Com o empate no primeiro jogo da segunda fase contra a Tchecoslováquia em 1 a 1 no dia 12 de junho, uma nova partida foi disputada no dia 14. O treinador escalou para o jogo de desempate o time branco, mantendo apenas Leônidas do time azul. O Brasil venceu por 2 a 1 e a narrativa caminhava para um discurso de que a disciplina e a estratégia da comissão técnica seria o grande triunfo da nossa seleção: "Pimenta, o grande técnico cuja colaboração para a vitória tem sido valiosíssima" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 15/06/1938, p.5). Porém, aqui surge o grande ponto de desvio sobre a narrativa do treinador da seleção, que vai distanciá-lo do caminho adotado na Europa de exaltação de seu trabalho e enfatizar de maneira mais robusta o talento do jogador nacional.

Como vimos, a exaltação da nação através do ritual Copa do Mundo já estava em curso. O futebol se consolidava como palco para disputa de narrativas. Para compreendermos "tal virada" precisamos indicar os modelos de país em jogo. A ideia de miscigenação era um dos pontos nefrálgicos deste conflito. O mito das três raças: branco, índio e negro, que segundo Freyre teriam originado o Brasil, tem nas proposições do autor uma originalidade no sentido de demarcar todo brasileiro como miscigenado e de enfatizar esta miscigenação como algo positivo, em contraponto a outros pensadores que, antes dele, a designavam como a causa maior de "nosso atraso social", como Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Silvio Romero e Euclides da Cunha[94].

[94] Sobre este embate entre diferentes ideologias, Ortiz (2012) reforça que a luta para definir uma identidade autêntica indica os interesses divergentes de grupos sociais na sua relação com o Estado para delimitar fronteiras de uma política que procura na autenticidade dessa nova identidade e representação do "nacional" uma forma de se legitimar. Como Simone Sá (2004) ressalta, a ideia de autenticidade cultural é uma construção política e reforça uma ideologia, exatamente o que se buscava nos anos 1930 no Brasil. Nesta busca por essa autenticidade, as ideias de Freyre, que valorizavam a formação híbrida da sociedade brasileira, vão promover um pensamento que se torna propício para a concepção de nação que se buscava naquele momento. Araújo (2009) destaca que a obra *Casa Grande e Senzala* (1933) de Freyre vai reorientar o entendimento da mestiçagem no país. Em um contexto de efervescência de concepções que procuravam

Se faltava algo para cristalizar essa proposição de Freyre, o embate presente no ritual Copa do Mundo seria decisivo. Toda essa ambiência (GUMBRECHT, 2014) nacionalista e a profusão de narrativas em torno do futebol que sintetizariam a nação foram captadas por Gilberto Freyre em sua coluna *Football Mulato*, publicada no dia 17 de junho de 1938 no jornal *Diário de Pernambuco*.

Acreditamos que as ações daqueles que participam do *frame* Copa do Mundo e de sua atmosfera, inclusive os jornalistas, tem sua base neste imaginário, nesta aura e atmosfera que circunda a competição no Brasil. É impossível se deslocar de tudo isso, ir para um local sem que essa fonte não apareça nas referências, para se buscar uma objetividade e neutralidade. Tanto nós pesquisadores, quanto jornalistas e no caso, Gilberto Freyre, se movem em alguma atmosfera. No nosso caso seriam os autores que vão nos influenciar, de que ponto falamos e analisamos, tudo isso influencia e deixamos claro na introdução, para que ficasse nítido nosso ponto de vista de análise do objeto. Isto não significa que por conta desta aura não iremos refletir sobre sua complexidade e descrever as narrativas dos treinadores que encontramos. Porém ela será feita com um referencial claro, e que sabemos não ser o único possível. Raramente a narrativa jornalística, que atende a determinado campo para projetar um mundo social, apresenta-se como um "olhar" sobre o mundo. Pelo contrário, ela se apresenta como "o" mundo "real".

Ao acompanharmos as informações presentes neste periódico desde o dia da estreia da seleção na competição podemos interpretar o processo narrativo de construção de um mundo pelo jornal que influenciaria e desembocaria no texto de Freyre. O clima no *Diário de Pernambuco* era mais nacionalista, ao compararmos com os outros dois jornais: "Atingiu o delírio o entusiasmo na capital do país" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 15/06/1938, p.1). Mesmo com o número de reportagens menor do que o encontrado no *O Globo*, elas eram mais densas, projetando uma integração nacional através do futebol, com exaltação da mestiçagem como chave para o *ethos* nacional. O jornal destacava constantemente figuras políticas torcendo para a equipe de futebol, associando ao clima que a competição de 1938 despertou no país:

---

definir e entender o que era o Brasil, Freyre projeta a ideia de um "antagonismo em equilíbrio", influenciando a noção de um convívio harmônico entre as diferenças. Uma das "provas" era o sucesso dos clubes de futebol que contavam com negros, brancos e índios. Esse simbolismo, reforçado pelos jornais, aliado à força do futebol na sociedade se entrelaçavam, projetando imagens que iam ao encontro ao que Freyre pregava, permitindo que o futebol e todo o seu imaginário construído desde a sua chegada ao Brasil sintetizasse esta ideia. Como Ortiz (2012) enfatiza, o pensamento de Freyre possibilitou uma "afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambiguidades de sua própria definição (ORTIZ, 2012. p.42)".

> A cidade viveu ontem momentos de intensíssima vibração. As repartições públicas e o comércio, na maioria de suas casas, fecharam as portas. Isso concorreu para que as ruas apresentassem um aspecto extraordinário. Todos os cafés e "restaurants" que tinham rádio viram-se invadidos pela multidão. Em frente do DIARIO de PERNAMBUCO, foi instalado poderoso alto-falante. Cerca de 10 mil pessoas assistiram dali à irradiação do jogo. (...) Ao se anunciado o resultado final, os aplausos assumiram proporções frenéticas. Alguns jovens do comércio organizaram uma passeata, conduzindo o pavilhão nacional debaixo de entusiásticas aclamações (DIARIO DE PERNAMBUCO, 15/06/1938, p. 11).

Em meio a esta "festa", um repórter (infelizmente a matéria não cita seu nome) entrevista Gilberto Freyre, como descreveremos abaixo na matéria *O team afro-brasileiro e a sua admirável performance*:

> Como aprecia a vitória do nosso "team" o escritor Gilberto Freyre. No meio da multidão que se comprimia ontem defronte do DIARIO DE PERNAMBUCO, misturado a massa popular, vimos o escritor Gilberto Freyre, umas das maiores expressões da sociologia brasileira e americana. O repórter se acercou do escritor da "Casa Grande e Senzala" e pediu a sua opinião sobre a vitória do team brasileiro, onde figuravam seis homens de cor, num quadro de onze jogadores. O Sr. Gilberto Freyre fez-nos então as seguintes declarações: "- Creio que uma das condições da vitória dos brasileiros nos encontros europeus é o fato de desta vez termos tido a coragem de mandar para a Europa um "team" francamente afro-brasileiro. Os arianistas que tomem nota disto" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 15/06/1938, p.16).

O Brasil acabara de vencer a Tchecoslováquia após o jogo de desempate e estava entre os quatro melhores times do mundo. Era a melhor posição alcançada pela seleção brasileira até então. Foi o momento da competição e da atmosfera nacional que fez "até" a *Folha* dar a primeira capa para a seleção no *corpus*, como já citamos. O "desejo" e a "comprovação" de que "nosso futebol" era o "melhor do mundo" se deslocava rapidamente de uma "ilusão" do imaginário nacional para desembocar em uma narrativa que buscava projetar um mundo onde as aspirações de um "projeto de nação" se cristalizavam e estavam "prestes a se concretizar".

As noções do que seria entendido como nacional, das distinções do brasileiro frente a outros povos e da exaltação da miscigenação vão ter no simbolismo erguido pela competição, na atuação da equipe e nas referências do imaginário sobre o futebol, a passagem da ideia de "democracia racial" como algo "fantasioso" para o "real". O artigo impacta de maneira profunda a concepção que o brasileiro fazia de si mesmo. Os gols de Leônidas e suas jogadas são o que Freyre escolhe para projetar o seu mundo. Essa porção afro-brasileira dessa bacia semântica não só nos representaria, mas seria a causa de nosso sucesso[95].

Essa batalha de narrativas reflete os conflitos entre os campos e por mais que o discurso do Estado Novo buscasse via Adhemar Pimenta o conceito de disciplina e, como Souza (2008) relata, em Domingos da Guia o exemplo de atleta disciplinado, a narrativa que

[95] Para uma análise mais profunda do artigo e a atmosfera da Copa de 1938, ver: Mostaro e Helal (2018).

pairava no imaginário nacional era a de Leônidas da Silva. Logo após a primeira vitória da seleção na competição, o atacante brasileiro era assim abordado: “Leônidas, o melhor center-forward do mundo” (O GLOBO, 07/06/1938, p. 2), “Toda a imprensa francesas tece colunas inteiras sobre o “diamante negro” (O GLOBO, 07/06/1938, p. 2), “Leônidas assombrou” (O GLOBO, 06/06/1938, p. 1). Todos traziam a opinião dos estrangeiros sobre o atleta. Suas qualidades mais exaltadas não eram a disciplina tática e sim o talento e as chamadas “acrobacias”, seu improviso diante das jogadas. Consideramos que todos esses atributos não tem associação imediata ao papel do treinador, nem mesmo a uma disciplina ferrenha. Surge o antagonismo: improviso (jogador) x organização (técnico), explicitada neste trecho da coluna de Freyre:

> O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros desse ano com os poloneses e os tchecoslováquios é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização de geometrização, de estandartização; a totalitarismo que fazem desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No foot-ball como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. *(Footbal*l*-Mulato*. DIARIO DE PERNAMBUCO, 17/06/1938, p.4).

Freyre e toda a atmosfera que pairavam sobre a competição colaboram na demarcação da interpretação do futebol como algo nacional, afinal seria algo que nos orgulhava e merecia elogio dos europeus: “Cresce a simpatia dos franceses pelos brasileiros” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 13/06/1938, p.5). Ainda que singular e imprecisa, a proposição de Freyre subverte a ordem e disciplina proposta pelo Estado Novo, metaforizada na figura do treinador. Nosso sucesso seria o improviso, a dança, a capoeiragem de negros e mulatos como Leônidas. A disciplina e treinamento, algo hipoteticamente europeu, não seria nossa característica, logo, algo descartado por ir contra as nossas raízes.

Na semifinal a seleção perde para a Itália por 2 a 1. Leônidas, que havia se machucado no jogo de desempate contra a Tchecoslováquia não atua. Reforça-se a ideia de que se o “nosso maior talento” estivesse em campo venceríamos. Na decisão de terceiro lugar contra a Suécia, Leônidas retorna ao time, faz dois gols e termina a competição como artilheiro. Em 1938, a narrativa sobre Leônidas sai vencedora. É uma narrativa que afronta a elite, que não vai destacar a disciplina e sim o improviso supostamente oriundo da mestiçagem que esta elite definitivamente não simpatizava, e, como Souza (2008a) relata, ainda hoje não simpatiza.

O técnico, que manteria a ordem, esbarra no improviso e na "insubordinação" de Leônidas. Sua posição de confronto e não aceitação das regras, exatamente por saber de sua importância para a narrativa, será diferente de Domingos da Guia, como Souza (2008) descreve. A classe trabalhadora não é o que a elite deseja que ela seja, por mais que a narrativa elabore tal visão. Existe interação, resistência e luta. A "escolha" de Leônidas como ídolo nacional nos indica este conflito. Souza (2008) analisa sua construção como herói popular, tendo as características da excepcionalidade, predestinação, transgressão em relação ao mundo do trabalho e da disciplina e a identificação com o mundo do lazer como base. A ideia do improviso, das jogadas inesperadas, do fascínio que Gumbrecht (2007) ressalta, foge do tecnicismo, do padrão. Leônidas burla o que foi ensaiado e o que é esperado, faz com que o sistema tenha que se readaptar para mapear as suas ações.

Aqui fica clara a ideia de que é no cotidiano e no ritual do jogo que se reelaboram as regras do *frame*. O *football mulato* de Freyre seria isso, uma reinterpretação do futebol a partir do cotidiano nacional. Michel Certeau (1994) interpreta tais práticas cotidianas como modos de ação dos indivíduos no processo de interação, tornando comum tais ações e o *habitus* a sua atmosfera, ou seja, inventar a partir do que está disponível, evidenciando o conflito existente. A individualidade do jogador vai organizar a pluralidade de interações dentro de campo. Essa potencialidade de ação do indivíduo durante a interação é interpretada por Certeau como "antidisciplina". As práticas cotidianas têm sentidos e na "artes de fazer" se consegue modificar os *frames*.

Leônidas será o símbolo da mitologia do futebol nacional, do negro predestinado, "comum" e que dentro de campo provoca o fascínio do mundo, representando a miscigenação, a redenção do povo brasileiro e da nação, alguém popular, mais até que o presidente Vargas, e que subvertia a ordem imposta pela elite através dos técnicos. Despreza-se os jogadores Domingos e Romeu (jogador branco e segundo os jornais exemplo de técnica apurada) nesta construção, afinal Leônidas seria o maior exemplo do *football mulato*, dos floreios com a bola, do improviso, da indisciplina dentro de campo que não geometriza o jogo, que foge de sua tecnicidade que o treinador procura impor.

O ponto unificador de todos os brasileiros seria a miscigenação e o sucesso no futebol com o talento oriundo desta miscigenação a seu bastião mais valioso. Estabelece-se através do ritual Copa do Mundo uma marca que nos diferenciaria dos outros povos. Aqui é válido associarmos esta narrativa ao conceito já apresentado de "invenção de tradição" de Hobsbawn (2012). Daí a força da coluna de Freyre ao demarcar o "nascimento" de nosso estilo de jogo baseado no improviso, que ganharia ao longo das Copas do Mundo e com as crônicas

esportivas, o conceito de futebol-arte[96]. Não jogar esse "estilo" seria fugir da "nossa essência", do familiar e tradicional, já esperado pelo brasileiro e cobrado como *performance* neste quadro social chamado "Copa do Mundo".

Este "natural" coloca o técnico como algo que atrapalharia o talento nacional. Ele seria alguém que engessaria nossa "arte", diferente da linha narrativa europeia que exaltaria a preparação e disciplina. Não foi por acaso que as únicas notícias negativas sobre o treinador no *corpus* foram encontradas no *Diário de Pernambuco*, e seguiam a linha de criticar o excesso de disciplina do treinador. As notícias eram reproduções de capas de jornais franceses que diziam: "Responsável número um pela derrota do Brasil" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 09/07/1938, p.8). Segundo o mundo dos jornais franceses, ao acreditar demais na estratégia de time "azul" e time "branco", Ademar teria perdido a competição. Mesmo sem criticar Pimenta, *O Globo* também destacou: "Rebelara-se contra os métodos de treinamento de Pimenta" (O GLOBO, 8/06/1938, p.2). A reportagem mostra que os próprios jogadores, em especial o zagueiro Nariz, discutiram asperamente com o treinador, mas que "com a intervenção do enviado especial do Globo, Nariz voltou a fazer as pazes com o técnico da seleção nacional" (O GLOBO, 8/06/1938, p.2). O treinamento não era absorvido com passividade pelos jogadores, reforçando a ideia de "improviso" como algo "natural do brasileiro" e o ponto de conflito entre capital e trabalho. Este embrião narrativo semeado pela atmosfera de uma consolidação de uma cultura nacional foi identificado de modo mais robusto exatamente no jornal pernambucano.

Assim, o mito "país do futebol" teria no ritual Copa do Mundo o palco para os conflitos entre os imaginários sobre a nação, que buscariam uma narrativa singular sobre o país, que finalmente nos definisse. Os números coletados na pesquisa corroboram a construção social da seleção brasileira como "a" representante da nação[97]. A chegada dos jogadores ao país, incluindo as paradas nos portos de Recife e Salvador, foi retratada de forma efusiva pelos jornais: "Regressando à pátria, os jogadores brasileiros receberam excepcionais homenagens do povo pernambucano" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 10/07/1938, p.9). "A Bahia recebeu com grande festa os cracks nacionais" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 10/07/1938, p.8). "Constituiu um fato inédito na vida da população carioca o entusiasmo à

[96] Para melhor entendimento desta expressão e de sua construção ao longo das Copas do Mundo ver: MOSTARO (2017) Imprensa e futebol-arte: as narrativas da "nossa essência" futebolística.

[97] Simoni Guedes (2009) também reforça que esse simbolismo da seleção começa em 1938. Entretanto, é meritório citar as recentes discussões sobre a diminuição da força da expressão "pátria de chuteiras", ocasionada por uma fragmentação das identidades no mundo pós-moderno. Essa argumentação torna mais robusta nossa ideia de que o contexto vai interferir nas narrativas. Para a compreensão mais profunda do debate ler Helal e Gordon (2009), Helal (2010) e Bartholo, Soares, Salvador e Blasi (2010).

chegada dos craques nacionais" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 12/07/1938, p. 8). "Entusiasticamente recebidos no Rio os jogadores brasileiros" (FOLHA DA MANHÃ, 12/07/1938, p.4). "Chegam os campeões – já está no porto o "Almanzora" trazendo a seu bordo os "cracks" nacionais" (O GLOBO, 12/07/1938, p.3). O jornal força a barra ao chamar de campeões, pois construiu a intriga de que um "penalty inexistente contra a Itália teria nos tirado da competição". Tanto que encontramos uma *fake news*, com a informação no próprio *O Globo* de que a partida seria anulada pela FIFA, fato que precisou ser desmentido no dia seguinte. O que se manteve como real foi a crença de que aqueles 11 jogadores tinham representado a nação na França. Na parte final deste capítulo indicaremos como a crença em torno da competição e da equipe foi elaborada, impactando diretamente o que se esperaria do treinador nos futuros frames.

Vimos que o imaginário é sempre algo em construção, que também é influenciado pelos conflitos internos constantes da sociedade e dos campos. Acreditamos que na interação, ao mesmo tempo em que se elabora e se expande o imaginário, tornando-o mais plural, procura-se delimitá-lo, selecionando alguns pontos para criar uma singularidade, algo mais fechado, direcionando um sentido e não outro. O imaginário continua plural, mas é na escolha do que se traz deste imaginário para elaborar a narrativa (intriga) que tenta-se torná-lo singular. Indo mais além, procura-se separar o que foi selecionado como o "real" e o que ficou na bacia semântica como o "ilusório" o "fantasioso" e que não deve ser encarado como "a" realidade, como Castoriadis (1997) destaca.

Este é um ponto determinante para nossa análise, afinal, nas escolhas jornalísticas, se desdenha alguns elementos do imaginário social brasileiro. Esquece-se de determinadas porções de águas para definir que aquelas águas colhidas pela narrativa jornalística são "a" verdade. Não se esclarece que toda o resto da água que ficou na bacia também pode ser utilizada. É como se a única água "potável" para saciarmos a sede de nossa mente fosse a escolhida por aquela narrativa. Aqui fica mais claro algumas proposições que apresentamos anteriormente. Apenas o talento de Leônidas resumiria a identidade nacional? Na pluralidade brasileira, essa imensa bacia semântica é arbitrariamente reduzida ao que a elite (pendulando no grande eixo Rio- São Paulo) escolhe como "o" nacional e pretendia irradiar para o que seria a "periferia nacional". As próprias convocações de jogadores e escolha dos treinadores passarão por essa falsa impressão de que o futebol brasileiro se limita a estes dois estados e quando muito, se desloca para Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Norte e Nordeste, por exemplo, são águas pouco usadas nas representações sobre o nosso esporte, que segundo a narrativa do país do futebol, sintetizaria a "nossa cultura".

Para o nordestino, por exemplo, sua bacia semântica mantém forte a imagem dos jogadores e treinadores de sua região. Entretanto, ao serem enquadrados pelos meios de comunicação, a representação da seleção brasileira engloba apenas os integrantes de times do Sudeste ou de fora do país. Esta é uma questão importante acerca do imaginário social. Apesar da bacia semântica fornecer ao nordestino, por exemplo, outras possibilidades de narrativa, a interação mediada pelos meios de comunicação, tende a colocar essas águas esquecidas, estabelecendo como padrão e referência na interação as "águas de sempre". Essa influência pode fazer com que a repetição e utilização constante dessa "água do Sudeste" se estabeleça como a sua referência mais forte, relegando outras para uma vaga lembrança. O imaginário sobre os atletas e técnicos de sua região esta lá, mas ao ser moldado pelos jornais, por exemplo, pode ser cada vez mais apresentado como o "nostálgico", o "atrasado", criando a ideia de que é preciso "dar espaço para o moderno" e "legítimo" estabelecido por determinados campos, que convenientemente estaria nas narrativas erguidas por esses campos.

Quanto maior o número de interações e a consciência da pluralidade de possibilidades narrativas, maior a compreensão do imaginário como algo múltiplo. Quanto menos eu amplio a minha interação com esta bacia semântica, quanto mais eu apanho minha água no mesmo local sem notar as outras extremidades e pontos da lagoa, mais eu posso me aproximar da concepção da crença de que o meu imaginário deva ser singular. Essa singularidade impõe um grau de certeza, uma "realidade" e concretude na concepção de sociedade que descartará as águas ao lado, vendo-a como "a outra", "a ilusória", a que "não está certa" e que "deve se adaptar ao meu modelo de conduta", demarcando o que seria "eu" e o "outro". Este "outro" seria algo imaginário, aqui, no sentido de "fora da minha realidade", a qual eu não pertenço e não faz parte do meu "mundo", refletindo na falta de empatia com este "outro lado" (SODRÉ, 2015; DA SILVA, 2012). A crença usa o imaginário para limitá-lo, aprisioná-lo e rejeitar outras possibilidades que ele oferece (DA SILVA, 2012).

Neste sentido acreditamos que a atração exercida pela Copa do Mundo está baseada justamente na crença de que onze jogadores representariam toda uma nação. Transformar essa ficção (pois no fundo sabemos que os onze jogadores não resumem o país) em "realidade" é possível por conta desta pluralidade do imaginário que apresentamos. Dessa forma, "aceitaríamos" jogar esse jogo por conta da atmosfera da competição de que estaríamos diante de um "duelo entre países", onde seus principais emblemas, cores e estereótipos seriam colocados em campo através das camisas e estilos de jogo, como por exemplo, a crença na suposta ginga brasileira e a dita rigidez e frieza europeia.

No imaginário as ideias de real e fantasia se aproximam, pois para se chegar ao “real” é necessário o “fantasioso”. Aqui encerramos a análise deste momento–chave buscando aproximar as ideias de ficção e realidade para compreender como o “Era uma vez”, mencionado no início do capítulo, produz sentidos sobre a competição. Neste prisma é meritório citar a ideia dos “atos de fingir” de Iser (2013), onde fictício e imaginário andam juntos. Aqui, não propomos uma separação entre os dois e sim um servindo de contexto para o outro. Para Iser, fictício e imaginário não podem ser totalmente fundamentados, já que suas características escapam da compreensão cognitiva. O autor também destaca que todo texto por mais que pretenda ser real, como o jornalístico se propõe, traz aspectos ficcionais. Iser (2013, p.31) entende que o real nunca é totalmente ou exatamente descrito, pois são condições análogas à realidade (mimese aristotélica). Dessa forma, ele pode ser entendido como um fingimento da realidade, se aproximando da ficção e preparando o imaginário. A relação entre ficção e realidade surge como algo maior do que esta oposição aparente entre eles, de maneira que a relação dupla ficção com a realidade deveria ser substituída por uma relação tríplice. Logo, através do jogo de interação entre real, ficção e imaginário será construída uma narrativa (cf. ISER, 2013).

Iser (2013) propõem uma tríade entre esses três elementos, que serão acessados e entrarão em contato pelos “atos de fingir”. Em resumo, sua argumentação sugere que elementos daquilo que se entende como real são repetidos de maneira análoga a essa realidade transformando-se em ficcionais até acessarem o imaginário e provocarem uma transgressão. Como exemplo para elucidar e trazer o raciocínio para nosso objeto, citamos a repetição nos jornais de que onze jogadores enfrentarão onze jogadores, o que podemos considerar um fato real, porém, dentro de uma ficção, que seria o “duelo entre nações”, cria-se “atos de fingir”. O ato de fingir sobre a metáfora da Copa do Mundo como um “duelo entre nações”, consegue atingir o imaginário nacional e executar uma transgressão nesta repetição feita pelos meios de comunicação. Ao se chegar neste estágio é possível mudar a pré-compreensão do mundo, já que se acessa o imaginário, dando-lhe um sentido e ordenando-lhe. Logo, ao penetrar no imaginário é estabelecida uma importância ao futebol como identidade nacional, colocando-o como símbolo, configurando-o e diferenciando-o de fantasias, adquirindo um atributo de realidade e aparência de real. A função da transgressão neste caso é similar à ideia do mito como instrumento para transgredir e explicar as origens de uma sociedade.

Vejamos este exemplo que circunda a atmosfera social no momento em que escrevemos este texto e acaba nos influenciando a trazê-lo para experiência desta repetição. No campo político, em meados de 2015, ao repetir reiteradas vezes que o país estava em crise

e que um partido resumia toda a corrupção secular que está presente em nossa sociedade, seleciona-se uma parte e esquece-se outra. Neste caso, acreditamos que as escolhas dos grupos midiáticos sejam intencionais, já que como Sodré (2016) destaca, eles funcionam como "a boca do capital". Reforça-se um lado do imaginário, transfigurando-o em crença, tornando toda e qualquer notícia negativa vinculada a atores sociais que representam este partido verossímil e "real" para os que não procuram outras interações e ampliação deste imaginário. A Mimese I dessas pessoas torna a produção de qualquer sentido referente a figuras da corrente política contrária a uma "realidade" que "está aí para todo mundo ver", abordando o pensamento contrário como "ilusório" e saídas para o país que não passem pela imposição do mercado como "ineficientes", "sem sentidos", ou "devaneios" do outro, do "esquerdopata", daquele que não conhece as regras do mercado e nem o que é "possível" de ser feito.

Consequentemente, pelos "atos de fingir" se exerce um domínio sobre o imaginário para criar grandes imagens culturais como o "país do futebol" ou a miscigenação como algo positivo tendo como exemplo o futebol, mostrando o poder das ficções na estruturação de estereótipos, narrativas e em estabelecer o senso-comum. Outra argumentação que dialoga com a ideia que estamos apresentando aqui é a de White (2008) que usa a ficção em seu sentido latino, como um elemento que vai ordenar informações dispersas em algo que faz sentido, que tenha coerência com o mundo do receptor. Assim, temos o imaginário funcionando como um rumo narrativo, uma linha pela qual vai se construir as identidades e as representações, fixando sua posição na pré-compreensão do mundo e influenciando a interação do sujeito.

Roger Caillois (2017) classificou os jogos em quatro categorias: Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx[98]. O mimicry se aproxima da ideia do jogo que acessa o imaginário que adotamos aqui. Esta categoria seria uma aceitação temporária de uma ilusão para representar uma outra personalidade. As grandes manifestações esportivas, como a Copa do Mundo, não deixam de ser um mimicry, afinal, como Caillois defende, o simulacro de determinada situação é transferido dos atores aos espectadores, ou seja, não só os atletas que imitam, mas também o público que joga esse jogo. A dissimulação da realidade e a simulação de uma outra realidade ocorrem nesta categoria:

[98] O agôn pressupõem uma atenção constante, treinamento apropriado, esforços e a vontade de vencer, a competitividade, o que o aproxima do esporte moderno. O alea negaria este trabalho existente no agon, este esforço, com ele não tem regularidade, nem treino, é a desgraça total ou a graça absoluta. Seria a sorte. Já o Ilinx seria o "turbilhão de águas" (significado em grego), que buscam extrair prazer na vertigem, do mal-estar, do pânico momentâneo de provocaria um transe, uma distorção da realidade de forma abrupta (RETONDAR, 2013).

> A Mimicry é a invenção incessante. A regra do jogo é uma só: para o ator, consiste em fascinar o espectador, evitando que um erro o leve a recusar a ilusão, para o espectador, consiste em se entregara a ilusão sem recusar desde o primeiro instante o cenário, a máscara, ao artifício no qual é convidado a acreditar, por um determinado tempo, com um real mais real do que real (CAILLOIS, 2017, p.62).

Essa invenção incessante é o imaginário em interação constante produzindo imagens para a narrativa, ao passo que o "evitar o erro" é a busca constante da narrativa de coconstruir sentidos. Elementos que dialogam com a nossa proposta de narrativa.

Assim, o imaginário que antes dos "atos de fingir" era difuso, sem forma, repleto de objetos de referência, agora possui um norte (ISER, 2013). Através deste fingimento se chega à realização plena do imaginário sobre as Copas do Mundo no Brasil, organizando e provocando a sua configuração necessária, ampliando simbolismos através de recursos mitológicos. O mito "país do futebol" evidencia tal articulação resultante entre real, fictício e imaginário, que ao ser acionado pelos jornais sedimenta o imaginário. Em suma, a forma com que se usará os aspectos do real e das ações humanas no texto ficcional e vai se repeti-los, como o jornalismo comumente faz, produz os "atos de fingir", proporcionando a transgressão, deixando o imaginário pronto para ser moldado e reconfigurado.

Aqui notamos a importância dos atos de fingir. Ao fazermos a repetição, percebe-se, que "a frequência do uso de uma determinada ideia torna-se a determinante da sua sobrevivência na ecologia das ideias que chamamos de mente" (BATESON, 1972, p.509). Mais do que sedimentar essas ideias, a repetição dentro dos "atos de fingir" tende a criar premissas, fazendo com que ideias abstratas sobrevivam a um uso repetitivo, ganhando um aspecto de concretas. Essas ideias, segundo Bateson serão utilizadas pela mente de forma diferente das novas ideias, criando uma concepção de que essas premissas supostamente concretas são inflexíveis. Para o autor somos responsáveis pelos processos de formação do imaginário. A base da ação são as imagens mentais que possuímos. E confiamos nessas imagens como um ato de fé. Bateson acredita que não podemos duvidar da validade dessas imagens que produzimos, já que ela é produzida por um órgão sensorial que nos pertence. Ver é crer para Bateson. Assim o poder de erigir representações tendo esse "museu de imagens" como referência é muito grande.

Este processo desemboca na questão da crença, onde além de não se refletir mais o que está disponível na bacia semântica, não se permite outros caminhos. Enquanto o imaginário é aberto e acolhedor a crença é fechada e refratária. O imaginário é espiral, podendo tomar qualquer direção, dilatando sentidos, disponibilizando várias narrativas possíveis e "verdades", ao passo que a crença é uma reta única de atuação que mobilizam os

impulsos em uma única direção, restringindo sentidos, em uma narrativa singular que traria "a verdade" (DA SILVA, 2012). A crença seria o imaginário difuso transformado em algo único concentrado, extremamente definido, mais do que um senso comum e sim o que repulsa o diferente. Enquanto o imaginário é humano, em toda a sua pluralidade e complexidade, a crença reduz o que não se encaixa no enquadramento feito pela crença. Como Da Silva (2012, p.51) destaca: "o imaginário é sempre irredutível", reduzí-lo é formatá-lo dentro de uma crença que jamais abrangerá toda a sua atmosfera.

Por conta da multiplicidade de sentidos presentes nas interações que tem o imaginário como referencial, acreditamos que as noções de identidade, por exemplo, são fictícias e ilusórias e tentam estabilizar essa oscilação, este conflito e movimento constante entre os campos, dando "paz" para consciência desenvolver as interações com referenciais rígidos e coesos, mesmo que de forma momentânea. Assim, ao arquitetar os atributos e características necessárias para um treinador da seleção nacional, os jornais vão procurar, através das representações e classificações, singularizar essa pluralidade. Ao mediar esse sistema de representações, a mídia usa de técnicas de agregação simbólica, produção de consenso e coesão social através do acesso ao imaginário.

Acreditamos ter apresentado os elementos e as interações presentes na construção da narrativa sobre o "país do futebol". Em relação ao treinador, confiamos que a narrativa cumpriu o propósito de construir e distribuir funções para cada personagem de maneira individualizada. Adhemar Pimenta foi apresentado com todos os atributos desejáveis pela elite nacional naquele contexto: disciplinador, comandante e técnico/treinador que usava as ferramentas disponíveis na época para chegar à vitória (treinamentos).

Porém, o mundo projetado para o treinador ficou em segundo plano, sendo devorado pelo imaginário nacional em torno de Leônidas e da nossa brasilidade proposta por Freyre. Assim a ideia de Antropofagia do movimento Modernista que inaugura este "pensar o Brasil" nos anos 1920, tem também no futebol exemplos para confirmar tais proposições. O modo europeu tecnocrata que salienta a modernidade e eficiência através do treinador, seria deglutido pelo brasileiro e transformado em algo supostamente único, em uma arte tipicamente nacional. O modo europeu não seria único caminho, e como Freyre destaca essa arte seria:

> Uma arte que não se abandona nunca à disciplina do método científico mas procura reunir ao suficiente de combinação de esforços e efeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentação ou para a exibição de talento individual num jogo de que europeus têm procurado eliminar quase todo o floreio artístico, quase toda a variação individual, quase toda a

> espontaneidade pessoal para acentuar a beleza dos efeitos geométricos e a pureza de técnica científica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro como o arianismo europeu. (Gilberto Freyre, Football Mulato, DIARIO DE PERNAMBUCO, 17/06/1938, p.4).

Seria uma teoria de que o povo brasileiro com sua miscigenação reinterpretaria o jeito de jogar, rejeitando a geometrização (função do treinador). No ritual sobre a Copa abre-se o conflito entre este jeito nacional (improviso e jogador) contra o modelo que "tentam impor a nós", o europeu (treinamento e técnico). Seria uma maneira antropofágica de adaptar o futebol as singularidades que Freyre defendia como tipicamente nacionais. Inaugura-se tal crença e se estabelece uma trincheira contra as formas europeias que serão durante anos as justificativas para vitórias e derrotas. Adhemar Pimenta seria a disciplina tecnocrática engolida pela arte e improviso do negro Leônidas, evidenciando o esporte como palco para as disputas de imaginários presentes na sociedade.

Serão com estes referenciais que o ritual Copa do Mundo vai se estabelecer e, logicamente, ser adaptado a cada edição. Diferentes pessoas vão ocupar os papéis de Adhemar e Leônidas neste conflito, dando prosseguimento a todo o processo narrativo sobre o "país do futebol". Com suas funções previamente definidas no imaginário nacional o que se esperaria do treinador pela imprensa, interferiu diretamente na sua narrativa. Assim, os atores que vão performar nas futuras edições já teriam uma consciência do encaixe de que seguiriam ao serem inseridos no *frame*, o que se esperaria de cada um. Ao jogarem e coconstruirem este jogo vão partilhar da mesma "verdade", das mesmas regras táceis não ditas, mas percebidas na atmosfera do local, que vão determinar os limites do que é ou não possível. A interação social entre os campos que legitimam o *frame* Copa do Mundo vão, através da repetição, solidificar o imaginário sobre as personagens para definir situações sociais e seus comportamentos.

Neste processo, Motta (2013) destaca que as narrativas realçam determinados acontecimentos lhe conferindo um caráter histórico, místico, o que vai contribuir, por exemplo, com o ritual das Copas do Mundo. Nas palavras de Motta:

> as narrativas constituem uma rede que estabelece hierarquias, outorga significados, transforma eventos em acontecimentos históricos significativos, constituindo os imaginários sociais: em toda situação histórica, de acordo com essa corrente, existe uma matriz categorial de significados (metanarrativas) mediante a qual os indivíduos se organizam e conferem sentido à suas práticas (MOTTA, 2013, p.44).

As metanarrativas sobre a Copa do Mundo vão produzir tais sentidos às práticas sociais inseridas neste *frame*, exatamente por configurar os acontecimentos em uma sucessão de ações, tornando a narrativa compreensível e crível. Citando Ricoeur, Motta (2013) reforça

a ideia de que enumerar os atos humanos é colocar as ações em uma linha do tempo, tornando humana as relações: “por um lado, a fidelidade é necessária e rigorosa aos fatos e acontecimentos, por outro a inevitável concessão à imaginação estruturante de uma unidade narrativa compreensível” (MOTTA, 2013, p.43). Essa ideia deixa clara nossa proposta de trazer o imaginário e seu dinamismo para nossa interpretação e análise.

Por conseguinte, acreditamos que as narrativas se caracterizam por uma ou mais unidades mínimas de ação, que por sua vez produzirão unidades mínimas de significado. Esse mecanismo metodológico ajuda não só a compreender individualmente as reportagens sobre as Copas do Mundo, mas também o encadeamento entre elas em um fluxo narrativo que atravessou parte do século XX. Ao inserir de maneira eficaz no imaginário nacional os sentidos pretendidos sobre a competição, a sequência narrativa que relata as participações da seleção ao longo das Copas se apresenta com um desejo de manter intacta a representação de “sermos o país do futebol”, presente no imaginário, e uma visível adaptação de outros fatores a contextos históricos concretos. As micro-histórias e micro-ações se unem em uma narrativa macro, construindo uma intriga, mesmo com rupturas, mas que preserve o sentido produzido sobre a competição afim de não perder seu significado simbólico no imaginário. Assim, derrotas serão creditadas a figuras individuais, salvaguardando a “nação” neste “duelo entre países”, mantendo sempre como fio condutor essa narrativa, como em um “conto de fadas”, que apesar de ajustes, sempre se inicia e resguarda a construção de que “Era uma vez o país do futebol...”

Tabela 9 – Reportagens Copa de 1938

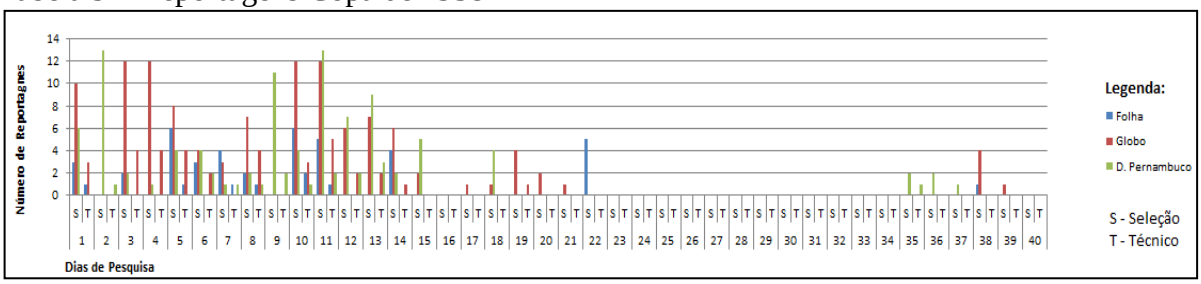

Tabela 10 - Avaliação Quantitativa Copa de 1938

Total Quantitativo					
1938	Seleção	Técnico	Porcentagem Técnico	Seleção 3 jornais	Técnico 3 jornais
Folha	48	11	22,91666667	256	71
Globo	115	44	38,26086957		
Diário de Pernambuco	93	16	17,20430108		

Tabela 11 - Avaliação Qualitativa Copa de 1938:

Avaliação			
1938	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	0	0	11
Globo	0	1	43
Diário de Pernambuco	2	1	13

Tabela 12 – Categorizações Copa de 1938:

Categorizações					
1938	Senhor	Técnico	Comandante	Nome de batismo	Treinador
Folha	0	0	0	11	0
Globo	2	4	0	36	2
Diário de Pernambuco	0	10	1	5	0

4 **DISCIPLINA E ESTRATÉGIA**

O "país do futebol" teria seu grande momento logo na Copa seguinte. Entretanto, foi preciso esperar doze anos para "revivermos" o "nosso maior ritual". A atmosfera de exaltação ao nacionalismo e a prevalência do campo militar sobre os demais campos levou a Alemanha a invadir a Polônia em 1° de setembro de 1939. Este fato desencadeou a Segunda Guerra Mundial que só teria seu fim em setembro de 1945. A Copa do Mundo de 1942, que seria sediada na Alemanha foi obviamente cancelada. O Brasil, que havia postulado a vontade de realizar o evento já em 1938, teve a missão de organizar o torneio em 1950. Sediar a competição inseriria de vez o país na Modernidade tão almejada pela elite nacional[99] e mostraria para o mundo a disciplina e organização do país. A construção do Maracanã, maior estádio do mundo, era o clímax deste desejo da elite nacional para o ingresso no hall dos países desenvolvidos[100].

A competição entrou no imaginário nacional como o passaporte para a Modernidade. O campo esportivo se associou a outros campos, como econômico, político, social e midiático neste processo narrativo. A Copa se repetiu na narrativa não só como um ritual nacional que havia sido inaugurado em 1938, mas também como um acontecimento nacional, que traria orgulho ao nosso povo. A ideia de um país novo, moderno e que estava prestes a conquistar o futuro promissor foi encontrada nos jornais *A Noite* e *O Globo*. A atmosfera encontrada na capital federal era de que a vitória na competição concretizaria todo este processo. Seria através do imaginário construído sobre o futebol que o país atingiria, com a vitória da seleção, o seu lugar nas grandes nações. O desejo de envolver os brasileiros na coconstrução de tal narrativa e jogar o jogo é apontado no dia da estreia, nesta manchete do jornal *A Noite*: "A torcida brasileira será o décimo segundo jogador em campo" (A NOITE, 24/06/1950, p.1). O sentimento de ufania presente no mundo criado por esses periódicos era metaforizado na ideia de que enfim, estávamos planejando e conquistando o nosso progresso. Mais do que isso, o "mundo civilizado europeu" reconhecia nossa "evolução", como esta manchete do jornal *A Noite*: "O Brasil assombra o mundo – organização perfeita, esforço fora do comum, panorama disciplinar inédito..." (A NOITE, 4/07/1950, p.1). A organização e disciplina eram os atributos mais enfatizados nesta narrativa.

---

[99] Para uma melhor compreensão desta narrativa ver: *"Gigante pela própria natureza": as narrativas de um "novo Brasil" encontradas na Copa do Mundo de 1950* (MOSTARO, HELAL e AMARO, 2016). Uma versão em francês foi publicada em 2018 na revista *Sociétés*.

[100] Aqui, recomendamos a análise realizada nos significados e apropriações após a inauguração desta espaço importante no contexto nacional: *Maracanã como mídia urbana: as narrativas jornalísticas, apropriações e interações no torcer no "maior do mundo"* (MOSTARO, BRINATI, 2018)

Neste viés, Flávio Costa[101], técnico da seleção, vai agrupar tais virtudes exigidas pela elite: disciplinador e organizador. A tecnocracia associada a esta personagem surge de maneira explícita nestes jornais. Todavia, é importante destacarmos que a polarização jogador x treinador se fortaleceu após a Copa de 1938. A proposição de Freyre provocou embates importantes e que contribuíram com a escolha e, consequentemente, com a narrativa sobre Flávio Costa em 1950.

Logo após a Copa de 1938, as disputas entre campos direcionaram uma força ao campo militar no controle do campo esportivo. O ministro da Educação, Gustavo Capanema, ao se aproximar do campo militar criou, em abril de 1939, por decreto, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFED). "Para o ministro Capanema, a escola seria um centro de preparação de todas as modalidades de técnicos ora reclamados pela educação física e pelos desportos" (SOUZA, 2008, p.75). A escola de formação de técnicos teria uma evidente influência militar de disciplinar e organizar, seguindo o modelo europeu que já mencionamos. O *habitus* de jogador já não seria o único atributo desejado para ocupar o cargo. Com a crescente popularização e o marco ritualístico e simbólico que se estabeleceu após a Copa da França, controlar estes jogadores exigiria mais do que o *habitus* que um ex-jogador possuiria. Seria necessário agora, passar por uma escola, que prepararia e disciplinaria os técnicos com o *habitus* da elite. Aqui, deixamos claro que não abominamos a disciplina e a preparação e muito menos uma Escola. Para a conclusão deste trabalho, por exemplo, foi necessário disciplina, planejamento e organização. O que queremos frisar é que a narrativa de disciplina que permearia o imaginário e consequentemente o *habitus* dos treinadores seria o de dominação dos jogadores, no sentido de não "deixar" este palco para a disputa de imaginários sobre a nossa sociedade ser "vencido" por atletas que fugiam do "modelo" pretendido pela elite.

Neste contexto, Leônidas havia se tornado o jogador mais famoso do Brasil. Além de suas qualidades futebolísticas, seu comportamento extracampo era uma espécie de negação a tudo aquilo que o Estado Novo e, por consequência, a elite nacional defendia: "Leônidas representava justamente a indisciplina, a rebeldia, a malandragem, mas também era diversão, a arte, o improviso, a genialidade, o mundo do lazer e da alegria" (SOUZA, 2008, p.144). Leônidas "jogava o jogo" em seu caráter puro, ele brincava, e muitas vezes subvertia a ordem

[101] Flávio Rodrigues Costa assumiu a seleção em 1944, depois do tricampeonato carioca pelo Flamengo em 1942-43-44. Nos dois anos de preparação para a competição (1948-1950), ele dividiu as tarefas na CBD com a de treinador do Vasco. Seu auxiliar na Copa foi Vicente Feola que na ocasião treinava o São Paulo. Destacamos também Otto Glória que fez parte da comissão técnica. Ambos seriam, futuramente, atores importantes no campo esportivo nacional.

desejada pelo Estado Novo. Assim, Souza (2008) expõe que Leônidas será o jogador que mais tormento dará a esses dirigentes esportivos no Brasil na década de 1930 e 1940. O autor destaca que João Lyra Filho, primeiro presidente do CND, entendia que o dirigente deveria tratar seus atletas dentro de um estilo paternal e bondoso. Este lado paternalista do patrão (clube) frente ao empregado (jogador) é interpretado por Sidney Chalhoub (2001) como um ato de controle social praticado pelas classes dominantes no país desde a República Velha, com o intuito de diminuir o potencial de conflito inerente a uma relação desigual. O patrão seria um "juiz doméstico que procurava guiar e aconselhar o trabalhador, que, em troca, devia realizar suas tarefas com dedicação e respeitar seu patrão" (CHALHOUB, 2001, p.115). Os jogadores deveriam entender e aceitar essa prática educacional para serem úteis a nação, e os que não cumprissem seriam os "irresponsáveis". Tal controle não viria somente nos jogos, na visão de Lyra Filho, mas também no controle do cotidiano do atleta e na sua vida privada. A boemia, álcool e fumo eram prejudiciais aos atletas, presumindo o "caminho do mal" contra o "caminho do bem", como neste trecho: "Interessar a mocidade na vida recreativa dos desportos é aplicar-se processo de educação, no caminho do bem, e coibir-se processo de devassidão, no caminho do mal, à mesa dos cafés, às rodas do bar, à porta dos cassinos e na própria orgia desonesta dos lupanares" (LYRA FILHO Apud SOUZA, 2008, p.86). No contexto atual, o jogador deveria ser um "cidadão de bem".

Evidencia-se aqui o técnico como ponte entre capital e trabalho, ao criar "o espírito de luta para o trabalho, da disciplina pra preservação da ordem social, de conciliação, união e entendimento" (SOUZA, 2008, p.86). É algo que confirma nossa hipótese: o campo militar, que simbolizava a elite nacional naquele período, cria uma narrativa favorável ao esporte. Como podemos perceber neste relatório do ministro Capanema: "é um jogo excelente para induzir os soldados à disciplina no campo de batalha pela disciplina do estádio" (SOUZA, 2008, p.89). A ideia central era que os esportes poderiam contribuir na preparação militar.

> Sem a "educação" feita pelos dirigentes, os aspectos irracionais se conservariam no jogador de futebol. Assim, o craque rebelde, o malandro, aquele que não queria ser "educado" por essa elite, que não queria aceitar seus valores ou não queria permitir o controle sob sua vida privada era visto como uma ameaça ao bem de toda uma equipe, de toda uma seleção e, por que não, de toda uma nação (SOUZA, 2008, p.96).

Até mesmo as torcidas deveriam ser orientadas, sob o ponto de vista de manter a disciplina, o que daria mais beleza aos espetáculos esportivos[102]. A nação que pretendia se construir tendo o esporte como parte integrante do projeto educacional e como espetáculo

[102] Nesta linha de análise apontamos o trabalho: *Clientes x Rebeldes* (SIMÕES, 2017).

cívico tinha como base o ideal de disciplina (SOUZA, 2008). Por isso a posição do treinador da seleção terá como foco este atributo. Pensar na nação era mais importante do que no individual. O grupo era mais importante que o jogador, conviver de forma disciplinada, pensando no grupo era "a" virtude necessária.

O conflito constante na sociedade nos indica que o ideal do Estado Novo não foi automaticamente absorvido. As narrativas midiáticas são mundos construídos e não a sua totalidade, são pequenos fragmentos de um todo que tem a intenção de se projetarem como um resumo da realidade. A ideia de disciplina inserida no campo esportivo será confrontada nos rituais cotidianos deste esporte, no enfrentamento dos jogadores a esta disciplina. Não queremos aqui romantizar a disputa, sabemos que ela é desigual, o que queremos dizer é que ela existe e em alguns casos reformula a configuração da narrativa do treinador, por exemplo, com atletas acima da média que não cumprem as ordens e dominam o ritual do jogo de futebol, ganhando um capital simbólico forte para expandir suas ações para outras esferas, mesmo que sejam ridicularizados e ofendidos pelas narrativas, nos casos de Garrincha e Leônidas, por exemplo. A popularidade desses atletas indica a simpatia das suas práticas ao longo do tempo, que pouco tem a ver com a narrativa de disciplina. E podem ser interpretados, em grande parte, como um conflito claro ao capital, a forma burguesa de se praticar o esporte, o que Garrincha personificou de forma clara ao não ligar para aquilo que o campo econômico lhe oferecia e foi tachado de indisciplinado, ingênuo e "mané", como veremos adiante.

Neste contexto, inserir e coordenar novos valores na sociedade como a regulamentação do mercado de trabalho e a mudança nos hábitos e consequentemente nos rituais urbanos era importante, como Souza (2008) destaca:

> procurava-se disciplinar todas as esferas da vida, seja no seu emprego, no lazer e até na relação com o seu corpo. Essas transformações que se pretendiam modernas e racionais, nem sempre foram aceitas de forma positiva pelas classes trabalhadoras. Muitas vezes tentavam resistir por meio de sua cultura tradicional, de uma ética do não-trabalho que tinha suas origens no período escravocrata, quando o ato de trabalhar adquiria toda a sua negatividade (SOUZA, 2008, p.139).

Estabelece-se uma batalha entre as noções de "moderno" e "arcaico". O "arcaico" seria o modo individual e "rudimentar" de atuação do atleta nacional, ao passo que o "moderno" e coletivo seriam as técnicas trazidas da Europa. Leônidas tinha fora dos gramados uma relação com o clube (capital) e com a sociedade de "rebeldia, indisciplina e transgressão ao mundo do trabalho" (SOUZA, 2008, p.128). As acusações contra o atleta era de não cumprir suas obrigações como profissional: não gostava de treinamentos, chegava

tarde, inventava doenças e não se concentrava com o grupo. Seus conflitos com dois técnicos importantes neste hiato das Copas do Mundo, Dori Kurschner[103] e Flavio Costa foram notórios. Ambos trouxeram as chamadas "inovações táticas" da Europa, esquemas conhecidos com "WM" e "diagonal". Nessas táticas "a habilidade do jogador era colocada sem segundo plano e o papel do treinador ganhava evidência" (SOUZA, 2008, p. 135). Reforça-se aqui a concepção tecnocrática do esporte.

Todo este processo é importante para compreendermos a função exigida de Flávio Costa durante o a Copa de 1950. Seja no Flamengo, na seleção carioca ou na brasileira, Flávio e Leônidas metaforizavam a ideia de disciplina x improviso, o "arcaico" x "moderno". Flávio era um defensor da disciplina e da máxima dedicação e obediência do jogador. Ele tentava controlar a vida privada de Leônidas, principalmente suas idas aos salões. Ficar com a família ao invés da concentração era indisciplina. Jogar futebol fora do clube, em uma "pelada com os amigos" poderia machucá-lo e prejudicar o time. O lado lúdico, de brincadeira do "jogar bola" era rechaçado por Flávio. Os técnicos brasileiros achavam Leônidas um jogador inconveniente, apesar de seu talento. Sendo a ponte entre capital e trabalho, o técnico barrava Leônidas do time como punição e exemplo perante ao clube e a sociedade para quem não seguisse as regras de conduta. O técnico deveria, primeiro, manter a ordem, depois pensar na vitória. Ou seja, o capital simbólico e as habilidades de Leônidas dentro de campo ficam em segundo plano na esfera de disputas, afinal, ao entrar em campo, ele poderia atuar bem, confrontando o "patrão" e instigando o pensamento de que o clube precisa dele para chegar às vitórias, mesmo com sua indisciplina. O trabalhador também poderia agir assim, exatamente pelo caráter imaginário que o futebol desperta na sociedade e como palco de disputas e modelos de conduta. Excluir e punir porta-vozes de narrativas e ideologias divergentes seria parte fundamental para a elite nacional exercer sua hegemonia no campo. Coloca-se Leônidas como o errado e indisciplinado, aquele que seria contra a ordem social[104]. Ser contra o controle social era ser vagabundo. Os treinadores serão os elementos para confrontar a ideia de "indisciplina" e improviso simbolizada em Leônidas.

---

[103] O treinador húngaro chegou ao Brasil em 1937 para treinar o Flamengo. Sua chegada é considerada uma "evolução" nas táticas desempenhadas no país. A narrativa nos jornais é que Dori trazia a modernidade para o nosso futebol e era muito bem pago por isso: ganhava 40 contos de réis por mês no Flamengo.

[104] Um episódio interessante ocorreu em dezembro de 1945 quando os jogadores da seleção votariam para presidente em uma urna improvisada na própria concentração. Eurico Gaspar Dutra, candidato do PSD (Partido Social Democrático), Eduardo Gomes da União Democrática Nacional (UDN), ambos ligados ao campo militar, e Yedo Fiuza do Partido Comunista do Brasil (PCB) eram os principais candidatos. Flávio Costa votou em Dutra, e sua mulher se tornou a principal cabo eleitoral do candidato. Leônidas votou em Fiuza, com a justificativa de que ele era "do povo".

Neste processo Leônidas será preso[105], vai brigar com o clube e com Flávio Costa, que não o levará para a Copa de 1950. Logo após sua prisão, Flávio publicou um artigo no *Globo Sportivo* (22/8/1941) dizendo que o futebol brasileiro se libertava dos medalhões, que passavam para o segundo plano, inaugurando uma nova época no futebol. Flávio foi enfático ao dizer que como selecionador, se considerava livre deles. A exaltação a Domingos da Guia expunha qual o modelo de atleta seria pretendido pela elite e como o selecionador poderia conduzir sua ações com base neste modelo, rejeitando quem não se encaixasse nele. Na seleção, a "disciplina" venceu e Leônidas, aos 36 anos e considerado em condições de jogo, não foi convocado para disputar a sua última Copa do Mundo[106]. Apesar de declarações na imprensa, como a de José Lins do Rego, pedindo a convocação do craque, Flávio justificou que o atleta não tinha conquistado uma "média suficiente" na parte física. Interpretamos este argumento como a tecnocracia determinando as escolhas e o controle de quem joga. Os números valeriam mais do que o talento de Leônidas. O talento, que não pode ser captado em números, como Postman (1994) destaca, agora possui um "medidor", tendo como referência a parte física. Pode-se, com isso, controlar o craque, dominar o talento que não se submetesse às regras impostas. O que teria sido o nosso diferencial na Copa de 1938, é posto de lado, com a narrativa de que o jogo "evoluiu". A tecnocracia faz com que tal preparação seja cada vez mais imprescindível para que o "jogador faça parte do jogo". O código para a interação no futebol é alterado pela tecnocracia, reinterpretando o que seria o "jogador fundamental". A geometrização do jogo, criticada por Freyre, ganha corpo. Essa formalização matemática daria uma aparência de cientificidade ao tecnicismo em vários campos, da economia ao esporte. Esquece-se o todo e foca-se nos números, que estarão sempre certos. Caillois (2017) reforça que todo cálculo sobre o jogo seria desmontado ao encontrar a sua complexidade. Como Sodré (2014, p.72) ressalta: "econometria e sociometria são instrumentos da redução da complexidade histórica das relações sociais a números, que evacuam o fenômeno político e

[105] A prisão de Leônidas pode ser compreendida pelo desejo da elite nacional calar uma voz dissonante e com alta popularidade. Flamengo e Leônidas estavam travando um embate. O clube exigia que Leônidas cumprisse seus deveres contratuais e jogasse, ao passo que o jogador se defendia com os exames que indicavam que ele não tinha condições físicas, por conta de uma lesão. Em meio a sua disputa a Justiça Militar o condenou a oito meses de prisão (julho de 1941 a março de 1942). Leônidas foi acusado de falsificar o certificado de reservista em 1935. O processo, que se arrastava desde então, chegou ao final durante o ápice da disputa entre Flamengo e Leônidas. Se na esfera do trabalho não era possível condená-lo, valeu-se da prerrogativa de outro campo para punir o atleta. Vale a pena ressaltar que o CND, criado em abril de 1941, tinha um viés militar, de controle e disciplina dos jogadores. Foi o exemplo claro para Leônidas e para os demais jogadores. Contudo, sua popularidade ficou intacta. Souza (2008) relata de forma mais profunda esta prisão, que, no contexto atual, nos leva a associar tal processo com o do presidente Lula, com a diferença que Leônidas realmente falsificou o certificado.

[106] Outra não convocação criticada pela imprensa foi a de Heleno de Freitas, então com 30 anos e que atuava no Vasco. Heleno também se encaixava no conceito de "jogador-problema" por suas atitudes extracampo.

abrem caminho para a administração da sociedade pelo mercado". Acreditamos que no período pós-guerra e de alinhamento do Brasil ao EUA, fomenta-se no imaginário tal argumentação, que chega ao esporte em uma espécie de "esportemetria".

Encontramos tal narrativa na "explicação" do empate do Brasil com a Suíça, o segundo jogo da seleção na Copa de 1950. O repórter do jornal *O Globo*, Geraldo Romualdo da Silva, justifica o resultado por conta da tática Suíça. Era, segundo o jornalista, uma questão matemática: "os suíços não chegaram a fazer rigorosamente o M da defesa inglesa. Mas jogam à base do "ferrolho" (O GLOBO, 28/06/1950, p.10). O próprio Mario Filho, foi favorável ao corte de Leônidas da seleção em 1945, defendendo a ideia de tecnicidade e corroborando a decisão de Flávio de cortar os "medalhões":

> A época que passou, passou, definitivamente, para o bem do futebol brasileiro, a época da improvisação. A introdução de um sistema de jogo trouxe a grande vantagem inicial de colocar o time ou o escrete acima do jogador. O jogador só vale como peça de uma máquina. A peça pode ser substituída (SOUZA Apud MARIO FILHO, 2008, p.187).

A coluna, presente no Jornal do Sports em janeiro de 1945, dois anos antes de o jornalista publicar a obra *O Negro no futebol brasileiro* (1947), que colocaria Leônidas como herói, indica como esta querela permeava o ambiente esportivo. Mario Filho exaltava o talento, técnica, habilidade como um estilo próprio nacional, mas entendia que sem outros atributos não venceríamos. A derrota de 1938 teria acontecido por conta da disciplina italiana. O nosso modelo deveria juntar Leônidas (habilidade) e a disciplina de Romeu, atleta de destaque em 1938. É nesta conjuntura que o Brasil disputaria a sua quarta Copa do Mundo.

4.1 **1950: De quase vereador a quase campeão do mundo**

Iniciamos a pesquisa no dia 24 de junho, data da estreia da seleção, e finalizamos no dia 23 de julho, uma semana após a derrota brasileira. Por conta de não termos o retorno da delegação, como em outras Copas, julgamos que, ao alongar por mais este período o nosso *corpus* nesta competição, conseguimos captar os desdobramentos da derrota brasileira.

Na soma dos três jornais, encontramos 176 reportagens sobre a seleção e 47 que mencionaram Flávio Costa. Foram 66 reportagens sobre a seleção encontradas no *O Globo* e 20 sobre o treinador. No jornal *A Noite*, foram 90 sobre a seleção e 21 sobre o técnico. O espaço proporcionalmente maior dado a Flávio Costa no *O Globo* corrobora nossa hipótese de que o jornal é um porta-voz da elite, abordando o treinador como o disciplinador exigido pelo contexto. O jornal *Folha da Manhã* praticamente ignorou a competição. Mais uma vez nossa

hipótese se confirma: sendo o porta-voz da elite paulista, o jornal não contribuiu com a atmosfera de exaltação a competição. Foram 20 reportagens sobre a seleção e seis menções ao treinador. A título de comparação, em 1938, foram 48 reportagens sobre a equipe. No dia da estreia, por exemplo, manchetes sem alardes e exaltações, com notícias concisas e formais: "Brasil x México na inauguração do Campeonato Mundial" (FOLHA DA MANHÃ, 24/06/1950, p.4). O número de reportagens foi reduzido a uma média de uma por dia após a decisão da organização do evento ao colocar todos os jogos da seleção no quadrangular final no Maracanã. A queixa veio na seguinte manchete: "A Torcida paulistana não verá a seleção brasileira nas finais" (FOLHA DA MANHÃ, 04/07/1950, p.4).

Inferimos que os jogos não sendo em São Paulo, o acontecimento perdia seu "valor notícia". O assunto seleção não foi capa nenhuma vez no jornal paulista, enquanto esteve na primeira página do *O Globo* 17 vezes (cinco mencionando o treinador) e 14 vezes no *A Noite*, sendo três menções a Flávio Costa. Assim como 1938, entendemos que auxiliar na construção da narrativa de sucesso da organização, seria, para a *Folha* e a elite paulista, contribuir com um campo que rivalizava constantemente com ela na disputa de narrativas sobre o país.

Na parte qualitativa, foram quatro notícias negativas sobre Flávio, todas elas no jornal *A Noite*. Nove positivas, sendo duas no *A Noite*, seis no *O Globo* e uma na *Folha da Manhã*. 35 neutras, com 17 para o *A Noite*, 16 no *O Globo* e cinco na *Folha da Manhã*. Aqui, reforça-se a ideia do jornal *O Globo* enfatizar este representante da elite no *frame* Copa do Mundo. Nas categorizações encontramos "técnico" em oito oportunidades (*A Noite*), "nome de batismo" 34 vezes (*Folha* cinco, *O Globo* 19, A Noite 10), "treinador" duas (*A Noite*), "coach" uma (*Folha*) e "selecionador" duas (*O Globo* e *A Noite*). Nota-se que *O Globo* usou de forma mais intensa o nome de batismo do treinador, o que interpretamos ser pelo mesmo motivo já explicitado na Copa de 1938, ao enfatizar o nome de Adhemar Pimenta. "Técnico" e "treinador" mantiveram a mesma lógica narrativa de 1938, assim como o termo "coach". Já o "selecionador" foi encontrado pela primeira vez, contribuindo com a noção "daquele que organiza", ao selecionar os melhores jogadores do Brasil. Apesar do sentido de disciplina estar permeado na atmosfera, não encontramos esta categorização. Inferimos que pelo "trajeto antropológico" de Flávio Costa no imaginário nacional como alguém disciplinador, como já mencionamos, essa era uma associação imediata ao seu nome, resultando na maneira mais frequente com que os jornais se referiram a ele.

O rádio já havia se consolidado como principal meio de comunicação no país e o grande difusor do futebol por todo território nacional, principalmente quando Vargas encampa a Rádio Nacional e passa a usá-la como instrumento do seu governo para expandir a narrativa

pretendida por seu grupo político (SAROLDI e MOREIRA, 2005). O veículo ajudou novamente na criação de uma atmosfera de expectativa, que se tornou quase certeza no título, após os resultados no quadrangular final. Entretanto, a mesma "dobradinha" de replicar as entrevistas, como vimos em 1938, não foi encontrada. Notamos uma mudança na linguagem dos jornais, com menos notícias fragmentadas e oriundas de telégrafos ou mensagens por rádio como em 1938. Inferimos que por conta da competição ser realizada no Brasil, a presença dos veículos de comunicação se dava *in loco*, minimizando a dependência de tais ferramentas para a produção de notícias.

Logo no dia da estreia, o jornal *A Noite* evidencia o processo narrativo de "moderno" x "arcaico": "Não será com floreios e exibicionismo que a vitória nos cairá do céu. É preciso muito mais que isso. E Flávio Costa preparou a nossa rapaziada para lutar, para se empregar com força de um Hércules me busca do cobiçado triunfo" (A NOITE, 24/06/1950, p.1). Flávio se torna figura importante, assim com Adhemar em 1938, repetindo o *frame* da competição anterior. A ideia de que a garra poderia substituir os medalhões ou craques também surge neste trecho: "Não importa que jogue A ou B. Basta que sejam brasileiros, lutando pela glória de nosso renome esportivo para que encontre da parte do público todo o apoio e confiança". *O Globo*, cumprindo seu papel de projetar o mundo da CBD, enfatiza que as atitudes da entidade com a competição foram corretas:

> Primeiro credenciando um treinador e, depois, outorgando ampla autoridade e esse treinador, para fazer a escolha dos elementos. Flávio Costa foi o nome apontado pela unanimidade das consciências. E consequentemente aceito. Mas uma vez empossado, também Flavio começou a agir, estabelecendo um amplo e criterioso programa de atividades (O GLOBO, 24/06/1950, p.1).

A disciplina e autoridade designada a Flavio é elogiada, formatando o que se esperava na narrativa sobre o treinador, inclusive o criterioso programa de atividades, que se associa diretamente ao que entendemos como a tecnocracia no esporte. O que vai se estender ao longo da competição com manchetes como a do dia seguinte a vitória sobre o México por 2 a 0, afirmando que Flávio "só colocaria em campo os elementos fisicamente perfeitos" (O GLOBO, 26/06/1950, p.1).

Esta atitude teve um contraponto claro no mesmo jornal e no mesmo dia: "As vaias não me atingiram! Declarou Flávio Costa" (O GLOBO, 26/06/1950, p.1). Foi a primeira demonstração pública de queixa ao treinador pela população no *corpus*. Interpretamos que o *frame* da Copa de 1938 ainda era referência a ser seguida. O *frame* que designava que deveria jogar o melhor, independente da condição física, tendo o exemplo de Leônidas em 1938 como

o mais cristalino, era "quebrado" por Flávio. As vaias foram em Belo Horizonte, quando o técnico foi assistir a partida Iugoslávia e Suíça, no estádio Independência.

O empate em 2 a 2 contra a Suíça, no Pacaembu, reforçou o descontentamento dos torcedores com Flávio. A escalação teve quatro alterações, privilegiando os atletas paulistas, como o próprio médico da seleção, Giffoni, declarou: "Bigode está perfeito, e só não jogou, para que fosse aproveitada a intermediária paulista, em ambiente paulista" (A NOITE, 28/05/1950, p.12). Jogar a favor da atmosfera paulista para ganhar sua aprovação teve o efeito contrário, como mostra a matéria da *Folha da Manhã* no dia 29 de junho:

> Vários populares exaltados tentaram agredir o "coach" e determinados elementos. A tentativa foi frustrada, mas Flávio não conseguiu escapar a fúria de alguns torcedores, tendo sido atingido por socos e pontapés. Não fora a pronta intervenção da polícia e, por certo, os acontecimentos teriam consequências graves (FOLHA DA MANHÃ, 29/06/1950, p.5).

Interpretamos a fúria como um acontecimento que foge ao que se espera do *frame*. O torcedor esperava a vitória, ao presenciar o empate, se escolhe um culpado pela representação, como já ressaltamos anteriormente. Se o público paulista escolheu Flávio, a narrativa do *O Globo* trouxe a agressão em uma nota:

> Agredidos o técnico e o médico. Um largo grupo de exaltados torcedores de football ontem em São Paulo após o match do Campeonato Mundial de Football no qual a seleção brasileira empatou com a suíça, acercou-se da porta de saída do estádio do Pacaembu em atitude agressiva aos jogadores da seleção da CBD (O GLOBO, 29/06/1950, p.14).

E tratou de defender o treinador no mundo projetado pelo jornal trazendo para a intriga a "Confiança absoluta na reabilitação" (O GLOBO, 19/06/1950, p.14) e que "o selecionador Flavio Costa que apesar de seus esforços não logrou contar até agora com uma aparelha de "full-backs" de confiança e capaz de atender as exigências do campeonato" (O GLOBO, 19/06/1950, p.14). Nas palavras de Flávio: "Foi uma tragédia, mas não se perdeu a guerra". O foco era na esperança que os jogadores principais voltariam ao time. *O Globo* não menciona a escalação paulista para agradar a torcida local e procura reanimar a torcida para o jogo decisivo contra a Iugoslávia com as seguintes manchetes: "Todos confiam na vitória do Brasil" (O GLOBO, 1/07/1950, p.1); "O interesse do povo cresce dia a dia, à medida que a representação brasileira é chamada a cumprir os seus compromissos" (O GLOBO, 1/07/1950, p.12); "Elemento feminino favorável a vitória dos brasileiros" (O GLOBO, 1/07/1950, p.12). Notamos a projeção de um mundo que procura colher algo positivo do imaginário nacional, descartando o lado negativo do empate, construindo uma intriga de "confiança".

A tensão com o jogo decisivo, que poderia eliminar a seleção da competição, surge na entrevista de Flávio Costa ao *O Globo*: "Os jogadores estão preparados técnica e psicologicamente para fazer uma grande exibição. Numa Copa do Mundo não se pode facilitar e temos obrigação de procurar obter o máximo rendimento técnico" (O GLOBO, 28/06/1950, p.12). A técnica se mantém na fachada da narrativa do treinador e surge pela primeira vez a questão psicológica para "jogar o jogo".

A vitória por 2 a 0 foi explicada no *A Noite* pela concentração dos jogadores e no *O Globo*, Flávio desabafou: "Agora eu poderei sair de campo sem auxilio policial..." (O GLOBO, 3/07/1950, p.12).

No quadrangular final, Flávio dividiu as atenções com Ademir e Zizinho, repetindo o frame de 1938 (Adhemar, Leônidas e Domingos). Seu papel de porta-voz ao passar a dar entrevistas diariamente se torna mais nítido, além de proferir frases que "tranquilizariam" a torcida: "Flávio tranquiliza a torcida. Não há problemas na equipe" (O GLOBO, 05/07/1950, p.11) e "treinou sem preocupações o scratch" (O GLOBO, 06/07/1950, p.11). Nesta expectativa para as finais, a *Folha* traz para a fachada a presença de Vicente Feola, representante paulista na comissão técnica: "pela manhã de hoje, os craques praticaram exercícios individuais sob a orientação de Vicente Feola" (FOLHA DA MANHÃ, 07/07/1950, p.4). As notícias sobre os treinos foram mais frequentes no *corpus*, confirmando a ideia de organização e disciplina. Com sua função em evidência, surge o primeiro sinal do crescimento do capital simbólico de Flávio na intriga dos jornais: "Oitocentos mil cruzeiros pela conquista de Flávio Costa" (O GLOBO, 07/07/1950, p.10). Era uma proposta para o treinador voltar a dirigir o Flamengo.

A vitória de 7 a 1 sobre a Suécia impulsionou esse capital simbólico de Flávio. Além das manchetes que enfatizavam que a atuação era digna do futebol brasileiro, reforçava-se a disciplina e organização, como esta declaração do treinador: "O quadro brasileiro trabalhou dentro do plano traçado e com o sentimento de equipe que foi sempre nossa preocupação" (O GLOBO, 10/07/1950, p.12). Nada sobre o "verdadeiro futebol nacional", apenas o empenho dos dois atributos mais exigidos do "selecionador": organização e disciplina.

No dia seguinte, o entrelaçamento campo político e esportivo se torna evidente. O jornal *O Globo* foi mais "romântico" ao anunciar que o treinador brasileiro seria candidato a vereador:

> Duas revelações de Flavio. Enquanto a bola ia e vinha, cada qual fazendo o que tinha que fazer, cada qual cumprindo sua tarefa sem precisar de intervenção de ninguém, nem de Flávio, nem de Feola e nem de Oto Gloria, que também trabalhava na orientação individual, conduzimos o selecionador para um canto da cancha:

> - E a politica?
> - Custei mais aceitei a lembrança de minha candidatura.
> - A vereador ou deputado?
> -A vereador.
> - Por que partido?
> - Pelo Partido Trabalhista
> - Quando começa a fazer propaganda?
> - Já comecei. Comecei ontem, falando num comício realizado na Praça 7 (O GLOBO, 11/07/1950, p.10).

A forma com que a intriga da narrativa é construída indica que cada um já sabia o que fazer, cumprindo a sua tarefa, sem precisar da intervenção. O *habitus* que Flávio deveria incutir nos jogadores já estava concretizado. A disciplina supostamente já implantada no time, que estava a dois jogos de ser campeão do mundo, fazia sua importância no campo esportivo expandir para outros campos. O treinador já havia começado a campanha, utilizando da atmosfera da competição para catapultar sua influência para o campo político[107].

A *Folha da Manhã*, no parco espaço que destinava a seleção, noticiou no caderno de política a nova empreitada de Flávio Costa:

> Candidato a vereador o técnico Flávio Costa. O técnico Flavio Costa, que atualmente dirige a equipe do Brasil que concorre ao IV Campeonato Mundial de Futebol, é candidato a vereador, pelo Distrito federal. O conhecido preparador técnico foi convidado pela direção do Partido Trabalhista Brasileiro e aceitou o convite que lhe foi endereçado (FOLHA DA MANHÃ, 12/07/1950, p. 7).

Este tom de formalidade do jornal, que mencionamos anteriormente, seguiu até a final da competição. Nitidamente o jornal não entrou no mundo da Copa, não jogou, nem coconstruiu os sentidos que outros campos produziram sobre o torneio. No dia da final, por exemplo, nenhuma notícia na capa, que escolheu o seguinte assunto como o principal: "Traçam os chefes militares ianques novos planos para a luta na Coreia" (FOLHA DA MANHÃ, 16/07/1950, p.1). E no dia seguinte, absolutamente nada sobre a derrota. Fato que nos chamou a atenção.

Alguns trabalhos importantes buscam relatar os impactos da derrota no contexto da narrativa de desenvolvimento nacional[108]. Consideramos que a atmosfera, esse imaginário da "vitória certa" presente no "ar", auxiliou na construção de um mundo na última semana da competição que sinalizava: perder a competição era algo "irreal" no imaginário nacional. A vitória por 6 a 1 contra a Espanha fez com que a seleção precisasse de um empate para ser campeã e concretizar todo o processo narrativo em curso. Chamar o brasileiro para "jogar esse

---

[107] No *O Globo*, depois da vitória do Uruguai encontramos essas duas manchetes: "Gighia para senador; Obdulio Varela para presidente da republica" da *United Press*. Não seria apenas no Brasil que o simbolismo do esporte ultrapassaria o seu campo e invadiria outras esferas.

[108] Destacamos aqui Perdigão (1986), Araújo Moura (2010) e Brinati (2016).

jogo" narrativo foi o objetivo principal dos jornais pesquisados: "A vibração que os lances mais emocionantes e sensacionais decerto despertarão não terá paralelo" (A NOITE, 13/07/1950, p.1). "Entre os brasileiros tudo é otimismo" (A NOITE, 13/07/1950, p.12). "Ninguém duvida da vitória do Brasil" (O GLOBO, 13/07/1950, p.1). "A torcida não contém a sua empolgante ansiedade – gente de todas as condições sociais transmite sua impressões a O GLOBO" (O GLOBO, 13/07/1950, p.1). "Jamais testemunhamos, em nossa carreira jornalística nos sports, fenômeno como o do Brasil" (O GLOBO, 13/07/1950, p.1).

A situação social elaborava-se com a impossibilidade de derrota. Ela seria um "devaneio" e citar esta hipótese era sinal de "falta de amor ao país": "Não pode subsistir qualquer dúvida a respeito da vitória final do torneio" (O GLOBO, 13/07/1950, p.1). A narrativa jornalística vai solidificando uma parte do imaginário nacional e transformando a chance de vitória em uma crença: "nenhum quadro poderá vencer o brasileiro" (O GLOBO, 13/07/1950, p.1).

Flávio se postou como alguém que impedia tal crença, ponderando seu discurso e alertando sobre o adversário: "resta ainda enfrentar os uruguaios" (O GLOBO, 13/07/1950, p.12). *A Noite* e *O Globo* reforçavam as analises táticas e a estratégia de Flávio: "Não há discutir que o quadro nacional tem uma estrutura técnica em sua composição na qual se fundamenta o técnico Flavio Costa em seus planos táticos de jogo" (O GLOBO, 13/07/1950, p.12). "O conjunto voltou a impressionar pelo espírito de equipe mantido no jogo" (A NOITE, 13/07/1950, p.12). A organização e disciplina eram nosso maior trunfo, com alguns elogios a beleza do jogo apresentado pelo time, mas sem destacar o individualismo e sim uma "sinfonia" em "harmonia". *O Globo* traz na sua capa, antes da partida final contra o Uruguai, a confirmação da expectativa: "Uma vitória ainda maior. É o que todos desejam!" (O GLOBO, 15/07/1950, p.1).

O jornalismo e sua herança positivista precisam sempre explicar tudo o que aconteceu. As narrativas midiáticas tentam captar esta atmosfera e explicar, dar sentido ao que ocorre. Essa "aura" impalpável do imaginário ultrapassa a noção positivista de que há sempre um sentido. Nesta tentativa, os textos sobre a competição, que também são envolvidos por essa aura, por mais "imparciais" que procurem ser, vão trazer elogios e hipérboles que buscarão captar essa atmosfera que o jornalista presenciou (GUMBRECHT, 2007). Essa atmosfera de confiança que pairava no Brasil antes da final com o Uruguai em 1950, fez com que a derrota fosse classificada como "inexplicável", já que a conjuntura levava a crer que o Brasil seria campeão. As narrativas não levaram em conta a possibilidade de vitória dos nossos vizinhos, algo totalmente "concreto" se fosse analisado como um jogo, onde as duas equipes entram

com iguais chances[109]. Neste sentido, o ambiente construído por tudo que a competição simbolizava no imaginário nacional influenciou nas ações e escolhas jornalísticas de destacar mais do que um favoritismo e sim decretar o título brasileiro como algo "concreto" e a possibilidade de vitória do Uruguai como "alucinação". Com a derrota, a "explicação" seria baseada nos elementos da "tragédia", algo que escapa o entendimento racional, mas justifica o que aconteceu. Até nas construções futuras realizadas pela imprensa notamos projeções do Uruguai como "o fantasma" do Maracanã, creditando a derrota ainda na compreensão de algo "além do mundo real".

O mundo criado pelos dois jornais cariocas colide com a derrota por 2 a 1. O imaginário de consolidação de um "país grande" através do futebol é negado com a vitória do Uruguai. Ao lidar com o "devaneio", o "improvável", a quebra da crença, a atmosfera de "tragédia", de algo que não saiu como o previsto, a narrativa da imprensa constrói uma intriga para reparar tais "avarias" do imaginário que ela mesma contribuiu para ser fortalecido. O jornal *A Noite*, dá voz a Flávio Costa: "Os uruguaios, campeões mundiais. Fala Flávio Costa sobre o desfecho da "Copa do Mundo" (A NOITE, 17/07/1950, p.1). Flávio não é criticado e o jornal afirma: "compreendendo que era preciso dizer alguma coisa para os eleitores de A Noite, ponderou: "São os contrastes do sport" (A NOITE, 17/07/1950, p.1). Flávio destaca que o time do Uruguai não havia feito uma campanha empolgante como a da seleção brasileira, se aproveitando das circunstâncias do jogo e afirma: "Faltou em princípio espírito de luta entre os nossos. [...] Não se deve a derrota a este ou aquela. Todos temos responsabilidades e não fujo a compartilhar das culpas que por ventura existentes nesse resultado quase inesperado por sua gente" (A NOITE, 17/07/1950, p.22).

O Globo traz uma narrativa similar a de Flávio, afirmando que o treinador havia sido sensato em suas palavras: "Flavio ia e vinha, animando um e confortando outro. Estava pálido, estava triste, mas senhor de si: "Eles foram bravos como nós, não jogaram mal, mas nós cometemos erro" (O GLOBO, 17/07/1950, p.12). E termina com o argumento de que o país estava em campo e a derrota era de todos: "Quem perdeu não foi o Flávio Costa, homem exposto, o homem para o qual se voltam todos os indicadores, todos os olhares. Não, não foi eu só, foi o Brasil todo, foi o Brasil inteiro. Se houve desgraça é este" (O GLOBO, 17/07/1950, p.12).

[109] Segundo Perdigão (1986) até o dia da final, dos 30 jogos entre Brasil e Uruguai na história, os brasileiros tinham 13 vitórias contra 11 dos uruguaios. Na fase de preparação para a Copa de 1950, as equipes fizeram três amistosos, com duas vitórias brasileiras e uma uruguaia. O retrospecto indicava uma leve superioridade da equipe nacional, que com toda a atmosfera se transformou em um favoritismo exacerbado, que poderia ser diminuído com uma simples análise dos confrontos recentes e seus placares apertados (todos com diferença de um gol).

Dias após a derrota, a troca de farpas entre Bigode, Juvenal e Flávio Costa foi vista nos jornais pesquisados. Manchetes dizendo que o mundo considerava o nosso futebol o melhor do mundo também fizeram parte da intriga: "A equipe brasileira continua sendo a seleção mais brilhante do campeonato" (O GLOBO, 18/07/1950 p.11). Até mesmo o cavalheirismo e lealdade dos brasileiros após a derrota foram exaltados. Carlito Rocha, na época presidente do Botafogo e membro desta elite esportiva, destacou: "Solidariedade Incondicional – Carlito Rocha enaltece o trabalho do técnico Flavio Costa e o esforço dos "cracks" brasileiros (O GLOBO, 19/07/1950, p. 14). A última menção a Flávio encontrada no *corpus* é bem emblemática ao indicar a atmosfera de cobrança por um final que o mundo da narrativa prometeu e não aconteceu: "Não queremos ser endeusados, mas não merecemos a pecha de criminosos" (O GLOBO, 19/07/1950, p. 10).

Tal ira dos torcedores ao comparar os jogadores a criminosos[110] pode ser compreendida com a ruptura de uma crença, uma desilusão com a representação que se confiava, uma afronta a simbologia que estava posta no imaginário como "real": a vitória da nação na Copa do Mundo. O *frame* moldado pelo mundo dos jornais, que auxilia na compreensão da complexidade do mundo, descartava a possibilidade de derrota. Essas emoções incontroláveis e a escolha de culpados, inclusive associando-os a criminosos, segundo Jack Katz (2013) funcionaria como um princípio restaurador da crença, que passara por uma "humilhação" ao ser contestada pela derrota, provocando um sentimento de degradação do *self* que parece eterno, incontornável, o que faz o sentimento de vexame se transmutar nesta ira. Rejeitar e abominar um imaginário de "derrota", de destruição da "honra da nação" impulsionariam tais ações[111]. É o imaginário em ação, querendo se reestabelecer mas que encontra um "enfrentamento" com a realidade. É acabar com a fantasia e o jogo narrativo que era construído. Violar esta crença e este senso comum causaria não apenas estranheza por deixar a consciência instável e sem local para ancorar, mas também a quebra da ideia de um imaginário rígido e único, construído pelo sujeito com o auxílio dos jornais. O imaginário da vitória, fator presente no ritual da Copa do Mundo, se descolariam da ideia do "real", ficando no "ilusório", na "fantasia", tirando a base concreta que dava suporte a esta "verdade", exatamente por derrubar seus pilares de construção.

---

[110] O goleiro Barbosa relatou em diversas entrevistas sobre a memória da Copa de 1950, que a pena máxima para um crime no Brasil é de 30 anos, mas que ele já estava pagando a mais de 40, apontado como o culpado pela derrota não de um time, mas de um país. Recomendamos o curta "Barbosa" (1988) de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado.

[111] Em casos extremos, temos o indivíduo que prefere o suicídio a continuar com o *self* dilacerado frente a seus interlocutores.

O imaginário da população sobre Flávio Costa havia mudado? Não podemos afirmar precisamente, mas sua derrota na eleição para vereador sinaliza alguns caminhos. Como membro da elite, ele foi visivelmente poupado nos jornais, mas isso não significa que seu imaginário de organizador e disciplinador que a seleção e a narrativa da elite consideravam como necessidade era compreendido por outros setores como o "correto". A população queria o título. O quase vereador e quase campeão do mundo esbarrou na derrota "inimaginável" que seu planejamento não previu e sua disciplina não suplantou. Nas interações simbólicas presentes no ritual de uma partida de futebol mudou-se o rumo do imaginário e, consequentemente, da narrativa.

Todavia, o *frame* Copa do Mundo que destacamos em 1938 foi repetido, auxiliando na solidificação do evento e das funções destas personagens no imaginário nacional. Tivemos os "craques", as "explicações para a derrota" e o "comandante desta representação nacional". O "país do futebol" também teve nas interações desta competição novos elementos que seriam resgatados pela narrativa em futuras edições. A derrota seria explicada, oito anos mais tarde, por uma emblemática expressão do dramaturgo Nelson Rodrigues: "o complexo de vira-latas". Este termo auxilia na nossa concepção de que o ritual Copa do Mundo se torna o local de embates sobre o imaginário nacional, sendo confrontado, modificado e mantido a cada jogo narrativo.

Tabela 13 - Reportagens Copa de 1950:

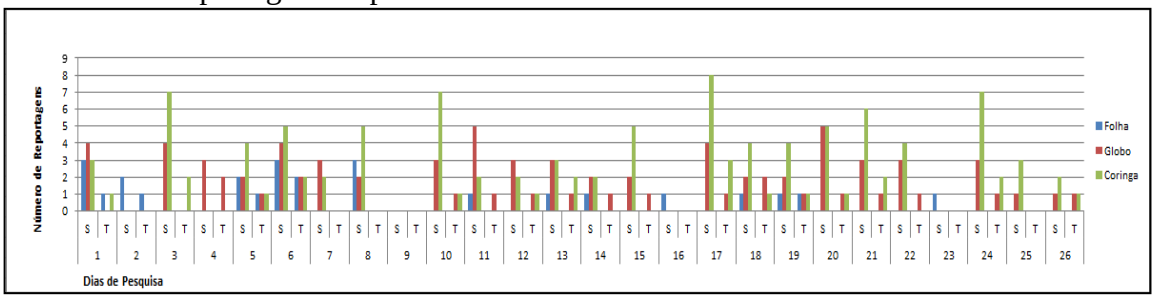

Tabela 14 - Avaliação Quantitativa Copa de 1950:

Total Quantitativo					
1950	Seleção	Técnico	Porcentagem Técnico	Seleção 3 jornais	Técnico 3 jornais
Folha	20	6	30	176	47
Globo	66	20	30,3030303		
A Noite	90	21	23,33333333		

Tabela 15 - Avaliação Qualitativa Copa de 1950:

Avaliação			
1950	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	0	1	5
Globo	0	6	14
A Noite	2	2	17

Tabela 16 – Categorizações Copa de 1950:

Categorizações					
1950	Técnico	Nome de batismo	treinador	coach	selecionador
Folha	0	5	0	1	0
Globo	0	19	0	0	1
A Noite	8	10	2	0	1

4.2 **1954: A "guerra fria" do seu Zezé**

Se a vitória não veio dentro do campo de jogo, no campo esportivo ela aconteceu. Sarmento (2013) considera que o sucesso da organização da Copa de 1950 reposicionou o Brasil no campo esportivo mundial. No Congresso da FIFA, realizado no Brasil durante a competição, Luiz Aranha foi indicado como vice-presidente da entidade. O Brasil conseguiu estabelecer uma nova correlação de forças no continente, reduzindo a hegemonia uruguaia e argentina. A disciplina/organização foi o argumento mais utilizado para se explicar este sucesso no campo esportivo e fortaleceu a atuação política da CBD.

Depois de chegar tão perto da concretização de uma narrativa de "melhores do mundo" e todos os reflexos em outros campos que o título poderia proporcionar, vencer a Copa do Mundo passou a ser a "grande missão" dos dirigentes da CBD. Era preciso manter viva a narrativa e o mito "país do futebol". Para isso, elaborar uma narrativa que explicasse a derrota se torna fundamental. O *Maracanazzo* era interpretado de diferentes maneiras.

Uma das vertentes foi a do nacionalismo exacerbado, que, hipoteticamente, poderia ter nos "salvado da tragédia". A falta de disciplina ferrenha, as cores da camisa e a falta de garra dos jogadores foram os exemplos mais enfatizados. Nesta lógica que buscava no imaginário social a compreensão para o "fracasso", a camisa branca da seleção foi aposentada. Aqui é importante compreender como aspectos classificados como folclóricos, fantasiosos ou sobrenaturais permeiam o esporte. Entendemos essas associações como a força do imaginário que está presente nas práticas culturais. Um concurso promovido pelo jornal *Correio da*

Manhã, que exigia as cores da bandeira nacional no novo uniforme, escolheu o modelo que conhecemos até hoje: camisas amarelas, shorts azuis e golas verdes[112]. Se a seleção representava a nação, ela deveria possuir em seu emblema (a camisa) as cores da nação. Mais do que entender a cor da camisa como uma razão para a derrota, o imaginário nos auxilia a compreender como este "devaneio" pode estar presente na construção narrativa e ser coconstruído pelos interlocutores. Em suma, algumas pessoas poderiam ter certeza que isso não havia sido a causa, mas entenderam que qualquer detalhe, até mesmo a vestimenta dos atletas poderia ser pertinente na elaboração de uma nova narrativa e contribuir com uma nova atmosfera.

Muito além da roupa que os jogadores iriam à Copa, os debates que circulavam nas águas do imaginário nacional ondulavam bastante após a derrota: éramos capazes ou não? A ressaca que a derrota em 1950 causou no imaginário nacional deixou a consciência realmente cambaleante, meio sem rumo, como se estivesse se curando desta ressaca que expandiu o campo esportivo e pelo "estado gasoso" do imaginário, "molhou" outras esferas. A questão moral do brasileiro e do seu caráter teria nesta manifestação cultural tão presente no território nacional, um novo choque entre narrativas.

A CBD investiu em um nacionalismo que recuperaria a moral "abalada" em 1950, com a pregação de uma doutrina quase que militar de "tudo ou nada" pelo time, que esteve presente nas narrativas dos jornais durante a competição. Começar "tudo do zero", com a "pátria acima de tudo", incluindo a camisa, foi a escolha da CBD. E "mudar tudo que tá aí" começava com a escolha do treinador. O técnico do Fluminense, Alfredo "Zezé" Moreira foi amparado pelos dirigentes e fez uma reformulação no elenco, com jovens talentos dos times de Rio de Janeiro e São Paulo. Mais uma vez, evidencia-se a solidificação deste eixo como o resumo do país.

Mesmo com a conquista do Pan Americano realizado no Chile, Zezé enfrentou turbulências. No Sul-Americano de 1953, José Lins do Rego, chefe da delegação, substituiu Zezé por seu irmão Aimoré. Com a derrota e desentendimento entre jogadores e comissão, João Lyra Filho voltou ao comando da delegação para a Copa, reconduziu Zezé ao cargo e escolheu pessoalmente os integrantes da comissão técnica e médica.

Sarmento (2013) destaca que a influência de Lyra Filho fez com que a CBD conseguisse uma verba federal de Cr$ oito milhões para se preparar para a competição. O time foi convocado com antecedência e treinou em Caxambu e Nova Friburgo, locais que se

[112] Segundo o periódico, foram 301 trabalhos recebidos de todo o Brasil. Aldir Garcia Schlee, morador da cidade de Pelotas-RS, foi o vencedor. (CORREIO DA MANHÃ, 17/12/1953, p. 12).

assemelhariam as condições climáticas da Suíça. Pela primeira vez nas Copas, o Brasil foi para a competição de avião, chegando 20 dias antes da estreia. No total, foram quatro meses de preparação para a competição. A entrevista de Zezé um dia antes da estreia reproduzida no jornal *O Globo*, indica a preocupação com a parte física e moral dos atletas. "Antes de mais nada, acredito acima de tudo no estado atlético e moral dos nossos homens. São capazes de dar um pedaço de suas próprias vidas para obter um triunfo honroso neste certame" (O GLOBO, 15/06/1954, p.1).

Nota-se que recuperar a moral e por conta da "desonra" de perder em casa era recuperar o imaginário que havia se desprendido da narrativa em 1950. "Dar a vida" para reestabelecer essa "honra" aproximava o discurso de uma guerra simbólica que o time travaria na Suíça. Uma guerra fria, não só pelo contexto mundial, mas também pelos confrontos existentes entre campos no país para se definir, arbitrariamente, o caráter nacional a partir de um torneio de futebol[113]. A reportagem extensa sobre o treinador termina reforçando a disciplina e como os atletas supostamente haviam a incorporado: "É uma brava gente que dá gosto dirigir, aconselhar, pedir sem exigir, porque não se é preciso ir além de um pedido normal" (O GLOBO, 15/06/1954, p.1). No dia do primeiro jogo contra o México, a *Folha da Manhã* ressalta o poder disciplinador de Zezé ao destacar os jogadores como "pupilos de Zezé Moreira". Essa associação remete ao estilo "sargentão da família", descrito anteriormente. Sarmento (2013, p.93) destaca que a "derrota de 1950 evidenciava a permanência do discurso sobre a dicotomia talento *versus* competitividade". Nesta ressaca moral, o talento e a disciplina seriam a ponta do iceberg dos argumentos daqueles que confiavam e dos que desconfiavam do brasileiro. Na entrevista do técnico à *Folha*, a dualidade indicada por Sarmento é evidenciada: "dizem que os brasileiros têm um estilo muito individualista" (FOLHA DA MANHÃ, 16/06/1954, p.9). Zezé reforça o caminho narrativo da CBD, que já havíamos salientado, ao ressaltar que o time havia aprendido a jogar em grupo, por conta dos treinos. No lado moral, o mundo construído pela narrativa era de designar a Zezé a função de recuperar este sentimento, como veremos a seguir.

Analisamos os jornais do dia 15 de junho até o dia 4 de julho (22 dias). Foram 152 reportagens sobre a seleção e 45 menções a Zezé Moreira. Na *Folha da Manhã* foram 52 sobre a seleção e 22 sobre o técnico, o que mais mencionou nosso objeto nesta competição. Foi a maior proporção que um jornal destinou ao treinador no *corpus,* 42%, o que refletiu na porcentagem final. Somando os três periódicos foi a segunda maior proporção de notícias

[113] Sobre essa questão do caráter nacional, ver Leite (1969).

sobre o treinador em relação à seleção no *corpus*: 29%. Analisando a narrativa dos três jornais inferimos que salvar, reforçar e ampliar o papel da elite era fundamental nessa ressaca e desconfiança com o mito "país do futebol". Seu representante precisava ser exaltado, e, consequentemente, o *habitus* desta elite. Voltando para a *Folha*, foi a primeira vez que ela mandou correspondente para acompanhar a seleção: Aroldo Chiorino. Inferimos aqui que a *Folha*, diferentemente das demais competições, insere-se na atmosfera do ritual Copa do Mundo, passando a fazer parte da representação, mesmo Zezé Moreira tendo mais identificação com os clubes cariocas. Fato que refutou a nossa hipótese de que um jornal paulista comparativamente ao jornal do Rio de Janeiro daria menos espaço para um técnico carioca. A *Folha* trouxe 11 capas sobre a seleção (cinco sobre o treinador). O que nos estimula a sugerir que a presença do jornalista da *Folha* na "atmosfera" da Copa faz com que ele seja "contagiado" pelo imaginário da competição.

No *O Globo*, as tradicionais ênfases aos dirigentes esportivos, políticos cariocas e a presença de dois correspondentes[114] resultou em 65 reportagens sobre a seleção e 16 sobre o técnico. *O Globo* teve 16 informações na capa sobre o time (três sobre Zezé). O *Jornal do Brasil*, estreando em nosso *corpus*, trouxe informações mais tímidas sobre a seleção, 35 no total e apenas sete mencionando Zezé Moreira e nenhuma capa sobre a equipe. A maioria via agência de notícias: *United Press* e *Asa Press.*

A estreia foi formalmente estampada na parte de Esportes do *Jornal do Brasil*: "Auspiciosa estreia dos brasileiros derrotando os mexicanos por 5 x 0" (JORNAL DO BRASIL, 17/06/1954, p.9). *O Globo*, em sua capa, mostra como políticos acompanharam o jogo, e resgata o treinador de 1950 em sua intriga, que ouviu o jogo pelo rádio: "Flavio Costa, acima de tudo, bom brasileiro" (O GLOBO, 17/06/1954, p.1). A própria necessidade de defini-lo como bom, já nos aponta como o ritual Copa do Mundo ainda carregava marcas do "comandante" da edição anterior. É interessante observarmos que no fim da competição em 1950 não encontramos esta narrativa sobre o treinador, que, como representante da elite, foi poupado. Agora, perdendo seus "superpoderes" de "grande ator" em um ritual nacional ele voltava a ser um "homem normal", que, segundo o jornal, estava torcendo pelo Brasil. Os atores do ritual naquela ocasião tinham as suas famílias na intriga da reportagem: "Vibraram com o triunfo as famílias dos scratchmen. A esposa de Zezé Moreira não suportou isoladamente, reunindo-se aos parentes para acompanhar as transmissões" (O GLOBO, 17/06/1954, p.1).

[114] Geraldo Romualdo da Silva e Ricardo Serran foram os enviado do *O Globo*.

A preparação para o segundo jogo contra a Iugoslávia foi destaque na *Folha da Manhã*: "o treinamento dos nacionais até sábado constará apenas de ginástica, exercícios respiratórios e bate-bolas. Além, é claro, de aulas teóricas ministradas pelo técnico" (FOLHA DA MANHÃ, 18/06/1954, p.6). A disciplina dos "pupilos confiantes e preparados" (FOLHA DA MANHÃ, 19/06/1954, p.7) expõe neste trecho como a questão da recuperação moral seria conquistada: "Zezé Moreira alertou os seus pupilos sobre a violência que se observou em certos jogos, principalmente por parte dos suíços. O técnico brasileiro instruiu os jogadores, esclarecendo que, caso seja necessário, ninguém poderá deixar de revidar a altura" (FOLHA DA MANHÃ, 19/06/1954, p.7). Este seria o tom da narrativa sobre o treinador e os atributos cobrados pela elite: um disciplinador que sabia comandar seus pupilos e que não deveria hesitar em tomar atitudes enérgicas para recuperar a moral da nação.

O processo narrativo, por mais que procure criar um mundo, se choca com aspectos da conjuntura durante a interação entre campos. Neste caso, foi a interação dentro de campo que recuperou no imaginário nacional a possibilidade de um "novo fracasso". Os "pupilos de Zezé" empataram em 1 a 1 com a Iugoslávia, após uma prorrogação. *O Globo* afirmou que "Zezé não gostou da atuação do team" (O GLOBO, 21/06/1954, p.4) e destacou a seguinte declaração do treinador: "É lamentável que se tenha treinado quatro meses no Brasil para virmos jogar uma "pelada" na Suíça" (O GLOBO, 21/06/1954, p.4). O jogar uma pelada poder ser utilizado para construir o sentido de que foi uma brincadeira. Além disso, também pode enfatizar que faltou planejamento e organização para os jogadores, que não haviam sido profissionais e não desempenharam o papel estipulado pelo técnico, o que inferimos na declaração de Zezé. Os pupilos não estavam seguindo a disciplina conforme Moreira desejava. Como a *Folha* definiu: "Zezé Moreira não escondeu sua decepção" (FOLHA DA MANHÃ, 20/06/1954, p.17).

O empate indicou não só os problemas dentro de campo, mas também como a tal narrativa de organização decantada pela CBD escorregava nas atitudes de seus dirigentes. Alguns anunciaram no vestiário que haveria uma nova partida contra a Iugoslávia para definir a vaga na próxima fase. "Classificado o Brasil para as quartas de finais. Os dirigentes não conheciam o regulamento, e os jogadores desesperaram-se com a perspectiva de um novo jogo" (O GLOBO, 21/06/1954, p.4). Nesta atmosfera, a *Folha da Manhã* trouxe uma reportagem que constrói uma intriga que pretendia desvendar os motivos do Brasil, ainda não ter sido campeão do mundo. "Ainda" por conta do título enfatizar: "54 pode ser o ano de ouro para o futebol brasileiro" (FOLHA DA MANHÃ, 20/06/1954, p.18). Aqui, projeta-se nitidamente um mundo de resgate da narrativa de sermos os melhores do mundo, explicando

como atingir este objetivo, mantendo latente o imaginário do ritual da competição construído em 1938 e reforçado em 1950. O texto de Mario Miranda ressalta que "perdemos em 1938 por incompreensão e por política da CBD, e perdemos em 1950 por excesso de time" (FOLHA DA MANHÃ, 20/06/1954, p.18). Segundo o mundo projetado pelo jornalista, o jogador Domingos da Guia, em 1938, teria sido vítima da má preparação psicológica[115]. Compreendemos que após a derrota em 1950, a questão moral/psicológica e, consequentemente do caráter nacional passou a permear o imaginário e a definição do brasileiro, ficando mais em evidência na narrativa. Fato que não aconteceu, por exemplo, na "explicação" da derrota em 1938. Os técnicos também são postos na fachada da justificativa: "Ademar Pimenta fez o "papel" e não a "função" de técnico", e finaliza buscando manter o ímpeto e a confiança no time, ao afirmar que "Zezé é preparado para cumprir a função".

A missão de Zezé Moreira era vencer o time da Hungria. Os jornais tratavam o confronto como o "match do século". Os dias que antecederam a partida foram marcados por notícias dos treinamentos comandados por Zezé e pela oscilação entre confiança e ceticismo na vitória na narrativa dos três jornais. Na linha dos treinamentos, a ideia de disciplina, tática e a recuperação da moral foram a tônica nas falas de Zezé: "Estamos confiantes. Procurarei apenas ajustá-lo ao sistema de jogo dos húngaros. [...] Poderemos conseguir ampla reabilitação no jogo contra a Hungria. O ambiente entre os jogadores é o melhor possível" (FOLHA DA MANHÃ, 22/06/1954, p.7). Os treinos "rigorosos" e "individuais" dos jogadores eram enfatizados, sempre destacando que "o programa de treinos para esta semana já foi elaborado por Zezé Moreira" (FOLHA DA MANHÃ, 24/06/1954, p.7).

As colunas de Odilón C. Bras na *Folha da Manhã* nos indicam este mundo cambaleante que a ressaca de 1950 provocava sobre o destino da seleção. No dia 22 de junho, Bras destacava o prestígio que o futebol brasileiro tinha na Europa, mesmo com a derrota de 1950 e corrobora a interpretação de Sarmento da dicotomia entre "escolas de futebol" e tende a trazer para a intriga a proposição de Freyre: "O Brasil representando a malícia, o pendor natural de sua gente para o esporte das multidões, a Hungria, retratando o espírito de organização dos europeus" (FOLHA DA MANHÃ, 22/06/1954, p.7). No dia seguinte o autor mostra como a derrota de 1950 ainda permanecia viva na atmosfera nacional: "a principal preocupação do técnico Zezé Moreira tem sido conduzir seus comandados por caminhos

[115] Atribui-se ao pênalti cometido por Domingos da Guia no jogo contra a Itália a derrota da seleção. O atacante italiano Piola teria provocado Domingos, que com o jogo paralisado, o agrediu. O juiz assinalou a falta e a Itália ampliou o placar para 2 a 0. Interessante notar que nos jornais pesquisados em 1938 não encontramos a abordagem psicológica no revide de Domingos.

seguros no terreno psicológico" (FOLHA DA MANHÃ, 22/06/1954, p.7). E completa acreditando que o Brasil jogaria de forma defensiva:

> Agora a situação é inversa. Os reis são os húngaros, e somos nós os que jogamos em sentido defensivo. Mas é interessante observar que, enquanto eles colecionam vitórias, nos colecionamos títulos. Fomos buscar no Peru[116] (Sul-Americano). O primeiro conquistado fora de casa. Naquela campanha também surgiram críticas pesadas contra Zezé. Diziam que o quadro não atacava e que aquilo não era o futebol brasileiro. Tudo exatamente como agora, sobretudo depois do empate contra a Iugoslávia. [...] Não sejamos pessimistas. Os homens escolhidos por Zezé são nós brasileiros, homens que desejam, tanto quanto nós, trazer a taça Jules Rimet. São escolhidos porque são homens que lutam. Precisamos tirar da cabeça essa ideia de que nossos craques são covardes. De nossa parte, confiamos neles. De nossa parte, confiamos neles. Sabemos que podem perder da Hungria, mas há de ser lutando com armas iguais, com devotamento e coragem. (FOLHA DA MANHÃ, 22/06/1954, p.7).

É uma intriga interessante para se analisar. Ele interpreta uma inversão nos papéis do *frame*, no qual se esperaria da seleção jogar ofensivamente. Ao mesmo tempo, segue a linha de defender tal postura com a argumentação da eficiência, principalmente ao interpretar que o título seria o mais importante. Ou seja, jogar eficiente se mediria com a conquista do título, ao passo que a Hungria, mesmo sendo um time "encantador" poderia não vencer. É uma visão tecnocrática. Em seguida a ideia de espantar o pessimismo e acreditar na "luta" dos jogadores, procura rebater as críticas de falta de "coragem" do brasileiro.

Um dia depois, Odilon responde a uma enquete feita na Suíça que colocava o time brasileiro bem avaliado no talento e em "último lugar" no lado moral, "como se fossemos uma raça inferior, incapaz de reagir nos momentos difíceis. Isto é um absurdo! É contra isso que Zezé Moreira tem lutado, na direção do nosso "scratch" e é por essa razão que o seu trabalho deve ser compreendido e apoiado" (FOLHA DA MANHÃ, 25/06/1954, p.7). É nítida a ideia de que o treinador restauraria a moral dos atletas. A disciplina x talento aparecia nos jornais suíços. A disciplina, atributo confiado a Zezé, seria o nosso defeito maior, exatamente o que não interessava a elite representada pelo treinador. "E agora Zezé?" perguntava a capa do jornal *O Globo* no dia 25 de junho de 1954. A narrativa faz uma alusão ao poema de Carlos Drummond de Andrade, indicando que seria melhor vencer (eficiência e disciplina) do que dar dribles desnecessários (talento e improviso).

A atmosfera era de uma Guerra Fria. A concentração se tornara uma "cortina de ferro", proibindo a entrada de "pessoas estranhas". Temia-se que a concentração "aberta"

---

[116] Aqui, consideramos equivocada a informação do jornalista. O Brasil sagrou-se campeão no Sul-Americano do Chile em 1952 com Zezé Moreira no comando. No torneio disputado no Peru, em 1953, a seleção ficou em segundo lugar e com o irmão de Zezé, Aimoré Moreira, como treinador.

como a de 1950, desconcentrasse os jogadores. A reportagem, via agência de notícias, do *Jornal do Brasil* um dia antes do jogo mostra que a preleção foi quase que um grito de guerra:

> Os brasileiros se reuniram, esta manhã, a porta fechadas com os jornalistas de seu país que os acompanham. [...] Segundo Moreira, a conferência não teve outro objetivo senão permitir aos correspondentes brasileiros exortar os jogadores a se empregarem fundo contra a Hungria. Para tal fim, os cronistas e os delegados pronunciaram ardorosos discursos, e do exterior se ouviam, de quando em quando, ruidosos aplausos. Depois dos discursos, foram lidos aos jogadores uma centena de mensagens telegráficas dos aficionados que ficaram no Brasil, fazendo apelos a seus representantes para que façam o máximo de esforço por levar, de gresso a seu país, as honras e a glória do triunfo (JORNAL DO BRASIL, 26/06/1954, p.11).

Acompanhando o processo narrativo ao longo da competição não é de se estranhar que se chegasse à véspera do então jogo mais importante da competição com essa atmosfera. Os jornalistas se assumem membros da representação, não só cumprindo seu papel de mediador das informações, como também cobrando e discursando para os jogadores sobre a importância da vitória. Era o imaginário de "sermos os melhores" "falando" e tentando manter o mito país do futebol. O rito necessitava de ajustes, de elementos que fizessem o mito ainda ter sentido no imaginário nacional. Neste ponto, é importante ressaltar que biografias de atletas que disputaram aquela competição, como a do lateral Nilton Santos, indicam uma outra interpretação[117], diferente dos dirigentes e dos jornais: "Até aquele momento, achávamos que estávamos ali para disputar uma Copa do Mundo, não sabíamos que íamos para a guerra" (SANTOS, 1998, p.71). Nilton afirma que os jogadores foram obrigados a beijar a bandeira nacional no vestiário antes de entrar em campo.

O próprio Nilton Santos se envolveu em uma confusão durante o jogo e foi expulso. A Hungria venceu por 4 a 2 e as manchetes destacaram: "Derrotados os brasileiros pelas falhas da arbitragem. Dois tentos em offside e um penalty inexistente" (O GLOBO, 28/06/1954, p.4). "Brasil e Hungria advertidos"; "Incidentes lamentáveis provocados por Puskas. Conflito entre jogadores e dirigentes brasileiros e húngaros" (FOLHA DA MANHÃ, 29/06/1954, p.7). "O Brasil encaminha enérgico protesto à FIFA"; "A calamitosa atuação do árbitro, em benefício dos húngaros, influi decisivamente no resultado – 4 a 2, um placar que não reflete o desenvolvimento da peleja" (FOLHA DA MANHÃ, 29/06/1954, p.8). "Não perdemos para a Hungria: fomos apenas derrotados por Mister Ellis"; "Ainda hoje, milhões de brasileiros, indisfarçáveis na sua dor, comentam em voz baixa o revez sofrido pelo quadro nacional, domingo passado próximo" (JORNAL DO BRASIL, 30/06/1954, p.17).

---

[117] Apesar de criticar esse clima, Nilton Santos afirma em sua biografia que João Lyra Filho era um "grande homem".

O Brasil teria jogado de “igual para igual” com o “bicho papão” do torneio. A derrota só teria acontecido pela parcialidade do juiz inglês Mr. Ellis. No fim do jogo, uma briga generalizada nos vestiários indica que o desejo dos dirigentes de “perder com honra” foi cumprido. Todos esses acontecimentos ficaram conhecidos nas narrativas sobre a Copa e sobre a seleção como “Batalha de Berna”. O clima épico narrado nos jornais promovia o mito “país do futebol” e criava um mundo que associava a derrota às ações desleais de membros que deveriam cuidar da idoneidade do jogo: o juiz. O projeto da CBD havia sido positivo e só perdeu por “má sorte”. Notamos uma tentativa de salvar o “país do futebol”. Perder seria interferência externa, era preciso continuar acreditando no mito e se preparar para o próximo ritual.

Neste contexto, tivemos apenas uma notícia negativa sobre Zezé (*O Globo*), 14 positivas (9 na *Folha da Manhã*, 4 no *O Globo* e 1 no *Jornal do Brasil*). Compreendemos que, mesmo com eliminação, o mundo criado pelos jornais de disciplina e estratégia deu suporte a narrativa positiva de Zezé, já que, como vimos, a derrota foi explicada pela “má atuação” do juiz inglês.

O mundo do *Jornal do Brasil* indica o clima de “dor” no país com a derrota. Era a quinta participação na Copa do Mundo, a terceira depois do nascimento do país do futebol e a nossa “sina” não era cumprida. Sarmento (2013) destaca que o discurso da CBD era: um esquema comunista no qual o juiz do jogo Arthur Ellis, inglês, fazia parte, privilegiou os húngaros (ateus e comunistas) que tinham zombado da padroeira do Brasil. Não encontramos tais argumentações em nosso *corpus*, mas a atmosfera de Guerra Fria e a necessidade de escolher os culpados torna plausível que tal imaginário circundasse e fosse verossímil para alguns brasileiros.

Foram 30 notícias neutras, sendo 13 na *Folha*, 11 no *O Globo* e seis no *Jornal do Brasil*. Menções como “técnico” foram duas na *Folha*, cinco no *O Globo*, duas no *Jornal do Brasil*. “Nome de batismo” foram 18 na *Folha*, sete no *O Globo* e uma no *Jornal do Brasil*. “Treinador”, duas na *Folha*, três no *Jornal do Brasil*, uma como “diretor” e quatro como “selecionador” no *O Globo*. “Técnico” e “treinador” se consolidam como as categorizações mais usadas após o “nome de batismo”, sustentando a ideia de que o referencial imediato havia se enraizado com tais termos. “Diretor” e “selecionador” foram usadas se remetendo à autoridade que Zezé teria com os jogadores, como já apresentamos. O “nome de batismo” também reforça que, com a solidificação da função do treinador no imaginário nacional, apenas a menção ao nome de batismo do treinador já estimularia o leitor a buscar nas águas imediatas deste imaginário o seu significado.

Assim, o popular Zezé reforçou a narrativa da CBD ao declarar que: "a má sorte e a parcialidade do árbitro nos impediu de vencer" (JORNAL DO BRASIL, 30/06/1954, p.17). A preparação e organização de Zezé teria esbarrado na "sorte". O jornal *O Globo* consolida de vez a discussão sobre o talento x organização: "O "sistema" seria o culpado pela derrota do Brasil?" (O GLOBO, 01/07/1954, p.10). Na reportagem, a única negativa sobre Zezé, Ademar Pimenta condena a rigidez das táticas de seu colega de profissão:

> Não se pode adotar um único sistema e, sim, selecionar os cracks de mais elevada categoria, capazes de executar de um match para o outro, ou mesmo durante uma só partida, diversos sistemas. [...] A maior arma do scratch húngaro tem sido a improvisação, variando de conformidade com as táticas adversárias. E eles estão com toda a razão[118] (O GLOBO, 01/07/1954, p.10).

Poderíamos interpretar como inusitado o depoimento do treinador que, como vimos, iniciou a ideia de táticas e sistemas de jogo nas Copas, agora relativizá-las e exaltar o improviso. Porém, julgamos mais apropriado compreender que o Ademar que apresentamos neste texto no *frame* Copa de 1938 era uma personagem construída pela narrativa dos jornais. Ele até poderia pensar desta forma em 1938, porém tal pensamento ficaria nos bastidores, exatamente por não se adequar ao modelo de líder pretendido pela elite. Valendo-se agora de uma posição no campo diferente de quando era o representante da elite, Ademar mostra um outro olhar. Ou seja, Ademar ou qualquer um dos treinadores analisados nesta tese possuem facetas diferentes das enquadradas na Copa do Mundo em que ele foi "o" treinador. Dentro do frame da competição, seu papel é construído com o imaginário da elite e do seu *habitus*.

A chegada da delegação no dia 5 de julho foi destacada nos jornais com homenagens aos atletas e a entrega de uma miniatura da Jules Rimet a Zezé Moreira. Com três jogos, sendo uma vitória, um empate e uma derrota, a narrativa sobre o treinador foi, em linhas gerais, positiva. Ele foi um membro da elite neste campo, disciplinando os atletas e elevando a moral de "seus pupilos". Todavia, questionamentos nos jornais indicavam um novo rumo nesta narrativa[119].

---

[118] Guterman (2009) afirma que o "segredo" do time húngaro era o aquecimento. Os jogadores corriam nos vestiários minutos antes do jogo começar. A ideia era já entrar em campo "a todo vapor", ao passo que os adversários ainda estariam se adaptando ao estímulo físico. Com isso, os húngaros frequentemente abriam os placares dos jogos antes mesmo dos dez minutos iniciais, fato ocorrido em todos os jogos da equipe na Copa. O processo foi considerado revolucionário e mudaria a concepção de treinamento. Vários técnicos húngaros se espalharam pelo mundo após esta Copa e, em seguida, em decorrência da Revolução Húngara em 1956, levando tais métodos. Aproveitou-se o capital simbólico da seleção que, apesar de derrotada pela Alemanha na final por 3 a 2, foi considerada um dos grandes times da história do futebol.

[119] Apesar de não surgir de forma clara nos jornais pesquisados, a questão moral e da raça é também foi posta como justificativa para a derrota. Nelson Rodrigues expande o campo esportivo nesta coluna e interpreta da seguinte forma a derrota brasileira: "E não era uma pane individual, era um afogamento coletivo. Naufragaram ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista. Nessas ocasiões, falta o principal. Estão a postos os jogadores, o técnico e o massagista. Mas quem ganha e

A intriga aproveitou as críticas dos europeus: “um sistema errado e falho, que acabará por matar o *football* brasileiro. Jogadores fabulosos, sistema ridículo” (O GLOBO, 01/07/1954, p.10). Importante ressaltar como a “voz” europeia possui uma força simbólica na elite nacional. É como se o “centro” emitisse suas “ordens” para a “periferia”. Se nossos jogadores eram fabulosos e o esquema era ridículo, e a tal organização não nos teria levado à vitória, o imaginário oscilava para o lado do talento nacional.

A estreia na seleção de dois jovens consolidaria este imaginário de um modo que o “país do futebol” ganharia suas maiores referências e duas faces de uma moeda extremamente valiosa ao capital do campo futebolístico. A simbologia do futebol na nação como espaço para a disputa de imaginários e narrativas teria, com Garrincha e Pelé, a sua “Era de Ouro”. Na bifurcação da estrada elaborada por Freyre, vencer três Copas em quatro disputadas levou a “organização” para os bastidores, que ainda apareceria por ser um atributo da elite, mas focou os holofotes definitivamente no “talento incomparável” do brasileiro. Veremos que, nos “minutos finais” do nosso jogo da tese, a função de nosso objeto será “não atrapalhar o talento”.

Tabela 17 – Reportagens Copa de 1954:

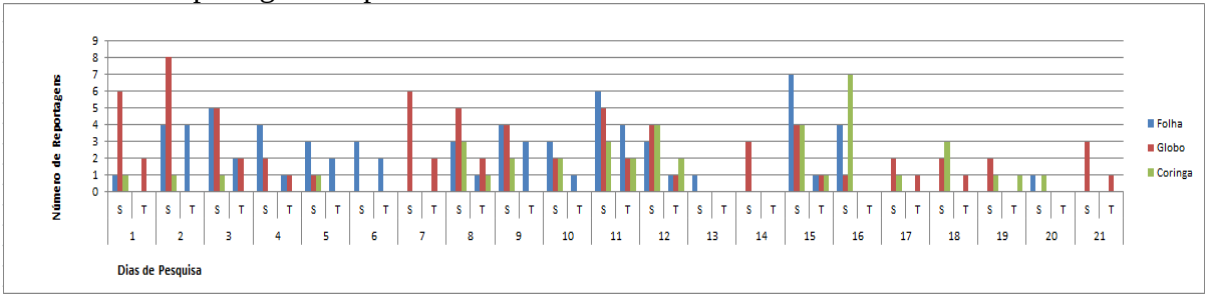

Tabela 18 - Avaliação Quantitativa Copa de 1954:

Total Quantitativo					
1954	Seleção	Técnico	Porcentagem Técnico	Seleção 3 jornais	Técnico 3 jornais
Folha	52	22	42,30769231	152	45
Globo	65	16	24,61538462		
Jornal do Brasil	35	7	20		

perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai” (RODRIGUES, 1994, p.26). Afirmação do brasileiro como povo passava pelo futebol, era preciso solidificar a ideia de que o brasileiro dava certo e a conquista da Copa se torna quase uma obsessão para tal processo. Tais questões voltarão na análise da Copa de 1958.

Tabela 19 - Avaliação Qualitativa Copa de 1954:

Avaliação			
1954	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	0	9	13
Globo	1	4	11
Jornal do Brasil	0	1	6

Tabela 20 - Categorizações Copa de 1954:

Categorizações					
1954	Técnico	Diretor	Nome de batismo	treinador	selecionador
Folha	2	0	18	2	0
Globo	5	0	7	0	4
Jornal do Brasil	2	1	1	3	0

5 **A ERA DE OURO: “NÃO ATRAPALHEM NOSSO TALENTO”**

Se no capítulo 3 interpretamos a Copa de 1938 como um momento chave da narrativa do “país do futebol”, consideramos que 20 anos depois tal narrativa vai atingir seu clímax. Este capítulo compreende um período onde o simbolismo do futebol no país atinge seu ápice em nossa história. Do título em 1958 até a posse definitiva da Jules Rimet em 1970, o futebol reforçou ser um local de disputas de imaginários da sociedade. Os conflitos que tentavam erguer projetos de nação que vimos até aqui, vão se acentuar neste período. Os rearranjos entre as elites mantiveram o campo esportivo como um local importante nessas disputas. Da ideia nacional desenvolvimentista à ditadura militar, a Copa do Mundo mantém-se como momento de “definição do nacional”, que se firma como um ritual nacional nas expressivas representações de festa que acompanharam as conquistas, tornando-se uma narrativa comum à nação e reforçando os quadros já elaborados em 1938 para tal interação. O tricampeonato da seleção marca a solidificação da simbiose nação e seleção como a imagem imediata buscada no imaginário nacional, o que Nelson Rodrigues definiu com a expressão “pátria de chuteiras”.

Neste capítulo veremos os caminhos que tais rearranjos tiveram e, consequentemente, como projetaram a figura do treinador a outro patamar, captando as mudanças entre os conflitos entre campos para se definir o *habitus* da elite nacional. Analisaremos como a idolatria mundial ao nosso futebol interferiu no conceito de treinador no Brasil e como as figuras de Pelé e Garrincha vão catapultar as ideias de Gilberto Freyre para definir o nosso futebol, mas com o pano de fundo do “modelo empresarial” e “modelo militar” querendo alcança-las.

5.1 **1958: O “gordo” e os gênios**

Getúlio Vargas, que em seu governo conseguiu agrupar as elites nacionais em torno de um projeto de nação e acreditava na simbologia seleção/nação, não pode acompanhar o ápice de sua aspiração no campo esportivo e a concretização desta concepção nascida em 1938. Mas uma ditadura militar, que tinha o poder no país em 1970 e disputou fortemente a construção do imaginário da vitória na Copa de 1970, presenciou a efetivação deste pensamento. Essa mesma ditadura, implantada em 1964 com um golpe militar, poderia já estar no governo em 1958 se não fosse um gesto político intenso do próprio Vargas.

Com o seu suicídio em 24 de agosto de 1954, uma pujante disputa entre campos para redefinir o controle nacional estabeleceu dois campos distintos, adiando em 10 anos o golpe militar em curso (BARBOSA, 2002). De um lado seu vice Café Filho, que assumiu o governo e incorporou elementos da UDN (partido que intensificou a narrativa de populismo para combater Vargas, tendo Carlos Lacerda como principal líder), setores considerados entreguistas e prometeu eleições para outubro de 1955. Os militares deste grupo entreguista clamavam por uma "união nacional" contra o "mar de lama", a favor de uma "reforma do sistema político" e tinham como candidato a presidente o general Juarez Távora, ex- líder tenentista que ajudou Getúlio em 1930 e foi contra a criação da Petrobrás. De outro lado, estavam grupos políticos ligados a Getúlio e setores militares considerados nacionalistas, que defendiam a proposta de industrialização e as recentes estatais criadas por Vargas. O representante deste grupo nas eleições era o mineiro Juscelino Kubitschek, candidato do PSD com João Goulart (PTB) como vice e apoio dos comunistas (PCB) (GUTERMAN, 2009).

Com Juscelino como favorito, Carlos Lacerda declarou: "Juscelino não deve ser candidato. Se for, não deve ser eleito. Se for, não deve tomar posse. E se tomar posse, não deve governar, deve ser deposto" (GUTERMAN, 2009, p.112). Juscelino venceu. Udenistas e militares tentaram impugnar o resultado alegando "mentira democrática" e, com o infarto de Café Filho, tiveram na substituição do vice por Carlos Luz, então presidente da câmara, a chance de cumprir a profecia de Lacerda. O general Henrique Teixeira Lott, deu um "golpe preventivo" em 11 de novembro, para garantir a sucessão presidencial e Juscelino tomou posse no dia 31 de janeiro de 1956.

A busca de uma modernização do país tinha na construção da nova capital Brasília o resumo do lema de seu mandato: "50 anos em 5". No seu "Plano de Metas[120]", Juscelino optou pelo chamado nacional desenvolvimentismo mantendo a linha econômica varguista, mas com abertura para o capital estrangeiro. O PIB cresceu 7 % ao ano entre 1955 e 1961. A recuperação da autoestima nacional seria apoiada nesta modernização e na entrada de ideias estrangeiras (GUTERMAN, 2009). Proni (2000) destaca que é possível estabelecer um paralelo entre esses "anos de ouro" da seleção com a vida econômica e política da nação: essa modernização "implicava absorção de capital, tecnologia e padrões de produção e consumo originários da Europa e dos EUA" (PRONI, 2000, p.135).

[120] Planejar, ter metas e cumpri-las se encaixa no perfil do gerenciamento de empresas. Interpretamos o Plano de Metas como uma influência do campo econômico no campo político, clarificando a ideia tecnocrática de Postman que vimos no item 1.5.

Nesta reconfiguração, o campo esportivo também sofreu alterações. A narrativa apresentada em 1954 de que tínhamos bons jogadores, mas uma organização e tática ruins se tornou mais enfática. O futebol disciplinado e "científico" dos países socialistas, em especial a Hungria, era um "case de sucesso" de como coordenar atletas de alto nível. Seria necessário buscar algo de fora, não existente em nossa "essência" para sermos "campeões". O cenário internacional alimentava esta "troca de saberes". O considerado sucesso de público da Copa de 1954, primeira televisionada e transmitida para 33 países, intensificou a interação entre os treinadores europeus, já que com o fim da Segunda Guerra Mundial a presença de público e receitas cresceu em todo o continente[121]. "Vender a experiência dentro de campo" se tornou um negócio.

Em 1957, o São Paulo "compra essa experiência" com a contratação do treinador húngaro Béla Guttmann. Guttmann já tinha treinado o Quilmes da Argentina em 1953 e se adaptava ao *habitus* sul americano. O treinador se considerava um especialista em futebol, alguém que sabia aplicar esse conhecimento e transmitia autoridade aos jogadores, com foco nos treinamentos intensivos (mais de duas horas de parte física) e individualizados[122] (treinava goleiros, zagueiros e atacantes em separado). Guttmann entendia que cada um teria um função específica e precisava treinar para isso. Esse "estrangeiro salvador", agregado ao capital simbólico que a Hungria espalhou pelo campo esportivo, fazia a sua contratação ser a solução para uma necessária modernização do futebol nacional. Era alguém do centro (Europa) que ensinaria a periferia (Brasil). A própria biografia do treinador escrita por Detlev Claussen (2014), destaca que após uma "surra futebolística" da Hungria diante da seleção brasileira em 1954, "o Brasil se mostrou aberto a know-how estrangeiro, e havia até mesmo a disposição de dar mais chances ao enorme potencial dos jogadores negros" (CLAUSSEN, 2014, p.12). Nota-se que a narrativa de "surra" se opõe completamente à narrativa dos jornais pesquisados durante a Copa de 1954. Guttmann foi campeão paulista em 1957 e destacou em sua bibliografia os problemas do futebol nacional. O primeiro seria a pressão da mídia nacional em cima do treinador, o que seu compatriota Kruschner não soube contornar. O segundo, os embates que aqui já salientamos: "jogava-se sobre os supostos indisciplinados negros a responsabilidade por derrotas. Muito pior que na Itália, abriram-se abismos sociais

[121] Com a criação da Liga dos Campões dos clubes europeus em 1955, o campo esportivo europeu se reunifica. A competição vai contribuir diretamente com este intercâmbio que mencionamos. O aparato tecnológico televisivo vai interferir, assim como o rádio na década de 1930, neste aumento da popularidade do esporte.

[122] Neste tipo de treinamento, os jogadores supostamente entendiam sua função no time e assumiam papéis de confiança do treinador. A narrativa dos jornais pesquisados destaca que a presença dos atletas Mauro, Dino e de Sordi, que fizeram parte da seleção de 1958 e atuavam pelo São Paulo, foi em função de possuir este *habitus*.

entre elitistas diretorias brancas e jovens jogadores mal-alfabetizados, advindos de condições sociais mais humildes e que temiam voltar e sumir no isolamento em caso de má conduta" (CLAUSSEN, 2014, p.101). Essa visão "de fora" é importante para reforçar como os jornais pesquisados "douravam" a disciplina como algo "necessário" e "natural" para o progresso do futebol, deixando às sombras as questões postas pela biografia de Guttmann.

Tal percepção de Guttmann se encaixa com a nossa interpretação sobre tal período, a qual os treinadores seriam a ponte entre esses abismos. Contra essa violência simbólica, Guttmann propôs criar um "espírito de equipe" que não lançaria mão de práticas já presentes no imaginário do treinador nacional: "disciplina rígida e orientação individual. A vida noturna tropical depois das 23 horas era tão proibida quanto o carteado e dinheiro no centro de treinamento" (CLAUSSEN , 2014, p.101). Guttmann ressalta que a tática e por consequência o papel do treinador no Brasil na década de 1950 tiveram uma importância social comparável a que existiu na Hungria dos anos 1940. O modelo de Guttmann em que cada jogador sabia exatamente o que ia fazer em campo e treinava especialmente para suas funções era uma espécie de *Toyotismo* do futebol. Um modelo de produção que se baseava, dentre outros fatores, na "melhora e cobrança dos desempenhos", por um treinamento específico para cada função e o "trabalho em equipe". O nosso suposto "atraso", aqui podemos dizer tanto como nação como no futebol, só seria "superado" pela organização científica do trabalho, narrativa que se aproxima da interpretação de Postman (1994). Neste cenário, a própria função do treinador passa a ser desmembrada em outras atividades, como preparador físico, psicólogo, auxiliar técnico, que comporiam a comissão técnica. Por mais que Guttmann afirme que o papel do treinador tinha valor no Brasil nos anos 1950, sua evidente valorização foi acompanhada de uma divisão de tarefas e uma narrativa de que a comissão teria o um peso simbólico semelhante ao do treinador. Dentre os membros da comissão de Guttmann, estava Vicente Feola, seu auxiliar técnico e também auxiliar técnico de Flávio Costa durante a Copa de 1950. Feola seria o "homem ideal" para comandar o Brasil na sexta Copa do Mundo. Mas como alguém que era auxiliar técnico "pularia" etapas e chegaria a treinar a seleção no nosso maior ritual? A intensa interação entre campos neste período nos ajuda a compreender a modificação no que seria o "perfil ideal" para ser o treinador da seleção.

Na interação com o campo econômico, tivemos os primeiros passos do "modelo econômico" e "gestão" do futebol no Brasil. Sylvio Pacheco, então presidente da CBD, patinava em resultados considerados "fracos" e a narrativa era de que "não se conseguira atingir o ideal de constituição de um time sólido" (SARMENTO, 2013, p.107). Os conflitos entre campos levaram um ex- nadador do Fluminense, que participou de duas olimpíadas,

filho de pai suíço e que também conhecia os bastidores das federações paulistas e cariocas, a presidência da CBD (SARMENTO, 2013). Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange assumiu a presidência da CBD em 14 de janeiro de 1958 e implantou um modelo empresarial na estrutura da instituição. A ideia de renovação era clara: "a centralização da gestão esportiva sai de cena para dar lugar a um novo conjunto de gestores, com táticas e objetivos nitidamente distintos (SARMENTO, 2013, p.108). Havelange tinha a "experiência" do campo econômico administrando a empresa rodoviária Cometa. Segundo Guterman (2009), mesmo declarando não conhecer do assunto, ele declarava que o importante não era "conhecer" e sim saber gerenciar. O presidente da CBD inaugura oficialmente o modelo tecnocrata na administração do futebol nacional. Para auxiliá-lo neste processo, nomeou Paulo Machado de Carvalho, dono das rádios Panamericana e Record, além da TV Record, como chefe da delegação que iria a Suécia. Paulo definiu a comissão técnica e planejou minuciosamente as ações da seleção, desde a apresentação dos jogadores até a partida final, distribuindo funções específicas aos membros da comissão. As narrativas midiáticas destacaram que jamais o Brasil havia se planejado e se preparado tanto para uma competição. Até um psicólogo foi contratado para avaliar os jogadores e tentar identificar, sem sucesso, a causa de nosso suposto destempero emocional nas decisões. A vitória só viria com a organização gerencial, que cuidasse de todos os detalhes, inclusive o lado moral, como Sarmento destaca: "encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e progresso" (SARMENTO, 2013, p.109). Foi Paulo que escolheu Vicente Feola com treinador.

Com as transformações em curso, o modelo empresarial já postulava Paulo Machado como chefe, um "empresário de sucesso" que forneceria o que faltava a seleção[123]. A escolha de Feola foi considerada uma surpresa e criticada por setores contrários ao grupo de Havelange. Feola tinha problemas cardíacos e era "apenas" auxiliar de Guttmann. Como Guterman enfatiza: "Feola desbancou o favorito Flávio Costa, técnico de 1950, porque tinha o perfil ideal para o trabalho em equipe que estava sendo montado" (GUTERMAN, 2009,

[123] Este modelo empresarial foi inserido no imaginário dos torcedores e passou a ser uma explicação para as derrotas de algumas equipes. A seleção da Argentina, por exemplo, eliminada da competição na primeira fase, teve esta recepção: "futebolistas argentinos foram recebidos com uma chuva de moedas" (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/06/1958, p.11). Presente no imaginário, a mercantilização do futebol provocaria reações populares e queixas como a "falta de amor ao clube" e maior apreço ao dinheiro, que mudaria o envolvimento do atleta, ou seja, o dinheiro seria maior que o amor ao clube ou, neste caso, ao país. Reações como estas podem ser vista até hoje, indicando como este conflito é intermitente. Existe reação às narrativas impositivas desta elite e serão mais intensas nas análises das Copas a partir de 1970, quando o próprio Havelange assume a FIFA e eleva a mercantilização do esporte.

p.125). O "perfil ideal", ou o *habitus* estipulado para o treinador naquela ocasião seria de alguém que aceitaria a interferência externa de uma elite que agora fazia parte da "comissão técnica" e faria a "gestão" direta do "trabalho de equipe". Em suma, Havelange e Carvalho seriam os homens fortes, ao passo que Feola seria o coadjuvante.

Logo no primeiro dia de análise encontramos uma narrativa no jornal *O Globo* que fazia um "retrospecto dos acontecimentos, antes que a vitória ou a derrota possa influir no ponto de vista dos aproveitadores" (O GLOBO, 07/06/1958, p.3). Assinada pelo enviado especial do jornal a Suécia, Ricardo Serran, a intriga constrói um mundo defendendo Feola, elaborando a nova compreensão do papel do treinador nesta nova conjuntura:

> Ao contrário de quase todos, nunca discutimos, por exemplo, a escolha de Vicente Feola, cujas qualidades foram provadas nas fases iniciais da preparação. Sem ser o "homem-Deus", selecionou os elementos que realmente eram mais capazes, formando uma equipe que, somente, tem dado alegrias ao torcedor (O GLOBO, 7/06/1958, p.3).

Mais adiante encontramos a tentativa de moldar o imaginário nacional sobre a descentralização do papel do treinador, diluindo-o na comissão técnica, inclusive já familiarizando as funções e nomes aos leitores:

> deve-se esclarecer ao público, que não é o técnico que escala sozinho a equipe, embora, de um modo geral, venha prevalecendo a sua opinião. Os outros, frise-se, na pior das hipóteses tem colocado o seu aval nas recomendações de Feola e se na vitória final ou parcial não estiver no "script", tenham certeza os leitores de que a responsabilidade está dividida entre Feola mesmo, Carlos Nascimento, Paulo Amaral, José de Almeida e Hilton Gosling, com ligeiras sobras para o chefe Paulo Machado de Carvalho e alguns de seus colaboradores diretos (O GLOBO, 7/06/1958, p.3).

João Havelange, apesar de não ter experiência no futebol, aparece como "um homem de bem". Serran fala que pensava-se em Fleitas Solich e Zezé para o cargo, mas Havelange encerrou as disputas apostando em Feola e sua "transbordante tranquilidade": "nem mesmo a entidade e seus filiados acreditavam que o administrador do São Paulo fosse "the right man in the right place" (O GLOBO, 7/06/1958, p.3). E termina exaltando que: "é com alegria que se pode afirmar: os craques do Brasil deixaram de ser eles mesmos, colocando-se acima dos interesses pessoais" (O GLOBO, 7/06/1958, p.3). Interpretamos como uma defesa clara dessa "nova gestão", inclusive ao destacar a importância dos jogadores se adaptarem a um "bem maior" e de interpretar Feola como o "homem certo no lugar certo"

O *Jornal do Brasil* seguiu a mesma linha com uma reportagem, assinada pelo enviado especial Carlos Lemos, sobre Havelange, exaltando a sua organização e a figura de Paulo Machado de Carvalho. Lemos ainda entrevistou o massagista Mário Américo, trazendo um

extenso perfil do integrante da comissão técnica e no dia seguinte fez uma reportagem nos mesmos moldes com o preparador físico Paulo Amaral. O mundo criado pelos jornais visava "ensinar" ao leitor o que seriam essas novas funções no ritual Copa do Mundo.

Após a vitória na estreia por 3 a 0 sobre a Áustria, a questão dos nervos ainda apareceu como parte central da intriga: "Brasil ganhou bem apesar dos nervos" (O GLOBO, 9/06/1958, p.1). E o modelo empresarial também, na frase de Feola: "O Brasil produzirá muito mais" (O GLOBO, 9/06/1958, p.5). O "jogar melhor" é alterado para uma metáfora industrial: produzir mais. Aqui ressaltamos que ao ser inserido no imaginário a relação esporte/indústria a metáfora é possível. Os "chefes" aparecem na *Folha da Manhã* comentando o jogo: "Paulo de Carvalho confiante para o jogo contra a Inglaterra" e "João Havelange manifesta-se a respeito da vitória do Brasil: a vitória pertence a todos os brasileiros" (FOLHA DA MANHÃ, 10/06/1958. p.14).

No dia 11, o rumo narrativo se assemelha muito ao das demais competições, com a primeira aparição de Feola na *Folha da Manhã,* em matéria assinada pelo enviado especial Aroldo Chiorino. Após "alijar Vavá" dos treinamentos por errar muitos passe e receber "mal a advertência do técnico", o atacante do Vasco passou:

> então a treinar com evidente má vontade. Ato continuo, Feola expulsou do exercício o futebolista. O incidente causou indisfarçável mal estar, mas a atitude de Feola não poderia ser outra. Se não encarasse com energia o procedimento incorreto de Vavá, o técnico estaria concorrendo para a quebra do excelente nível disciplinar que até agora vem prevalecendo na delegação patrícia (FOLHA DA MANHÃ, 10/06/1958, p. 11).

Manter o nível disciplinar era a função principal de Feola, assim como em outras edições[124]. *O Globo* noticiou o conflito, mas de forma "mais leve" e o *Jornal do Brasil*, além de não trazer para a sua intriga o acontecimento, destacou que o ambiente era "calmo": "Aqui na Suécia, os nossos jogadores são de uma disciplina impecável. Obedecem a todas as ordens, respeitam os dirigentes e aguardam com a mais absoluta calma o jogo contra a Inglaterra" (JORNAL DO BRASIL 11/06/1958, p.17). Os três jornais divulgavam que eram grandes as possibilidade de Pelé e Garrincha jogarem contra a Inglaterra: "Garrincha arma secreta de Feola para confundir os ingleses" (JORNAL DO BRASIL 11/06/1958, p.17).

[124] Esse pensamento era uma tendência mundial. Na véspera da semifinal contra o Brasil, o técnico francês ameaçava renunciar se as esposas dos jogadores chegassem a concentração:" Tenho dirigido esse bando com disciplina, durante longo tempo, e se permitirem que pessoas de fora se intrometam com meu trabalho estou pronto para arrumar minhas malas e partir de volta" (FOLHA DA MANHÃ, 24/06/1958, p. 17). Este era o "modelo correto" de conduta e o talento dos jogadores brasileiros vai apresentar uma nova vertente, como veremos a seguir.

Os dois não jogaram e o resultado foi o empate em 0 a 0. Apesar do *Jornal do Brasil* destacar "Ainda invicta a defesa da seleção brasileira" (JORNAL DO BRASIL 12/06/1958, p.21), o próximo adversário seria a URSS, atual campeã olímpica e com uma "organização tática e física invejável". Mais uma vez a questão da entrada de Pelé e Garrincha circulou nos três jornais. A matéria *Pelé: último teste* (O GLOBO, 13/06/1958, p.14) destacava tentativa de recuperação da lesão que o jovem de 17 anos teve no jogo de despedida da equipe no Brasil. Já Garrincha afirmava: "Estou louco para jogar" (O GLOBO, 13/06/1958, p.14). Sua entrada era adiada desde a primeira partida por questões consideradas táticas e comportamentais. Táticas, pois a comissão interpretava que Garrincha não marcaria o lateral adversário, como o ponta-direita Joel fazia. E disciplinar porque a mesma comissão não tinha gostado do gol que Garrincha marcou contra a Inter de Milão após driblar quatro adversários e esperar um deles voltar para driblá-lo novamente e fazer o gol. Era, para a comissão, um ato irresponsável de Garrincha, um *habitus* condenável e "fora de sintonia" com o objetivo da comissão. Um gol tido como espetacular nas narrativas era, no código da comissão, algo "lúdico demais" para a "seriedade" que a Copa do mundo teria. Em suma, Garrincha "jogava um jogo" que para a comissão não deveria ser jogado. Pelé já estava recuperado e jogaria, faltava a confirmação de Garrincha[125].

A notícia do *Jornal do Brasil* no dia do jogo contra a URSS indica o conflito existente na própria comissão para escalar Garrincha. Com o título *Chefe e técnico divergem*, Carlos Lemos destaca:

> A divergência entre o Sr. Paulo Machado de Carvalho (chefe da delegação brasileira) e o Sr. Vicente Feola (técnico da seleção) é falada e notória entre os homens que compõem a comissão técnica. Todos concordam com um ou com outro, mas, os dois, até o momento (22 hrs na Suécia) não haviam chagado a um acordo sob a equipe nacional para o jogo de logo mais. Paulo Machado de Carvalho quer Garrincha na ponta direita e Vavá no centro; Feola que Joel na ponta direita e Mazzola no comando (JORNAL DO BRASIL, 15/06/1958, p.13).

Até aqui, a narrativa dos periódicos pesquisados seguia o rumo da exaltação a disciplina e organização, dando uma continuidade ao que observamos nas edições anteriores, logicamente, com algumas nuances, como a descentralização do papel do técnico neste novo modelo de gestão do esporte. Inclusive com o conflito aberto entre o "novo chefe" x "técnico". Entretanto, a interação constante e essa disputa de imaginários durante o ritual

[125] Este episódio possui uma das lendas sobre o futebol nacional. Fala-se de uma imposição dos líderes dos jogadores: Bellini, Nilton Santos e Didi. Eles teriam pedido uma reunião com a comissão técnica e exigido que Garrincha jogasse. Paulo Machado teria aceitado. Não encontramos nenhuma menção a esta reunião nos jornais. Talvez por ser uma narrativa mitológica do "país do futebol", talvez por não ser prudente indicar que a organização da comissão pretendida pela elite era guiada pelos jogadores.

Copa do Mundo fará a narrativa dos jornais adotar um panorama diferente do encontrado até aqui.

Consideramos que o terceiro jogo da seleção, contra a URSS, estabeleceu um marco que vai emergir a proposição de Freyre e fazer com que a intriga, inevitavelmente, utilizasse os elementos do talento e improviso, que também floresceram e saíram de uma posição "meio esquecida" no imaginário coletado pela narrativa da imprensa sobre o futebol nacional. A atuação dos jogadores, em especial Garrincha, vai levar o modelo empresarial e da comissão técnica competente para segundo plano, e fazer com que o jogador se sobreponha ao treinador de maneira muito contundente no mundo criado pelos jornais.

Os três dias de análise após o jogo contra os soviéticos foram repletos de hipérboles e que inauguram a admiração mundial pelo nosso futebol após a "estupenda vitória". Gumbrecht (2007) destaca que tais hipérboles são uma forma de agradecimento ao "modo belo" desempenhado pelos atletas. A intensidade e empenho depositados pelos torcedores e jornalistas em uma partida, como foi o caso deste jogo, caso seja retribuída pelo desempenho dos atletas é "agradecida" com elogios. Destacamos que fora deste cenário esportivo, é pouco usual se ver em uma matéria de economia, por exemplo, hipérboles e bases discursivas que se apoiam em personagens com aspectos mitológicos. O imaginário sobre o jornalismo econômico e a pré-compreensão dos leitores, o que se espera ler, ouvir e ver tem mais pontos divergentes do que semelhantes ao futebol, por exemplo. O *frame* compreendido, compartilhado e construído ao longo do tempo sobre cada editoria limita a compreensão de certos códigos, possibilitando estranhamento daquilo que fugiu ao "familiar" e o entendimento daquilo que se "acostumou" a ver em cada seção do jornal.

Foi exatamente isso que constatamos. Todas as matérias sobre a partida pareciam ser "obrigadas" a vir repletas de adjetivos que pudessem "expressar a gratidão" por ter visto um jogo de futebol como Brasil x URSS. "Grande Show de Garrincha"; "Grande jogo"; "Vibrou toda a cidade com o sensacional triunfo" (O GLOBO, 16/06/1958, p.1); "Um autêntico espetáculo de futebol"; "Vitória espetacular da seleção brasileira" (O GLOBO, 16/06/1958, p.5). Detalhe que o jogo terminou 2 a 0 para o Brasil, mostrando que existia algo na atmosfera do jogo que os números finais do placar não traduziram e não captaram.

Captar a atmosfera de entusiasmo que envolveu a partida também é algo presente na construção da intriga. Já tínhamos ressaltado que a questão moral ainda era abordada nos jornais. Nesta disputa entre imaginários, duvidar do potencial nacional era algo em evidência e que esta partida conseguiu subverter. Dentro deste imaginário da degradação do moral nacional, o dramaturgo Nelson Rodrigues consegue captar essa atmosfera em sua

emblemática crônica, intitulada *Complexo de vira-latas*, no dia 31 de maio de 1958, na revista *Manchete Esportiva*, uma semana antes da estreia na competição, na qual enfatiza a desconfiança exacerbada do brasileiro em seu potencial e talento. A atmosfera de que a URSS, potência mundial, poderia, com seus computadores e tecnologia, estraçalhar a organização e disciplina nacional era algo que pairava no ar. A derrota seria mais uma eliminação em Copas do Mundo e a repetição do imaginário de que "não éramos capazes". Como a *Folha* destacou, a "atuação da seleção do Brasil superou as previsões mais otimistas" (FOLHA DA MANHÃ, 17/06/1958, p.12). Os acontecimentos na competição, a própria interação dentro de campo e o simbolismo do esporte transbordou a esfera esportiva e refletiu na própria estrutura narrativa dos jornais e na compreensão do brasileiro sobre seu potencial. Longe de uma visão romântica, o que destacamos aqui é que a vitória e o poder lúdico do esporte ao buscar no imaginário nacional as bases para tal narrativa torna possível que "com brasileiro não há quem possa[126]".

O "dia de Garrincha", "o homem que ridicularizou a defesa soviética", inauguraria uma "Era de Ouro" do nosso esporte em que o "complexo de vira-latas" se transmuta em uma "certeza de pedigree", mostrando a relação pendular e maniqueísta com que o esporte seria abordado. "O ponteiro Garrincha foi um dos jogadores mais cumprimentados depois do "match", em virtude da sua incomparável atuação" (O GLOBO, 17/06/1958, p.17). Se Leônidas surge como grande expressão do nosso esporte e simbolizaria o *football mulato* de Freyre, Garrincha aglutinava todos os atributos necessários para ser seu sucessor no processo narrativo. Até as mesmas expressões são utilizadas por jornais estrangeiros: "feiticeiros e artistas da pelota", "Não há dúvidas que esses brasileiros são extraordinários jogadores de futebol, artistas, feiticeiros, que tomarão conta da bola se tiverem oportunidade"; "esses brasileiros podem jogar futebol como músicos." "É unanime a opinião em torno do ponteiro Garrincha que, com apenas uma atuação, já é considerado o maior jogador do campeonato" (O GLOBO, 17/06/1958, p.18).

Este trecho consegue abordar toda a intensidade do espírito lúdico representado por Garrincha: "não há dinheiro nos clubes europeus que possa pagar um jogador tão formidável. É um diabo em campo e nunca se sabe o que ele vai fazer. Certo é que o ponteiro do Brasil sempre faz o que bem entende, deixando o adversário no mais completo ridículo" (O

[126] O termo se refere a música composta por Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô durante as comemorações da conquista da Copa do Mundo de 1958 pela seleção brasileira. Sua letra enaltecia a conquista e relacionava o samba e futebol como elementos de orgulho nacional, reforçando a identidade nacional erguida nos anos 1930 e solidificando esta porção do imaginário nacional como uma referência imediata.

GLOBO, 17/06/1958, p.18). No mundo projetado pelo jornal, seu talento não teria preço, Garrincha fazia o que queria, ou seja, não cumpriria as ordens do treinador. Sua capacidade de improviso, aliada ao desprezo pelo que havia sido ensaiado e treinado eram seus maiores atributos e motivo da adoração dos estrangeiros. Algumas manchetes mundiais, reproduzidas pelos jornais brasileiros, seguiam a seguinte narrativa: "por que não jogou antes?"

O embate treinador x jogador é vencido por Garrincha[127]. Feola vai, a partir deste jogo, para a sombra da narrativa. A ideia de treinamentos e organização da comissão ainda segue, mas de forma tímida. A coluna de Célio de Barros no *Jornal do Brasil* indica o rumo que as menções a Feola terão ao longo da competição. Barros destaca que Feola reuniu os jogadores antes da partida e disse para eles jogarem o que sabiam, conforme Didi (outro jogador exaltado nas narrativas) declarou: "deveríamos ficar a vontade para resolver de pronto e como entendêssemos os lances que nos apresentassem, improvisando as jogadas como nos parecer melhor. E por isso mesmo jogamos o que sabemos e ganhamos a partida, que foi bem dura" (JORNAL DO BRASIL 17/06/1958, p.17). O técnico, pela primeira vez em nosso *corpus*, aparece na narrativa como alguém que pediu improviso aos jogadores e relacionando esta atitude com a vitória. Feola teria valorizado "as caraterísticas personalíssimas dos nossos jogadores". O grande planejamento e preparação dos russos teria sido desmontado pelo nosso improviso, conforme Célio de Barros destaca:

> todos os planos, relatórios e esquemas feitos com intuito de derrotar a seleção brasileira caíram por terra ante a improvisação de um Didi e de um Garrincha, a impetuosidade de um Vavá e o trabalho eficiente de um Zagalo. [...] o público sueco presente no estádio de Gotemburgo não se cansou de aplaudir o quadro brasileiro e principalmente Garrincha, que parecia jogar para a plateia" (JORNAL DO BRASIL 17/06/1958, p.17).

Até mesmo as expressões dos locutores de rádio eram reforçadas no *Jornal do Brasil*, solidificando imaginário daquela partida e estabelecendo este jogo como emblemático na memória das Copas do Mundo: "Oduvaldo Cozzi disse, no decorrer da irradiação que fez de

[127] Essa vitória é emblemática na relação jogador x treinador. Se Leônidas seria o "garoto-problema" de sua época, Garrincha seria considerado nas narrativas sobre sua carreira o avesso da tática e preparação. Por diversas vezes fugia dos treinos no Botafogo. Preferia jogar uma "pelada" em Pau Grande, sua cidade natal, com os amigos. Não gostava de marcar, gostava de ter a bola no pé e se manter o maior tempo possível com ela. Era criticado por driblar demais. Em uma história relatada em sua biografia escrita por Ruy Castro (1995), conta-se que Zezé Moreira, recém-saído da seleção em 1954 e assumindo o Botafogo tentou "ensinar" Garrincha a driblar menos. Zezé colocou uma cadeira de bar na altura da grande área e falou para Garrincha que, ao passar por ela, deveria cruzar. Zezé considerava que o jogador "perdia tempo" driblando demais e deveria ser mais objetivo em suas ações. Garrincha riu, falou que tinha entendido, driblou a cadeira e depois cruzou. Zezé desistiu de "ensiná-lo" e afirmou que "Garrincha era a prova de tática". O ponta direita da seleção vai estabelecer durante toda a sua carreira essa relação com os "ensaios" como algo angustiante e sem o espírito lúdico que a pelada lhe proporcionava.

Brasil x Rússia: O Brasil é um toureiro elegante e engalanado; a Rússia o touro" (JORNAL DO BRASIL 18/06/1958, p.17).

A vitória apertada por 1 a 0 contra o País de Gales, trouxe para os holofotes "moleque de 17 anos sacudiu o Brasil" (JORNAL DO BRASIL, 20/06/1958, p.17). Tanto *Globo* quanto *Folha* ressaltaram o talento de Pelé e a dificuldade encontrada na partida. As menções a Feola diminuíram durante este período. O termo mais usado passou a ser "direção técnica", indicando a ideia de trabalho em conjunto. O que se manteve foram as reportagens internacionais exaltando Garrincha. No dia 23 de junho, véspera do confronto contra a França pelas semifinais encontramos uma reportagem de Ricardo Serran defendendo Feola de ataques, que não apareceram nos jornais pesquisados:

> os derrotistas não devem estar compreendendo como o "gordo" Feola pode estar no comando de uma equipe vitoriosa, ele que foi negado por escrito e verbalmente. O mérito principal é que o grupo de 22 foi bem escolhido e qualquer que seja a modificação feita na equipe, o rendimento em conjunto nunca baixa a ponta de trazer maiores perigos para o triunfo. [...] e os jogadores brasileiros, latinos, com fama de temperamentais e descontrolados, foram os homens serenos confiantes, crentes na vitória, lutadores. E graças a Deus saíram recompensados (O GLOBO, 23/06/1958, p.12).

O trabalho em equipe, rendimento em conjunto e uma espécie de redenção moral dos "latinos" são os elementos escolhidos na intriga para explicar o bom desempenho. No mesmo dia o jornal publica uma reportagem *Quatro homens à beira da Glória* com os técnicos finalistas (Alemanha, Suécia, França e Brasil). A intriga incorpora mais elogios a Feola, como o apoio do presidente da república e destaca as críticas ao treinador por deixar Garrincha de fora nos primeiros jogos:

> Aqui temos o treinador brasileiro, com seus 125 quilos, detalhe imponente e que não dá a aparência de ser um treinador de futebol. Mas, como diz o ditado, o hábito não faz o monge e Vicente Feola é realmente um técnico de valor, aliando sua técnica, seus conhecimentos de futebol à sua psicologia. [...[De fato, é menos célebre que Flávio Costa ou Zezé Moreira, mas seria contraproducente suprimir-lhe seu valor, seus esforços de fazer os jogadores se adaptarem-se ao jogo coletivo. Em 1950 foi um mero auxiliar de Flávio Costa, mostrou todo seu conhecimento agora. Contudo, Vicente Feola não escapou das críticas e particularmente por não ter utilizado nos encontros anteriores, esse fabuloso ponteiro Garrincha, cuja atuação contra a União Soviética foi deveras impressionante. Tem sido incentivado, tem recebido inúmeros telegramas de estímulo, entre os quais um do Presidente Kubitschek" (O GLOBO, 23/06/1958, p.7).

Com Garrincha e Didi como "chaves" para o Brasil, a *Folha* destacou desta forma a vitória por 5 a 2: "Fogos, gritos e abraços festejaram a goleada do Brasil sobre a França" (FOLHA DA MANHÃ, 25/06/1958, p.14). Serran destacou no *O Globo*: "Mais uma noite de grande gala, exibindo todo o valor, todo o virtuosismo, toda a habilidade do futebol nacional"

(O GLOBO, 25/06/1958, p.18). *O Globo* trouxe uma reportagem do jornal francês L'Equipe que dizia: "Os brasileiros pareciam de outro planeta" (O GLOBO, 26/06/1958, p.19). Feola apareceu apenas para lamentar enfrentar os donos da casa na final. As notícias indicavam que a escalação seria a mesma. O teor das narrativas era que o talento dos jogadores os havia "escalado". Não se destaca a tática do time e sim a quantidade de jogadores excepcionais que a equipe teria na final da competição. A menção positiva a Feola era sobre sua "permanente simpatia e gentileza" com a imprensa. Os aspectos que poderiam influenciar dentro de campo foram esquecidos, como Feola destaca em entrevista: "formamos uma grande família, unida e amiga. Daí, sem dúvida, os grandes resultados que temos obtido" (O GLOBO, 26/06/1958, p.19).

Nesta também amistosa relação entre imprensa e treinador, o *Jornal do Brasil* defende Feola às vésperas da final: "o que uma boa parte dos brasileiros não sabe é que nem tudo foram flores para este obeso e comunicativo homem. Seu nome foi ridicularizado, tachavam-no de incompetente. E, até mesmo um apelido diferente lhe foi dado: "gerente" (JORNAL DO BRASIL, 26/06/1958, p.19). Não encontramos esta nomenclatura no *corpus,* mas é importante como o jornal indica na sua narrativa os conflitos existentes no campo esportivo na escolha de Feola. Julgamos que Feola foi sim um gerente seguindo as ordens de Paulo Machado de Carvalho, e neste sentido o jornal procura criar um mundo que preserva o *frame* anterior sobre o treinador, não "diminuindo" sua importância. Além disso, se o talento havia suplantado a disciplina e organização, era necessário frisar que, mesmo em segundo plano, tais atributos haviam contribuído para que os jogadores mostrassem seu melhor nível.

Ricardo Serran mostra na construção da intriga desta matéria a posição de Feola e Paulo Machado durante a competição:

> Por conta das desilusões passadas, frente à confusão estabelecida no momento da escolha do técnico, não se admitiu que de tudo pudesse sair uma seleção. Dizia-se - a maioria dos ditos orientadores da opinião pública achava – que o "gordo" Feola era um arranjo e que a seleção de craques, pouco convincente. Hoje existe, felizmente, uma unanimidade de aplausos ao comportamento dos jogadores e ao trabalho calmo e sem alardes do técnico da equipe (O GLOBO, 28/06/1958, p. 4).

Começa a ficar mais claro que a função do treinador seria "não atrapalhar o talento", o que seria estendido aos dirigentes: "Paulo Machado de Carvalho, o vice-presidente da entidade, de quem se afirmava que apenas queria fazer movimento, é um chefe cuja virtude maior é a de não atrapalhar" (O GLOBO, 28/06/1958, p. 4). Porém, o *Jornal do Brasil* destaca que: "Feola está aparentemente sereno, mas por dentro ele é um homem preocupado, mais preocupado do que Castilho, Mauro e Nilton Santos (reservas em 1950) porque sua

responsabilidade é maior. Ele é o técnico" (JORNAL DO BRASIL, 28/06/1958, p.21). A seleção chegava a uma decisão de Copa do Mundo oito anos depois da derrota para o Uruguai no Maracanã e a partida ainda era resgatada do imaginário nacional para elaborar a intriga, indicando a sua força simbólica na narrativa sobre o "país do futebol". Tanto que a capa do *Jornal do Brasil* do dia 1° de julho, edição posterior ao jogo final contra a Suécia, destacou: "Alegria nacional após a tristeza de 1950" (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p. 1). O jornal *O Globo* também lembrou de 1950 para festejar 1958: "Uma grande vitória que premiou justamente os esforços dos jogadores e dirigentes brasileiros e que encheu de orgulho e satisfação toda a torcida nacional, compensando com juros a frustração de 1950" (O GLOBO, 30/06/1958, p.10).

O dia 29 de junho de 1958 se tornou a grande "data comemorativa" do "país do futebol". A concretização do imaginário de "sermos os melhores do mundo" causou uma ebulição nos discursos sobre a nação que teria, enfim, "se apresentado ao mundo". Através do poder lúdico do esporte:

> o futebol conquistou o maior feito publicitário do Brasil. A seleção nacional tornou ainda mais conhecida em todo o mundo o nome do Brasil e atraiu para o nosso povo uma simpatia incomum...Nunca o Brasil teve tanta propaganda no estrangeiro como desde o início do jogo com a Áustria...A beleza, a grandiosidade, a disciplina, a arte do nosso futebol sobrepujou as virtudes das equipes participantes (O GLOBO, 03/07/1958, p.4).

Novamente as hipérboles tentavam captar a atmosfera nacional e traduzir no mundo criado pela narrativa o "êxtase" da população: "Delirantemente comemorada a conquista do campeonato do mundo pela seleção". "Vibrou a alma popular carioca com o grande feito dos nossos rapazes nos estádios da Suécia". "O povo desce dos morros". "Nunca se viu tanto delírio" (O GLOBO, 30/06/1958, p.1). O telegrama do presidente indica como essa atmosfera é disputada pelos campos, neste caso o político: "Quero confessar a alegria que neste instante domina toda a nação por ver o Brasil que já não mais conhece derrotas e que sua mocidade sabe ostentar vitoriosa o seu nome" (O GLOBO, 30/06/1958, p.20). A ideia de que o país se integrava, "esquecendo" diferenças é nítida: "Dia de festa nacional! Poderosos e humildes, pobres e ricos, amigos e inimigos, todas as classes e profissões, o país inteiro viveu ontem, horas de intensa emoção, unido por um denominador comum – a vitória do Brasil" (O GLOBO, 30/06/1958, p.20). Consolida-se a ideia na narrativa de que o "país do futebol" poderia ensinar algo a outras nações, erguendo um capital simbólico robusto: "O Brasil deu uma lição para aqueles que querem aprender" (O GLOBO, 30/06/1958, p.17).

Este trecho do jornal inglês *Daily Herald*, destaca Garrincha: "Os ágeis mestres do Brasil se inspiraram para escrever a maior sinfonia do futebol do nosso tempo com um rapaz de pele morena que se chama Garrincha - o passarinho" (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p.21). O jornal finlandês *Uusi Suomi* também é citado pela reportagem, destacando "o trabalho de conjunto nunca visto" e uma "habilidade dos brasileiros esplêndida", ao mesmo tempo em que afirma: "difícil dizer qual era o melhor. Os cinco: Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagallo, foram jogadores fenomenais." Essa construção narrativa do *Jornal do Brasil* de trazer para a fachada notícias positivas de jornais de países como Suécia, Portugal, Itália, Chile, Colômbia, Finlândia, Argentina, França, Áustria e Inglaterra, que exaltaram a conquista nacional, funciona, no nosso entendimento, como a visão dos outros sobre nós, ajudando a moldar o enquadramento pretendido pelo jornal.

O reconhecimento do outro, principalmente do adversário, reforçava o *frame* Copa do Mundo como um ritual em que a comunidade imaginada poderia ser exaltada com orgulho e festejada por suas glórias: "Artistas da bola. Equipe composta de jogadores individualmente imarcáveis e de uma homogeneidade perfeita. Para o redator deste jornal Garrincha era impossível de se paralisar" (FOLHA DA MANHÃ, 01/07/1958, p.11). O mundo criado pela *Folha* apresentava um festival de manchetes de outros países que seguia a mesma linha: o mundo se rendia ao talento dos jogadores brasileiros, em especial Garrincha e não à nossa disciplina. O que já havia começado no jogo contra a URSS se consolida com a conquista da Copa do Mundo. A modernidade era "nossa". O centro reconhece a periferia. Isso corroborava o imaginário que o brasileiro queria confiar e acreditar, e a Copa do Mundo, o futebol e o talento dos jogadores tornava tudo isso possível[128].

Feola aparece apenas em citações e menções de quem estaria nas comemorações. O treinador surge quase como um torcedor que chorava com a conquista e abraçava os jogadores. Ricardo Serran reforça a sua ideia anterior de hierarquizar as posições na comissão técnica: "Paulo Machado de Carvalho, um chefe para a vitória. O "gordo" Feola. Pela ordem, Vicente Feola tem direito ao posto número dois" (O GLOBO, 03/07/1958, p.30). Em sua última declaração encontrada no *corpus*, Feola falou: "com rapazes como esses dificilmente o Brasil poderá ser derrotado. Os jogadores, a par de suas qualidades inatas e magníficas de exímios controladores da pelota, jogaram com fibra e dedicação incomuns" (FOLHA DA MANHÃ, 03/07/1958, p.4). Sua fala resume o que foi sua narrativa após jogo contra a URSS:

[128] Ao ser entrevistado durante o desfile dos jogadores campeões em São Paulo, Flavio Costa, que na época treinava a Portuguesa, afirmou que: "foi um triunfo espetacular dos nossos jogadores" (FOLHA DA MANHÃ, 03/07/1958, p.4).

talento nacional como o maior fator do sucesso, mas que só foi possível graças a dedicação, alcançada por uma comissão técnica que soube "gerir o grupo".

Neste sentido, Havelange e Paulo Machado de Carvalho foram mais exaltados do que o técnico. Porém, vale destacar, com muito menos "cartaz" que os jogadores. Este trecho do jornal *O Globo* mostra como a relação CBD e poder era intensa: "o presidente JK está radiante com o seu colega João Havelange pela vitória do Brasil, confirmando suas declarações de que o Brasil avançaria 50 anos em cinco anos, durante seu governo" (O GLOBO, 01/07/1958, p.17). O mundo criado é da relação visceral entre representante da nação e representante da seleção.

Nesta linha, enfatizar que a imposição do talento nacional só foi possível por conta da organização da comissão (vinda da elite) foi a "arma" desta elite ao adaptar sua narrativa a algo inegável e reconhecido pelos outros países: o talento. A coluna de Benjamim Constallat no *Jornal do Brasil* no dia seguinte à vitória aborda a ideia de mestiçagem e, ao citar a retomada da confiança, podemos inferir uma intenção de destacar uma espécie de fim do "complexo de vira-latas", porém inserindo a concepção de organização e disciplina da equipe.

> O Brasil ganhou, domingo, mais do que um campeonato. Ganhou uma nova confiança em si próprio. E merecida, porque revelou não só as qualidades de sua brava raça mestiça, mostrando que atletismo não é privilégio dos arianos nem dos moços loiros. E revelou a sua capacidade de organização, de disciplina e de valor esportivo, que representam o resultado de uma tradição, que o tempo ainda não nos deu como nas velhas nações, mas que a nossa perseverança conseguiram suprir, destruindo a nossa fama de improvisadores (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p.3).

Destacamos que a ideia de improviso, usada na construção do futebol como identidade nacional nos anos 1930 é aqui renegada, sugerindo a incorporação de outros sentidos como o da capacidade de organização que supostamente teria levado o time à vitória. Aqui é interessante refletirmos que, segundo a coluna, a seleção precisou desenvolver uma característica atribuída pelo próprio jornalista como típica de velhas nações, para conseguir vencer. Ou seja, apenas o improviso não nos levaria a conquista, foi preciso adaptar-se a outros atributos de "nações vencedoras" para chegar ao título. Atributos que a "organização" vinda da elite e aplicada pelo treinador teria nos dado.

A *Folha* também constrói este mundo em seu editorial logo após o título, contendo contribuições pertinentes a nossa investigação, como neste trecho:

> O resultado final de domingo teve ainda o mérito de revelar que somamos ao apego brasileiro ao futebol e às inegáveis habilidades individuais dos nossos atletas, outros fatores indispensáveis de triunfo: disciplina, conjunto e boa organização. Sabe-se

> que a improvisação, o estrelismo e a rebeldia sacrificaram, numerosas vezes, as nossas aspirações ao título mundial (FOLHA DA MANHÃ, 01/07/1958).

Notamos nesta passagem que o improviso é rejeitado e colocado como motivo de derrotas em outras competições, mas sem deixar de evidenciar a habilidade individual do jogador nacional. Sugerimos que a ideia de modernidade e planejamento era vital para o imaginário que a elite nacional pretendia desenvolver. Contudo, por mais que os trechos aqui mencionados fossem importantes e indicassem essa disputa pela narrativa sobre o que seria o "brasileiro", essa "jogada" da elite perdeu de goleada para o imaginário do talento nacional. O volume de notícias com este viés foi maior.

Foi o maior número de reportagens analisado até então: 401, e o segundo maior de toda a pesquisa. A intensidade do título e as atuações consideradas sensacionais reforçaram de vez o ritual nacional. Analogias ao carnaval foram encontradas frequentemente: "Com verdadeiro carnaval, o povo comemorou nas ruas do centro a vitória da seleção brasileira" (JORNAL DO BRASIL, 01/07/1958, p. 14). "Cidade recebe em delírio os heróis da taça do mundo" (O GLOBO, 02/07/1958, p.32). "Vibração popular indescritível acolheu os craques brasileiros na sua chegada ao Rio" (FOLHA DA MANHÃ, 02/07/1958, p.14). Assim como em 1938, cria-se o clima de que "era impossível não falar do evento". Foram nove capas na *Folha*, 20 no *O Globo*, e 11 no *Jornal do Brasil*[129]. O acontecimento Copa do Mundo se insere de vez como um ritual nacional, agora consolidado, com um início mítico (1938), suas tragédias e provações (1950) e o grande "final" apoteótico (1958). Este trecho sobre a festa do jornal *O Globo* projeta o mundo de como a conquista se torna algo histórico para o país: "No carnaval no Amarelinho na saída dois padres franceses declaravam ao repórter: - Isto é uma loucura, a festa de 14 de julho fica longe desta como o Brasil da França" (O GLOBO, 03/07/1958, p.3). O jogo em Gotemburgo era moldado no imaginário nacional como a nossa tomada da Bastilha.

Feola teve 85 menções ao longo dos 28 dias de pesquisa. O maior número do *corpus* até aqui e, novamente, o segundo em todo o período pesquisado. Feola foi capa em quatro oportunidades no *O Globo* e nenhuma vez nos outros dois jornais. A maior porcentagem foi na *Folha*, 16 citações dentre as 65 reportagens sobre a seleção, resultando em 24 %. O jornal paulista cumpre sua "função" de exaltar e dedicar quase um quarto das notícias sobre o

[129] Foi também a primeira vez em nosso *corpus* que os três jornais investigados tinham enviados especiais no país sede do evento. No dia 13 de junho o Globo destaca que "os brasileiros lideram a competição das emissoras". Dos "130 locutores e comentaristas, de 38 estações emissoras de 27 países", "o Brasil lidera o desfile de emissoras com seis estações, que trouxeram à Suécia nada menos de 27 elementos, o que também, é recorde a nosso favor" (O GLOBO, 13/06/1958, p.4). Interpretamos que a ideia de acontecimento fica mais forte com o aumento de volume de jornalistas e, consequentemente, um maior número de reportagens.

primeiro título nacional a Feola, representante da elite paulista. No *Globo* foram 46 aparições em 204 reportagens e 23 no total de 132 do *Jornal do Brasil*. Feola não recebeu nenhuma menção negativa, o que indica como os jornais refletiram a importância de não desprezar o papel da elite nesta "glória" do "país do futebol". Tal fato acorreu apenas em 1934, Copa sem a repercussão das demais. Após o "nascimento" do "país do futebol" foi a única competição em que o "representante da elite" não foi abordado negativamente.

Deste modo, mesmo com a mudança de narrativa que já mencionamos, Feola foi o treinador, até aqui, que mais teve menções positivas, só perdendo para Zagallo em 1970. Logicamente que o título influenciou, mas a ideia dos três jornais ao destacar o *self* de Feola como aquele que era "paciente" e deu as condições para os jogadores "jogarem seu melhor futebol" foi, para nós, decisiva nessas menções positivas. Foram duas na *Folha*, 11 no *O Globo* e quatro no *Jornal do Brasil*. Vimos alguns exemplos nas defesas do jornalista Ricardo Serran a Feola no jornal *O Globo*, o que contribuiu para um jornal carioca exaltar mais um treinador paulista do que o periódico conterrâneo de nossa personagem. Interpretamos tal movimento com o chamado "bairrismo" perdendo para o modelo de gestão que representaria a ideologia defendida pelo jornal e a elite carioca. Pouco importaria a sua origem, o importante era desenvolver a ideia pretendida por este grupo. Até porque, Havelange, presidente da CBD era da elite carioca e obteve, como ressaltamos, mais destaque nessa porção da "preparação" na narrativa sobre a conquista. Elogiar Feola era, indiretamente, também elogiar Havelange. Esta reportagem sobre a chegada dos jogadores exemplifica as menções positivas ao primeiro técnico campeão do mundo pela seleção: "Feola está recebendo todo o carinho que merece pelo esforço empreendido. Ele está vendo que o público não mais esquece o técnico no momento das vitórias. Era um dos mais aplaudidos pelos torcedores entusiasmados" (FOLHA DA MANHÃ, 03/07/1958, p.4).

Foi também a menor diferença entre narrativas dos jornais pesquisados até aqui. Poucas nuances entre eles, que após a vitória sobre a URSS aumentaram consideravelmente a cobertura e adotaram uma narrativa de exaltação do "país do futebol". A categorização de "senhor" e "comandante" apareceram uma vez cada, indicando que, pela estrutura da CBD, o "comandar" não estava tão atrelado a Feola e sim, como vimos, ao "chefe" Paulo Machado de Carvalho. "Selecionador" e "preparador" foram mais numerosas do que em edições anteriores, com nove e cinco aparições, respectivamente. "Preparador" apareceu no *corpus* apenas nesta competição. Julgamos que, com a "autoridade" designada a Paulo, essas categorizações expressavam melhor a posição de Feola na comissão: preparar e selecionar quem joga, ainda que fosse uma relação conflituosa, como vimos. "Treinador" com três e

"técnico" com 11 seguiram como sinônimos, apesar do conceito indicar diferentes sentidos, como vimos no início do item. O "nome de batismo" apareceu 53 vezes e associava Feola a um gerente disciplinador que acatava ordens de seu chefe, era calmo e cortês com a imprensa. Entendemos que a expressão "gordo", usada em duas oportunidades, não surge para depreciá-lo, até porque foram categorizações em reportagens que abordavam o treinador de forma positiva, como vimos em citações anteriores. Porém, ressaltar o aspecto físico do treinador e em algumas oportunidades destacar que ele não "parecia" habilitado para a função por conta da obesidade, indica algo que julgamos importante na reflexão sobre o *habitus*: ele também é corpóreo. Aqui foi a imagem corpórea de alguém que treinaria o jogador que "deveria dar o exemplo" de "corpo preparado para a atividade física". Por mais tolo que seja tal pensamento sobre Feola, é algo importante para se refletir. Mais ainda sobre o corpo do jogador que, no contexto de preparação física exacerbada, reflete o *habitus* e o imaginário de uma conjuntura. Com o avanço desta preparação, será cada vez mais visível a virtude física do atleta de futebol, indicando o corpo e suas potencialidades, e principalmente a sua imagem, como uma ferramenta decisiva para o *habitus* esportivo.

Como mostramos, a narrativa sobre a Copa de 1958 exaltou a disciplina e organização da comissão técnica, inaugurando uma ideia de "modelo empresarial" com pessoas especializadas em cada setor, colocando Feola à sombra de dois dirigentes. Todavia, Havelange e Paulo Machado de Carvalho também ficariam à sombra do talento do jogador brasileiro. Essa "Nova Era" colocou o jogador maior que o treinador. Feola ocupou 21 % das menções relacionadas à seleção, a quinta maior proporção da pesquisa, perdendo para as Copas de 1970, 1954, 1938 e 1950. A conquista na Copa seguinte, além de reforçar e manter nas nuvens a narrativa do "país do futebol", intensificou esta diferença entre jogador e treinador com mais uma "atuação de gala de Garrincha".

Tabela 21 – Reportagens Copa de 1958:

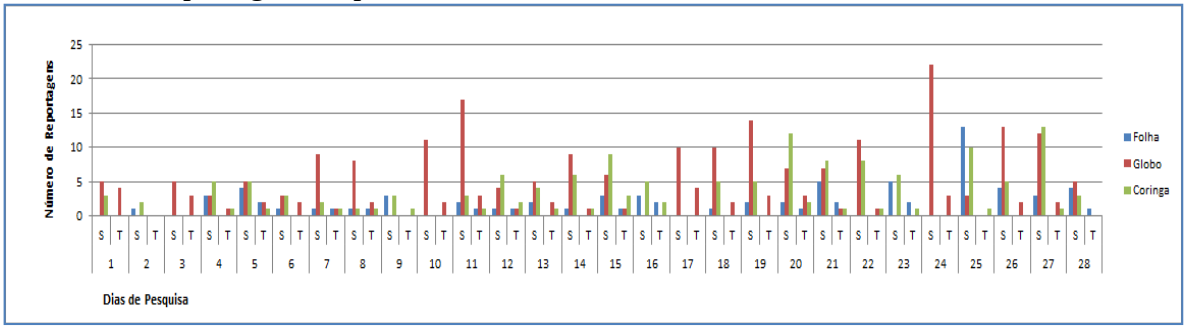

Tabela 22 - Avaliação Quantitativa Copa de 1958:

Total Quantitativo					
1958	Seleção	Técnico	Porcentagem Técnico	Seleção	Técnico jornais
Folha	65	16	24,61538462	401	85
Globo	204	46	22,54901961		
Jornal do Brasil	132	23	17,42424242		

Tabela 23 - Avaliação Qualitativa Copa de 1958:

Avaliação			
1958	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	0	2	14
Globo	0	11	35
Jornal do Brasil	0	4	19

Tabela 24 – Categorizações Copa de 1958:

Categorizações								
1958	senhor	técnico	Nome de batismo	comandante	treinador	selecionador	gordo	preparador
Folha	0	6	10	0	0	0	0	0
Globo	0	2	30	1	2	9	2	
Jornal do Brasil	1	3	13	0	1	0	0	5

5.2 **1962: A comissão do Bi de Garrincha: com Mané, sem Pelé e pouco Aimoré**

No jogo da tese, 1958 foi um lance importante, um grande gol do "país do futebol". Vencer com a exaltação do talento nacional reconhecido pelo mundo confirmou a estrutura narrativa proposta por Freyre de que o "nosso improviso", o "talento nato do brasileiro" seria algo que nenhum outro povo teria, o "nosso" diferencial entre as nações. No jargão futebolístico, consideramos que o gol saiu na "hora certa". Os resultados de 1950 e 1954 apontavam que a porção do imaginário nacional indicada por Freyre em 1938 seria uma água profunda, pouco acessada e não usada frequentemente nas narrativas sobre o nosso futebol.

Em 1962, pelo intervalo relativamente pequeno entre o "golaço" de 1958, a conquista vai parecer um "replay" deste gol, principalmente por repetir algumas construções narrativas. O gol de 1962 foi um gol logo na jogada seguinte, que consolida o gol anterior, e que ao usar o mesmo modelo, a mesma tática e quase a mesma jogada reafirmaria que a estratégia

narrativa do "país do futebol" estava correta. Foi um gol que fez com que a ideia do talento abrisse uma vantagem no "placar" sobre a preparação. Entretanto, com um olhar mais atento, percebe-se que não foi um exato "replay". Foi um gol que afastou algumas "dúvidas", confirmando que o gol de 1958 não foi "sorte" e trouxe importantes alterações narrativas. Veremos a seguir em quais pontos o gol de 1962 se diferenciou, como no declínio da importância do treinador no mundo criado pelos jornais, e quais repetições aproximaram a narrativa da competição de um replay de 1958, como a visão do jogador como nosso maior trunfo.

Para abrir essa vantagem no placar, a presença do "maior jogador", depois de Freyre, na proposição do "país do futebol" foi decisiva. Pela primeira vez em nosso *corpus* tivemos a oportunidade de analisar as colunas de Nelson Rodrigues (jornal *O Globo*). Consideramos que seu capital simbólico no campo midiático conseguia expandir suas narrativas como "resumos da competição". A Mimese II de Nelson Rodrigues reuniu ações humanas, acontecimentos, expressões e enquadramentos que ratificaram o futebol como item "obrigatório" nas referências sobre o imaginário nacional. No dia da estreia da seleção na competição, Nelson Rodrigues apresenta modos de como se portar neste ritual nacional: "cada um de nós tem de ser portador de uma paixão gigantesca. A paixão do Brasil, a paixão do "scratch". E, na hora do Hino nacional, vamos chorar, com cívico impudor, lágrimas de esguicho. Alguém dirá: - É apenas um jogo de futebol. Em absoluto. É o Brasil. E, aliás, tudo é o Brasil" (O GLOBO, 30/05/1962, p.15). Suas colunas[130] vão auxiliar na estruturação do *frame* Copa do Mundo como um ritual nacional, onde se "exige" ações diferentes do cotidiano e amplia-se a importância simbólica do futebol ao enfatizar a relação seleção/nação.

Em meio a continuidades, a primeira que não se pode repetir como em 1958 foi a presença de Vicente Feola. Nos quatro anos entre Copas, Feola voltou a apresentar problemas cardíacos e seu estado de saúde preocupava a CBD. Segundo Sarmento (2013), pela confiança dos jogadores e de Paulo Machado de Carvalho, Feola ainda se manteve no cargo por algum tempo. Porém, a piora do seu estado de saúde fez a CBD escolher Aimoré Moreira. Aimoré era ex-goleiro de futebol, havia participado de quatro jogos pela seleção como jogador e, na ocasião, era técnico da seleção paulista. Irmão de Zezé Moreira, Aimoré já havia treinado a seleção por um período entre as Copas de 1950 e 1954, mas sem sucesso, como já mencionamos. Interessante observar a questão do *habitus* novamente presente na escolha do

[130] Aqui cabe uma ressalva quanto a compreensão sobre a "reportagem jornalística", que mantém a ideia mítica de imparcialidade e das "crônicas", que já são entendidas pela construção social dentro do jornalismo como a opinião do autor, sendo claramente, na nossa proposição, o mundo criado, neste caso, por Nelson Rodrigues.

treinador. Aimoré seria alguém já inserido no meio e próximo aos dirigentes da CBD. Feola se manteve na comissão ganhando o cargo de assessor especial do supervisor Carlos de Oliveira Nascimento. Se Feola teve, proporcionalmente, pouco destaque na narrativa dos jornais em 1958, as menções a Aimoré Moreira indicaram a menor proporção do nosso *corpus*. Em 1930, por exemplo, tivemos 20 % das notícias sobre a seleção mencionando o treinador da seleção, 19 % em 1934, 27 % em 1938, 26 % em 1950, 29 % em 1954, 20% em 1958 e 13 % em 1962. Aimoré perdeu para a comissão técnica, que foi mais presente no mundo criado pelos jornais do que ele. A ideia de que o treinador não deveria atrapalhar o talento foi clara nos jornais pesquisados.

Aimoré "competiria" com outra nuance decisiva na narrativa: o capital simbólico adquirido por Garrincha e Pelé. Ambos se tornaram ídolos nacionais durante os quatro anos entre Copas, expandindo este capital para outros campos como nenhum jogador de futebol havia conseguido no país, superando até mesmo Leônidas. Os dois "meninos", que só entraram em campos no terceiro jogo da Copa de 1958, eram uma espécie de unanimidade mundial. Todo o imaginário do talento nacional teve como sustentação as repetidas atuações consideradas espetaculares destes dois jogadores em seus clubes: Botafogo e Santos. Nelson Rodrigues, na mesma coluna já citada no dia da abertura da competição, indica como o mundo compreendia a importância de Pelé e Garrincha: "Pelé e Garrincha vão ser caçados como se ratazanas fossem, a pauladas. Por simples meios terrenos, é impossível marcar um e outro. [..] Não há um vago remoto esquimó que não conheça a biografia de ambos. Todos os concorrentes sabem que Pelé e Garrincha podem decidir, sozinhos, um partida" (O GLOBO, 30/05/1962, p.15).

A repetição de sua narrativa de exaltação do talento do jogador nacional vai influenciar decisivamente a consolidação do "país do futebol" baseada na proposição de Gilberto Freyre. Repetição será algo frequente na narrativa desta Copa, o que levaria a crer que seria um replay. Vimos que os "atos de fingir" trabalham exatamente esta reiteração de narrativas para atingir o imaginário o moldá-lo. Não só Rodrigues, mas também a maioria das matérias dos jornais vão repetir a exaltação ao talento nacional e reforçar semelhanças com o ritual anterior (Copa de 1958).

No dia da estreia *Jornal do Brasil* e *Globo* constroem em sua capa esta intriga: "Brasil estreia hoje com o time campeão de 58" (JORNAL DO BRASIL, 30/05/1958, p.1), "O Brasil estreia com o ataque de Estocolmo" (O GLOBO, 30/05/1962, p.1). Paulo Machado de Carvalho repetia sua função de chefe da delegação, como indica este trecho publicado no dia da estreia:

> Palavra de Chefe: o Dr. Paulo Machado de Carvalho, através do JORNAL DO BRASIL, enviou aos brasileiros a seguinte mensagem: "aquilo que todos esperam durante tanto tempo parece que chegou ao fim. Estamos preparados técnica, física e psicologicamente para a VII Copa do Mundo. Sem vaidade alguma, esperamo-nos sair bem, e com a graça de Deus daremos essa alegria ao povo que tanto nos estimulou por todas as fórmulas, essa caminhada. Confiem e esperem. Não decepcionaremos. Normalmente a vitória é nossa. A delegação está confiante, mas sem máscara. Sabemos que nós somos os melhores, mas não há excesso de otimismo" (JORNAL DO BRASIL, 30/05/1958, p.13).

O "normalmente a vitória é nossa" se insere no imaginário nacional e será uma das ações cobradas durante o *frame*. Detalhe que esta era a sétima Copa do Mundo e o Brasil havia vencido uma. Normalmente a vitória não era nossa, mas o jogo narrativo convida o leitor, com base no imaginário recente da conquista a coconstruir tal narrativa. Com a vitória por 2 a 0 contra o México, encontramos um "replay" do papel preponderante da "comissão técnica" na narrativa, com a nuance de minimizar a importância do treinador. As manchetes deixaram claro que quem escalava os jogadores era a comissão: "Comissão quer lançar Amarildo e Belini" (O GLOBO, 01/06/1962, p.12). "A comissão técnica confia no mesmo quadro hoje" (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/1962, p.8). Aumenta a discussão sobre esquemas táticos, que na intriga dos jornais eram estudados e propostos pela comissão. A comissão se sobrepõe ao treinador na narrativa. Como neste trecho onde novamente a queda de braço entre Paulo Machado e o técnico, é vencida pelo dirigente: "o treinador brasileiro Aymoré Moreira declara que somente hoje, antes da partida, escalará seu conjunto. As informações do preparador nacional, todavia, são contestadas pelo chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho que informou aos jornalistas que não haverá modificações no quadro" (FOLHA DE SÃO PAULO, 10/06/1962, p.13).

Em 21 dias de investigação, foram 377 reportagens analisadas, terceiro maior número do *corpus*. 51 menções a Aimoré. O assunto seleção foi capa 80 vezes, maior número encontrado na pesquisa. Inferimos que estampar tal assunto na primeira página é confirmar o ritual Copa do Mundo como um acontecimento "inevitável" ao cotidiano nacional, repetindo e reforçando o imaginário escolhido e elaborado com o título em 1958. Porém o treinador apareceu em apenas três (1 *Folha* e 2 *Jornal do Brasil*) destas 80. Aqui já se desenha a falta de importância desta personagem no bicampeonato.

O Globo, por exemplo, quase que ignorou o técnico, confirmando com os números a nossa interpretação sobre a narrativa: das 127 matérias sobre a seleção, apenas 11 citaram Aimoré, ou seja, oito por cento de menções, a menor proporção de toda a pesquisa, empatado com o próprio *Globo* em 1934. Inferimos que se consolida a ideia de trabalho em grupo, com o treinador perdendo o seu espaço na narrativa. As citações ligadas à comissão e seus

integrantes totalizaram 15 reportagens[131]. Foram duas citações positivas e oito neutras com a categorização de uma usando o termo "técnico" e 10 usando o "nome de batismo". Foi uma citação negativa, a única no *corpus*, na coluna de Nelson Rodrigues, e que ratifica a ideia de que o treinador atrapalhava o talento:

> No princípio da Copa Mané andou meio contido. Entrava em campo engradado nas instruções severíssimas. Não devia fazer isso, não devia fazer aquilo. Em campos Pelé berrava: "Solta a bola! Solta a bola! E Mané despachava já com nostalgia da redonda. Mas o divino Pelé machucou-se. Então Garrincha viu que na ausência do próprio teria que ser o Pelé. Desembestou como um centauro de Pelé e Mané. Aimoré se esganiçava: "Volta pra ponta Mané!" Mas Garrincha já não acreditava em ninguém, só acreditava na própria magia (O GLOBO, 19/06/1962, p.18).

Rodrigues faz um resumo da participação de Garrincha e mesmo com o título conquistado, atribuiu a Aimoré uma tentativa de discipliná-lo dentro da tática do time que, se fosse obedecida pelo jogador, impediria a sua atuação considerada espetacular, como veremos a seguir. Aimoré recebeu uma menção negativa mesmo sendo campeão, por ter tentado "domar" o talento de Garrincha. Interpretamos aqui que na proposição de Nelson Rodrigues, antes de vencer, o não interferir no talento nato do atleta seria o mais importante. Essa construção narrativa resume de forma apropriada a nossa interpretação de "não atrapalhar o talento". O conteúdo das colunas de Nelson, que cita o treinador apenas nesta passagem, contribuiu para tal diminuição das menções no jornal. No mundo construído por Nelson Rodrigues o bicampeonato era fruto exclusivamente do talento do brasileiro.

A *Folha*, com o mesmo enviado especial Aroldo Chiorino, teve 112 reportagens sobre a seleção e 15 menções a Aimoré. Cinco positivas e 10 neutras. Em três oportunidades se referiu a ele como "técnico", duas como "treinador" e 10 pelo "nome de batismo". A comissão teve 16 menções (especialmente Paulo Machado), também vencendo o treinador neste jornal. O *Jornal do Brasil* trouxe 138 matérias sobre a seleção com Aimoré aparecendo em 25 delas, a maior porcentagem dos jornais pesquisados nesta Copa. O jornal exaltou mais o talento nacional e teve reportagens mais extensas do que os demais, com matérias de uma página sobre a competição e suas personagens, fugindo dos seus padrões anteriores e de *Globo* e *Folha,* que apresentavam matérias menores. Foram seis positivas, e 19 neutras. 12 usaram a expressão "técnico" e 13 o "nome de batismo". Nos três jornais a categorização não expandiu para demais adjetivos, o que para nós, ocorreu por conta da diminuição da importância deste personagem. "Técnico", "treinador" e "nome de batismo" eram usados

[131] Aqui, esclarecemos que tal contabilização foi feita apenas nesta edição, exatamente para investigar se apenas o técnico havia perdido seu espaço, ou a ideia de preparação e organização havia sido relegada no mundo criado pelo jornal. Pela nossa análise, a ideia de disciplina foi apenas deslocada para a comissão, ficando o treinador em segundo plano.

como “formalidades” ao ter que se mencionar essa personagem. Foram 14 menções a comissão no *Jornal do Brasil* com Paulo Machado e o médico Hilton Gosling aparecendo com frequência.

Gosling se tornou um “homem importante” após a lesão de Pelé no empate contra a Tchecoslováquia no segundo jogo. A lesão provocou uma inevitável quebra de narrativa. Já não tínhamos mais os dois maiores jogadores do mundo em condições normais: “Com Pelé machucado o Brasil não consegue marcar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 03/06/1962, p.12). A presença de Pelé estaria nas mãos de Gosling: “calcula-se em 10 dias o tempo necessário para sua recuperação, mas Gosling espera colocá-lo em condições para as quartas de final – se o Brasil derrotar a Espanha” (FOLHA DE SÃO PAULO, 03/06/1962, p.12). Os três jornais trouxeram essa informação. Essa esperança não se confirmou e Pelé não jogou mais a Copa, apesar dos jornais abordarem sua possível volta na véspera de todos os jogos da seleção na competição. Para nós, era uma necessidade de acreditar que ele voltaria, até mesmo nas comemorações explícitas nas reportagens a qualquer sinal de melhora da condição física do jogador. A lesão muscular do atleta foi diagnosticada pela própria comissão como “excesso de trabalho”.

Aqui é importante ressaltar que a conquista na Suécia ampliou o poder do campo esportivo na elaboração da narrativa sobre o país. A seleção e o talento dos jogadores se tornaram um capital simbólico importante. O campo econômico tratou de vender esse talento como um produto nacional, uma espécie de nova commodity brasileira. Os dirigentes perceberam este “grande produto” nas mãos e os clubes brasileiros passaram a excursionar pelo exterior, especialmente pela Europa, aproveitando o “status” adquirido pelo futebol nacional. Era de se esperar que no modelo empresarial adotado pela CBD, para se vender mais este produto, ou seja, mais jogos, seria necessário fazer o jogador trabalhar mais. Apesar dos dirigentes afirmarem que Pelé e Garrincha não tinham preço, vê-los em campo significava uma “cota” maior. Presenciar o “nosso talento” custava caro, enchia os clubes e seus dirigentes de dinheiro, mas os jogadores não viram essa proporção de salário aumentar de acordo com o seu esforço. A “mais valia” entrava em campo e nossa “fábrica de craques” manteve a ideia de uma comissão que prepararia, disciplinaria e organizaria esses craques.

Pelé não aguentou o excesso de jogos e distendeu o músculo adutor da virilha direita. Amarildo teria “a responsabilidade de substituir aquele que é chamado de o maior jogador do mundo” (FOLHA DE SÃO PAULO, 03/06/1962, p.12). A comissão que deveria não atrapalhar e excursionou por diversas vezes com Pelé agora se via sem um de seus melhores jogadores. Nesta “dor que o Brasil todo sentiu” (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1962, p.13), *O*

Globo resgata o treinador de 1958: “Vicente Feola acredita em Amarildo e pede calma” (GLOBO, 03/06/1962, p.3). Não ouvir o técnico atual foi, para nós, uma demonstração clara do desprezo na narrativa do jornal sobre Aimoré. Na reportagem sobre Feola, justifica-se que o ex-treinador ainda não estava no Chile (como assessor) por conta dos médicos não considerarem “seu estado de saúde satisfatório” (GLOBO, 03/06/1962, p.3).

Amarildo fez os dois gols na vitória de 2 a 1 contra a Espanha e ganhou o apelido de “possesso” de Nelson Rodrigues. No jogo seguinte contra a Inglaterra, Garrincha “desobedeceu” Aimoré e atuou “mais livre” em campo. A descrição da *Folha* sobre a atuação de Garrincha parece um replay das descrições da competição anterior: “Brasil, 3, Inglaterra, 1; Garrincha levou a seleção a vitória” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/06/1962, p.1). “Realizando sua melhor exibição no certame mundial, a seleção brasileira, que teve em Garrincha sua principal figura, pelo jogo desconcertante que pôs em prática, impôs-se com relativa facilidade ao “English Team” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/06/1962, p.1). “Garrincha sossegou o povo com uma atuação que foi considerada excepcional. Driblou todos que teve pela frente, marcou dois gols e levou o ataque brasileiro à área adversária” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/06/1962, p.12). Para *O Globo* foi uma “exibição de gala dos campeões” (O GLOBO, 11/06/1962, p.3).

Os jornais também abordavam que “empresários ameaçam Brasil com milhões”. O assédio dos italianos a Garrincha era o ponto principal da intriga. A Copa também se estabelece como um palco para trocas comerciais e exposição dos jogadores. O presidente do Botafogo, ao ser entrevistado pelo *O Globo* afirmou: “Garrincha é inegociável, não me canso de repetir. Não existirá dinheiro no mundo para comprar um “ídolo” (O GLOBO, 8/6/1962, p.15).

Na semifinal, segundo o *Jornal do Brasil*, o “Brasil venceu o Chile com o que tinha de melhor: categoria” (JORNAL DO BRASIL, 14/06/1962, p.12). O talento nacional era o motivo da seleção chegar a mais uma decisão. Entretanto, após ser expulso de campo, Garrincha era incerto para a final. Aimoré aparece nos jornais como alguém que consolou, agradeceu e escoltou Garrincha até o vestiário, o que não impediu que o jogador levasse uma pedrada do público chileno. Perder Garrincha para a final movimentou os demais campos, culminando em uma carta onde o “Governo insinua à FIFA que não puna Garrincha” (JORNAL DO BRASIL, 14/06/1962, p.12). O telegrama do presidente João Goulart dizia: “Estamos certos de que a FIFA fará justiça à disciplina dos atletas brasileiros, assegurando para a disputa final a presença de todos os valores da nossa equipe, especialmente deste admirável Garrincha” (JORNAL DO BRASIL, 14/06/1962, p.12). Os jornais afirmaram que

com o placar de 4 a 2 para o Brasil, o zagueiro chileno provocou Garrincha, que retrucou dando um "leve pontapé". O chileno caiu e o bandeirinha informou ao juiz que Garrincha havia agredido o adversário. Garrincha foi expulso e não poderia jogar a final. *O Globo*, com seus enviados Ricardo Serran (replay) e Argeu Afonso (novidade), tratou o acontecimento como "Suspense na mais fácil vitória brasileira", completando que "Garrincha foi novamente a grande figura do Brasil" (O GLOBO, 14/06/1962, p.5).

Garrincha foi liberado para jogar e o Brasil venceu por 3 a 1 a Tchecoslováquia. Narrativas que o "futebol-arte" havia vencido o "futebol força" dos europeus deram o tom no dia seguinte à conquista: "Mundo aplaude Brasil como rei do futebol." "Uma genialidade latina destruiu com perseverante trabalho os fortes engenhosos tchecos" (JORNAL DO BRASIL, 19/06/1962, p.1). O replay foram as reportagens exaltando a festa em todo o país: "O povo teve o "Bi" que merecia." "Carnaval em Brasília". "E São Paulo parou" (FOLHA DE SÃO PAULO, 18/06/1962, p.1). "Rio recebeu a seleção com sua maior festa" (JORNAL DO BRASIL, 19/06/1962, p.1). "Mais de dois milhões de pessoas foram às ruas para levar aos bicampeões do mundo o calor da cidade agradecida" (O GLOBO, 19/06/1962, p.1).

Após a conquista, Nelson Rodrigues indica como suas crônicas criavam mundos de exaltação ao talento nacional e de confiança na nação:

> Esse time de negros ornamentais, folclóricos, divinos deslumbrou o mundo. Foi o mais belo futebol que jamais olhos humanos comtemplaram. Perdemos um Pelé. Mas o Brasil vive um momento de tão selvagem euforia, que imediatamente, descobrimos um novo Pelé. [...] Amigos, depois da vitória não me falem em Rússia, não me falem em Estados Unidos. Eis a verdade: a Rússia e Estados Unidos já começaram a ser passado. Foi a vitória do scratch e mais: foi a vitória do homem brasileiro que é sim, o maior homem do mundo (O GLOBO, 18/06/1962, p.10).

Sua narrativa sobre Garrincha ao longo da competição postula a posição do jogador no imaginário nacional naquele contexto: "Garrincha foi a maior figura do jogo, a maior figura da Copa do Mundo e vamos admitir a verdade última e exasperada: a maior figura do futebol brasileiro desde Pedro Alvares Cabral" (O GLOBO, 14/06/1962, p.18). Outro texto publicado ainda no início da competição nos ajuda a compreender como esta personagem vai estabelecer não só o talento como algo tipicamente nacional, mas também uma "ridicularização" da estratégia: "explicar estratégia ou taticamente como Garrincha consegue dominar o peão e bater a rainha é impossível. Sem exagero, escapa a lógica, ao cálculo e a matemática" (O GLOBO, 13/05/1962, p.15). Garrincha adquire um capital simbólico tão grande que confrontar seu talento com a estratégia tecnocrata difundida pela elite nacional e, consequentemente, pela comissão era ineficiente. O imaginário imediato que proporcionava a coconstrução e sentido de "verdade" da narrativa estava com Garrincha. Era preciso orbitar

em torno dele. Garrincha mudava a interpretação de "modelo" de atleta perfeito dentro do *frame* Copa do Mundo. Exatamente o que Leônidas tinha realizado em 1938. Garrincha não era o tipo ideal, o que não modificava sua idolatria, conforme a própria narrativa destaca: "Garrincha não tinha físico de jogador. Seu olhar tranquilo não refletia a audácia e a garra que devem existir no jogador profissional de futebol. Agora é ídolo autêntico de seus conterrâneos e do mundo inteiro" (O GLOBO, 14/06/1962, p.18). O código de Garrincha ao interpretar o esporte vai contra o modelo que a CBD desenvolvia: "o futebol não chega aos seus nervos. Seu espírito é tão simples que para ele, é a mesma coisa jogar no campeonato mundial ou numa pelada em Pau Grande" (O GLOBO, 14/06/1962, p.18). A grande recompensa pedida por Garrincha e aceita pelo governador do Rio de Janeiro, na época Carlos Lacerda, ao se despedir dos jogadores foi um pássaro, chamado Mainá, que Garrincha viu e se encantou ao visitar a sede do governo. Não só seu talento, mas interpretações simbólicas diferentes da elite nacional aproximavam Garrincha do povo. Garrincha tinha um código diferente de seus treinadores. A proposição de Certeau (1994) cabe novamente na interpretação sobre Garrincha: ele inventa seu cotidiano, "driblava" o jogo do técnico (elite) e jogava o seu jogo, vencendo este conflito cultural de normatização do lúdico.

Aqui vale reforçarmos as semelhanças entre Garrincha e Leônidas. A força desses dois atletas na construção do país do futebol expõem de forma clara como as construções são repletas de embates e como o futebol e seu caráter lúdico, mesmo que no esporte moderno, aflora outras narrativas diferentes da hegemônica. Os rituais praticados por esses mitos do nosso esporte fixam outros modelos, dão outros exemplos de ritos na atividade humana: neste caso sobre o trabalho, suas relações com as lideranças, do lazer, em não se submeterem ao regime educacional e de controle da vida privada imposto pelos dirigentes.

Todavia, se a narrativa vitoriosa foi a do talento nacional, coube aos jornais destinarem uma parcela de sua intriga para repetir a ideia de comissão técnica competente, já realizada em 1958. Sarmento (2013), enfatiza que uma parte dos jornalistas reconhecia a porção de responsabilidade da CBD nas conquistas, explicando-as com a junção talento-estrutura. Preferimos confiar que era o imaginário da elite agindo e modelando o *habitus* dos jornalistas ao elaborar sua intriga. Dizer que essa elite não tinha nenhuma participação nas conquistas do esporte era perder sua posição em um campo tão importante na elaboração do que seria o país.

É interessante notar o processo narrativo sobre o papel do treinador. Com tantos holofotes no talento, a "estrutura" associada aos dirigentes desenhava-se como argumento a ser construído, aguardando uma possível mudança de rumos. A *Folha* trouxe, logo após o

título, a ideia que o Brasil havia vencido um "duelo de táticas". Em uma página inteira com o perfil dos "representantes do futebol brasileiro", Paulo Machado de Carvalho surge como o "Plano PMC". É uma ideia de que mesmo com o "dom" em abundância era necessário alguém para guia-lo, comandá-lo e retirar o seu melhor através de planejamentos táticos eficientes, exatamente na linha raciocínio tecnocrata que apresentamos no capítulo 1, com base em Postman (1994). A declaração de Carvalho é elucidativa: "Só o trabalho constrói; cumprimos nossa missão" (FOLHA DE SÃO PAULO, 19/06/1962, p.10). Assim, o mundo projetado era similar a esta interpretação de Sarmento (2013, p.123-124): "a repetição da conquista indicava, sem espaços para questionamentos, que a posição assumida pelo futebol brasileiro no cenário internacional era resultado de um trabalho sistemático de preparação aliado ao talento dos "lúdicos mulatos"".

Aimoré surge em meio a esta narrativa de exaltação de seu "chefe" como alguém "que estava contente com a conquista". De forma curiosa Feola é lembrado na reportagem. Sua foto divide as atenções e espaço na página com a de Aimoré: "Tático: Aimoré Moreira, o tático da seleção nacional. Símbolo: Vicente Feola, que pode ser representado como o símbolo do técnico brasileiro" (FOLHA DE SÃO PAULO, 18/06/1962, p.24). Outro aspecto interessante da narrativa são as construções em torno de Zagallo. O atacante era posto como um jogador taticamente perfeito, que auxiliava nas tais mudanças táticas do time e participava das reuniões com a comissão, ao lado de Didi. Não por acaso, após se aposentarem, ambos se tornaram treinadores. Zagallo já elaborava ali o seu percurso como treinador. Mesmo sendo menor, a narrativa de disciplina permaneceu à espreita, aguardando o momento certo para assumir novamente seu local de destaque neste *frame* Copa do Mundo.

Em linhas gerais, consideramos que a repetição do título na Copa de 1962, quatro anos depois, funcionou como os "atos de fingir" mencionado anteriormente. Fixava-se a narrativa do "país do futebol" no imaginário nacional com a vitória no Chile e o "replay" da conquista. Ser campeão se torna o referencial imediato no imaginário nacional, o que proporcionará mudanças importantes no *frame* Copa do Mundo. Vencer passaria a se tornar "obrigação", já que, independente de qualquer outra coisa, teríamos os "melhores jogadores do mundo". O processo de exaltação dos jogadores atinge nesta confirmação do "país do futebol" o seu ápice. Em 1962 o enfoque será muito maior no talento do jogador, diminuindo a narrativa sobre organização e tática que vimos em 1958, sustentando o declínio da importância do treinador no mundo criado pelos jornais, que voltaria a crescer e superar as médias anteriores com Zagallo em 1970, como veremos mais adiante. No próximo item veremos como foi a

volta do campeão Feola, “símbolo do técnico brasileiro” ao comando da seleção em uma Copa do Mundo.

Tabela 25 - Reportagens Copa de 1962:

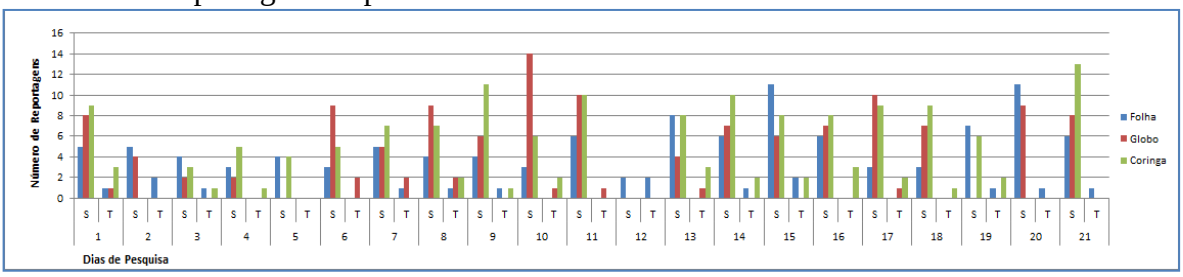

Tabela 26 - Avaliação Quantitativa Copa de 1962:

Total Quantitativo					
1962	Seleção	Técnico	Porcentagem Técnico	Seleção 3 jornais	Técnico 3 jornais
Folha	112	15	13,39285714	377	51
Globo	127	11	8,661417323		
Jornal do Brasil	138	25	18,11594203		

Tabela 27 - Avaliação Qualitativa Copa de 1962:

Avaliação			
1962	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	0	5	10
Globo	1	2	8
Jornal do Brasil	0	6	19

Tabela 28 - Categorizações Copa de 1962:

Categorizações			
1962	Técnico	Nome de batismo	Treinador
Folha	3	10	2
Globo	1	10	0
Jornal do Brasil	12	13	0

5.3 **1966: “Não podemos ser campeões a vida inteira”**

Com essa frase, Vicente Feola tentou explicar a derrota da seleção na Copa de 1966 e confrontar o imaginário reforçado nas edições anteriores para o *frame* Copa do Mundo de que estávamos “destinados a vencer todas as edições” por conta do talento de nossos jogadores. Pela primeira vez tivemos o retorno de um treinador que já havia comandado a seleção em

uma Copa. Este cenário foi interessante para confrontarmos a narrativa de Feola na vitória e na derrota da seleção. A ideia de "não atrapalhar" esteve presente, com algumas modificações.

A primeira alteração importante foi na mudança dos grupos que estariam no poder em 1966. O governo de Juscelino chegou ao fim de seu mandato entregando a nova capital do país, Brasília, em 21 de abril de 1960. Os grupos contrários a Juscelino decantavam que a construção da cidade seria um pretexto para a corrupção e inclusive, jornais enfatizavam que o presidente teria um apartamento na Avenida Vieira Souto, fruto de sua "desenfreada" corrupção, que jamais foi provada.

A percepção de que os políticos eram desonestos e seria necessário "varrer a corrupção" foi um dos fatores que contribuiu para a vitória de Jânio Quadros nas eleições presidenciais de 1960. O então governador de São Paulo teve uma campanha baseada na moralização da política e dos costumes, apresentando-se como alguém "fora do sistema" e acima dos partidos. Jânio superou o general Lott e Adhemar de Barros na disputa. Na escolha do vice, era possível votar no vice de outra chapa, João Goulart, que era vice de Lott, venceu. Jânio tomou posse em 31 de janeiro de 1961 e como vimos, quando a seleção estreou na Copa de 1962 já não era mais presidente (GUTERMAN, 2009). Além de suas atuações internas como proibir rinhas de galo, seu desempenho nas relações internacionais fizeram os militares e Carlos Lacerda retirarem o apoio ao presidente. Lacerda dizia que Jânio tramava um golpe. Jânio, com sete meses no cargo entregou uma carta de renúncia ao Congresso que rapidamente aceitou. Jango, o vice, estava na China, em missão oficial. A mesma obsessão anticomunista que já havia se exaltado com a condecoração entregue a Che Guevara, líder da revolução cubana, por Jânio Quadros, tentou impedir a posse de Jango com a justificativa de ele estar visitando um país comunista. Começou a ser travada a "batalha da legalidade", que defendia o cumprimento da Constituição e, consequentemente, a posse de Jango. Liderada pelo governador gaúcho e cunhado de Jango, Leonel Brizola, o cumprimento da constituição foi driblado pela adoção do sistema parlamentarista, com Tancredo Neves como primeiro ministro e Jango empossado, mas sem poderes. A tensão entre campos para chegar ao poder era clara, fazendo eclodir, de um lado, movimentos camponeses e urbanos de trabalhadores, além do movimento estudantil. Do outro lado, a convicção do pensamento dominante da Escola Superior de Guerra, auxiliada pela forte influência americana, era de que Jango representava o descontrole, o comunismo e a subversão da ordem (FICO, 2010). A ideia de

que somente um golpe militar colocaria ordem e impediria uma "revolução comunista" era intensa[132].

Em janeiro de 1963 um plebiscito pôs fim ao parlamentarismo. Com o poder presidencial retomado, Jango tentou avançar com seu projeto principal: as "reformas de base". As reformas incluíam reforma agrária, direito do voto aos analfabetos e uma ação do Estado mais direta na Economia. Em seu comício na Central do Brasil em 13 de março de 1964, Jango tinha a intenção de explicar as reformas para obter o apoio popular e assim decretá-las. Um de seus atos anunciados neste evento foi desapropriar refinarias de petrolíferas estrangeiras. Contrapondo-se a essa tentativa de mobilização popular realizada por Jango, a "marcha da família com Deus pela liberdade" indicava o apoio de setores da sociedade ao movimento militar (GUTERMAN, 2009). Antes de se encerrar o mês de março, os militares dariam um golpe para retirar Jango do poder e estruturar um imaginário de disciplina, organização e rigidez no país que influenciaria diretamente o "olhar" dessa elite para quem deveria ser o treinador da seleção brasileira.

Neste cenário, vencer a Copa do Mundo se tornou objetivo não só da CBD, mas também da ditadura militar. A vitória poderia ser explicada com a disciplina e ordem que os militares tanto louvavam. Manter o controle na disputa do campo esportivo era fundamental em uma conjuntura de acirramento entre grupos sociais. Para a conquista do tricampeonato, Havelange procurou manter algumas semelhanças com os dois títulos anteriores. Com o bicampeonato, as excursões da seleção pela Europa continuaram e mantiveram o superávit da entidade. Todavia, como Sarmento (2013, p.127) destaca: "O envelhecimento do elenco bicampeão, aliado a uma agenda sobrecarregada e descontínua, impedia a condução de um programa adequado de renovação da equipe." Em resumo, as escalações da equipe ficaram "reféns" do capital simbólico dos jogadores que o mundo tinha conhecido em 1958 e 1962. Colocar outros atletas era fugir do "replay" que a CBD vendia em seus amistosos.

O próprio Garrincha vivia um "inferno astral" no período entre Copas e não conseguia resgatar em suas atuações o imaginário construído nas Copas anteriores. Sua artrose no joelho

[132] Dreifuss (1981) destaca que essa atmosfera para o golpe foi fomentada por atividades de organizações empresariais como o Ipes (Instituto de pesquisas e Estudos Sociais) e o Ibad (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) que funcionaram como operadores da burguesia multinacional estabelecendo ações calculadas e planejadas na tomada do poder no país e que capitaneou uma elite que assumiria o país com o golpe. A partir das análises de Dreifuss (1981) e Fico (2014) interpretamos as duas entidades como acionadoras de um imaginário anticomunista, da corrupção populista, fundamentais para o golpe, através de "palestras, simpósios, entrevistas à imprensa, debates, filmes, peças teatrais, desenhos animados e livros. Rádio, televisão, cinema, editoras e imprensa foram mobilizados" (FICO, 2014, p.36). Traçamos uma semelhança muito grande destes institutos com movimentos que surgiram em 2013 no Brasil, como o MBL (Movimento Brasil Livre), por exemplo.

se intensificou com a quantidade de jogos tanto pelo Botafogo quanto pela seleção. Em algumas oportunidades eram feitas infiltrações para que ele pudesse entrar em campo e atender aos anseios do "público" que havia pago para ver o melhor jogador de futebol do mundo. Sua última grande atuação havia sido em dezembro de 1962, na final do Campeonato Carioca contra o Flamengo. O Botafogo venceu o rival por 3 a 0 com dois gols de Garrincha, que travou uma disputa na semana da partida com os dirigentes do clube sobre uma renovação de contrato que se arrastava desde o fim da Copa de 1962. Garrincha foi convencido a jogar, ganhar e depois discutir a renovação. Renovou o contrato seis meses após o título e seu joelho não melhorou e nem iria melhorar. Em 1964, realizou uma delicada cirurgia e depois dela não conseguiu desempenhar as atuações anteriores. Ele tinha perdido a cartilagem existente entre os ossos do joelho, fêmur e fíbula. Cada vez que Garrincha freava sua aceleração e em seguida corria novamente driblando seus adversários, os ossos batiam causando uma dor intensa. Em algumas oportunidades ele mal conseguia andar (MOSTARO, 2012). Sua escalação em 1966 baseava exclusivamente no seu capital simbólico adquirido durante o bicampeonato. Ele não era mais "o" Garrincha de quatro anos atrás, mas Havelange, em meio a uma conturbada preparação para competição, contava com ele para a conquista do tri e como uma parte da valiosa moeda no capital simbólico do próprio "país do futebol".

Nos bastidores, a ideia de preparação para a Copa de 1966 esbarrou nos conflitos internos, fazendo com que Paulo Machado de Carvalho deixasse o cargo de "Marechal da Vitória". O apelido foi dado pelos colegas de imprensa e resume bem como o chefe da seleção ganhou categorizações que indicavam seu poder disciplinador soberano frente aos demais membros da comissão, ou seja, "marechal" e o sinônimo de sua passagem pela seleção: vitória. O imaginário sobre Paulo Machado de Carvalho moldado pela narrativa reforçava esta expressão e atribuía um capital simbólico considerável a Paulo. Tanto que, para substituí-lo, o próprio Havelange acumulou funções e se tornou o chefe da delegação. Vencer a Copa na Inglaterra e conquistar definitivamente a Taça Jules Rimet, era o passaporte de Havelange para a presidência da FIFA, onde implantaria o seu modelo de gestão. O preparador físico Paulo Amaral quis uma "promoção" na empresa CBD e passou a ser auxiliar técnico de Feola.

Feola chegava com uma responsabilidade enorme no mundo projetado pelas narrativas. Ao se repetir duas vezes seguidas, o título se tornava algo comum ao *frame*. Vencer seria uma função que a seleção teria obrigação de desempenhar no torneio. No dia da estreia contra a Bulgária, a *Folha* mostra em sua narrativa tal favoritismo: "O Brasil é favorito no jogo de hoje. A equipe brasileira manteve sua condição de preferida dos apostadores como a maior candidata ao título" (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/07/1966, p.1). Com muitos

jogadores que "já sabiam o segredo para a conquista" a narrativa do início da competição trazia um otimismo similar a de 1962. O jornal mais efusivo nesta confiança em sua narrativa foi *O Globo*. A manchete após a seleção vencer por 2 a 0 a Bulgária com gols de Garrincha e Pelé foi "A melhor estreia da Copa" (O GLOBO, 13/07/1966, p.1). Ricardo Serran destaca que foi a melhor estreia, se comparada às de 1958 e 1962. Uma concepção que destoou das demais narrativas. Interpretamos que Serran "fazia parte da representação" desde a primeira conquista, inserindo-se na atmosfera de tal forma que seleciona argumentos que vão contribuir muito mais para a exaltação do que para uma interpretação mais reflexiva e crítica da partida. Nelson Rodrigues, seguindo a mesma linha, destacou assim a vitória:

> E onde estão os pessimistas? Dirá alguém que a equipe não esteve perfeita. Mas aí é que está: não queremos perfeição, queremos o tricampeonato. Toda obra de arte é imperfeita. E a nossa vitória de ontem foi, justamente, uma obra de arte total [...] Eu dizia e repito: só um débil mental de babar na gravata terá coragem de duvidar do nosso scratch. Um time que tem Pelé é tricampeão nato e hereditário (O GLOBO, 13/07/1966, p.22).

A *Folha* já constrói um mundo com menos exaltação à estreia: "Nem bonito de admirar nem feio de espantar" (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/07/1966, p.17). A vitória, que teria dado "tranquilidade ao Brasil", deixou Feola satisfeito, segundo a narrativa do *Jornal do Brasil*. O jornal também destacou a violência durante a partida e trouxe uma reportagem indicando que o supervisor Carlos Nascimento pediu "a Havelange que faça relatório à FIFA contra jogo bruto" (JORNAL DO BRASIL, 13/07/1966, p.21). Foi uma competição considerada violenta pelos três jornais, onde o vigor físico dos jogadores apareceu na intriga com uma intensidade maior pela primeira vez no *corpus*. Foi a primeira competição a adotar o exame antidoping, indicando uma preocupação de haver uma exacerbação nesta preparação, diminuindo as "iguais condições" entre os jogadores. Esta será uma mudança fundamental e que se tornará mais evidente nas competições futuras. Com uma boa preparação, um bom condicionamento físico, poderia se impor um outro tipo de jogo no qual esta preparação se tornaria algo decisivo na partida, o que para nós mudaria o código. A interpretação do "craque" mudaria, deixando de observar primordialmente o seu talento e introduzindo o preparo como atributo essencial para o "tipo ideal" de jogador de futebol[133]. Essa mudança vai tornar o papel do treinador e de sua comissão (inclusive com a presença de outros especialistas) mais decisivo, fazendo também com que novos métodos de treinamento e pesquisas sejam incorporados ao cotidiano da narrativa sobre a seleção, exatamente o que vai ocorrer em 1970, como veremos.

[133] Aqui sugerimos a leitura de Helal (1999) onde o autor aborda a "necessidade" da construção física do jogador Zico para chegar aos profissionais.

Todavia, este já foi um dos pontos que acompanhou a narrativa sobre Feola após o segundo jogo da seleção. Após uma "fraca atuação dos brasileiros", a Hungria venceu a seleção por 3 a 1, tornando mais difícil a classificação brasileira para a próxima fase. A capa da *Folha* na véspera da partida destaca que "Feola não quer mudar o time contra a Hungria" (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/07/1966, p.1). A comissão decidiu também poupar Pelé, por conta de uma pancada no joelho no primeiro jogo, o que o jornal destacou como "maus conselhos" dados à comissão. A narrativa cria a intriga que as mudanças pedidas pela própria narrativa do jornal não feitas por Feola resultaram na derrota e que somente na última rodada o time teria as alterações pretendidas: "Tri mais difícil agora: time muda" (FOLHA DE SÃO PAULO, 16/07/1966, p.1). O jornal assume que: "Hungria melhor dominou e mereceu ganhar" (FOLHA DE SÃO PAULO, 16/07/1966, p.12). A narrativa para justificar a derrota se desenhava para uma incompreensão da comissão técnica do que seria o "futebol moderno". Uma declaração do supervisor Carlos Nascimento aparece em destaque, corroborando a narrativa de falhas da comissão: "Nascimento confessa culpa da CT" (FOLHA DE SÃO PAULO, 17/07/1966, p.25).

O jornal *O Globo*, em reportagem de Serran, ameniza a culpa do técnico Feola: "Não culpemos, porém, apenas Feola e Nascimento, sobre cujos ombros cairão as críticas mais pesadas, pois cada um de nós tem sua parte de culpa, principalmente pelo excesso de confiança e falta de humildade demonstrada" (GLOBO, 16/07/1966, p. 18). Interessante notar que o mesmo jornalista indicava este "excesso de confiança" na construção de sua intriga dias antes da derrota. No *Jornal do Brasil*, Armando Nogueira tenta dissecar a derrota e a iminente eliminação com a ideia de que a comissão atrapalhou:

> Quem estaria mais preocupado no país? São os senhores Vicente Feola, Carlos Nascimento, Paulo Amaral, e Hilton Gosling. Além desses quatro, talvez estejam sentados em torno da mesa também os senhores João Havelange, presidente da CBD e chefe da delegação, e Zezé Moreira, olheiro da equipe brasileira. [...] Por que se reúnem estes senhores? Para, mais uma vez, tentar resolver um problema que lhes foi proposto há três meses e que até hoje não conseguiram resolver. Que difícil problema é esse que tem esses senhores? [...] Foram dadas a estes senhores condições para resolver o problema? Disso não há dúvida. Jamais em nenhum país teve, em qualquer época, tantas condições. Tudo o que pediram esses senhores tiveram. E o que fizeram estes senhores? Complicaram tudo (JORNAL DO BRASIL, 16/07/1966, p.27).

A função da comissão de "resolver os problemas" fica clara, e o jornalista aponta que foram dadas as condições para "sermos campeões". Aqui enfatizamos que Nogueira postula não só a estrutura fornecida à comissão como as condições necessárias, mas também o "vasto talento brasileiro", que permitia à comissão escolher os "melhores do mundo". A,

praticamente, mesma comissão vitoriosa e competente de 1958 e 1962 agora havia complicado tudo. Essas duas manchetes indicam como era moldado o imaginário de que apesar do talento, os "gerentes" não estavam sabendo organizar, controlar e domar as feras: "Reservas brasileiros estão descontentes e o ambiente na concentração não é bom" (JORNAL DO BRASIL, 16/07/1966, p.28). "Comissão continua indecisa quanto às mudanças no time" (JORNAL DO BRASIL, 16/07/1966, p.28). Essa indecisão na escalação foi abordada nos três jornais e usada como "prova" que a comissão não se entendia e não tinha organização. O tom era de perplexidade de, no dia do jogo decisivo contra Portugal, não ser divulgado o time titular: "Os jogadores só saberão do Quadro no vestiário" (O GLOBO, 19/07/1966, p.22).

Com todo este processo narrativo em curso, a derrota por 3 a 1 foi creditada à comissão técnica. Na narrativa da *Folha*, Oto Glória, técnico brasileiro que treinava Portugal culpou os dirigentes e a falta de tática dos brasileiros. Essa manchete ilustra bem como a narrativa, na hora da derrota, jogou os holofotes na comissão técnica: "torcida vaia a comissão técnica" (FOLHA DE SÃO PAULO, 20/07/1966, p.20). O *Jornal do Brasil*, além de também enfatizar a vaia dos torcedores à comissão técnica e os pedidos de "Fora Feola e "Fora Nascimento" na Inglaterra, destaca que na Cinelândia fizeram uma grande forca com os membros da comissão técnica. O jornal também estampou na sua capa a posição do principal jogador e do chefe sobre o torneio: "Pelé ameaça deixar o futebol por causa da violência. Havelange em lágrimas culpa juízes da Inglaterra" (JORNAL DO BRASIL, 20/07/1966, p.1). "Enforcar" os membros nos indica como o imaginário da imprensa ajuda a julgar e definir culpados em determinadas situações sociais. A convicção da "culpa" na elaboração narrativa foi, como vimos, construída ao longo da Copa, culminando na exaltação do torcedor após a eliminação. Na atmosfera construída, Armando Nogueira reforça a ideia de morte do nosso futebol culpando o esquema: "Assisto hoje ao enterro do 4-2-4, essa pilhéria que Nascimento-Feola impingiram à organização de jogo de nossa equipe, com uma frieza só comparável à do coveiro de Augusto dos Anjos, somando ossos, ossos e mais ossos, na sua hedionda aritmética" (JORNAL DO BRASIL, 20/07/1966, p.21). O colunista termina utilizando o imaginário de um treinador ultrapassado como fio condutor de sua Mimese II: "ultrapassado pelo futebol moderno, futebol de 4-3-3 futebol de velocidade, futebol de força física, futebol de simplicidade" (JORNAL DO BRASIL, 20/07/1966, p.21). Paulo Machado de Carvalho aparece na narrativa do *Jornal do Brasil* para criticar a organização, a convocação e reforçar a imagem negativa de Feola: "Paulo levaria Feola e Aimoré, pois considerava Feola "ultrapassado, mas ainda de valor" (JORNAL DO BRASIL, 20/07/1966, p.20). *O Globo*, após enfatizar a "consternação em todo o país com a derrota do selecionado", destacou que foi feito

um enterro simbólico de Feola nas ruas do Meíer com um caixão improvisado e com uma nova versão do samba Tristeza de Ari Cordovil: “Feola, por favor vá embora/ é o Brasil que implora/ está vendo o meu fim/ o tricampeonato agora é demagogia/ já é demais o meu penar/ quero que voltem aquelas Copas com alegria/ quero de novo gritar” (O GLOBO, 20/07/1966, p.6). Feola e a “estratégia”, “disciplina” e “organização” do “trabalho de equipe” da comissão teriam tirado a “alegria” das Copas anteriores.

Outro fato curioso foi a declaração do então ministro da Justiça, Viana Filho. Ao divulgar a nova lista de cassados no âmbito do serviço público estadual e municipal e ser questionado se Feola estava na lista, disse: “não está, mas deveria estar, pois técnico, como Peru, se mata de véspera” (JORNAL DO BRASIL, 19/07/1966, p.20). O tom aparentemente jocoso dos torcedores do Méier e o tom sombrio como as ações militares na época sancionavam uma violência simbólica contra o treinador que quase ocorreu efetivamente. Esta tensão e um “caça as bruxas” aos culpados chegou a Vicente Feola e seus familiares. No dia 20 de julho, reportagens na *Folha* e *Jornal do Brasil*, destacam que a esposa do treinador, Joanina, passou a atender chamadas telefônicas ameaçadoras após o fim da partida: “As ameaças, segundo ela revelou, diziam que “Feola não desceria do avião”, “que iam pegá-los” (FOLHA DE SÃO PAULO, 20/07/1966, p.19). Segundo o jornal, a casa seria apedrejada se não estivesse “guardada por dois policiais, a pedido de seu padrinho de casamento, Sr. Amilcar de Oliveira, diante das ameaças recebidas pela esposa do treinador através do telefone” (JORNAL DO BRASIL, 20/07/1966, p.20).

Na sua entrevista à *Folha*, Feola, que segundo o jornal “na tristeza do Brasil Feola é o mais abatido”, declarou: “mas tudo é do esporte e não podemos nos queixar. Temos que nos conformar, porque não podemos ser campeões a vida inteira” (FOLHA DE SÃO PAULO, 21/07/1966, p.18). É importante frisar, que a mesma análise que realizamos na revolta com a derrota de 1950, pode ser novamente aplicada aqui. O imaginário de ser campeão, agora reforçado pelos dois títulos anteriores, é rompido quando encontra a “realidade”: o time perdeu. A frase de Feola, que é o título deste item, não é compreendida para quem coconstroi a ideia de favoritismo e de que a “nação” será novamente campeã. Envolvido na atmosfera e se sentindo parte da “comunidade imaginada” “seleção brasileira”, a revolta com a ruptura da narrativa encontra um culpado, auxiliado pelo mundo criado pelos jornais e destina a ele a sua ira. Vencer sempre é possível na construção narrativa do “país do futebol” e alguém teria atrapalhado esta vitória. Além da campanha considerada “vexatória” pelos jornais, a obrigação de sermos campeões por termos os melhores jogadores do mundo influenciou nas narrativas negativas sobre Feola. Também é importante frisarmos que com uma vitória e duas

derrotas em três jogos, a narrativa de fracasso de quem teria que organizar, disciplinar e manter a "ordem natural" do *frame* não poderia ser anexada ao modelo ideal da elite que comandava o país na ocasião. Foi então que o treinador, que vinha tendo uma queda nas últimas competições quanto a sua importância nas vitórias, se tornou "o" culpado pela derrota.

Foi isso que aconteceu com a narrativa sobre Feola e com os membros da comissão. O próprio Havelange assume a culpa em entrevista ao *Globo*: "não culpem os jogadores de nosso insucesso. Lancem sobre mim todos os erros cometidos" (O GLOBO, 21/07/1966, p.18). No desembarque, com "esquema especial de segurança para proteger os jogadores e dirigentes" (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/07/1966, p.1) o *Jornal do Brasil* revela que Havelange e Carlos Nascimento "reconheceram também os erros da comissão técnica, um dos quais a convocação inicial de excessivo número de jogadores, que acabou por impedir a formação de uma equipe técnica ideal" (JORNAL DO BRASIL, 25/07/1966, p.18). Feola também aparece declarando que os jogadores eram os menos culpados.

Nos 15 dias de análise (12 a 26 de julho), o "símbolo do técnico brasileiro" apareceu em 42 das 217 reportagens sobre a seleção, chegando a 19 por cento. Relativamente se falou mais de Feola em 1966 do que de Aimoré em 1962, porém foi o maior número de notícias negativas até aqui: 14 (três na *Folha*, cinco no *O Globo* e seis no *Jornal do Brasil*). Falou-se mais, porém de forma negativa. Com a derrota, Feola, que no título em 1958 obteve o maior número de notícias positivas até então e que não teve menções negativas, se tornou, em oito anos, "ultrapassado" para o futebol "moderno".

Foram 40 notícias nas capas dos jornais sobre a seleção (22 na *Folha*, 24 no *O Globo* e 20 no *Jornal do Brasil*). Dentre elas nove sobre Feola, sendo três em cada jornal. A *Folha* teve 61 matérias sobre a seleção, sendo 12 sobre o treinador. O jornal contou novamente com Aroldo Chiorino com enviado especial. *O Globo* teve 66 reportagens sobre a seleção com 15 sobre Feola. A expectativa da vitória levou o jornal ter uma equipe de enviados especiais de sete pessoas, incluindo fotógrafos. O *Jornal do Brasil* teve 90 notícias sobre a seleção e 15 mencionando o treinador e também enviou uma equipe de jornalistas para cobrir o evento: 10 no total. As notícias neutras foram 24 (oito na *Folha*, sete no *O Globo* e nove no *Jornal do Brasil*) e quatro positivas (uma na *Folha* e três no *O Globo*) todas antes do segundo jogo. Encontramos apenas duas categorizações nesta competição, menor número de toda a pesquisa: "técnico" (6) e "nome de batismo" (36). Por ser a segunda vez no cargo em uma Copa do Mundo e ter sido o mais citado até aqui no *corpus* (no título em 1958), inferimos que a referência no imaginário do leitor sobre Feola já direcionava imediatamente para a sua função neste *frame*.

Em resumo, para a narrativa dos jornais pesquisados a causa de nosso "fracasso" seria o treinador não ter "entendido" as mudanças do futebol mundial, ter preparado mal os jogadores, não definindo o time titular, o que contribui para que eles estivessem confusos em campo. Feola atrapalhou o "nosso talento" e, por isso, interpretamos que os três jornais o abordaram de forma negativa.

Aqui, pela primeira vez no *corpus* encontramos a confirmação da proposição de Stephen Wagg (2006). Na busca por resultados, o treinador de futebol seria o culpado imediato pela derrota, deixando a estrutura acima dele intacta. A linha narrativa indicou: a concepção estava certa, a execução é que foi feita errada. Foi exatamente o que definiu Zezé Moreira ao descrever que o futebol brasileiro estava superado e nos faltava: "velocidade, força e resistência. Há necessidade imperiosa de uma revisão completa dos nossos métodos de trabalho" (FOLHA DE SÃO PAULO, 21/07/1966, p.6). Ou seja, foi o técnico e, neste caso, também a comissão quem errou. O ex-treinador mostra como nossa proposição exposta anteriormente em relação à mudança no código sobre o que seria o "jogador ideal" ocorre. Zezé afirmou que os jogadores brasileiros não aguentariam uma corrida de 100 metros com nenhum europeu. O importante seria o talento para o futebol ou para o atletismo? Logo na Copa seguinte, veremos que apesar do talento sobressair, o "ser um atleta" passará a fazer parte do "perfil ideal" do jogador, com a figura de Pelé como maior exemplo.

Mesmo afirmando que "não irei a 1970" (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/07/1966, p.18), Pelé foi. O camisa dez da seleção foi condecorado pelo presidente Castelo Branco com a ordem de Rio Branco, "considerando o muito que o jogador tem feito para elevar o nome do Brasil no exterior" (JORNAL DO BRASIL, 25/07/1966, p.1), logo depois do desembarque da seleção. Enquanto Garrincha julgou a "comissão ridícula ao trocar quase todo time de uma só vez" (JORNAL DO BRASIL, 26/07/1966, p.18) e afirmou não se encaixar no esquema tático do time. Os dois gênios encerravam ali sua parceria pela seleção. Se Mané resumiria a antítese desta preparação, foi necessário usar apenas um lado da valiosa moeda do país do futebol em 1970. Sem a presença de Garrincha em 1970, interpretamos que foi possível um ajuste na narrativa sobre o técnico. Agora ele não mais atrapalharia o talento.

Com preparação específica para a competição, inovações táticas consideradas modernas e o militarismo presente na seleção, Pelé foi, ao lado de Zagallo, agora como treinador, tricampeão do mundo praticando o chamado "futebol ideal". O título selaria a chamada "Era de Ouro" atingindo o auge na narrativa do país do futebol.

Tabela 29 – Reportagens Copa de 1966:

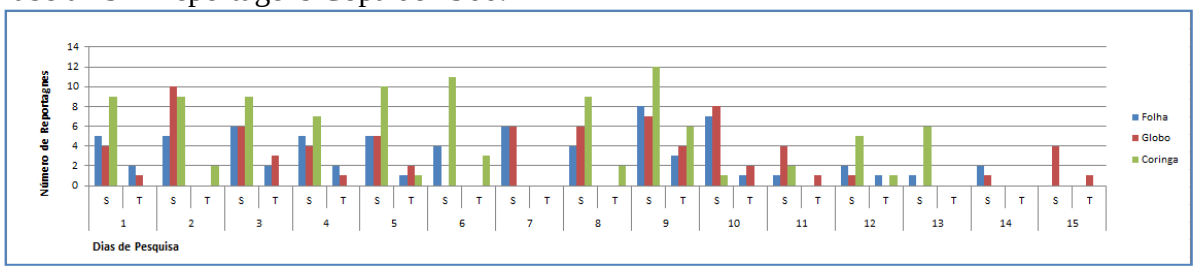

Tabela 30 - Avaliação Quantitativa Copa de 1966:

Total Quantitativo					
1966	Seleção	Técnico	Porcentagem Técnico	Seleção 3 jornais	Técnico 3 jornais
Folha	61	12	19,67213115	217	42
Globo	66	15	22,72727273		
Jornal do Brasil	90	15	16,66666667		

Tabela 31 - Avaliação Qualitativa Copa de 1966:

Avaliação			
1966	Negativa	Positiva	Neutra
Folha	3	1	8
Globo	5	3	7
Jornal do Brasil	6	0	9

Tabela 32 – Categorizações Copa de 1966:

Categorizações		
1966	Técnico	Nome de batismo
Folha	1	11
Globo	1	14
Jornal do Brasil	4	11

5.4 **1970: O técnico tri**

Neste lance final do jogo da tese começaremos apresentando os números encontrados. Eles impressionam e nos ajudam a compreender a simbologia desta competição tanto na construção do "país do futebol", quanto como principal referência no resgate da memória feita

até hoje nos jornais quando se conta o "nosso futebol"[134]. O tricampeonato no México foi um marco. Um gol que "sacramenta" a vitória do "país do futebol", que lhe dá a taça Jules Rimet em definitivo. Um marco na narrativa do "país do futebol" e marco também no rumo narrativo que o esporte e, consequentemente, o técnico teriam nas competições seguintes. Esse simbolismo nos induziu a encerrar aqui a apresentação dos dados para esta tese, entendendo esta competição como o "fim" da "primeira parte" da narrativa dos treinadores da seleção. De 1974 em diante uma série de interações que vamos apresentar neste item, que já vinham se desenhando, mas ocorridas em 1970 com mais intensidade, vão reconfigurar o conceito de treinador em um rearranjo importante entre os campos. Com um time "recheado de talentos", com a preparação "moderna" e a aplicação tática exigida em 1966, ocorre novamente o encontro de posições outrora antagônicas, mas que simbolizariam a cara e a cora da valiosa moeda simbólica do "país do futebol".

Foi o maior número de notícias do *corpus*: 625 em 22 dias de análise. 207 que falavam de Zagallo, o que caracterizou 33 por cento do total das matérias sobre a seleção. Também foi o maior percentual. A *Folha* teve 176 reportagens (22 capas), sendo 61 com Zagallo (17 na capa). *O Globo* 226 (24 capas), dentre elas 59 incluindo Zagallo (10 capas). O *Jornal do Brasil* trouxe números expressivos sobre o treinador: 87 dentro das 223 reportagens sobre a seleção. Somente esse número de aparições de Zagallo em matérias do *Jornal do Brasil* já supera o valor total de qualquer outro treinador em uma competição, ou seja, analisando apenas o *JB* Zagallo já seria o técnico com o maior número de reportagens que o mencionaram de todo o *corpus*.

Foram duas menções negativas (*Folha* e *Globo*), 86 positivas (16 *Folha*, 24 *Globo* e 46 *Jornal do Brasil*). A título de comparação, até a Copa anterior as menções positivas aos treinadores somadas chegavam a 60. A abordagem neutra apareceu 119 vezes (*Folha* 44, *Globo* 34 e *JB* 41). Consolidam-se também as categorizações: três com o termo "treinador", todas no *Jornal do Brasil*. "Técnico" quatro vezes na Folha e seis no *Jornal do Brasil* e o "nome de batismo" foi usado 57 vezes na *Folha*, 78 no *JB* e 59 no *O Globo*. O termo se consolida, porém seu conceito é modificado. O técnico de 1970 e o que é escolhido pelos jornais no imaginário para associar a esta expressão é diferente. O técnico aqui indica as transformações que o esporte sofreria na década de 1970. Ao invés de "não atrapalhar", sua

[134] Santoro e Soares (2009) analisam a construção da memória desta competição estabelecendo a equipe de 1970 como a referência para "julgar a qualidade do futebol jogado pelas seleções que se formaram posteriormente" (SANTORO e SOARES, 2009, p.1). Os autores apontam para uma exaltação do treinamento nos jornais da época, o que vamos apresentar, e um "silenciamento" deste treinamento nas narrativas futuras sobre esta seleção, indicando como os campos estão em constante disputa.

ações serão associadas diretamente ao sucesso do time, com uma ênfase maior do que a que vimos nas demais competições.

Interessante perceber que todas as menções no *O Globo* usaram o nome Zagallo. Este é um dado importante para compreendermos como seu nome já estava inserido no imaginário nacional, por conta de sua atuação como jogador nas duas conquistas anteriores. No *frame* Copa do Mundo, Zagallo já era alguém conhecido. Mas por que tanto Zagallo, tanta seleção e tantas menções positivas ao treinador no mundo criado pelos jornais em 1970? Dividimos as respostas destas perguntas em três partes: 1) a compreensão da atmosfera da competição e a intensidade do ritual com a inserção de novos aparatos tecnológicos, 2) a preparação como fator primordial no mundo dos jornais para que o tricampeonato acontecesse, refletindo diretamente na narrativa positiva da figura de Zagalo e 3) a exaltação ao talento.

Começamos pela quantidade de notícias sobre a seleção. Para entender o maior número de notícias do *corpus*, retomamos a ideia de atmosfera de Gumbrecht (2014). Essa atmosfera e todos os elementos que a compõem interferem na narrativa e nos afetos que elas proporcionam. Além da expectativa pelo tricampeonato, o impacto tecnológico foi decisivo. Desde a Copa de 1954 que oito países da Europa (França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, Dinamarca e Suíça) já assistiam aos jogos ao vivo pela televisão. Esse número foi aumentando a cada competição. No Brasil, o vídeo tape chegava com o atraso de dois dias após a realização das partidas nas Copas de 1958 e 1962. Em 1966 os jornais pesquisados já anunciavam que a partida seria transmitida às 22 horas no mesmo dia do jogo. Somente este impacto já influenciou a quantidade de notícias sobre a seleção, que foi crescendo gradativamente nas Copas supracitadas (152 em 1954, 401 em 1958, 377 em 1962 e 217 em 1966). Logicamente que os dois títulos auxiliam na compreensão deste aumento, porém, acreditamos que a inserção de um novo meio tecnológico e sua gradativa popularização, interferiu no fluxo comunicacional.

Em 1968, em função das Olimpíadas na Cidade de México, o magnata das comunicações Emilio Ascarraga Milmo, dono da Televisa, adquiriu os equipamentos necessários para fazer a primeira transmissão via satélite para todos os continentes. Os dois satélites que enviavam o sinal: um transmitindo em preto e branco e outro a cores, foram aproveitados para transmitir a primeira Copa do Mundo ao vivo para mais de 50 países. Estima-se que 600 milhões de pessoas acompanharam a abertura da Copa entre URRS e México. Mais de 1.200 jornalistas de mais de 100 países fizeram a cobertura da Copa mais midiática até então. O interesse comercial fez com que as partidas fossem realizadas ao meio dia ou às quatro da tarde no horário local. A competição se tornava uma vitrine mundial, o

que resultaria em uma mudança decisiva na influência do campo econômico no esporte e que transformaria, a partir dos anos 1970, o treinador no "gerente" das empresas que os clubes em breve procurariam se tornar.

Meyrowitz (1986) enfatiza que os meios de comunicação criam novas formas de sociabilidade e vínculos, influenciando comportamentos sociais[135]. Para Meyrowitz, a forma de interagir se modifica de acordo com as características dessas novas mídias, criando contextos informacionais. É o que reforçamos na preleção de que um elemento novo provoca uma alteração e adaptação dos demais. Na ótica de Bourdieu, seria um campo adquirir uma força simbólica em determinado momento que faz com que os outros orbitem em sua volta. Consideramos que aqui o campo midiático e campo econômico amplificam uma ofensiva que vai impactar diretamente o campo esportivo, fazendo com que, conforme Winkin (1998) defende, outros elementos se ajustam a este "tom".

Acreditamos que essas mudanças de cenários comunicacionais são um processo de fluxo contínuo, articulados por conflitos entre campos que engendram novas necessidades e novas práticas interacionais. Retomando a ideia de *mediamorphosis* de Fidler (1997) e remediação de Bolter e Gruzin (1999) reforçamos que esse processo sinaliza um sistema adaptativo e em constante expansão, na qual cada meio se influenciará mutuamente. Ao atuar como mediadores da interação, esta mudança pode redefinir todo o processo. Neste novo ambiente da Copa de 1970 características e estímulos do rádio, impresso e televisão causariam o que já destacamos como remediação. Em resumo, o conceito entende que novos meios vão derivar, transformar e coexistir com os meios anteriores. Acreditamos que a ideia evolutiva dos meios é pouco precisa. Seria mais interessante compreender que novas mídias reconfiguram modos de comunicação sem "matar" os meios anteriores. Ou seja, o imaginário do rádio e impresso permanece ao se encontrarem com o da televisão. O conhecimento e as formas de interação propiciados por estes veículos não se perdem, se acumulam e contribuem para aumentar o tamanho deste lago imaginário. Quando se aciona o imaginário pelos meios de comunicação, todo este "trajeto antropológico" está em jogo. O imaginário em 1970 agora é também oferecido e ampliado pelas imagens dos jogos da seleção ao vivo e a cores. Este fato, além de introduzir a ideia de espetáculo no esporte e reconfigurar sua narrativa, muda também a ideia de tempo presente que já citamos anteriormente. O tempo presente agora vem com as imagens instantâneas do "acontecimento". Torna-se, assim como em 1938,

[135] O autor articula o pensamento de Erving Goffman com o de Marshall McLuhan, julgando que os dois se completariam. Ele acredita que enquanto Goffman aborda a interação social e cenários de performance dos indivíduos, em um nível micro, o a teoria das mídias de McLuhan complementa o nível macro destacando o impacto dos meios de comunicação nestes ambientes e consequentemente nas interações.

"impossível" não falar sobre o assunto. A cobertura do evento se altera ao impulsionar o sentido de "novidade", redimensionando o sentido de "comunidade imaginada", tanto pela expectativa do tri, quanto pela forma com que vai se vivenciar a competição e o ritual. O *Jornal do Brasil* traz para a sua narrativa o aumento da procura da população para interagir no ritual através da novidade tecnológica: "Copa aumenta a venda de televisores. Em algumas lojas especializadas a procura chegou a 50% acima da média normal ao resto do ano. [...] as oficinas de conserto de televisores também tiveram seu trabalho aumentado, principalmente com pedidos de regulagem de imagem e revisão" (JORNAL DO BRASIL, 03/06/1970, p.21).

O ambiente de 1970 inaugura a força da imagem no fio condutor da narrativa, inclusive tentando projetar a ideia de modernidade nesta imagem, como se ver o jogo fosse algo melhor do que ouvir o jogo ou ler a coluna no dia seguinte. Esta reportagem da *Folha* destaca essa cobertura, indicando diferentes estímulos em cada meio: "milagre da eletrônica, que é como atualmente batizaram as transmissões dos jogos pelo satélite, tirou o torcedor das ruas, e colocou nas salas. Para quem apenas observa, é muito melhor, a partir disso, pesar as emoções" (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/06/1970, p.10).

Acreditamos que os jornais consultados, presentes nesta nova atmosfera, vão assim, como o efeito do rádio em 1938, passar por essa remediação. É o que já mencionamos sobre a narrativa: ela é um processo. Ela estará sempre permeada pela atmosfera onde foi construída. Observamos, por exemplo, que o número de fotografias nas reportagens aumentou nesta competição. Os jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil* ampliaram sua equipe na cobertura no local do evento, enviando fotógrafos exclusivamente para a competição, criando um fluxo comunicacional diferente das edições anteriores, que notamos já estarem incorporando gradativamente as imagens em sua narrativa. A diferença de uma página do jornal *O Globo* em 1938 para 1970, por exemplo, é grande: mais imagem e menos texto nas páginas dedicadas ao esporte, especialmente nas capas, evidenciando um processo de remediação e *mediamorphosis* do veículo escolhido para integrar nosso *corpus*. A imagem passa a ser um elemento mais frequente na construção do mundo dos jornais, ela integra com mais ênfase a formação da Mimese II da narrativa. O enquadramento do que "eu vou contar" e selecionar agora tem a imagem "fornecida" pelo autor na condução da narrativa. Por exemplo: ver o vigor físico, o talento e a preparação do time metaforizados nos lances de Pelé nos jornais e depois assistir a reprodução desses lances através do replay por vários ângulos, interfere, para nós na repetição e acionamento do imaginário, ou seja, nos "atos de fingir". É o que já destacamos no item 3.3 ao abordar a interpretação de Bateson sobre as imagens. Tal *frame* comunicacional aumentou a intensidade da interação e consequentemente, o simbolismo da

conquista. Criar ícones imagéticos, a partir daquela competição, seria mais efusivo nas Copas do Mundo.

Assim como já descrevemos em 1938, estes diferentes tons inseridos em determinadas atmosferas podem ser considerados como Gumbrecht (2014, p.13) define: “uma forma de realidade física (ainda que invisível) que “acontece” aos nossos corpos e que, ao mesmo tempo, os “envolve”. Este envolvimento afeta diretamente a intensidade com que se acompanha uma narrativa, com que se “joga o jogo”, a maneira que se vai ao imaginário buscar as bases para compreensão da realidade. Para o Gumbrecht (2014), o texto, afeta o estado de espírito dos leitores da mesma forma que o clima atmosférico e a música, por exemplo, corroborando nossa compreensão que o mundo dos jornais faz parte de toda uma atmosfera que será impactada pela presença da televisão. Nossa interpretação é que um dos fatores para o aumento das notícias foi, assim como em 1938, a inserção de um novo elemento, interferindo na intensidade e na atmosfera da Copa de 1970. Assim, interpretamos que não por acaso, temos o nascimento do “país do futebol” em 1938 e seu ápice em 1970. Logicamente que a atuação da equipe nas duas oportunidades forneceu subsídios para a construção deste mundo, porém a intensidade e novidade dos dois veículos que impactaram a interação no século XX também foi decisiva.

Neste aumento da intensidade das interações no *frame* Copa do Mundo, a ditadura militar tentaria, dentro da disputa para moldar o imaginário sobre o país, usar a seleção a seu favor. Sarmento (2013) afirma que Havelange e membros da comissão técnica de 1966 passaram a ser acompanhados por membros do SNI (Serviços Nacional de Informações). Após a Copa, havia uma pressão de deputados, com apoio do setor militar, para se abrir um inquérito que explicasse a derrota na Inglaterra e exigisse retratação pública dos jogadores e da comissão. A busca por culpados chegava a este extremo, além de indicar qual o simbolismo da seleção e da competição no imaginário desta elite. Sarmento (2013) ainda destaca que era uma ideia crescente entre os agentes da SNI que o poder mobilizador do futebol obrigava um monitoramento constante do órgão em sua gestão. Para esse monitoramento foi criado na estrutura da entidade a Comissão Selecionadora Nacional (Cosena). A Cosena[136] definia os assuntos da seleção como escolha do treinador e convocações.

[136] Essa comissão tinha dirigentes de federações subordinados a lideranças políticas nacionais ou representantes de militares e passaram a exercer uma pressão constante sobre a seleção (SARMENTO, 2013).

A formação da Cosena refletia o embate entre campos para regular a seleção nacional. Com a pressão da derrota em 1966[137], Paulo Machado de Carvalho voltou a exercer sua influência. Mendonça Falcão, presidente da Federação Paulista de Futebol e deputado estadual entre 1951 e 1969, logo após a derrota em 1966, já indicava em reportagem do *Jornal do Brasil* que, em 1970, Paulo Machado seria o "chefe" novamente. Paulo foi nomeado o presidente da comissão com Antônio Passo (dirigente carioca que não se dava muito bem com Paulo), Evaristo de Macedo e Zagallo. O "marechal da vitória" retornou com Aimoré Moreira como técnico da seleção[138]. Os resultados não foram os esperados e, com isso, Havelange conseguiu, em 1969, rearticular suas forças dentro do campo esportivo e dissolver a comissão. Faltando pouco mais de um ano para a Copa, Havelange escolheu o jornalista João Saldanha para ser o treinador da seleção. Pela primeira vez no *corpus*, alguém sem o histórico de jogador de futebol foi escolhido.

Saldanha teve uma experiência como treinador do Botafogo em 1957, sendo campeão estadual com um time que teria jogadores importantes na seleção campeã na Suécia, entre eles Garrincha, Didi e o próprio Zagallo. Mesmo sem ter sido jogador, consideramos que Saldanha pode ser considerado como alguém incorporado ao *habitus* do campo esportivo, pela vivência dos rituais, o que Bourdieu chama de "ter um senso de jogo", senso que nunca é perfeito e que exige uma imersão prolongada no campo para se desenvolver. Este senso é o que estamos chamando de "saber jogar o jogo" de cada campo. Com as eliminatórias pela frente, Saldanha divulgou os convocados de forma rápida. Venceu todos os seis jogos disputados, com a equipe marcando 23 gols e sofrendo dois. Mesmo assim, foi criticado pelos antigos colegas de imprensa.

Saldanha era um simpatizante declarado do PCB, o que provocava um evidente embate com os membros da ditadura militar. Para nossa hipótese, seria uma rica análise ver um "comunista" comandar a seleção em uma competição que seria palco para intensos debates sobre o país. Entretanto, Saldanha não chegaria até a Copa no cargo. As histórias sobre a demissão indicam um emaranhado de argumentações que, pela atmosfera do país, interpretamos da seguinte forma: iniciou-se uma ideia, frequentemente abordada pelos jornais,

---

[137] A derrota em 1966 impediu a CBD de "vender" se produto, que estava "em baixa". A fonte de receitas encontrada por Havelange, reeleito em 1967 para seu quarto mandato seguido, buscou enfatizar torneios interestaduais de clubes. Ao aglutinar os clubes de Rio, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul e Paraná, a entidade começava a esboçar o que seria o Campeonato Brasileiro. Destaque para a presença, nesses primeiros anos de clubes apenas dos estados mencionados, reforçando a ideia que já apresentamos de excluir o Nordeste e Norte das águas coletadas para se formular o que seria o futebol nacional.

[138] Aimoré Moreira acabou integrando a comissão técnica da Copa de 1970 como observador, cargo que consistia em assistir aos jogos dos adversários e levar para a comissão os "pontos fortes e fracos" dos outros times.

de que o clima entre jogadores e Saldanha não era agradável, como Guterman (2009) destaca. Havia, até mesmo, possíveis substitutos para o cargo: Zezé, Aimoré e Flávio Costa, todos já estudados em nosso *corpus*; Dino Sani, jogador campeão em 1958; Otto Glória, técnico de Portugal na Copa de 1966 e Dorival Knipel, conhecido como Yustrich, técnico do Flamengo. O próprio Yustrich declarou à imprensa que o temperamento forte de Saldanha poderia ocasionar uma intervenção militar na seleção. Dando eco a esta declaração, o então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho disse que o clima na seleção era prejudicial à ordem no país.

Havelange tentava blindar Saldanha com a argumentação de que o então treinador tinha forte apoio popular e bons resultados dentro de campo. Uma derrota para a Argentina, seguida de derrota para o Atlético-MG e empate com Bangu deram os subsídios necessários para, baseado no "temperamento" do treinador e nos maus resultados, dissolver a comissão e demitir Saldanha[139]. Enquanto uma nova comissão recheada de militares era formada após esses embates no campo esportivo, Saldanha foi a imprensa dizer que não era sorvete para ser dissolvido. Em suas demais declarações inferimos que ele não era o "homem ideal" da elite para ser a ponte entre capital e trabalho na busca pelo tricampeonato. Saldanha afirmou que o motivo de sua saída seria um pedido do então presidente Emílio Garrastazu Médici, para convocar o atacante Dario, o "Dadá Maravilha". A célebre frase de João: "Você escala seu ministério que eu escalo a seleção" ganhou contornos históricos e indicou o patamar que o cargo de treinador de futebol atingira na sociedade. Era como se dois chefes de instituições debatessem de "igual para igual", fato impensável na Copa de 1930, por exemplo. Saldanha, o popular "João Sem medo", com seu "temperamento forte" não se encaixou no "modelo ideal" e acompanhou a Copa no banco dos jornalistas, enquanto Zagallo assumiu a equipe.

Com toda essa ambiência de efervescência entre campos no *frame* Copa do Mundo, chegamos ao segundo ponto de análise: a preparação, disciplina e treinamento vão aparecer com a maior intensidade no *corpus*. A ditadura tinha exatamente a proposição de "arrumar a casa", "acabar com a bagunça" e "disciplinar o país"[140]. Pela primeira vez um militar chefiou a delegação: Brigadeiro Jerônimo Bastos. Interpretamos que a exaltação à comissão e sua

[139] Uma semana depois da demissão, Saldanha pediu uma audiência com o ministro Jarbas Passarinho. Passarinho o recebeu e Saldanha entregou uma proposta de reformulação para o futebol brasileiro, que salvariam o nosso futebol. Para detalhamento da proposta ver: Proni (2000).

[140] O governo se empenhava em campanhas ufanistas como "Brasil Ame-o ou deixe-o" e construía uma narrativa de que o país estava no "rumo certo", enquanto aumentava a repressão aos grupos que lutavam pela volta da democracia. Vimos nos jornais imagens de membros da ditadura comemorando as vitórias da seleção e manchetes como essa "Médici participa do entusiasmo do povo" (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/1970, p.1). A declaração do ministro Jarbas Passarinho resume como o governo tentava moldar o imaginário e inserir a conquista como algo diretamente associado a nação, e consequentemente, a do governo: "o tri é afirmação nacional" (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/1970, p.6). Foi feito também selos para homenagear os jogadores.

preparação considerada moderna se coaduna com o pensamento tecnocrático que o esporte entraria de vez nos anos 1970 e com o imaginário da elite nacional, simbolizada naquela conjuntura pelos militares[141], que pretende ser a referência imediata e a participação desta elite no *frame* Copa do Mundo. Se o tricampeonato viesse para coroar o 'país do futebol", como veio, era necessário uma maior "fatia do bolo" para a elite (33%), neste caso os militares, na "explicação" da conquista. Interpretamos que a presença desta elite foi metaforizada na preparação amplamente abordada de forma positiva no mundo dos jornais.

No dia da estreia, Armando Nogueira enfatizava os 120 dias de preparação para a competição. Período mais extenso que encontramos no *corpus*. A comissão técnica aparece no mundo criado pelos jornais de forma frequente, superando as aparições dos membros da comissão em 1962 e 1958. Os jornais, que durante todo o *corpus* sempre noticiavam os treinamentos da seleção como simulações de jogos, os chamados "coletivos" entre os considerados "titulares" e "reservas", passaram a noticiar as "sessões de ginástica" para reforço muscular com mais ênfase. A ideia de individualização da preparação é nítida nesta intriga. Os elogios a esta preparação física surgem logo após a estreia, como nesta reportagem da *Folha*:

> O preparo físico dos jogadores, umas das grandes preocupações em torno da seleção, muito discutido desde antes de sua chegada ao México, pela imprensa, aparece agora como fator positivo. Muitos observadores, do Brasil e de outros países, começaram a ressaltar "o bom trabalho realizado por Admildo Chirol e seus companheiros, que souberam levar os brasileiros a um ótimo estado, com exercícios planejados e cuidadosamente dosados" (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/06/1970, p.16).

É interessante observar uma preocupação inicial existente na narrativa com os excessos na preparação, o que foi dissolvido com os elogios e o entendimento internacional, postulado na *Folha* e no *JB* de que: "Brasileiros são os mais bem preparados" (JORNAL DO BRASIL, 05/6/1970, p. 23). Os companheiros de Chirol eram Carlos Alberto Gomes Parreiras, profissional de Educação Física, e Claudio Pêcego de Moraes Coutinho que aparecem com destaque nesta reportagem da *Folha*: "O preparo físico da Seleção brasileira: uma revolução" (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/1970, p.8). Coutinho era instrutor de Educação Física do Exército, formado pela AMAN, e adotou o método de preparação física do norte-americano Kennedy Cooper depois de fazer um estágio com o médico nos EUA. O método Cooper era usado para avaliar a capacidade física dos astronautas da NASA. O jornal traz na matéria uma tabela para que o leitor pudesse fazer o teste e avaliar a sua condição após

[141] Já ressaltamos que a interação entre os grupos que formam o que estamos denominando como elite é repleto de conflitos. Nesta conjuntura Fico (2014) ressalta cisões internas que indicavam uma falsa "unidade militar".

correr os 12 minutos estipulados por Cooper. A concepção de algo moderno, vindo de fora e que nos traria uma condição física que jamais havíamos conseguido é a linha principal de argumentação da narrativa.

Além disso, encontramos também uma "pedagogia" nos jornais de indicar no seu mundo que era importante mostrar aos atletas o que é certo e discipliná-los ao método de treinamento baseado na preparação física. Este trecho da reportagem "Yes, nós temos saúde", do dia 11 de junho do Caderno B do *Jornal do Brasil* demonstra como o vigor físico da seleção era abordado nas narrativas: "Isso (vigor físico) está surpreendendo todo mundo, inclusive os próprios brasileiros, pois se dizia que, por questões de biotipo e dos hábitos nacionais de alimentação, nossos jogadores nunca poderiam sequer se aproximar dos europeus em matéria de estado atlético" (JORNAL DO BRASIL, 11/06/1970, p.24). A construção da intriga se baseia claramente em um estereótipo de que o brasileiro tem um biotipo que não o ajudaria a ter um bom preparo físico, restando a ele "apenas" o dom natural para o esporte. A preparação para a Copa de 1970 iria demonstrar o contrário. A reportagem é completada com depoimentos de jogadores enfatizando como é bom jogar bem preparado. O *habitus* da elite é evidenciado nas escolhas da disciplina e preparação como linha central da formação da Mímese II e colocado na intriga como algo absorvido pelos atletas.

Como a final da competição foi contra a Itália, *Folha* e *Jornal do Brasil* fizeram algo comum no *corpus*: resgatar a memória de jogos anteriores entre as seleções. Os depoimentos de Gagliano Neto, responsável pela narrativa que chegou ao Brasil através do rádio e de Adhemar Pimenta, treinador em 1938, indicam como o código já estava em transformação na narrativa de pessoas inseridas no campo esportivo. Neto indica que "hoje em dia é tudo baseado em mania de números[142]. [...] Mesmo assim não dá para comparar o futebol praticado em 1938 com o de agora, pois hoje temos preparo físico e uma série de condições que fazem do futebolista um atleta perfeito" (JORNAL DO BRASIL, 19/06/1970, p.19). Aqui a ideia de "esportemetria", mencionada no item 1.5, é clara. Pimenta já interpreta que em 1970 seria mais fácil treinar os atletas do que em 1938: "Ademar Pimenta não esconde de ninguém que naquela época era muito difícil ser treinador de futebol: os jogadores hoje tem sentido de responsabilidade, não se negam a fazer ginástica" (FOLHA DE SÃO PAULO, 20/06/1970, p.18). Adhemar conta que era necessário em 1938 fazer revezamento nos dormitórios entre

[142] Tal observação de Gagliano é pertinente. Notamos em 1970 que a prática de analisar o desempenho dos jogadores por comentários após a partida é alterada no *Jornal do Brasil* por estrelas que iriam de 1 a 5. Em breve as estrelas seriam trocadas pelos números, tendo as notas como padrão de atuação, indicando o que Postman (1994) enfatiza sobre os números e com a nota não mede o conhecimento real do aluno, por exemplo, o que tentaria ser aplicado nos jogadores e que presenciamos até hoje.

ele e os dirigentes, realizando uma ronda de duas em duas horas que contava os jogadores "para a turma não ir dar suas voltinhas" (FOLHA DE SÃO PAULO, 20/06/1970, p.18). A ideia de que tudo havia mudado era clara. É obvio que o esporte havia se modificado, porém as mudanças são enfatizadas no teor comportamental dos atletas, como se eles tivessem "evoluído" e os embates entre treinador e jogador saciados, o que ocasionaria a certeza do tri, como Pimenta declarou na mesma reportagem. Notamos também que a escalação do atleta reforça o ingrediente "condição física" nas escolhas do treinador: "Everaldo volta ao time se tiver boa condição física" (JORNAL DO BRASIL, 16/06/1970, p. 24). Não só o talento garantiria sua participação no time, mas a parte física consolida-se como também importante.

Esta matéria de Dácio de Almeida, com o título: "A certeza do título está na seriedade do trabalho" resume a exaltação ao trabalho científico dos preparadores físicos:

> Sem medo de errar, nenhuma Seleção Brasileira teve tal condição física em toda sua história. [...] Nas partidas pela Copa, foi graças à condição física que vencemos pelo menos dois adversários: os ingleses e os uruguaios – os mais difíceis. O Brasil entra em campo hoje certo de que cumpriu seu dever para chegar a esta posição: confiante e humilde, sério e aplicado, disciplinador e agressivo, impondo seu jogo e sua técnica (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.34).

A preparação como "trunfo maior" da equipe, conforme Chirol destaca nas oportunidades em que apareceu na narrativa, vai criando o imaginário deste preparo físico como algo fundamental, ajudando na mudança do código que o próprio esporte teria nas Copas seguintes, como já mencionamos. Como "grande parte se deve ao professor Cooper, e mais no supervisor Coutinho, agora um nome popular" (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/1970, p.8), era de se esperar que com a mudança deste código e o direcionamento do vigor físico como capital importante no campo esportivo, as personagens associadas a este trabalho igualmente ganhassem um simbolismo mais protuberante nas narrativas, capacitando-as, segundo as regras da elite cultural do esporte, como treinadores da seleção. Analisando esse percurso narrativo, podemos compreender os motivos de Parreira e Coutinho serem técnicos da seleção em Copas futuras. Coutinho em 1978 (em 1974, como coordenador técnico) e Parreira em 1994, 2006 (em 2014 como auxiliar técnico).

Outro fator também contribuiu para o aumento das menções a Zagallo: foi a primeira Copa do Mundo na história em que as substituições eram permitidas. Além de agora poder substituir um jogador machucado[143], o treinador poderia "mudar o jogo mexendo nas peças". Suas decisões ultrapassavam a parte da preparação para o jogo, disciplinar, pensar em

[143] A primeira substituição da história da seleção foi logo no primeiro jogo. Gérson, com uma lesão muscular saiu para a entrada de Paulo César Caju aos 17 minutos do segundo tempo.

esquemas, etc...ele poderia interferir diretamente na partida no momento em que ela acontecia ao fazer uma substituição. Entretanto, esta nova atribuição terá no mundo dos jornais em 1970 uma percepção de substituir quem estava cansado, por exemplo. Somente em competições futuras, já com a incorporação do papel do treinador como gestor de forma mais efusiva, teremos as críticas a suas substituições: por que não tirou? Por que tirou este e não aquele, etc...

Todavia, questões táticas fizeram parte da intriga dos três jornais pesquisados. Zagallo declarou que a sua tática seria "atacando na base do 4-3-3 e defendendo no 4-4-2" (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/06/1970, p.16). Os jornais destacavam que ele seria o responsável pela implantação deste sistema (4-3-3) em 1958, quando deixava o ataque e ajudava na marcação do meio, abandonando o 4-2-4. Esta formação chega a ser ridicularizada por Zagallo, dizendo que ele estaria "débil" se jogasse assim, debochando do imaginário contrário, impondo um novo estilo que recuava jogadores para o campo defensivo que também o estigmatizaria (GOFFMAN, 1988) como "retranqueiro", expressão no jargão futebolístico de quem joga demasiadamente na defesa, mas não nesta competição.

Após a estreia vitoriosa contra a Tchecoslováquia por 4 a 1, as narrativas tanto de espetáculo quanto de exaltação da tática andaram juntas. Zagallo será, no mundo dos jornais, o responsável direto por estes predicados: "depois do espetáculo, jornalistas de toda parte receberam Zagalo com uma salva de palmas na sala de imprensa do Estádio Jalisco" (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1970, p.23). A visão do próximo adversário, a Inglaterra, era assim relatada: "Londres viu com assombro a vitória do time brasileiro" (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1970, p.23). A ideia de que o time brasileiro havia se disciplinado, adquirido o vigor físico necessário e mantido o talento era a linha narrativa principal. A confirmação desta concepção veio com o jogo mais "aguardado" na narrativa dos jornais pesquisados no *corpus*. Nunca se criou um clima de "espetáculo e grandiosidade" para uma partida como para este jogo. Além de se tratarem dos últimos dois campeões do mundo, a intensidade e o aparato tecnológico que já mencionamos contribuíram para tal projeção. Tanto que no dia seguinte, mesmo com o placar de 1 a 0 favorável ao Brasil as notícias foram: "Brasil esmaga a Inglaterra com um só gol" (FOLHA DE SÃO PAULO, 8/06/1970, p.8). "Sensacional vitória brasileira" (FOLHA DE SÃO PAULO, 8/06/1970, p.1). E a "explicação" para a vitória foi: "Brasil ganhou na tática um jogo que foi quase perfeito" (JORNAL DO BRASIL, 08/06/1970, p.29).

As menções positivas a Zagallo aumentaram após este jogo. Em linhas gerais as reportagens exaltavam sua tranquilidade e confiança na tática e treinamento desenvolvido pela

comissão. O próprio Zagallo destaca a nossa proposição do processo de inserção do cientificismo no esporte ao explicar a vitória: “ganhamos um jogo científico” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/06/1970, p.32). Zagallo ia aumentando seu capital no campo esportivo sendo “um dos homens mais procurados pela imprensa mundial ontem, em Guadalajara” (FOLHA DE SÃO PAULO, 10/06/1970, p.1). As falas de Zagallo pedindo humildade e menos euforia também foram frequentes até a final da competição, o que a *Folha* classificou como “alegria sóbria” de Zagallo. Na vitória sobre a Romênia por 3 a 2 que garantiu a classificação para a segunda fase, o *Jornal do Brasil* usa e expressão “seleção de Zagalo” (JORNAL DO BRASIL, 11/06/1970, p.28). Inferimos tal expressão como a consolidação na narrativa da importância de Zagallo na competição.

Na véspera da final *O Globo* enfatiza a necessidade de se criar uma seleção permanente no Brasil. A ideia era criar uma comissão técnica permanente, algo que só vai ocorrer com Telê Santana em 1979. O desejo do mundo do jornal era claro: “Zagalo, técnico da seleção permanente do Brasil” (O GLOBO, 20/06/1970, p.18). A justificativa resume como a disciplina e preparação enaltecidas nas narrativas dos jornais: “O Brasil mostrou nesta taça de 1970 que sabe ser organizado; e aceita a disciplina e, sem dúvida uma das peças principais dessa transformação chama-se Mario Jorge Lobo Zagalo” (O GLOBO, 20/06/1970, p.18). A matéria ainda ressalta a preparação da seleção ao citar os 72 slides de Carlos Alberto Parreira sobre o jogo Alemanha e Itália, que serviram como base da preleção tática da equipe.

Interessante notar que nas competições futuras, Zagallo será chamado de teimoso pelos jornalistas por ser irredutível em suas convicções, resultando em um desabafo à imprensa, ainda na beira do gramado em La Paz na Bolívia após ser campeão da Copa América em 1997: “Vocês vão ter que me engolir.” Essa relação foi amistosa em 1970, inclusive destacando que “Zagalo não foi um técnico teimoso e abriu mão de vários dos seus pontos de vista, que pareciam firmados e inarredáveis” (JORNAL DO BRASIL, 03/06/1970, p.28). O ceder seria escalar Pelé e Tostão juntos, como a imprensa pedia e que Zagallo relutou durante a fase de preparação.

Um dos poucos momentos de críticas a Zagallo vieram nas comparações com Didi. O ex-jogador e bicampeão do mundo era treinador do Peru na Copa do Mundo e enfrentou o Brasil nas quartas de final. O “duelo” entre “dois amigos” foi a intriga usada pelos jornais. Lembrando que ambos participavam das reuniões da comissão em 1962, como já ressaltamos. Ao criar um perfil de Zagallo, a *Folha* destoa das demais narrativas, criticando o esquema, porém já se aproximando do imaginário que seria criado sobre o treinador nas edições futuras: “Zagalo continua 16 anos depois aplicando na seleção brasileira o sistema de tática do medo,

baseado na sua filosofia de que “a melhor defesa é a defesa mesmo, ora essa...” (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/06/1970, p. 30). Zagalo seria alguém com “muita sorte e o Brasil conta com a sua estrela”.

A vitória por 4 a 2 colocou frente a frente Brasil e Uruguai. Mostrando força nos bastidores a seleção brasileira, que deveria ir para a Cidade do México enfrentar os uruguaios, conseguiu permanecer em Guadalajara: “Brasil continua “em casa” e o Uruguai protesta” (JORNAL DO BRASIL, 16/06/1970, p.28). Os jornais trouxeram a memória dos jogos anteriores, inclusive a partida de 1950, criando a atmosfera para o torcedor. Após a vitória por 3 a 1, a mesma ambiência foi criada para a partida final contra a Itália. Uma das duas seleções ficaria em definitivo com a Jules Rimet, a ideia de que se presenciaria algo único e o fim de uma era das Copas, que havia começado há 40 anos, era evidente. A *Folha* destaca os voos extras saindo do Brasil para o México em função da final, reforçando essa intensidade e ideia de momento extraordinário, “jogo do século”, “final do século”, que “o país ia parar”, elaborando o imaginário de que seria o “grand finale” da narrativa do “país do futebol”. Com toda essa elaboração narrativa era impossível não falar sobre o acontecimento, o que refletiu no alto número de reportagens.

No dia da final, o *Jornal do Brasil* divulga uma pesquisa realizada pelo próprio jornal indicando que: “100% dos cariocas ouvidos acreditam que o Brasil se sagrará hoje campeão” (JORNAL DO BRASIL, 22/06/1970, p.30). Sobre o nosso objeto: “atuação de Zagalo foi considerada ótima para 62% dos entrevistados, boa para 35%, e regular para 3 %”. Além disso, “o bom conjunto foi considerado o principal fator de sucesso do Brasil”, “o preparo físico ficou com 24%”. (JORNAL DO BRASIL, 22/06/1970, p.30). Esta pesquisa é importante para a construção do mundo do jornal que mais abordou de forma positiva o treinador. Começando pela totalidade da pesquisa que acreditava na vitória, corroborando a construção de uma atmosfera onde o título era algo “inevitável”. A avaliação de Zagallo é quase unânime, reconfigurando a ideia de que o treinador atrapalharia o talento. Além disso, o talento não foi mencionado como principal característica que nos tornaria campeões, e sim o “conjunto”. Todavia, como já ressaltamos, por mais que a narrativa buscasse equilibrar talento e treinamento, o dia seguinte à conquista do tri enalteceu o que era a referência imediata no imaginário popular nacional: o talento.

A vitória por 4 a 1 consolida a posição da seleção brasileira como representante do “futebol-arte” e sua relevância simbólica no campo esportivo mundial[144]. O próprio Zagallo,

[144] Para maior detalhamento desta narrativa ver: Mostaro (2017).

em reportagem de Chiorino na *Folha* resume: “Zagalo: venceu o futebol-arte” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/06/1970, p.20). João Saldanha destaca o mesmo em sua coluna no *O Globo*, sem mencionar Zagallo: “Vitória da arte” (O GLOBO, 22/06/1970, p.30). Saldanha vai reforçar a visão de Freyre, destacando que foi o futebol que o Brasil joga: “sem copiar ninguém, fazendo da arte de seus jogadores a sua força maior e impondo ao mundo futebolístico o seu padrão, que não precisa seguir esquemas dos outros, pois tem sua personalidade, a sua filosofia e jamais deverá sair dela” (O GLOBO, 22/06/1970, p.30). Falar sobre o tri era juntar os três títulos e entrelaçar elementos comuns que formataram a ideia de país do futebol.

O editorial do *Jornal do Brasil* no dia após a conquista deixa claro esse processo narrativo de aglutinar os referenciais imediatos no imaginário nacional sobre o “país do futebol”:

> Valeu a pena esperar. A magnífica vitória de domingo começou há muitos anos. Começou com os grandes craques do passado – um Friedenreich, um Leônidas, um Domingos da Guia e tantos outros. E começou também em todos os campos anônimos, por este Brasil afora, crivado de peladas e de partidas que exprimem também a unânime paixão nacional pelo futebol. A conquista definitiva da Taça Jules Rimet ocorreu na hora certa. Por mais que tenhamos de lamentar, se fosse o caso, a ausência de tantas vedetas inesquecíveis – e valha o exemplo símbolo de Garrincha, alegria do povo - temos igualmente de reconhecer que a taça estava providencialmente destinada a vir morar para sempre no Brasil por obra e graça da Seleção de Pelé. (JORNAL DO BRASIL, 23/06/1970, p.6)

O editorial termina trazendo para a Mimese II toda a construção do “país do futebol”, enfatizando o impacto tecnológico: “O povo, convocado pelo milagre das comunicações, assim o entende e por isto junta à sua alegria uma legítima dimensão patriótica. Nunca talvez se agitaram tantas bandeiras verde-amarelas por todo este imenso país”, confirmando a ideia de ritual nacional e coesão através do futebol: “o futebol revela o Brasil – revela-o aos brasileiros e ao mundo. Nunca talvez o povo se sentiu tão coeso. Nunca a fraternidade brasileira foi tão espontânea, tão profunda e tão comovente.” e destacando a disciplina que deveria ser empregada em outros campos: “um trabalho de equipe, de obstinação, de modéstia, de confiança e de disciplina que ficará como exemplo para outras vitórias, esportivas ou não” (JORNAL DO BRASIL, 23/06/1970, p.6).

Neste processo, encontramos nos três periódicos uma intriga similar: efusiva festa nacional (reforçando a ideia de ritual), exaltação ao talento e elogio a preparação e disciplina, criando o que consideramos a valorosa moeda do “país do futebol”, com sua cara e coroa: Pelé e Garrincha. Defendemos que a ausência da “vedeta inesquecível” contribuiu para a coconstrução narrativa da exaltação de preparação, organização, dedicação e, logicamente,

também o talento, simbolizadas em Pelé. Com Garrincha no auge, parear talento e preparação era "algo impossível", um jogo difícil de se jogar. Sua ausência "permite" essa concepção. Entretanto, ao reunir os atributos das três conquistas, trazer o imaginário sobre Garrincha era vital. Sarmento (2013, p.142) destaca que a vitória em 1970 "tornou-se um marco na vida desportiva brasileira e o símbolo definitivo da possível combinação entre o dionisíaco talento e a apolínea organização". Pelé sendo o apolíneo e Garrincha o dionisíaco.

Garrincha estava no exílio em Roma, na Itália, com sua então esposa Elza Soares. Como o *Jornal do Brasil* destacou no dia da decisão ao falar sobre Garrincha: "aos 36, um homem triste, amparado pelo amor de Elza" (JORNAL DO BRASIL, 22/06/1970, p.29). Dias antes a Folha já tinha entrevistado Garrincha que ao ser perguntado sobre a diferença entre a seleção de 1970 e a de 1962 (a sua seleção), disse: "É possível que a equipe seja mais forte agora, mas acredito que no Chile nós nos divertíamos mais jogando futebol. Por isso os nossos gols foram mais apreciados e mais espetaculares" (FOLHA DE SÃO PAULO, 18/06/1970, p.26). Seu substituto, Jair terminava a competição conseguindo o feito de marcar gol em todos os jogos e na intriga do jornalista Sandro Moreyra em coluna no *Jornal do Brasil* destacava: "De Garrincha a Jair, a alegria se repete" (JORNAL DO BRASIL, 20/06/1970, p.24). A ótica de Freyre era representada pela face de Garrincha nesta moeda do país do futebol.

Enquanto isso, a outra face teria Pelé: "O Brasil é hoje um país coeso e feliz. É a pátria de Pelé. É a nossa pátria" (JORNAL DO BRASIL, 23/06/1970, p.6). Em 40 jogos atuando juntos pela seleção Garrincha e Pelé não perderam nenhum, fato que contribui para a ideia de dupla invencível e maior representante do futebol nacional. O status de incomparável destinado aos dois atletas parecia delinear uma representação bem similar entre os dois, entretanto a Copa de 1970 e a conquista do tricampeonato serviram para demarcar a linha divisória das duas carreiras. Victor Melo (2006) destaca que os dois atletas serviram para disputas entre a polarização Rio e São Paulo. O que resumiria o Brasil: a "eficiência" ou o "jogo de cintura"? O drible (Garrincha) x eficiência (Pelé) passam a ser destacados. Pelé passa a simbolizar, por estar presente nas três conquistas nacionais, o esplendor do nosso futebol e o que tínhamos de melhor. Passa-se a construir a ideia de que Pelé era atleta e Garrincha não, representação que induzia uma alteração no sentido de jogador para atleta, indicando a própria modificação que o esporte passava nos anos 1970 com uma influência mais incisiva do campo econômico.

Entretanto, por mais que um seja o "rei" e o outro o "Mané", a moeda do país do futebol não consegue fugir destas duas faces: distintas em alguns pontos, mas que se

completam ao indicar a significação simbólica de uma manifestação cultural importante. Suas narrativas foram essenciais na articulação deste pensamento e compõem o valor desta moeda no imaginário social brasileiro[145]. A Copa de 1970 sedimenta o *frame* Copa do Mundo de vez no imaginário popular.

Assim, com o país do futebol consolidado, com o "rei" na coroa e Garrincha como "a cara" do povo brasileiro, o treinador, além de ser o representante da elite cultural, teria o papel de manejar essa moeda ao longo das próximas competições. Ele será o gestor desta preciosa interpretação do imaginário nacional. Mesmo com a aposentadoria de Pelé na Copa seguinte, esses dois símbolos estariam sempre em circulação neste ritual nacional, agora alegoricamente. O imaginário do país do futebol se entrelaçaria com o próprio imaginário de Pelé e Garrincha e todo o seu simbolismo.

O papel de Zagallo neste contexto de consolidação do "país do futebol" foi de auxiliar os atletas na conquista. Porém, acreditamos não ter sido apenas por este motivo o alto número de citações ao treinador. Zagallo era, ao lado de Pelé, o único remanescente das duas conquistas anteriores. O imaginário construído sobre ele foi moldado nos jornais como o treinador competente, o ex-atleta apaixonado pela seleção e exaltador de seu simbolismo, além de ter atributos que se coadunavam ao modelo pretendido pela elite na época. Assim, em 1970, surgia também uma personagem que será recorrente nos *frames* Copa do Mundo. Zagallo estaria na face de Pelé nesta moeda, algo mais apolíneo, como será cobrado dos treinadores ao estarem "do lado" da "coroa", da elite nacional. Com a conquista, Zagallo efetiva seu capital simbólico no campo esportivo, fato que o proporcionará participar de comissões técnicas em mais quatro competições (1974 – treinador, 1994 – auxiliar, 1998 – treinador e 2006 – auxiliar), sendo o indivíduo que mais vezes "comandou" a seleção nas 21 Copas do Mundo. Ele será uma personagem importante que transitará tanto do lado do trabalho, sendo jogador em 58 e 62 (mas já participando das reuniões da comissão em 1962), como na ponte com a CBD e depois CBF. Talvez por isso seja uma personagem que protagonizará embates interessantes com a própria imprensa. Zagallo será também um símbolo da seleção brasileira, sendo o único tetracampeão do mundo. O "técnico tri" foi um dos fios condutores no ápice da narrativa sobre o país do futebol e vai iniciar a nova era dos

[145] Embora as representações atuais sejam bem delineadas e busquem mais distinguir do que procurar semelhanças entre os dois atletas, o torcedor elabora seus vínculos afetivos com Pelé e Garrincha de outras maneiras, negociando as informações e narrativas que recebe dos meios de comunicação, demonstrando estar longe da passividade e mais em um sistema onde se empenha e reage neste complexo processo comunicacional.

treinadores em 1974, com a “obrigação” de valorizar essa moeda no “grande mercado” que Havelange, como presidente da FIFA, transformaria a competição.

Tabela 33 – Reportagens Copa de 1970:

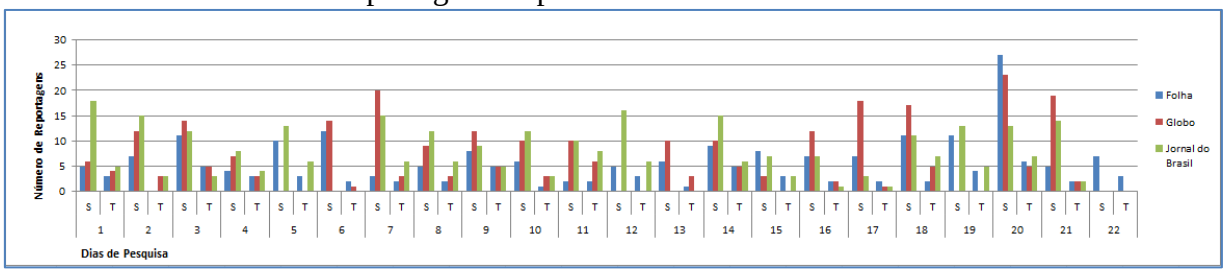

Tabela 34 - Avaliação Quantitativa Copa de 1970:

Total Quantitativo					
1970	Total Seleção	Total Técnico	Porcentagem Técnico	Total Seleção 3 jornais	Total Técnico 3 jornais
Folha	176	61	34,65909091	625	207
Globo	226	59	26,10619469		
Jornal do Brasil	223	87	39,01345291		

Tabelas 35 - Avaliação Qualitativa Copa de 1970:

Avaliação			
1970	Negativa	Positiva	Neutra
Total Folha	1	16	44
Total Globo	1	24	34
Jornal do Brasil	0	46	41

Tabela 36 – Categorizações Copa de 1970:

Categorizações			
1970	Técnico	Nome de batismo	Treinador
Total Folha	4	57	0
Total Globo	0	59	0
Jornal do Brasil	6	78	3

PÓS JOGO – OS TÉCNICOS DENTRO DOS CAMPOS

Falar após um jogo intenso como foi essa tese é uma tarefa difícil. Assim como nosso objeto precisa analisar friamente os detalhes após uma partida para fazer um "resumo" para a imprensa de suas impressões, passamos agora pela mesma situação. Depois de recuperado o fôlego ao passear por um pedaço da História do Brasil no século XX através de exatas 600 edições de jornais em 200 dias e analisar 2.351 reportagens, sendo 577 sobre o nosso objeto, é preciso tomar cuidado para não escorregar nessas considerações finais. Concluir tudo que observamos é algo árduo por conta da riqueza do assunto. Poderíamos alongar mais alguns pontos e trazer novas questões sobre o tema, mas a tese precisava ser entregue. Precisávamos dar um "ponto final" a uma narrativa extremamente pulsante e complexa, que, certamente, ainda nos renderá vários outros jogos. Neste "Pós-jogo", vamos traçar alguns pontos que entendemos como determinantes para compreender como o técnico se moveu dentro dos campos ao longo desses 40 anos de Copas do Mundo investigados, formando uma "grande narrativa" sobre os treinadores da seleção neste período.

Em linhas gerais nossa preocupação foi compreender o processo narrativo projetado pela elite através dos jornais que elaborou o aspecto simbólico desta personagem no *frame* Copa do Mundo. Este jogo narrativo da elite refletiu os conflitos existentes nas interações entre campos que, durante a competição, disputavam "modelos ideais" para o país. Nossa ferramenta teórica foi usada para compreender o *habitus* revelado e exigido nos jornais, advindos do imaginário da elite nacional, como o "modelo ideal" do que seria o representante da nação, convidando os leitores a "jogar esse jogo". Nesta interação com os campos o conceito de técnico mudou e configurou determinados *habitus* e ações que seriam exigidas no *frame* Copa do Mundo. Escavar a superfície das notícias nos indicou a existência de um princípio gerador deste *habitus*: o imaginário desta elite. Dividimos a análise de tais interações em campos específicos apenas por entendermos que essa seria uma didática mais apropriada para este "Pós-jogo", mas, de maneira alguma, como salientamos em diversas oportunidades, acreditamos que elas ocorreram de maneira isolada. É como se o treinador falasse individualmente sobre alguns atletas no "pós-jogo", aqueles que, na sua visão, tiveram mais relevância nas interações em campo, ressalvando que eles fizeram parte de um "todo integrado" que construiu todo o jogo. Além disso, tais jogadores se associaram com frequência neste jogo, fazendo "tabelinhas" e "triangulações" para reposicionar a simbologia do nosso objeto dentro dos campos.

Começamos com a ideia do técnico como um líder, que dialogou diretamente com o contexto político. Por mais que o conceito se alterasse, indica-lo como modelo de "líder" foi uma constante, alterando apenas o que era exigido deste líder a cada competição. As interações de nosso objeto com o campo político indicaram como essa elite esteve sob o controle da CBD durante esses 40 anos investigados. A própria profissionalização, que modificou o conceito de treinador, foi um ato carregado de influência direta do campo político. As ações profundamente entrelaçadas entre a entidade e os governos em diferentes contextos foram nítidas: a missão diplomática nas primeiras Copas, passando pela criação do CND por Getúlio, que nitidamente exerceria o papel disciplinador no esporte, até as mensagens dos presidentes que buscavam capturar o capital simbólico das conquistas no campo esportivo para o campo político em 1958 e 1962, por exemplo. Os agentes de ambos os campos se associavam em seus gestos e na formulação do *habitus* que seria exigido nos jornais. Na ditadura militar, o campo esportivo também foi entendido como questão nacional, fazendo com que agentes deste campo fizessem parte da comissão em 1970 e recebessem uma parcela significativa da "explicação" da vitória no México nos jornais. O "ser treinador" nas interações com o campo político, também se torna um "ser político", no sentido de captar as movimentações destes dois campos e manejar seu capital simbólico com o objetivo de se manter no cargo pelo maior tempo possível, se cercando de proteção no caso de derrotas e de uma concessão a determinados agentes do campo político de uma parcela considerável da vitória quando ela ocorria. Dirigentes de clubes comumente manobram suas atuações e influência nos campos esportivos e políticos, saltando dos cargos dos clubes para Congresso, Assembleias e Câmaras, como vimos na posição de Mendonça Falcão, presidente da Federação Paulista de Futebol e deputado estadual, por exemplo, e pode ser visto até os dias atuais. A "tradição" da recepção dos governantes aos jogadores e comissão e, principalmente, no encontro entre os dois "comandantes", treinador e político, exemplifica essa interação duplamente amistosa e cooperativa. Com a simbologia que o futebol, e principalmente a seleção, adquiriram no período estudado, manter as relações amigáveis com este campo se torna um ingrediente fundamental para que os jornais mantenham uma imagem "positiva" do treinador. O *habitus* político era um fator importante no *habitus* projetado para o técnico. Saldanha foi "político de menos" e Zagallo "político demais"? Na conjuntura da Copa de 1970, independente das qualidades exigidas no campo esportivo de cada um, eles jogaram o jogo político de diferentes formas, exemplificando como a interação com este campo não só sustentava as ações do treinador como também as tutelava.

No campo social, o conceito de treinador chega ao Brasil com caráter elitista. Contratar este "luxo" era uma maneira de estabelecer uma distinção social aos outros clubes. A vinda de técnicos ingleses dialogava com a compreensão de que o "novo" viria de "fora" do país. Ensinar o "nobre" esporte aos filhos desta elite, mantendo ar aristocrático do esporte e, consequentemente, o imaginário desta elite era sua função mais exaltada nos jornais. O conceito de técnico passava pela tutela da elite, já que ela escolheria e contrataria essas personagens. A referência imediata do termo treinador no mundo dos jornais seria alguém que ensinaria e manteria o *habitus* desta elite aos jogadores. Nas duas primeiras Copas, o que chamamos de "primeiros movimentos", sua representatividade no mundo dos jornais ficou perto de 20% (20% em 1930 e 19,3% em 1934), porém era um espaço da elite que pouco se relacionava com o jogo de futebol e mais com as posições estratégicas que a CBD procurava obter ao participar das competições. O caráter diplomático encontrado em nossa pesquisa designava uma posição social importante e diretamente atrelada a uma função (diplomata) característica de membros de um capital simbólico social elevado no Brasil.

O papel simbólico do treinador começa a se modificar com a profissionalização do futebol, o que denominamos como "momento-chave" do nosso jogo. Fruto de uma "triangulação" entre campo econômico, social e político, esta profissionalização permitiu no aspecto social a entrada de "outras pessoas" nos clubes (antes associações voltadas para membros "nobres") que a elite relutava em conviver. Este inevitável convívio social conflitaria com um muro entre grupos sociais delimitado no imaginário e no *habitus* de cada um destes grupos. Ao aceitar pessoas "de cor", advindas de outros campos sociais, foram necessários alguns ajustes nestas agremiações. Neste intenso conflito entre diferentes posições sociais que praticavam o futebol, o técnico vai surgir como uma ponte nestas disputas. O treinador passava a ser, na simbologia do futebol, o responsável por "vigiar e punir", em uma analogia a Foucault, esses membros não inseridos no *habitus* da elite deste esporte, que ainda permanecia no controle e administração dos clubes. Na busca por posições estratégicas dos agentes que se empenhavam no campo esportivo e, por conta de sua crescente popularização e apelo popular, expandiam-se para o campo social, nosso objeto foi o ponto chave dessas disputas. O treinador se insere no ponto dos conflitos sobre o futebol nacional, sendo, como defendemos seguindo a proposição de Wagg (1984), a ponte entre capital e trabalho. As relações desiguais do nosso país e a intenção da elite de controlar as esferas de interação puderam ser vistas nas narrativas sobre essa personagem.

O treinador na sociedade passa do diplomata para alguém que vai controlar o jogo. Este foi o papel de Adhemar Pimenta em 1938. Essa posição foi tão forte que tanto o

percentual de menções ao treinador em relação à seleção (27,7%) quanto a número de menções (71) foram os terceiros maiores do *corpus*. O mundo social do "Estado Novo" e o mundo esportivo se entrelaçaram intensamente neste período. Treinar e disciplinar os jogadores, que agora representariam a nação, se transforma na associação imediata feita pelas narrativas dos jornais à função do treinador. A ponte entre capital e trabalho, entre elite e demais classes seria feita por essa personagem. As narrativas dos jornais incutiam um capital simbólico importante ao técnico que, consequentemente ampliou sua participação quando o assunto era seleção brasileira em uma Copa do Mundo. Falar dele era reforçar o *habitus* e o imaginário moldado pela elite através de sua narrativa, era indicar que o talento, que aparece nesta competição de forma efusiva na narrativa, só seria possível com um "líder forte" para guiar e "domar" as "emoções" supostamente intrínsecas aos trópicos e fruto de nossa mestiçagem. A tutela da elite formatava nas categorizações, como "comandante", e nas suas metáforas os significados de sua atuação neste fenômeno social de amplo impacto no país, nesta disputa sobre os imaginários da nação. O nascimento de um ritual que "explicaria a nação", a Copa do Mundo, necessitava, nas narrativas dos jornais, destinar uma parcela desta narrativa à elite. Por mais que as notícias sobre jogadores, festejos e descrições dos jogos suplantassem às do treinador, na fração destinada a ele estava encrustado o desejo desta elite. Desejo que foi confrontado pela atuação de Leônidas, como vimos, confirmando nossa ideia de que o esporte se torna um palco para os conflitos e disputas da sociedade.

O treinador adquire uma posição no campo social associada ao disciplinador. O chefe que vai organizar e indicar o treinamento que prepara outros indivíduos para determinadas ações em cada *frame*. O simbolismo do campo esportivo é usado no campo social. No treino se constrói a repetição, se acessando determinado imaginário e transformando-o em *habitus* que será usado no mundo do trabalho, por exemplo. Neste "modelo ideal" de determinados grupos, elabora-se a posição deste "treinador" que vai criar esse *habitus*. Desde o treinamento em empresas que vai inserir o imaginário, o *habitus*, os "valores", "sua missão" e as ações esperadas por seus funcionários, passando pela regulação de práticas sociais em outras situações cotidianas para que todos entendam como o "jogo é jogado" e mantenham seu funcionamento, o imaginário do futebol forneceu esse entendimento do treinador no campo social. No mundo dos jornais ele treinava para incutir os *habitus* da elite, sendo seu representante. O que não evitou manifestações populares, encontradas nos próprios jornais, de desprezo e revolta contra esses líderes, como vimos especialmente em 1950 e 1966.

Em 1950 e 1954, este conceito sobre o nosso objeto permanece, como vimos no capítulo "Disciplina e Estratégia". No campo social, as aspirações de um "Brasil Novo" que

tiveram na organização da Copa de 1950 sua maior metáfora, o treinador Flávio Costa foi um símbolo desta disciplina e estratégia. Essa projeção social que o cargo lhe oferecia o fez concorrer à vaga de vereador nas eleições daquele mesmo ano. Todavia, ao mesmo tempo em que este conceito se estabelece, determinadas funções sociais passam a ser associadas diretamente ao treinador. Sendo ele o "organizador" no *frame* Copa do Mundo, ele será cobrado diretamente por resultados considerados não satisfatórios. Vimos que Flávio, literalmente, apanhou da torcida paulista após o empate com a Suíça na segunda rodada. Essa extremidade entre "mago para vencer" e "burro que nos fez perder" dá seus primeiros passos nas narrativas dos jornais nesta competição. Flávio foi o quinto mais citado (47) e o quarto nas menções em relação à seleção (26,7%).

O que notamos é que, se socialmente temos o imaginário de apontar o treinador como culpado pelas derrotas, nas narrativas da elite ele foi "salvo". Se existiam dúvidas de que a narrativa dos jornais projetava o treinador como seu representante, e, assim, o defenderia, os números de 1954 são incontestáveis: com uma vitória, um empate e uma derrota, Zezé Moreira recebeu apenas uma notícia negativa, dentre as 45 menções, e foi o terceiro em menções positivas em todo o corpus (14), superando até o bicampeão Aymoré Moreira que teve 13 menções positivas, como podemos observar na tabela 39. Proporcionalmente, foi a segunda maior porcentagem em relação às notícias sobre a seleção, 29,6 %. Mesmo com a derrota, a posição do treinador nos jornais chega a quase um terço das notícias sobre a seleção e de maneira não negativa. Se algo deu errado, na narrativa dos jornais pesquisados a culpa não foi do treinador, logo, não foi culpa da elite. Outro número que indica essa "defesa" do membro da elite é que em todas as edições pesquisadas, as menções negativas não passaram de duas. A única exceção foi a Copa 1966, como mostra a tabela 40.

Nas interações sociais constantes e no simbolismo do esporte, as Copas de 1958 e 1962 vão deslocar a posição do treinador e mudar seu conceito, até mesmo nos jornais. Ao chocar-se com o talento de Pelé e Garrincha, a "disciplina e estratégia" se distanciam da Mimese I dos interlocutores. Ao "jogar o jogo" desta conjuntura, a "realidade social" dos jornais sobre este conceito insere outros membros como responsáveis pelo título. Feola tem o segundo maior número de menções no corpus (85) em 1958, mas não surge como o disciplinador. O conceito de "treinador" muda para um "gerente" dentro da "empresa" que a CBD se tornava com João Havelange. O "chefe" Paulo Machado de Carvalho teria um papel mais efusivo do que o "gordo" Feola que, após o terceiro jogo, se limitou a render-se ao talento e a auto escalação dos jogadores que, socialmente, tinham um capital simbólico maior que o dele. Sua função, dentro do *frame* Copa do Mundo seria "não atrapalhar o talento". O

que ficou explicito em 1962, quando aimoré Moreira “perdeu” seu papel social chegando a 13 % de menções, o menor número do *corpus*. A moldura social de que nosso talento era o maior atributo vence a narrativa desta preparação e disciplina do treinador. Além disso, ser bicampeão fortaleceu o “quadro social” Copa do Mundo e fez a vitória ser algo “obrigatório” na narrativa sobre o “país do futebol”.

Assim, a posição social de treinador terá em Feola, o mesmo que não teve nenhuma menção negativa em 1958, o maior número de notícias negativas do corpus: 14 e retornando sua porcentagem em relação à seleção ao patamar de 1934, com 19,3 %. Uma vitória e duas derrotas fizeram a narrativa da elite “abandonar” seu representante, reposicionando nosso objeto como um escudo para as derrotas que agora estariam relacionadas à incompetência de uma peça: o treinador. No mundo projetado pelos jornais, o técnico, como membro da elite, seria agora, além da personagem responsável pela mediação dos conflitos, o culpado pelas derrotas, mantendo a estrutura acima intacta. O planejamento era ótimo, só não foi bem executado, basta trocar esta peça e tentar novamente. Feola, que não soube “gerir” seu capital simbólico, veria, às vésperas da Copa seguinte, alguém “mais antenado” às realidades sociais desbancar outros nomes e assumir a seleção: Zagallo.

Zagallo terá o maior número de menções e porcentagem de todo o corpus: 207 e 33,1%, respectivamente. Nesta Copa, estabelece-se, com mais intensidade, a visão tecnocrata, o modelo de Chapman de “organizar a vitória”, como referência imediata ao conceito de treinador, como alguém que usará técnicas e ferramentas disponíveis para “produzir” vitórias. Ao seguir as instruções tecnocratas a vitória seria algo “mais simples” de se planejar, já que o roteiro para a vitória estaria disponível para quem se “esforçasse” e seguisse determinado *habitus*. Zagallo, o jogador “eficiente” em meio aos “geniais”, como encontramos nos jornais em 1958, seria a figura que “pensaria” o jogo, calcularia os atalhos para a vitória, dentro de eficiência tecnocrática apontada por Postman (1994). Mesmo com a consolidação do “futebol-arte” em 1970, a presença desta tecnocracia, representada pelo treinador, chega a um terço das notícias sobre a seleção. O “perfil” de Zagallo passa a ser o ideal para alguém que pretendia “ser treinador”, jogando outros “modelos” ao “status” de ultrapassados na narrativa construída pelos jornais. Toda a complexidade do jogo passa a ser resumida na ideia de tecnocracia tendo o treinador como seu grande símbolo. O conceito que se inicia em 1970 vai encontrar na associação com o campo econômico uma estrada tranquila e pavimentada para acelerar suas interações nas próximas edições da competição.

Por mais que este modelo tecnocrático penetre em vários setores e campos, apontamos que sua raiz está no campo econômico, como vimos no item 1.5. Com a força deste campo, o

esporte passa a se associar e a se submeter com mais frequência a ele. O campo econômico será aquele jogador que abusa da força física adquirida, aquele que "dá carrinho", "entra duro", amedronta o adversário e depois pede desculpas com um afago, fugindo da metáfora da "tabelinha" e se aproximando do "fominha" que quer a bola só para ele. Será o jogador que se utiliza da "magia" simbólica do dinheiro como a solução para os conflitos entre campos. Nesta influência, o *habitus* dos agentes deste campo será projetado para o treinador, mostrando-se um jogador importante no jogo narrativo sobre o técnico.

Neste sentido, começa a surgir o aspecto de "mito", como Wagg (2006) aponta, em uma narrativa que defenderá que ele saberia realmente "desvendar os caminhos para a vitória" por conta de seu *habitus* tecnocrata[146]. O campo econômico que, como vimos, já havia "emprestado" os valores capitalistas ao esporte moderno, também foi responsável direto pelas nuances provocadas no conceito de treinador. O mesmo ar de magia e crença de que a tecnologia e as ferramentas criadas pelo homem seriam a mola propulsora de nosso "desenvolvimento" pode ser interpretado no conceito de treinador. Todas as ferramentas inseridas no esporte desde a sua profissionalização tinham como objetivo "melhorar o desempenho" dos atletas e "desenvolvê-los". A ferramenta "treinamento" que levaria os times e as seleções à vitória, além de conquistar outros aspectos simbólicos do capital, os aproximava do capital financeiro. Vencer caminhava lado a lado aos lucros das equipes. Logo, "organizar a vitória" no treinamento se torna um instrumento para aumentar esse lucro. Vimos este cenário claramente no processo de profissionalização do esporte, representado por Adhemar Pimenta em 1938. O "senhor" e "comandante" usaria suas técnicas e sabedoria para alcançar tais objetivos. Ele supostamente seria alguém com poderes de perceber o que ninguém conhecia e modificar o rumo do jogo. Alguém que teria adquirido um capital simbólico por possuir técnicas para compreender o jogo e, portanto socialmente habilitado para tal função. Essa "magia" viria a partir dos cálculos tecnocratas que se aproximam do que chamamos de "esportemetria".

Os treinos de Pimenta em 1938, as escolhas entre times azuis e brancos, a disciplina da "orquestra" de Flávio Costa em 1950, já indicavam o florescimento dessas ideias que se

[146] É importante mencionar dois jogos de estratégia extremamente populares no mundo, o Championship Manager e o Football Manager. Em ambos o jogador é um técnico de futebol que escolhe a equipe que vai treinar no início do jogo e precisa gerir as contratações, treinamentos, escalações e comandar o time durante os jogos. Com uma sequência de resultados adversos, o jogador pode ser demitido. Além disso, é exigido um comportamento cordial com a imprensa, que pode produzir notícias negativas sobre o técnico (no caso o jogador) caso ele a trate mal em uma simulação de coletiva de imprensa. Ambos os jogos atingiram seu auge nos anos 2000 e possuem milhões de downloads. Inicialmente produzido para computadores, atualmente as novas versões são disponibilizadas apenas para celulares. Este consumo da "magia" do "ser treinador" é importante para destacarmos sua posição no imaginário mundial.

fortalecem e indicam que essa raiz forte terá vários galhos e brotará frutos vigorosos nas narrativas dos jornais sobre o treinador após 1970. No uso dos números como a "verdade" sobre a complexidade das interações, ou nos termos que utilizamos na introdução "o mapa exatamente como o território", esses números passam a "escalar" os jogadores, como vimos entre 1950 e 1970. Medir suas ações em campo e calcula-las como os números de uma bolsa de valores altera o código de interpretação do "jogador ideal", influenciando seu capital simbólico. Com a chegada de Havelange à CBD, por exemplo, a ideia de planejamento ganha força, dialogando também com o contexto político do "Plano de Metas" de Juscelino.

Concluímos que no mundo dos jornais "planejar o jogo" e "treinar" seria executado sob a visão capitalista. Ressaltamos que o treino existe. Garrincha, por exemplo, o fazia nas "peladas", testando novas interações e se adaptando a elas para expandir seu imaginário e as referências de como se portar em cada situação que o *frame* "jogo de futebol" oferece. Mas era na esfera lúdica. O planejar e o treinar do *habitus* econômico já seria reduzir a chance de derrota, tentando matar a imprevisibilidade do jogo, criando "modelos ideais" de atletas que diminuam a chance do aleatório aparecer, maximizando a oportunidade de lucro. O planejar e treinar como trabalho seria algo imposto e disciplinador de determinado *habitus* e imaginário. No imaginário do treino capitalista fabrica-se a força física com o treinamento tentando sobrepor-se ao talento, por exemplo. Não estamos aqui desmerecendo um Cristiano Ronaldo, por exemplo, mas interpretamos que sem as atribuições físicas de velocidade, agilidade e com um *habitus* de Garrincha, ou mais recentemente, de Adriano, conhecido como imperador, ele não "jogaria". Feola, por exemplo, optou por não escalar Garrincha nos dois primeiros jogos em 1958, já que ele não se adaptava ao planejamento traçado para o time.

A ideia da magia do capitalismo, da eficiência, da preparação se contrapõe ao improviso. Garrincha e Leônidas, representantes deste improvável presente no lúdico, seriam o imaginário que não seria dominado pela tecnocracia; o talento que "não morre"; a luta contra a força deste campo; o drible desconcertante no jogador que vem para "quebrar seu adversário", que quer domesticá-lo e discipliná-lo por meio da figura do técnico com as planilhas e a "esportemetria" que definem quem joga ou não; Garrincha e Leônidas seriam a água que, mesmo não coletada pela narrativa desta elite, permanece suspensa (no estado gasoso) no ambiente social. O jogo e sua pluralidade ainda permitem que gênios se destaquem e reconfigurem a narrativa, mas o filtro do *habitus* do jogador é cada vez mais atrelado a um *habitus* de preparação e dedicação física tecnocrática. O treinar cada vez mais, inserindo-se neste *habitus* é a exigência nos jornais, fazendo com que o código de interpretação das ações dos atletas dentro de campo, passe a ser medido pela "esportemetria".

Neste sentido, o campo econômico modificou o conceito de treinador como o responsável por essa tecnocracia. O melhor técnico será o que tiver os resultados, obrigatoriamente de modo rápido, reduzindo o futebol e a complexidade do jogo à planilhas. A ideia do clube como empresa e o técnico como gerente dos funcionários (jogadores) é oportuna. Por mais que essa concepção surja timidamente no nosso *corpus*, a encontramos em 1958 com Feola e a observamos tomando mais corpo em 1970. Em 1962 e 1966, Garrincha e a derrota, respectivamente, impediram o campo econômico de modificar este conceito de treinador, porém sua influência na Copa do Mundo como um todo já era evidente, como a competição se tornar a vitrine para negociações entre jogadores. Essa visão será projetada pela elite econômica cada vez mais detentora dos meios de comunicação e das tecnologias de acesso ao imaginário.

Longe da visão de que está "tudo dominado", vamos ressaltar agora a influência deste campo tecnológico no conceito sobre o treinador. A narrativa tecnocrata também é a do jogo da tecnologia. Ela se entrelaça com o campo econômico em uma "tabelinha" que envolve, seduz e submete os demais campos. Já ressaltamos que as ferramentas tecnológicas como o treinamento, principalmente em 1970, levaram o treinador a ser o representante da tecnocracia no esporte. Vamos destacar agora como a comunicação, o padrão que liga, amarrou tudo isso e criou essa grande narrativa.

No fluxo comunicacional encontrado nestes 40 anos de competição, compreendemos que os meios tecnológicos aceleraram a velocidade das interações deste ritual nacional e as expandiram para um número exponencial de pessoas, se compararmos a Copa de 1930 com a de 1970[147], por exemplo. Esses padrões comunicativos que evidenciavam os conflitos durante a narrativa sobre a competição também estabeleceram uma práxis social de como receber e interagir com tais informações, como vimos especialmente em 1938 e em 1970, com o rádio e a televisão. Ao repetir determinados acontecimentos na sua narrativa sobre a Copa do Mundo, os meios tecnológicos fixaram uma porção do imaginário como "real", impulsionando determinados imaginários sociais, estruturando novas formas de ser no cotidiano e produzindo estruturas de sentido, valores e ideias socialmente partilhados, interferindo no conceito de treinador.

[147] Podemos relacionar a quantidade de notícias sobre a seleção nesta competição (625), com o aumento no número de correspondentes dos jornais na Copa de 1970. Além dos recursos tecnológicos e a expectativa pela conquista do tricampeonato, o maior número de jornalistas interferiu diretamente no aumento de páginas dos jornais dedicadas ao tema. Após esta competição esta será uma situação frequente, inclusive, com a criação de suplementos e cadernos específicos sobre a competição.

Esses imaginários sociais estabeleceram uma ponte entre o mundo do leitor e do autor, criando uma reciprocidade cultural entre eles e tornando a narrativa possível. O que julgamos decisivo é que este acesso ao imaginário se dá pelos meios de comunicação. Através de intenções (no sentido de se ter uma posição), seleções e combinações realizadas pela mídia chega-se a determinado sentido. Essa elaboração midiática do imaginário vai tentar estabelecê-lo em uma rigidez que é incompatível com os sentidos que ele possui. Mais do que isso, ao construir a intriga e escolher as ações humanas, tendo o imaginário configurado de forma apropriada para a narrativa pretendida, os meios de comunicação aqui investigados visaram proporcionar o sentido de uma elite cultural ao treinador.

Analisar as capas dos jornais indica como este processo de escolher o "assunto mais importante" foi fixando a Copa do Mundo, a seleção e o treinador como um "acontecimento" de suma importância na sociedade. Nas duas primeiras competições, encontramos nos periódicos investigados seis capas que abordavam o tema seleção e nenhuma que mencionava o técnico. Em 1938, no nascimento do "país do futebol" foram 31 capas com notícias sobre a equipe, sendo 12 destinadas ao treinador. O campo tecnológico passa a acessar com mais frequência o imaginário sobre o treinador, tornando-o uma referência acessível ao interlocutor, bem como o assunto Copa do Mundo. Esse processo vai auxiliar na expansão de seu conceito projetado pelos jornais para uma parcela maior da sociedade. Em 1950, novamente 31 notícias nas capas, sendo oito mencionando o treinador. Em 1954 foram 28, com oito destinadas a Zezé Moreira. Com o título em 1958 este número aumenta, indicando como o tema esteve mais presente como o "mais importante" no mundo dos jornais: 40 notícias sobre a seleção nas capas dos jornais, dentre as quais quatro sobre Feola. Em 1962, apesar do número absoluto das notícias ter sido menor que 1958, as capas são o local onde o assunto seleção mais vai surgir: foram 80 notícias com este tema na capa, com apenas três sobre o treinador. Chamar a atenção do leitor para a capa com o tema seleção brasileira era coconstruir um mundo de confirmação do título de 1958, era dialogar com o imaginário deste leitor que ao passar em frente às bancas, por exemplo, já era convidado a jogar o jogo narrativo da competição ou continuar este jogo com "novidades" oferecidas pelos jornais. 1962 superou até mesmo as notícias nas capas de 1970, que teve 66, mas com 38 menções a Zagallo. Em 1966 foram 40, com nove menções ao treinador. A repetição e exposição que os meios tecnológicos produziram vão cimentar essa ideia de "país do futebol", bem como o conceito de treinador.

Desta forma, ao escolher alguns fragmentos do imaginário, a construção do *frame* "Copa do Mundo" e o *script* compartilhado pela sociedade são organizados pela narrativa na

tentativa de estabilizar certas ideologias e um senso comum sobre determinas "molduras" construídas por alguns campos. Nessa elaboração de certos fluxos narrativos sobre as Copas os jornais vão mediar e auxiliar na idealização de categorizações, que tem como objetivo nomear para "tornar familiar", reduzindo a chance de ambiguidade nas interpretações, criando "verdades" estáveis sobre os treinadores, além de suscitar nessas categorizações níveis de consumo e de apropriação de sentidos.

Em 1930 não tivemos a categorização de "técnico" ou "treinador", apenas "doutor" "delegado" "diretor" e "nome de batismo". O que interpretamos como um conceito ainda vago sobre as funções desta personagem que tinha nos conflitos emergentes sobre profissionalização e amadorismo tal "indecisão". Sob a influência europeia e uma tecnocracia emergente com a figura de Chapman, a categorização "treinador", "técnico" e "nome de batismo" foram as encontradas em 1934. Em 1938 as categorizações já são mais nítidas em designar sua posição de disciplinar: "senhor", "técnico", "comandante", "treinador" e "nome de batismo". Fato que foi seguido em 1950 (técnico, nome de batismo, treinador, coach e selecionador) e em 1954 (técnico, diretor, nome de batismo, treinador e selecionador). Em 1958, com o reajuste da narrativa notamos o período do *corpus* com o maior diversidade de categorizações. O talento embaralhou a repetição constante dos termos nos jornais que, apesar de repetir algumas categorizações (senhor, técnico, comandante, nome de batismo, treinador, selecionador) não indicava, no contexto analisado, os mesmos sentidos de disciplina vistos anteriormente. Além de incluir as categorizações "gordo" e "preparador", que serviram, na nossa interpretação, como uma explicação para o diferente papel que Feola teve na conquista. Enfim, em 1970, Zagallo personaliza a modificação do conceito que já mencionamos, o que levou a encontrarmos três categorizações: "técnico", "treinador" e "nome de batismo". As três traçavam um sentido bastante similar, fixando a referência tecnocrática deste conceito.

Neste prisma, as menções ao "nome de batismo" dos treinadores vão criar associações automáticas de suas personas com aquilo que os jornais selecionaram. O exemplo claro será Zagallo, que terá atrelado às suas passagens na seleção, além da narrativa de adorador exacerbado da seleção brasileira, a ideia de alguém preso aos esquemas tecnocratas, criando um estigma, como já mencionamos.

Assim, a posição social do treinador em cada contexto do período analisado é fruto de inúmeros eventos passados, do processo narrativo que construiu um fio narrativo, que os colocou em interação com determinado campo, que projetaram o mundo ao qual o treinador estava inserido e interagiu, que foi alterado, mas sob algumas condições. As condições estão

totalmente relacionadas ao contexto, à posição do campo esportivo em relação ao campo de poder, do capital simbólico e *habitus* desta elite construído neste jogo de narrativas.

Como um mito socialmente construído, o conceito de técnico dentro dos campos percorreu caminhos que se ajustaram a determinadas conjunturas, mas sempre fazendo o papel da elite neste jogo narrativo, confirmando a nossa hipótese. Por mais que as menções e citações a esta personagem oscilassem entre 33 % (1970) e 13% (1962) na "realidade social" emoldurada no "mundo dos jornais" o papel do treinador na interação do campo esportivo com outros campos foi indicar o *habitus* pretendido pela elite, indicando também a posição desta elite na disputa de imaginários sobre a Copa do Mundo.

Se defendemos que narrar é quando o homem joga no seu imaginário, cada campo procurou induzir o treinador a reproduzir o seu *habitus*, para nós o imaginário em ação, neste conflito de imaginários que é a narrativa das Copas do Mundo, direcionando este jogo para porção escolhida do seu imaginário, fazendo com que este "pedaço" seja compreendido como "único".

Porém, acreditamos que domar este imaginário e certificar-se de que tudo sairá conforme o mundo narrativo criado é uma ideia falsa. Podemos ver esse desejo de dominar o jogo em qualquer filme que tenha como tema principal os esportes, em especial o futebol, e tentam "produzir uma cena" que simula uma jogada. Claramente se percebe a armação, que o jogo não foi jogado, que alguém "deixou" acontecer o objetivo final, mostrando que, por mais que se tente, como os jornais tentaram ao longo do período pesquisado, não é possível comandar e ordenar completamente tais ações. Em suma: não se manda na interação, não se ordena o imaginário, local onde o homem joga seu jogo narrativo, por isso o esporte é um fenômeno ainda tão envolvente, cativante e espaço para disputas sobre os imaginários da sociedade.

Wagg (1984) destaca em seu livro, parafraseando Marx, que os técnicos fazem suas histórias, mas certamente não as fazem em situações comandadas por eles. Concordamos com tal análise e, neste sentido, cabe aqui um apontamento que julgamos importante e sintetiza a tutela da elite. Se apenas o *habitus* no campo esportivo e o capital simbólico neste campo fossem fundamentais para assumir o cargo de treinador da seleção, como a compreensão do jogo por quem já esteve lá e brilhou, por exemplo; não parece estranho que, com tantos jogadores negros e mestiços que possuem tais atributos, nenhum tenha assumido a seleção? Essa elite tutelaria algum desses jogadores a assumir por conta de seu capital esportivo ou por conta de seu capital social, que grosso modo significaria a aproximação e relação direta com essa elite? Por mais complexa que seja essa questão, sinalizamos que o *habitus* da elite será o

principal fator, excluindo os demais, que podem ser justificativas amenizadoras do conflito caso o primeiro item seja cumprido.

Encerramos nosso jogo da tese, com a "certeza do dever cumprido", de que nos empenhamos e jogamos este jogo de forma intensa nos últimos quatro anos. Saímos modificados. Nosso imaginário recebeu novas águas. Nos conflitos inerentes a uma tese e na materialidade que os jornais nos proporcionaram construímos a intriga desta narrativa que aqui apresentamos. Certos de que este foi um dos grandes jogos de nossa vida por nos absorver por completo, ouvimos o apito final do juiz com a satisfação de termos "jogado o jogo" como se joga uma final de Copa do Mundo.

Tabela 37 – Capas dos Jornais

CAPAS DOS JORNAIS								
1930	Seleção	Técnico	1934	Seleção	Técnico	1938	Seleção	Técnico
Folha	0	0	Folha	0	0	Folha	1	1
Globo	2	0	Globo	2	0	Globo	22	9
A Noite	2	0	A Noite	0	0	D. Pernambuco	8	2
1950	Seleção	Técnico	1954	Seleção	Técnico	1958	Seleção	Técnico
Folha	0	0	Folha	11	5	Folha	9	0
Globo	17	5	Globo	17	3	Globo	20	4
A Noite	14	3	JB	0	0	JB	11	0
1962	Seleção	Técnico	1966	Seleção	Técnico	1970	Seleção	Técnico
Folha	38	1	Folha	16	3	Folha	22	17
Globo	25	0	Globo	14	3	Globo	24	10
JB	17	2	JB	10	3	JB	20	11

Tabela 38 – Porcentagem de menções dos técnicos em relação à seleção

Porcentagem de menções dos técnicos em relação à seleção		
Ordem	Copas	Porcentagem
1º	1970	33,1
2º	1954	29,6
3º	1938	27,7
4º	1950	26,7
5º	1958	21,1
6º	1930	20,0
7º	1966	19,4
8º	1934	19,3
9º	1962	13,5

Tabela 39 – menções Positivas

Menções Positivas		
Ordem	Copas	Avaliação Positiva
1º	1970	86
2º	1958	17
3º	1954	14
4º	1962	13
5º	1950	9
6º	1966	4
7º	1938	2
8º	1934	1
9º	1930	0

Tabela 40 – menções Negativas

Menções Negativas		
Ordem	Copas	Avaliação Negativa
1º	1966	14
2º	1930	2
3º	1938	2
4º	1950	2
5º	1970	2
6º	1954	1
7º	1962	1
8º	1934	0
9º	1958	0

REFERÊNCIAS

A Noite, Rio de Janeiro, 13 jul – 30 jul, 1930.

_____, 24 mai – 30 mai, 1934.

_____, 05 jun – 12 jul, 1938.

_____, 24 jun – 23 jul, 1950.

AGOSTINHO, Gilberto. **Vencer ou morrer:** Futebol, geopolítica e Identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

AMARO, Fausto. **Os jogos olímpicos na capital da República:** narrativas da imprensa e campo esportivo no Rio de Janeiro (1890-1935). Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Editora Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO DE MOURA, Gisella. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: FGV. 1998.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. Chuvas de Verão. "Antagonismo em equilíbrio" em Casa-grande e Senzala de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (Orgs.). **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, A. J.. O parlamento e a política externa: as relações Brasil-Portugal. **Lusíada. Revista de Ciência e Cultura**, v. 3, p. 61-66, 2002.

BARBOSA, Marialva. . Cenários de transformação: Jornalismo e História no século XX. **Famecos**: Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp. 458-480, maio/agosto 2012.

_____. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. O filósofo do sentido e a comunicação. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 5, n. 09, 2006.

BARTHOLO, Tiago Lisboa e SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio Jorge e LOVISOLO, Hugo (Orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

BATAILLE, Georges. **Théorie de la religion**. Paris: Minuit, 1973.

BATESON, Gregory. **Mente e natureza: a unidade necessária**. Francisco Alves, 1986.
_____. **Metadiálogos (or. Metalogues)**, Lisboa, Gradiva, 1989.

_____. **Naven**: a Survey of the Problems suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe drawn from Three Points of View, 2a ed., Stanford, California, Stanford University Press, 1936.

_____. **Steps to an Ecology of Mind**. New York: Ballantine, 1972(b).

_____. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. **Sociolingüística interacional**, v. 2, p. 85-105, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BLUMER, Herbert. A sociedade como interação simbólica. In: COELHO, Maria Claudia. **Estudos sobre interação:** textos escolhidos. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 4ª ed. Brasília: EDUnB, 1992.

BODEI, R. **A história tem um sentido?** Bauru: EDUSC, 2001.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard; **Remediation: Understanding new media**. mit Press, 1999.

BORDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007a.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

_____. **Coisas ditas.** Trad. Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Usos sociais da ciência.** São Paulo: Unesp, 2004b.

BRAGA, Adriana e GASTALDO, Édison. Pertencimento como categoria analítica: etnometodologia para os estudos de comunicação. In: XXVII Encontro Anual da Compós, 2018, Belo Horizonte. **Anais da XXVII Compós**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2018. v. 1. p. 1-17.

BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do pensamento politico brasileiro**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2007.

BRINATI, Francisco. **Maracanazo e Mineiratzen.** Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Curitiba: Prismas, 2016.

BRITTOS, Valério Cruz e KALIKOSKE, André. Verbete "Economia política da comunicação. In: CITELLI, Adilson (et al.). **Dicionário de comunicação:** escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens:** a máscara e a vertigem. Petrópolis: Vozes, 2017.

CARTER, Neil. **The football manager:** A history. Routledge, 2006.

CASÉ. Rafael. **Somos todos Carlito**: histórias, crendices e superstições de um homem que amava o Botafogo. Rio de Janeiro: Gryphus, 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. **The imaginary institution of society**. Mit Press, 1997.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro. São Paulo: Unicamp, 2001.

CHAUI, Marilena. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

CLAUSSEN, Detlev. **Béla Guttmann: uma lenda do futebol do século XX**. Trad. Daniel Martineschen. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 dez, 1954.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SANTOS, Ricardo Pinto e DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Memória Social dos esportes**. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

DA SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Editora Sulina, 2012.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
_____. **Planejando na incerteza**. CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. In: Técnicos: deuses e diabos da terra do futebol. São Paulo: SESC, 2002.
_____. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAVIES, D. Chapman's Arsenal. In: Hamilton, Ian (Org.). **The Faber book of Soccer**, London: Faber e Faber, 1992.

Diário de Pernambuco, Recife, 05 jun – 12 jul, 1938.

DREIFUSS, René Armand. **State, class and organic elite**: the formation of the entrepreneurial order in Brazil, 1961-1965. Tese (Doutorado em História) – University of Glasgow, 1981.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Ed. Presença, 1997.

DURKHEIM, Émile. O que é fato social. **As regras do método sociológico**, v. 6, 1978.

ECKER, Ulrich. K; LEWANDOWSKY, Stephan; CHANG, Ee Pin; PILLAI, Rekha. The effects of subtitle misinformation in news headlines. **Journal of Experimental Psychology**. Applied, v.20(4), p.323-335, 2014.

EHRENBERG, Alain**. O culto da performance:** da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Idéias e Letras, 2010.

ELIADE, Mircea. **A estrutura dos mitos**. Mito e realidade, v. 6, 1972.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. I In: ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.
_____. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N; DUNNING, E. A **busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

ENTMAN, Robert M. **Framing News**: Public Opinion and US Foreign Policy. Chicago: University of Chicago Press. 2004.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FELINTO, Erick; ANDRADE, Vinícios. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. **Contemporanea-Revista de Comunicação e Cultura**, v. 3, n. 1, 2009.

FERES JÚNIOR, João; SASSARA, Luna de Oliveira. O cão que nem sempre late: o Grupo Globo e a cobertura das eleições presidenciais de 2014 e 1998. **Revista Compolítica**, v.6, p.30-64, 2016.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Foo-tball Club:** a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). Dissertação (Mestrado em História), FGV, 2010.
_____. **O jogo da distinção**: CA Paulistano e Fluminense FC: um estudo das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro *(1902-1933).* Tese (Doutorado em História), FGV, 2010.

FICO, Carlos. **Além do golpe**: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar. 3ªEd. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis:** Understanding new media. Pine Forge Press, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Verbete "Escola de Palo Alto. In: CITELLI, Adilson (et al.). **Dicionário de comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

FRANÇA, Vera. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.Mead. In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, Ana Claudia de; NASCIMENTO, Geraldo Carlos do; RONSINI, Veneza Mayora. **Comunicação e Interações**. Livro da Compós 2008. Porto Alegre: Sulina, 2008.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 24, 2012.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente:** como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Universidade Federal de Sergipe, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses:** futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira:** capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Sobre Simmel e a guerra: escritos na imprensa alemã. **Revista FAMECOS-Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 23, n. 3, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.
_____. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

Folha da Manhã, São Paulo, 13 jul – 30 jul, 1930.

_____, 24 mai – 30 mai, 1934.

_____, 05 jun – 12 jul, 1938.

_____, 24 jun – 23 jul, 1950.

_____, 15 jun – 04 jul, 1954.

_____, 07 jun – 04 jul, 1958.

Folha de São Paulo, São Paulo, 30 mai – 19 jun, 1962.

_____, 12 jul – 26 jul, 1966.

_____, 03 jun – 25 jun, 1970.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3° ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GAMBETA, Wilson. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916). São Paulo: SESI, 2015.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda:** o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. Annablume, 2002.

GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: intertexto, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEHRINGER, Max. **A Grande História dos mundiais**. 1930, 1934, 1938. Egalaxia, 2014.

GELLNER, Ernst. **Nacionalismo e democracia**. Brasília: UNB, 1981.

GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira, ALMEIDA, José Julio Gavião de. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 67-84, jul./dez. 2008.

GIRARDI JR, Liráucio. Do Interacionismo Simbólico aos jogos de linguagem: a produção social de sentido. **Galáxia.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 33, 2016.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2007.

_____. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

_____. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Trad. Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2012a.

_____. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2.ed. Petrópolis; Vozes, 2012b.

GOLDSTEIN, Ariel. La Prensa Brasileña y sus "Cruzadas Morales": Un Análisis de los Casos del Segundo Gobierno de Getúlio Vargas y el Primer Gobierno de Lula da Silva.**Dados**, Rio de Janeiro , v. 60, n. 2, p. 395-435, Apr. 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582017000200395&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Nov. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/001152582017124.

GRAMSCI, Antônio. **Caderno do cárcere**. Vols. 1,2,3 e 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUEDES, Simoni Lahud**.** Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **História do Esporte no Brasil:** do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Jogo de corpo:** um estudo de construção social de trabalhadores. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.

_____. **O Brasil no campo de futebol:** estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Editora Da Universidade Federal Fluminense, 1998.

_____. **O Futebol Brasileiro:** instituição zero. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1977. (Dissertação de Mestrado).

_____. “Subúrbio: celeiro de craques”. In DAMATTA, Roberto (org). **Universo do Futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro Pinakotheke, 1982.

GUERRA, Márcio. **Rádio x TV**: o jogo da narração. A Imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

_____. **Você, ouvinte, é a nossa meta**: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Etc. Editora, 2002.

GUERRA, Márcio e RANGEL, Patrícia. **O Rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência, Stimmung***:* sobre um potencial oculto da literatura. Contraponto, 2014.

_____. **Corpo e forma:** ensaios para uma crítica não-hermenêutica. EdUERJ, 1998.

_____. **Em 1926:** vivendo no limite do tempo. Editora Record, 1999.

_____. **Elogio da Beleza Atlética**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Produção de presença:** o que o sentido não consegue transmitir. Contraponto; PucRio, 2010.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HABERMAS, Jürgen**. Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguês. RJ: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2011.

_____. El espetáculo del Outro. Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Universidad Javeriana, **Instituto de Estudios Peruanos, Universidad Andina Simón Bolívar.** Ecuador: Envión Editores, 2010.

_____. **Identidade cultural**. Fundação Memorial da América Latina, 1997.

_____. Ideology and communication theory. **Matrizes**, v. 10, n. 3, p. 33-46, 2016.

_____. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HELAL, Ronaldo. Mídia, ídolos e heróis do futebol. **Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, v. 2, p. 32-52, 1999.

_____. **Passes e Impasses:** Futebol e Cultura de Massa no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

_____. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol:** mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____. **As Novas Fronteiras do "País do Futebol"**. Rio Pesquisa (FAPERJ), v. 11, p. 37-40, 2010.

_____. Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impresso), v. 8, p. 11-37, 2011.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto (Orgs.). **Esporte e mídia:** novas perspectivas – a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). **Copas do Mundo:** comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HELAL, RONALDO; SOARES, ANTONIO JORGE. The decline of the `Soccer-Nation-: journalism, soccer and national identity in the 2002 World Cup. **Soccer and Society**, v. 1, p. 1-15, 2013.

HELAL, Ronaldo; TEIXEIRA, João Paulo Vieira. O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições. **Ciências Sociais**, v. 42, n. 1, 2011.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol:** mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
_____. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais:** interações. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOLT, Richard. **Sport and the British**: a moderny history. Oxford: Claredon Press, 1989.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. Editora da Universidade de S. Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma Antropologia Literária. trad. Johannes Kretschemer. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2013.

JASMIN, Marcelo Gantus e FERES JÚNIOR, João (Orgs.). **História dos Conceitos**: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 jun – 04 jul, 1954.

_____, 07 jun – 04 jul, 1958.

_____, 30 mai – 19 jun, 1962.

_____, 12 jul – 26 jul, 1966.

_____, 03 jun – 25 jun, 1970.

JUNGES, Fábio César e ADAMS, Adair. **Hermenêutica pela História da Hermenêutica**. Jundiaí: Paco, 2013.

KATZ, Jack. Massacre Justo. In: COELHO, Maria Claudia. **Estudos sobre interação:** textos escolhidos. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>. Acesso em: 23 Jan. 2017.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo:** a vida americana numa era de esperanças em declínio. Imago, 1983.

LE GOFF, Jacques. **L'Imaginaire medieval**. Paris: Gallimard, 1985.

LEGROS, Patrick (et al.). **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira, 1969.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LIMA, Edvaldo Pereira. Verbete "Teoria dos Sistemas". In: CITELLI, Adilson (et al.). **Dicionário de comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

LOPES, José Sérgio Leite. "A vitória do futebol que incorporou a pelada": A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista USP** v.22: 64-83,1994.

MAFFESOLI, Entrevista Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

_____. **O tempo retorna**: formas elementares do pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAIA, Rousiley C. M. Mídia e diferentes dimensões da Accountability. **E-compós**, vol.7, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARX. Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Boitempo Editorial, 2015

_____. Manifesto do partido comunista. **Estudos avançados**, v. 12, n. 34, p. 7-46, 1998.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras** – a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, tempo, história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2011.

_____. O leitor e o cotidiano na história do jornalismo. **Mídia e Cotidiano**, v. 1, p. 44-59, 2012.

_____. Uma proposta hermenêutica para a Comunicação e a metáfora da Rádio Sucupira. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 123-147, 2014.

MATON, Karl. *Habitus*. In: GREFELL, Michael. (Org.) **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. Eficiência x Jogo de Cintura: Garrincha, Pelé, Nelson Rodrigues, Cinema, Futebol e Construção da Identidade Nacional. In: SANTOS, Ricardo Pinto e DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Memória Social dos esportes.** futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MELO, Victor Andrade de. et al. **Pesquisa Histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

MENDONCA, Ricardo Fabrino; SIMOES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Rev. Bras. Ci. Soc.**: São Paulo, v. 27, n. 79, p. 187-201, June 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200012&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Apr. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place:** The impact of electronic media on social behavior. Oxford University Press, 1986.

MIGUEL, Luis Felipe. **Dominação e resistência**: desafios para uma política emancipatória. São Paulo: Boitempo, 2018.

MOORE, Rob. Capital. In: GREFELL, Michael. (Org.) **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOSCA, Gaetano. **História das doutrinas políticas desde a antiguidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1975.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em pscicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Garrincha x Pelé**: a influência da mídia na carreira de um jogador. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

_____. Imprensa e a Copa do Mundo como Festa da Nação. **Contemporânea**, n.11.v2, 2013.

_____. Paulistas x Cariocas: as Batalhas Narrativas nos Jornais durante a Copa de 1930. In: IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia 2016, 2016, Niterói. **IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia 2016**. Niterói: ALCAR, 2016.

_____. **Imprensa e o futebol-arte**: as narrativas da "nossa essência futebolística". Curitiba: Editora Prismas, 2017.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; BRINATI, Francisco Angelo. Em busca do ouro: narrativas d'O Globo sobre a performance do futebol brasileiro nas Olimpíadas. **Esporte e Sociedade**, v. 11, p. 1-29, 2017.

_____. Maracanã como mídia urbana: as narrativas jornalísticas, apropriações e interações no torcer no "maior do mundo". **RUA (UNICAMP),** v. 24, p. 211-236, 2018.

MOSTARO, Filipe e HELAL, Ronaldo. *Foot-ball Mulato* e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. **ALCEU (ONLINE)**, v. 19, p. 16-35, 2018.

MOSTARO, Filipe; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. **Revista LIS** - Letra, Imagen, Sonido, Buenos Aires, v. 15, p. 147-165, 2016.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. Mídia e megaeventos esportivos: as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas-1896 a Londres-1948. **Logos** (UERJ. Impresso), v. 40, p. 1-24, 2014.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. "A camisa pesa": a construção da identidade do uniforme amarelo da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo. In: Ary José Rocco Júnior. (Org.). **Comunicação e Esporte:** Copa do Mundo 2014. São Paulo: INTERCOM, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar narrativamente os conflitos políticos. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs.). **Mídia, Representação e democracia.** São Paulo: Hucitec, 2010.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SANTOS, Ricardo Pinto e DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Memória Social dos esportes.** Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

O Globo, Rio de Janeiro, 13 jul – 30 jul, 1930.

_____, 24 mai – 30 mai, 1934.

_____, 05 jun – 12 jul, 1938.

_____, 24 jun – 23 jul, 1950.

_____, 15 jun – 04 jul, 1954.

_____, 07 jun – 04 jul, 1958.

_____, 30 mai – 19 jun, 1962.

_____, 12 jul – 26 jul, 1966.

_____, 03 jun – 25 jun, 1970.

O Globo Sportivo, Rio de Janeiro, 22 ago,1941.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana:** Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro:Zahar: 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 14. reimp. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PATAI, Raphael. **O mito e o homem moderno**. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Rio de Janeiro: L & PM Editores, 1986.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania:** uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Nova Fronteira, 2000.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.) **A festa na vida:** significados e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano. Classe social, elite política e elite de classe: por uma análise societalista da política**. Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 2, p. 243-270, 2009.

PIVATO, Stefano. **Les enjeux du sport**. 1ª Ed. Firenze: Casterman-Giunti Gruppo Editoriale, 1994.

PORTO ROCHA, Luiz Guilherme Bularmaqui. **A outra razão:** as transformações do futebol e os seus dirigentes (1982-1995). 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, UFF, 2013.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio:** a rendição da Cultura à tecnologia. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

PUENTES, Fernando Rey. A téchne em Aristóteles. **Revista Hypnos**, n. 4, 2015.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. Acontecimento: reverberações. **Autêntica:** Belo Horizonte: p. 21-38, 2012. _____. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos:** Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

RAMOS, Roberto. **Futebol:** ideologia do poder. Petrópolis, Vozes, 1984.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. **Teoria do jogo**: a dimensão lúdica da existência humana. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

Revista exame. Janeiro de 2017.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 67-84, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, André. **Diamante negro:** biografia de Leônidas da Silva. Cia dos Livros, 2010.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

_____. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. Cia. Ed. Nacional, 1968.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, José Carlos. "O rei e o rito". In RODRIGUES, José Carlos. **Ensaios em Antropologia do Poder.** Rio de Janeiro Terra e Nova, 1992. O artigo foi publicado originalmente na *Revista Comum*, Rio de Janeiro, FACHA, 1978.

SÁ, Simone Pereira. Notas sobre a indústria do entretenimento musical e identidade no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo),** São Paulo - SP, v. 1, p. 35-49, 2004.

SACKS, Harvey. "On the Analizability of Stories by Children". In: TURNER, Roy (ed.). **Ethnomethodology**: selected readings. Harmondsworth: Penguin, 1974.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Zahar, 2003.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 1970** - esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTOS, Joel Rufino. "Na CBD até o papagaio bate continência". In: **Encontros com a Civilização Brasileira**, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SANTOS, Joel Rufino. **História Política do Futebol Brasileiro.** São Paulo, Brasiliense, 1981.

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

SANTOS, Ricardo Pinto. Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro. In: SANTOS, Ricardo Pinto e DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Memória Social dos esportes.** Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho**: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional, o Brasil em sintonia**. Zahar, 2005.

SCHAFER, R. Murray. **Afinação do mundo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrópoles e Desatinos, Dossiê Futebol, **Revista USP.** num. 22, jun/ago de 1994.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Cidade Esportiva/ Cidade das letras. In: CAMPOS, Flávio e ALFONSI, Daniela. **Futebol Objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. P. 122-134.

_____. Conflito e estrutura do grupo. **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Simmel: sociologia**. *São Paulo: Ática*, 1983.

SIMÕES, Irlan. **Clientes x rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. **O cinema e a invenção da vida moderna.** São Paulo: Cosac & Naify, p. 95-123, 2004.

SMIT, Barbara. **Invasão de Campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Trad. Cristiano Botafogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física:** raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **A narração do fato**: notas para a teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A ciência do comum:** notas para o método comunicacional. Editora Vozes, 2014.

_____. **Seminário: os confrontos da Comunicação**, 2016, Rio de Janeiro: UERJ. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=bbrEE1ocmkQ. Acesso em 5 jan.2017.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Anablume, 2008.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira:** ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

_____. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

_____. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TAYLOR, F. W. **Princípios de Administração Científica**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.

THOMPSON, John B. **Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Editora Vozes, 1999.

THOMSOM, Patrícia. Campo. In: GREFELL, Michael. (Org.) **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.

TONIN, Juliana e AZUBEL, Larissa. Nas representações, imagens e imaginários. In: 25 Compós, 2016, São Paulo. Anais -> 2016 - XXV COMPÓS: GOIÂNIA/GO. São Paulo: **Compos, 2016**. p. 1-16.

TOSTA, Sandra Pereira. Verbete: Comunicação Cultural. In: **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

TRAVASSOS, Tarcísia. **A transformação histórica do gênero capa de jornal**. 177 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

VILLAÇA, Nizia. **Impresso ou eletrônico:** um trajeto de leitura. Mauad Editora Ltda, 2002.

WAGG, Stephen **The football world:** a contemporary social history. Harvester Press, 1984.
_____. “Anjos de todos nós?”: os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Anál. Social**, Lisboa, n. 179, 2006. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 12 abr. 2015.

WATZLAWICK, Paul et al. **Pragmática da comunicação humana:** um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação.São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

WEBER, Max. **Conceitos básicos**. São Paulo: Moderna, 1987.

WHITE, Hyden. **Meta-história**. A imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. ed. UNESP, 2011.

WINKIN, Yves e LEEDS-HURWITZ, Wendy. **Erving Goffman:** a critical introduction to media and communication theory. New York: Peter Lang Publishing, 2013.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação:** da teoria ao trabalho de campo. Papirus, 1998.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Presença. ZIZEK, Slavoj (1996). **O espectro da ideologia**, 2001.